

**Paula Lenz Costa Lima**

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

***DESEJAR É TER FOME***  
**NOVAS IDÉIAS SOBRE ANTIGAS**  
**METÁFORAS CONCEITUAIS**

Tese apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Edson Françaço

Unicamp  
Instituto de Estudos da Linguagem  
1999

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

**Paula Lenz Costa Lima**

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

***DESEJAR É TER FOME***  
**NOVAS IDÉIAS SOBRE ANTIGAS**  
**METÁFORAS CONCEITUAIS**

Tese apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Edson Françaço

Unicamp  
Instituto de Estudos da Linguagem  
1999

50600365

UNIDADE	Be
N.º CHAMADA:	UNICAMP
	L628d
V.	Ex
TAMBO BC/	40483
PROC.	278/00
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	\$11,00
DATA	19/03/00
N.º CPD	

CM-00139084-6

## FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

L628d

Lima, Paula Lenz Costa

Desejar é ter fome: novas idéias sobre antigas metáforas conceituais / Paula Lenz Costa Lima. -- Campinas, SP: [s.n.], 1999.

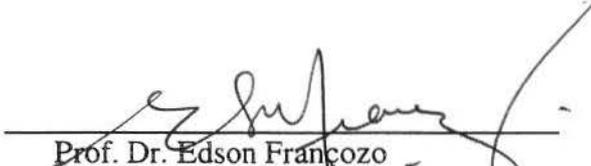
Orientador: Edson Françaço

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Metáfora. 2. Psicolinguística. 3. Cognição. 4. Semântica. I. Françaço, Edson. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Lingüística no Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, pela Comissão formada pelos professores:

Orientador:

  
Prof. Dr. Edson Francozo  
Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp

Prof. Dra. Stella Esther Ortweiler Tagnin  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP

Prof. Dr. Raymond W. Gibbs Jr.  
Departamento de Psicologia, University of California, Santa Cruz

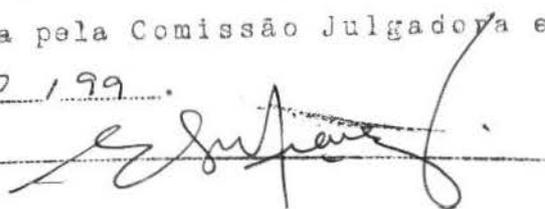
Profa. Dra. Eleonora Cavalcante Albano  
Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp

Prof. Dr. Rodolfo Ilari  
Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp

Campinas, 20 de outubro de 1999

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

Este exemplar é a redação final da tese  
defendida por Paula Inez Costa  
Lima  
e aprovada pela Comissão Julgadora em  
20 / 10 / 99.



*E vieram dizer-nos que não havia jantar.  
Como se não houvesse outras fomes  
e outros alimentos.  
Tudo se come, tudo se comunica  
tudo, no coração, é ceia.*

(Carlos Drummond de Andrade)

*Aos meus pais,*

porque desde cedo despertaram meus olhos para horizontes cada vez mais amplos, instigando sempre a minha sede pelo conhecimento.

*Aos meus filhos,*

que têm acompanhado com alegria todos os meus percursos em busca de alimento.

*Ao meu marido,*

que tem buscado comigo o alimento e compartilhado das ceias que se oferecem.

## Agradecimentos

Escrever esta tese foi apenas parte do longo processo pelo qual todos aqueles que têm sede de conhecimento passam. Dentre as inúmeras pessoas que participaram e contribuíram nesse processo, meu orientador, Edson França, foi sem dúvida quem mais direta e intensamente provocou mudanças na minha visão acadêmica. Há uma infinidade de coisas para agradecer a ele – orientação, atenção, paciência, apoio em todos os momentos – mas principalmente o privilégio de uma convivência diária, quer no Laboratório de Fonética Acústica e Psicolinguística Experimental (LAFAPE), montando experimentos e discutindo resultados, quer nos momentos de pausa, tomando café (ele sem açúcar e eu com chantilly), tornou este início da minha transformação em uma psicolinguista mais fácil e extremamente agradável.

Agradável também é trabalhar com a metáfora. Às vezes, pelo seu lado cômico, outras pelo seu lado romântico, e outras apenas pelo encanto de ver dito o indizível. Compreender que ela não é apenas parte da linguagem e que a partir dela é possível perscrutar a mente humana é simplesmente fascinante. Ray Gibbs, quando ainda o conhecia apenas por seus artigos, foi quem primeiro me mostrou todos esses aspectos, tendo sido o principal responsável pela minha aproximação com a Psicolinguística. Conviver com ele, mais tarde, foi uma experiência muito prazerosa e frutífera. Seu feedback teve, em todas as etapas deste trabalho, extrema importância para o desenvolvimento das idéias aqui apostas.

Além do Edson e do Ray, outras pessoas tiveram participação direta na produção desta tese. Aos examinadores da minha banca de qualificação, Rodolfo Ilari e Eric Sabinson, agradeço as inúmeras observações que, se eu não soube incluir aqui, trouxeram pelo menos reflexões importantes sobre o trabalho como um todo; à Rachel Giora e Jean Lory, pelas prestimosas discussões na elaboração dos instrumentos da pesquisa; à Teenie Matlock, pela revisão das frases do experimento sobre o desejo, em inglês; à minha irmã, Helda, pela leitura e observações da primeira versão desta tese; à minha mãe pela busca incansável por exemplos de metáfora na literatura e grande ajuda na tradução da tese para o inglês; ao Chris, pela aplicação do experimento sobre fome com falantes do inglês; aos professores do IEL que

permitiram a aplicação da pesquisa com seus alunos; aos alunos da University of California, Santa Cruz (UCSC) e da Unicamp que participaram como sujeitos da pesquisa; e ao Paulo Rehder pela prestimosa ajuda na análise e interpretação dos dados estatísticos.

Várias outras pessoas tiveram participação importante em todo esse processo, embora não exatamente de forma direta. Especificamente, ao meu amigo Luiz Arthur Pagani, companheiro de todo dia, agradeço pelas inúmeras discussões sobre semântica, teorias da metáfora e psicolinguística, que tanto contribuíram para a minha formação; à Roberta Pires de Oliveria, pelos tantos papos sobre metáfora e oportunidades acadêmicas que proporcionou; à Stella Tagnin, que me introduziu à linguística cognitiva, por continuar a acompanhar com entusiasmo o meu trabalho; à Eleonora Albano, pelo carinho, apoio e grande incentivo que tem dado ao trabalho de cada um de nós; aos colegas e amigos lafapeanos, Plínio, Adelaide, Patrícia, Bia, Aglael, Leo, Luciana, João Luiz, Edson Maia, Jorge, Evelin, Guilherme e Eduardo por tornarem o ambiente de trabalho aprazível e pelas inúmeras discussões acadêmicas; aos colegas da UCSC, Teenie, Liz, Jennifer, Chris, do grupo de metáforas, e John, por terem tornado os meus dias em Santa Cruz mais agradáveis; aos professores Sírio Possenti, Fausta Pereira, Ester Scarpa, Kanavillil Rajagopalan pela atenção e orientação que sempre manifestaram; aos meus colegas do Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade Estadual do Ceará, pelo trabalho extra que tiveram enquanto me mantive afastada; ao Curso de Mestrado de Linguística Aplicada, nas pessoas do Pedro Praxedes e Luciano Pontes, pelo apoio incondicional que me deram para que eu pudesse concluir esta tese; ao pessoal da secretaria de pós-graduação do IEL, Rogério, Rose, Bete, Claudio e Graziela, pelo carinho e cuidado que sempre tiveram; ao Helton, de sorriso sempre aberto, pela presteza e primor na qualidade de cada xerox.

No lado familiar, um agradecimento especial aos meus irmãos e cunhados, particularmente ao Silas, Moniquinha, Carlos e Gerúsia, por todo carinho e apoio logístico; aos meus pais, minha sogra e cunhadas por cuidarem das pendências deixadas em Fortaleza; à Raimunda, por cuidar com desvelo da casa durante todos os momentos; aos meus filhos, Daniel, Virgínia e Renato, pela compreensão e ajuda que sempre me deram; ao meu marido, Rubens, pelas incontáveis ajudas e apoio em todos os sentidos.

Finalmente, agradeço à Capes e à Fulbright pelo apoio financeiro, sem o qual não teria sido possível desenvolver este trabalho.

## Sumário

Lista de Quadros.....	12
Abreviatura dos Dicionários Utilizados .....	16
Resumo.....	17
Abstract .....	18
Introdução.....	19
Capítulo 1 – A metáfora conceitual.....	27
1.1. Definição de Metáfora .....	29
1.2. Natureza da Metáfora.....	30
1.3. Princípio da Invariância .....	33
1.4. Direcionalidade .....	34
1.5. Sistema Metafórico .....	34
1.6. Evidências Psicolinguísticas da Metáfora Conceitual .....	37
1.7. Críticas à Teoria.....	41
1.8. A Metáfora Primária .....	44
1.9. Metáfora Composta.....	49
1.10. Síntese .....	51
Capítulo 2 – DESEJAR É TER FOME.....	53
2.1. O mapeamento .....	54
2.1.1. Cenas primárias .....	59
2.2. Análise linguística.....	59
2.2.1. Fome .....	61
2.2.2. Sede .....	62
2.2.3. Apetite .....	63
2.2.4. Desconforto .....	65
2.3. Discussão .....	68
2.4. Relação com outras metáforas .....	69
2.5. Estudo experimental.....	76
2.5.1. Hipóteses gerais.....	76

Capítulo 3 – Domínio-Fonte: <i>Hunger</i> .....	79
3.1. Experimento 1 .....	80
3.2. Método .....	81
3.2.1. Sujeitos .....	81
3.2.2. Procedimentos .....	81
3.2.3. Material.....	81
3.3. Resultados e discussão .....	86
3.3.1. Os efeitos da fome no corpo .....	87
3.3.2. A conceitualização de comida .....	90
3.4. Síntese .....	93
Capítulo 4 – Domínio Alvo: <i>Desire</i> .....	95
4.1. Experimento 2 .....	96
4.2. Método .....	97
4.2.1. Sujeitos .....	97
4.2.2. Procedimentos .....	97
4.2.3. Material.....	97
4.3. Resultados e discussão .....	101
4.3.1. Os efeitos do desejo no corpo.....	102
4.3.2. A conceitualização da pessoa desejada .....	113
4.4. Síntese .....	116
Capítulo 5 – Domínio-fonte: <i>Fome</i> .....	119
5.1. Experimento 3 .....	119
5.2. Método .....	120
5.2.1. Sujeitos .....	120
5.2.2. Procedimentos .....	120
5.2.3. Material.....	120
5.3. Resultados e discussão .....	124
5.3.1. Os efeitos da fome no corpo .....	125
5.3.2. A conceitualização de comida .....	127
5.4. Síntese .....	130

Capítulo 6 – Domínio-alvo: <i>Desejo</i> .....	131
6.1. Experimento 4 .....	131
6.2. Método .....	132
6.2.1. Sujeitos .....	132
6.2.2. Procedimentos .....	132
6.2.3. Material.....	132
6.3. Resultados e discussão .....	137
6.3.1. Os efeitos do desejo no corpo.....	138
6.3.2. A conceitualização da pessoa desejada .....	143
6.4. Síntese .....	147
Capítulo 7 – Comparação dos Resultados .....	150
7.1. A conceitualização da fome e do desejo .....	150
7.2. A conceitualização do objeto desejado pela fome e pelo desejo .....	155
Considerações Finais .....	159
Referências Bibliográficas .....	162
Apêndice 1 – Questionário de <i>Hunger</i> .....	167
Apêndice 2 – Questionários de <i>Desire</i> .....	173
Apêndice 3 – Questionário de <i>Fome</i> .....	183
Apêndice 4 – Questionário de <i>Desejo</i> .....	189
Apêndice 5 – Expressões Metafóricas.....	200
Apêndice 6 – Questionário de <i>Desejo</i> .....	213

## Lista de Quadros

Quadro 3. 1 - Relação dos itens referentes a sintomas localizados, no Questionário de <i>hunger</i> .....	82
Quadro 3. 2 - Relação dos itens referentes a sintomas gerais, no Questionário de <i>hunger</i> .....	83
Quadro 3. 3 - Relação dos itens referentes a comportamento, no Questionário de <i>hunger</i> .....	84
Quadro 3. 4 - Categorias utilizadas no Grupo II e III, do Questionário de <i>hunger</i> .....	84
Quadro 3. 5 - Exemplos de tipos de comida usados no Questionário de <i>hunger</i> .....	86
Quadro 3. 6 - Verbos relacionados à ingestão de comida usados no Questionário de <i>hunger</i> .	86
Quadro 3. 7 - Resultados sobre os efeitos da fome no corpo, de acordo com a intuição dos falantes de inglês .....	88
Quadro 3. 8 - Outras metáforas incluídas no Questionário de <i>hunger</i> como prováveis instancicações metonímicas da metáfora DESEJAR É TER FOME.....	89
Quadro 3. 9 - Resultado geral sobre a conceitualização de comida, por grupos <i>top</i> e <i>bottom</i> , de acordo com a intuição dos falantes de inglês .....	91
Quadro 3. 10 - Distribuição do tipo de comida nos grupos <i>top</i> e <i>bottom</i> , de acordo com a intuição dos falantes de inglês.....	93
Quadro 4. 1 - Definição dos tipos de itens usados nos questionários.....	98
Quadro 4. 2 - Grupo I: Expressões lingüísticas julgadas através de uma escala de aceitabilidade - Questionário de <i>love-lust</i> .....	99
Quadro 4. 3 - Grupo I: Expressões lingüísticas julgadas através de uma escala de aceitabilidade - Questionário de <i>others</i> .....	101
Quadro 4. 4 - Médias gerais de todos os sintomas por tipos de desejo e grupo, de acordo com a intuição dos falantes de inglês.....	102
Quadro 4. 5 - Médias gerais dos sintomas de <i>love</i> por grupo .....	103
Quadro 4. 6 - Médias gerais dos sintomas de <i>others</i> por grupo .....	103
Quadro 4. 7 - Médias gerais dos sintomas de <i>lust</i> por grupo .....	103
Quadro 4. 8 - Média geral dos <i>itens lingüísticos</i> por tipo de desejo e grupo, de acordo com a intuição dos falantes de inglês.....	104

Quadro 4. 9 - Média geral dos <i>itens lingüísticos</i> por tipo de sintoma e grupo para cada desejo, de acordo com a intuição dos falantes de inglês .....	104
Quadro 4. 10 - Média geral dos <i>itens do corpo</i> por tipo de desejo e grupo, de acordo com a intuição dos falantes de inglês.....	105
Quadro 4. 11 - Média geral dos <i>itens do corpo</i> por tipo de sintoma e grupo para cada desejo, de acordo com a intuição dos falantes de inglês .....	106
Quadro 4. 12 - Médias gerais dos sintomas, sem itens referentes a outras metáforas, por tipo de desejo e grupo, de acordo com a intuição dos falantes de inglês .....	107
Quadro 4. 13 - Médias gerais dos sintomas, sem itens referentes a outras metáforas, de <i>Love</i> por grupo .....	107
Quadro 4. 14 - Médias gerais dos sintomas, sem itens referentes a outras metáforas, de <i>Lust</i> por grupo .....	108
Quadro 4. 15 - Médias gerais dos sintomas, sem itens referentes a outras metáforas, de <i>Others</i> por grupo .....	108
Quadro 4. 16 - Média geral dos <i>itens lingüísticos</i> , sem itens referentes a outras metáforas, por tipo de sintoma e grupo para cada desejo, de acordo com a intuição dos falantes de inglês .....	109
Quadro 4. 17 - Média geral dos <i>itens do corpo</i> , sem itens referentes a outras metáforas, por tipo de sintoma e grupo para cada desejo, de acordo com a intuição dos falantes de inglês .....	110
Quadro 4. 18 - Média geral de cada item relativo à comida para <i>love</i> e <i>lust</i> por grupo.....	114
Quadro 4. 19 - Itens de comida em <i>love</i> e <i>lust</i> que receberam pontuação acima de 3,00 .....	115
Quadro 4. 20 - Resultados gerais, de acordo com a intuição dos falantes de inglês .....	116
Quadro 4. 21 - Coincidências dos sintomas de <i>hunger</i> e desejos, de acordo com a intuição dos falantes de inglês .....	117
Quadro 4. 22 - Coincidências dos sintomas entre desejos, de acordo com a intuição dos falantes de inglês .....	117
Quadro 5. 1 - Relação dos itens referentes a sintomas localizados, no Questionário de <i>fome</i>	121
Quadro 5. 2 - Relação dos itens referentes a sintomas gerais, no Questionário de <i>fome</i> .....	122
Quadro 5. 3 - Relação dos itens referentes a comportamento, no Questionário de <i>fome</i> .....	122
Quadro 5. 4 - Categorias utilizadas no Grupo II e III, do Questionário de <i>fome</i> .....	123

Quadro 5. 5 - Exemplos de tipos de comida usados no Questionário de <i>fome</i> .....	124
Quadro 5. 6 - Verbos relacionados à ingestão de comida usados no Questionário de <i>fome</i> ...	124
Quadro 5. 7 - Resultados sobre os efeitos da fome no corpo, de acordo com a intuição dos falantes de português .....	126
Quadro 5. 8 - Outras metáforas incluídas no Questionário de fome como prováveis instanciações da metáfora DESEJAR É TER FOME .....	127
Quadro 5. 9 - Resultado geral sobre a conceitualização de comida, por grupos <i>top</i> e <i>bottom</i> , de acordo com a intuição dos falantes de português .....	128
Quadro 5. 10 - Distribuição do tipo de comida nos grupos <i>top</i> e <i>bottom</i> , de acordo com a intuição dos falantes de português.....	129
Quadro 6. 1 - Grupo I: Expressões lingüísticas julgadas através de uma escala de aceitabilidade - Questionário de amor-luxúria .....	134
Quadro 6. 2 - Grupo I: Expressões lingüísticas julgadas através de uma escala de aceitabilidade - Questionário de outros .....	136
Quadro 6. 3 - Médias gerais de todos os sintomas por tipos de desejo e grupo, Situação 1, de acordo com a intuição dos falantes de português .....	138
Quadro 6. 4 - Médias gerais dos sintomas por desejo e grupo para cada tipo de item, Situação 1, de acordo com a intuição dos falantes de português .....	138
Quadro 6. 5 - Médias gerais dos sintomas de amor, luxúria e outros por grupo, Situação 1, de acordo com a intuição dos falantes de português .....	139
Quadro 6. 6 - Médias gerais de todos os sintomas por tipos de desejo e grupo, sem os itens relacionados às outras metáforas, Situação 1, de acordo com a intuição dos falantes de português .....	140
Quadro 6. 7 - Médias gerais de todos os sintomas por tipos de desejo e grupo, Situação 2, de acordo com a intuição dos falantes de português .....	141
Quadro 6. 8 - Médias gerais de todos os sintomas por tipos de desejo e grupo, sem itens referentes a outras metáforas, Situação 2, de acordo com a intuição dos falantes de português .....	141
Quadro 6. 9 - Média geral de cada item relativo à comida para amor e luxúria por grupo.....	144
Quadro 6. 10 - Verbos com notas médias acima de 3,00 para os desejos, de acordo com a classificação em relação à fome e a intuição dos falantes de português .....	145

Quadro 6. 11 - Itens de comida com notas médias acima de 3,00 para os desejos, de acordo com a classificação em relação à fome e a intuição dos falantes de português .....	146
Quadro 6. 12 - Resultados gerais, de acordo com a intuição dos falantes de português.....	147
Quadro 6. 13 - Coincidências dos sintomas de fome e desejos, de acordo com a intuição dos falantes de português .....	148
Quadro 6. 14 - Coincidências dos sintomas entre desejos, de acordo com a intuição dos falantes de português .....	148
Quadro 7. 1 - Comparação da classificação dos sintomas de fome em top e bottom de acordo com a intuição dos sujeitos em inglês e em português.....	151
Quadro 7. 2 - Comparação dos resultados gerais por situação em inglês e em português.....	153
Quadro 7. 3 - Coincidências dos sintomas de fome/hunger e desejos em cada língua .....	153
Quadro 7. 4 - Coincidências dos sintomas entre desejos em inglês e em português.....	154
Quadro 7. 5 - Coincidências dos sintomas entre resultados do inglês e do português.....	154
Quadro 7. 6 - Coincidências entre tipo de comida dos grupos top e bottom em inglês e em português .....	155
Quadro 7. 7 - Comparação da distribuição do tipo de comida nos grupos top e bottom em inglês e em português .....	156
Quadro 7. 8 - Comparação dos resultados gerais de cada aspecto relativo à comida por tipo de desejo e grupo, em inglês e em português.....	157

## Abreviatura dos Dicionários Utilizados

AHD – The American Heritage Dictionary

CCD – Collins Cobuild English Language Dictionary.

DENF – Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa

DLP – Dicionário da Língua Portuguesa (Nascentes)

GNDLP – Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa (Freire)

LDELIC – Longman Dictionary of English Language and Culture.

MT – March's Thesaurus and Dicictionay of the English language

NDLP – Novo Dicionário da Língua Portuguesa. (Aurélio Buarque de Holanda  
Ferreira)

OED – Oxford English Dictionary.

RAZ – Roget A to Z.

RNT – Roget's II the new thesaurus

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo principal analisar uma nova hipótese sobre a emergência e natureza das metáforas conceituais, segundo a qual as metáforas ou são primárias ou compostas de primárias (Grady et al., 1996; Grady, 1997a, 1997b). Na nova visão, as metáforas primárias nascem de correlações entre dimensões distintas de experiências corpóreas básicas recorrentes e co-ocorrentes, que independem de influências culturais. Por exemplo, o homem frequentemente tem fome. Essa experiência – ter fome – é entendida de alguma forma e uma delas diz respeito ao desejo por comida que é experienciado sempre que tem fome. Logo, o mapeamento entre desejo e fome nasce da correlação entre a sensação física de fome e o desejo simultâneo de comida que vai satisfazê-la.

A nova proposta foi analisada através de uma pesquisa empírica, de caráter psicolinguístico experimental, com a metáfora primária DESEJAR É TER FOME, em duas línguas, inglês e português, para verificar seu caráter universal. Inicialmente foi investigada a conceitualização de *fome* e, a partir desses resultados, verificado se *desejo* é estruturado em termos de fome. Os resultados mostraram grande semelhança na forma como os sujeitos de uma língua e da outra conceberam *fome* e conceitualizaram *desejo* em termos dessa concepção, corroborando assim as idéias propostas por Grady e colaboradores.

Além disso, foi analisada secundariamente a metáfora O OBJETO DO DESEJO É COMIDA, para verificar se o objeto do desejo sexual é estruturado conforme a conceitualização do objeto da fome. Apesar de os resultados terem mostrado que em inglês a comida é conceitualizada de duas formas distintas (a comida para satisfazer a fome e a comida para agradar o paladar) e que em português essa distinção não existe (a comida que satisfaz a fome é a mesma que agrada o paladar), o objeto do desejo foi conceitualizado através da comida que agrada o paladar, nas duas línguas. É possível que O OBJETO DO DESEJO É COMIDA seja uma metáfora composta tendo como suas primárias DESEJAR É TER FOME e O ATRAENTE É GOSTOSO.

*Palavras-chave: metáfora conceitual, linguística cognitiva, psicolinguística, processos mentais*

## Abstract

The main objective of this study is to analyze a new hypothesis about the emergence and nature of conceptual metaphors, according to which all metaphors either are, or are composed of, primitives (Grady et al, 1996; Grady, 1997a, 1997b). In the new view, primary metaphors arise from the correlation between distinct dimensions of recurring basic experiences, that do not depend on the particulars of culture. For instance, we often get hungry. This experience – to be hungry – is understood in certain ways, and one of them concerns the desire for food, experienced whenever one is hungry. Thus, the mapping between desire and hunger arises from the correlation between the physical sensation of hunger and the simultaneous desire for food that accompanies it.

The new proposal was investigated throughout an empirical research, in an experimental psycholinguistic approach, with the primary metaphor DESIRE IS HUNGER, in two languages, English and Portuguese, in order to verify its universal feature. At first the conceptualization of *hunger* was examined, and from such results it was investigated whether *desire* was structured in terms of hunger. The results have shown great similarities between the way subjects from both languages have conceived *hunger* and have conceptualized *desire* in terms of such conception, thus corroborating the ideas proposed by Grady and colleagues.

Besides, a secondary metaphor, THE OBJECT OF DESIRE IS FOOD, was also investigated, in order to verify whether the object of sexual desire was structured according to the conceptualization of the object of hunger. Although the results have shown that in English, food is conceptualized in two distinctive ways (food to satisfy hunger and food to please taste), and in Portuguese such distinction does not exist (food that satisfies hunger is the same that pleases taste), the object of desire is conceptualized as food that pleases taste, in both languages. It is then possible that the OBJECT OF DESIRE IS FOOD be a compound metaphor having as primitives DESIRE IS HUNGER and APPEALING IS TASTY.

## Introdução

*No princípio era a metáfora,  
e a metáfora estava na poesia,  
e a metáfora era a poesia.*

Durante séculos a metáfora esteve ligada à poesia de uma forma diferente daquela que se acredita hoje. Talvez nem tanto por uma mudança no conceito de metáfora, mas no próprio conceito de poesia e mente. *O poético vem do coração, não pode estar na mente, pois a mente é literal*, acreditava-se<sup>1</sup>. Fazia-se uma distinção clara entre a linguagem poética e a linguagem comum, onde a primeira era vista como um dom especial de alguns (e.g. os poetas) e a segunda, como a linguagem de todos. A metáfora era particular da linguagem poética e deveria ser evitada na linguagem comum. Dentro desse conceito, falar metaforicamente do *desejo* em termos de *fome* ou *sede* deveria fazer parte apenas da linguagem poética, literária. De fato, encontram-se vários exemplos na poesia clássica e na contemporânea. Bocage lamenta as vãs conseqüências de sua alma *sedenta* pelos prazeres da vida:

Prazeres, sócios meus e meus tiranos!  
Esta alma, que sedenta em si não coube,  
No abismo vos sumiu dos desenganos:

Deus, oh Deus!... Quando a morte à luz me roube  
Ganhe um momento o que perderam anos,  
Saiba morrer o que viver não soube.

(Manoel Maria du Bocage, *Sentimento de Contrição  
e Arrependimento da Vida Passada*)

---

<sup>1</sup> As teorias baseadas em suposições tradicionais ainda consideram que a mente é literal.

Adélia Prado denuncia um mundo no qual a poesia já não pode mais satisfazer todas as *fomes*, uma vez que a cultura perdeu todo o seu valor:

Cesse de uma vez meu vão desejo  
de que o poema sirva a todas as fomes.  
Um jogador de futebol chegou mesmo a declarar:  
“Tenho birra de que me chamem de intelectual,  
sou um homem como todos os outros”.  
Ah, que sabedoria, como todos os outros,  
a quem bastou descobrir:  
letras eu quero é para pedir emprego,  
agradecer favores,  
escrever meu nome completo.  
O mais são as mal-traçadas linhas.

(Adélia Prado, *O que a Musa Eterna Canta*)

Carlos Nejar se esquece do próprio nome diante de sua enorme *sede* que ainda não foi saciada:

Não sei do meu nome  
Só sei daquela sede  
Imensa sede  
Que ainda não foi saciada

( Carlos Nejar, *Lunalva*)

Entre os vários exemplos de *fome/sede* usados pelo *desejo* presentes na Bíblia, que tem uma linguagem poética, estão a voz do salmista falando de sua *sede* de Deus<sup>2</sup>, e a de Cristo, falando das promessas para aqueles que têm *fome e sede* de justiça<sup>3</sup>.

No entanto, essa metáfora não está presente apenas na linguagem poética ou literária, ela faz parte também da linguagem comum, usada no dia a dia: as crianças reclamam de um amigo que tem muita *fome de bola* e não deixa ninguém jogar; um colega recusa o convite para ir ao cinema porque não tem o menor *apetite* para filmes de terror; um vizinho ganha na loteria sozinho, e deixa todo mundo *de água na boca*. Fala-se corriqueiramente do *desejo* em

<sup>2</sup> *A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo.* (Salmo 42:2)

<sup>3</sup> *Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.* (Mateus 5:6)

termos de *fome* nas mais diversas situações. No momento político em que vive o Brasil, desmascarando interesses individuais de parlamentares, a metáfora se encaixa com perfeição:

... a fome de poder do senador faz mal à maioria dos brasileiros. (ISTOÉ, no. 1527, 6/1/99, Entrevista, p.5)

Fica claro na reportagem “Ministério indigesto”(ISTOÉ 1526) que os nossos políticos têm uma insaciável sede pelo poder e que só defendem seus próprios interesses, em detrimento dos interesses dos cidadãos que os elegeram. (ISTOÉ 1527, 6/1/99, Cartas, p. 12)

No Nordeste há sede de justiça. (Informativo do gabinete do Deputado Federal Sérgio Novais, março/99)

Vários estudiosos têm observado que a linguagem comum, aquela usada normalmente pelo homem no seu dia a dia, é repleta de metáforas. Um estudo estimou que, em média, quatro figuras de linguagem são pronunciadas a cada minuto de conversação livre (Pollio et al, 1977), no entanto seu uso é tão natural e rotineiro que, em geral, passa despercebido (Cohen, 1979:5). Certas áreas, como a música e a arte, não podem ser discutidas a não ser através de termos metafóricos, como *austero, equilibrado, gracioso, suave, forte, quente, doce, insípido, fascinante, majestoso* (Aitchison, 1994:149). Até mesmo a linguagem científica, que tantos supõem ser estritamente literal, é rica em metáforas (Coracini, 1991:133), pelas quais teorias e avanços crescentes das ciências têm sido explicados (Quine, 1992:161). Em resumo, a linguagem como um todo é impregnada de metáforas.

Essa observação levou vários estudiosos a terem uma nova visão de mente. A metáfora passou a ser considerada como um elemento importante no processo de entendimento da própria compreensão humana, e não mais como um mero ornamento do discurso (Cowan & Feucht-Haviar, 1992; Sacks, 1992; Ortony, 1993; Davidson, 1992; Lakoff & Johnson, 1980; MacCormac, 1985; Kittay, 1987; Indurkhia, 1992; Giora, 1997).

Em seu livro *The poetics of mind*, Gibbs (1994) mostra como a cognição é fundamentalmente estruturada por vários processos poéticos ou figurados, onde a metáfora e outros tropos constituem-se em esquemas básicos pelos quais as pessoas conceitualizam suas experiências e o mundo externo. Exemplos metafóricos, como os apresentados acima, não são formas arbitrárias e inter-independentes que existem na língua, mas expressões geradas por metáforas conceituais e relacionadas umas às outras através dessas metáforas.

A teoria da metáfora conceitual surgiu em 1980, com o livro *Metaphors we live by*, de Lakoff & Johnson, que começam a discutir a natureza da metáfora sob essa nova perspectiva: ela é conceitual e tem grande influência em boa parte do pensamento e raciocínio do homem. Rejeitando os extremos de uma visão objetivista e da sua oposição subjetivista<sup>4</sup>, Lakoff & Johnson adotam uma visão experiencialista, onde os conceitos são definidos primariamente em termos de propriedades interacionais baseadas na percepção humana - como concepções de forma, dimensão, espaço, função, movimento - e não em termos de propriedades inerentes das coisas. O sistema conceitual do homem, portanto, emerge da sua experiência com o próprio corpo e o ambiente físico e cultural em que vive. Tal sistema, compartilhado pelos membros de uma comunidade lingüística, contém metáforas conceituais, sistemáticas, geralmente inconscientes e altamente convencionais na língua - i.e., várias palavras e expressões idiomáticas dependem dessas metáforas para serem compreendidas (Lakoff & Turner, 1989:51).

Em outras palavras, na teoria da metáfora conceitual, a metáfora lingüística só é possível porque existem metáforas no sistema conceitual humano. Como elas são geradas a partir de experiências corpóreas em relação ao ambiente físico e cultural, compreendê-las equivale a entender o próprio modo de pensar e agir inerente ao homem (Lakoff & Johnson, 1980:5). Se ele fala de *desejo* em termos de *fome*, por exemplo, é porque o percebe assim. Não é uma forma arbitrária ou conscientemente elaborada no momento da elocução, mas, ao contrário, devida à metáfora conceitual subjacente DESEJAR É TER FOME, que é natural, automática, e, de modo geral, inconsciente.

Apesar de outras teorias contemporâneas considerarem que a metáfora tem um papel cognitivo, nenhuma tem se preocupado em explicar por que o homem fala como fala, usando tantas metáforas, como a teoria da metáfora conceitual. A maioria das outras teorias ainda coloca a metáfora no domínio lingüístico e não reconhece sua sistematização na língua. Lakoff e seus colaboradores, ao contrário, têm demonstrado como as várias expressões

---

<sup>4</sup> Segundo Lakoff & Johnson, *o que os mitos do objetivismo e do subjetivismo perdem é a maneira como entendemos o mundo através da nossa interação com ele* (1980:194), pois se, por um lado, o objetivismo acredita que existe um mundo totalmente independente do homem, por outro, o subjetivismo acredita que o homem é independente do mundo; se para o objetivismo há uma verdade absoluta e incondicional, para o subjetivismo a verdade só é obtida através da imaginação, sem interferência do mundo externo (ibid:192). O

metafóricas usadas corriqueiramente podem ser agregadas em verdadeiros sistemas conceituais. O que as demais teorias não parecem se dar conta é que tal sistematização não pode ser um mero acaso.

Ao longo de quase duas décadas, a teoria da metáfora conceitual vem sendo aperfeiçoada através de vários estudos, de diferentes naturezas<sup>5</sup>. A base desses estudos está na identificação dos sistemas conceituais evidenciados pelas expressões lingüísticas, trabalhada principalmente por Lakoff & Johnson (1980), Lakoff (1987), Johnson (1987) e Kövecses (1986 e 1990), inclusive com atenção às extensões novas da linguagem convencional por Lakoff & Turner (1989). Os estudos sobre polissemia de Sweetzer (1990), e os achados psicolingüísticos de Gibbs (1994) têm contribuído de forma importante para uma melhor compreensão da metáfora conceitual. Entretanto, ainda existe polêmica e controvérsia quanto à natureza e emergência da metáfora (Katz, 1998).

Recentemente, Grady e colaboradores (1996, 1997a.; 1997b; no prelo) levantaram novas hipóteses sobre certos aspectos da metáfora conceitual que podem explicar, segundo eles, os principais pontos controversos da teoria. Além disso, questões relacionadas à busca de universais podem ser resolvidas (Lakoff, 1998:104), uma vez que, no refinamento proposto, as metáforas ou são *primárias*, geradas de correlações entre dimensões distintas de experiências corpóreas básicas, independentes de influências culturais, ou *compostas*, geradas da unificação de metáforas primárias. A combinação de metáforas primárias pode ocorrer de forma diferente em cada língua, produzindo metáforas compostas que podem ou não ocorrer em mais de uma língua. As primárias, no entanto, por serem baseadas em experiências humanas universais, devem ser mais comuns translingüisticamente (Grady et al, 1996:186).

O objetivo deste estudo é analisar a proposta de Grady e colaboradores através da metáfora primária DESEJAR É TER FOME, em duas línguas de origens diferentes: inglês, uma língua anglo-saxônica, e português, uma língua românica. Após verificar se a metáfora em estudo está dentro dos critérios estabelecidos por Grady (1997b) para uma metáfora primária, foi feita inicialmente uma análise da realização lingüística da metáfora nas duas línguas,

---

experencialismo é a união do objetivismo com o subjetivismo, sem a obsessão objetivista com a verdade absoluta ou a insistência subjetivista de que a imaginação é totalmente ilimitada (ibid:228-229).

<sup>5</sup> Ver Lakoff (1993) para uma discussão geral sobre os principais resultados dos diversos estudos empíricos da teoria durante esse período.

seguindo as diretrizes da nova visão. Em seguida, em busca de evidências não lingüísticas, foram realizados experimentos psicolingüísticos para verificar, através da intuição de falantes nativos das duas línguas, se a forma como a *fome* é conceitualizada tem influência na forma como o *desejo* é estruturado. Duas grandes questões se colocam nessa análise: a primeira é se o mesmo fenômeno ocorre em cada uma das línguas; e a segunda é se o fenômeno ocorre de forma semelhante nas duas. Estudos comparativos entre línguas são importantes para áreas como a psicolingüística, por proporcionarem fundamento para um modelo universal do processamento da linguagem (Cutler, 1997). Além disso, uma característica importante da metáfora primária é exatamente seu caráter universal, que só pode ser verificado através de estudos translingüísticos.

Este trabalho tem como característica principal o fato de ser um estudo psicolingüístico experimental, cuja preocupação está centrada na relação linguagem-processos mentais. Em um trabalho dessa natureza, as questões teóricas, em busca de uma teoria que apresente coerência com o modo em que a língua é produzida e compreendida (Garham, 1985), são discutidas à luz dos resultados experimentais. Portanto, este estudo não se propõe a fazer uma análise da teoria da metáfora conceitual ou da proposta de Grady e colaboradores em si mesmas, mas verificar, através de um método hipotético-dedutivo<sup>6</sup>, se as informações do conceito-fonte (e.g. *fome*, na metáfora DESEJAR É TER FOME) são estruturadas no conhecimento do domínio-alvo da metáfora (e.g. *desejo*), e em sendo, de que forma.

O texto está organizado em oito capítulos. No primeiro, são apresentadas a teoria da metáfora conceitual e a nova hipótese sugerida por Grady e colaboradores. Apesar de haver diferenças importantes entre as duas linhas teóricas, principalmente quanto à motivação da emergência da metáfora, elas estão ligadas historicamente, e uma se propõe a aperfeiçoar a outra. Para entender a proposta de Grady é preciso entender primeiro os aspectos relevantes da teoria da metáfora conceitual, no que diz respeito à sua definição e natureza conceitual, ao princípio que pode impedir que certos elementos do conceito-fonte sejam falados no domínio-alvo, à direcionalidade do processo metafórico, à forma como o sistema conceitual metafórico é estruturado e às principais evidências experimentais da metáfora conceitual. Esses aspectos

---

<sup>6</sup> Em um método hipotético-dedutivo, levantam-se inicialmente hipóteses, das quais são feitas deduções a serem testadas experimentalmente.

são apresentados na primeira parte do capítulo, seguida das principais críticas à teoria e da nova proposta da metáfora primária e composta.

No Capítulo 2, a metáfora DESEJAR É TER FOME é analisada do ponto de vista lingüístico, seguindo as diretrizes da nova hipótese (Grady, 1997b), evitando assim a circularidade tão criticada por outros estudiosos. Nesse capítulo, são discutidas também relações dessa metáfora com outras possivelmente ligadas a ela, como a metáfora O OBJETO DO DESEJO É COMIDA, que foi analisada de forma suplementar nesta tese. Na última parte, são discutidas as hipóteses gerais do estudo experimental.

Os experimentos, com seus objetivos específicos, metodologia e resultados, são discutidos nos capítulos seguintes. Foram realizados dois experimentos: um sobre a conceitualização da *fome* e o outro sobre a conceitualização do *desejo* a partir da forma como *fome* foi concebida. Cada um desses experimentos foi feito em uma versão em inglês e outra em português, de acordo com a intuição de falantes nativos de cada uma dessas línguas. Nos Capítulos 3 e 4, são apresentados os experimentos realizados com falantes nativos do inglês, e, em seguida, nos Capítulos 5 e 6, os experimentos realizados com falantes nativos do português brasileiro. Especificamente, nos Capítulos 3 e 5, são apresentados os experimentos que investigaram o conceito-fonte da metáfora em estudo, *fome*, em inglês e em português, respectivamente. A partir dos resultados obtidos nesses experimentos, o domínio-alvo da metáfora, *desejo*, foi investigado, em cada língua, e os resultados finais discutidos nos Capítulos 4 e 6. Além da metáfora DESEJAR É TER FOME, foi investigada também, nesses experimentos, a metáfora O OBJETO DO DESEJO É COMIDA, que de forma análoga partiu da conceitualização de comida enquanto objeto da fome para a conceitualização da pessoa desejada.

A comparação entre os resultados obtidos nos experimentos realizados com os falantes de língua inglesa e os obtidos com os falantes do português brasileiro, tanto para a metáfora principal, DESEJAR É TER FOME, quanto para a secundária, O OBJETO DO DESEJO É COMIDA, é feita no Capítulo 7. Finalmente, no último capítulo são feitas as considerações gerais deste trabalho.

Para facilitar a leitura, de modo geral, as metáforas conceituais e seus exemplos, bem como certas passagens, apresentados ao longo deste trabalho foram traduzidos para o português. Não foi feita nenhuma análise rigorosa prévia para verificar se de fato essas

metáforas conceituais, que têm sido amplamente estudadas no inglês, existem no português, portanto não devem ser tomadas como tal, embora intuitivamente pareçam ser. Alguns estudos têm mostrado a semelhança entre os sistemas conceituais metafóricos do inglês e do português (Lima, 1995; Bowles, 1995).

## Capítulo 1 – A metáfora conceitual

Em 1980, Lakoff & Johnson lançam o livro *Metaphors we live by*, onde começam a discutir a natureza e a estrutura da metáfora sob uma perspectiva diferente daquela até então estabelecida<sup>7</sup>. Através de análises lingüísticas rigorosas de um grande número de expressões metafóricas, esses autores têm demonstrado que a sede da metáfora é o pensamento e não a linguagem, que ela é uma parte importante e indispensável na forma como o homem usualmente conceitualiza o mundo, e que o comportamento humano cotidiano reflete a compreensão metafórica de suas experiências<sup>8</sup>. Essas idéias, que são o fundamento da Lingüística Cognitiva<sup>9</sup>, foram inicialmente discutidas por Reddy (1993) em seu trabalho sobre a *conduit metaphor* (Lakoff, 1993:204). Com fortes evidências lingüísticas, Reddy mostrou que a maneira como nativos da língua inglesa falam sobre o processo de comunicação é determinada por estruturas semânticas da própria língua (Reddy, *ibid.*: 165), entendida como um conduto que transfere pensamentos em forma de corpos de uma pessoa para outra. Por exemplo, as palavras, segundo ele, têm “dentro” e “fora” (e.g. *That thought is in practically every other word; the meaning is right there in the words; your words are hollow – you don't mean them*) (*ibid.* 168).

A *conduit metaphor* de Reddy era uma pequena parte de um enorme sistema de metáforas conceituais, subjacente à grande parte da estrutura da língua, ao raciocínio e à forma como as pessoas agem (Lakoff 1993:204). A metáfora lingüística, portanto, só é possível porque existem metáforas no sistema conceitual humano, conseqüentemente, seu uso é automático, não exige esforço de interpretação e faz parte do modo de pensar de uma

---

<sup>7</sup> A visão tradicional pressupõe que (1) toda a linguagem convencional é literal; (2) tudo pode ser descrito e entendido sem usar metáforas; (3) apenas a linguagem literal pode ser falsa ou verdadeira; (4) todas as definições presentes no léxico de uma língua são literais; e (5) os conceitos usados na gramática de um língua são todos literais (Lakoff, 1993:204).

<sup>8</sup> Note-se que Black já havia chamado a atenção para o poder cognitivo da metáfora, no entanto, distingue-se fundamentalmente da teoria discutida aqui porque não vê a metáfora na linguagem cotidiana, mas apenas na poesia, na arte e na imaginação; assume uma verdade sobre o mundo; faz a distinção literal *versus* metafórico; e pressupõe que a linguagem cotidiana é literal (Lakoff, 1998:89-90).

comunidade lingüística (Lakoff & Turner, 1989:55). É o que Lakoff & Johnson chamam de metáfora literal<sup>10</sup>.

Falar em metáfora literal parece uma contradição. De fato, sob uma perspectiva objetivista, a linguagem literal não pode ser metafórica, uma vez que a metáfora é de interesse apenas marginal e excluída totalmente do estudo da semântica (Lakoff & Johnson, 1980:210). Assim, nessa visão (a objetivista), *digerir* em *digerir uma idéia*, por exemplo, não é mais vista como uma palavra metafórica, e sim literal, homônima de uma outra palavra *digerir*. Não nega a sua origem metafórica, mas entende que, uma vez convencionalizada, *digerir* morreu como uma metáfora e congelou seu significado metafórico antigo como um novo significado literal (Lakoff & Johnson, 1980:211-212). Entretanto, para a Lingüística cognitiva, a chamada linguagem literal não só pode ter metáforas como está repleta delas e de forma sistemática. *Digerir uma idéia* não é uma metáfora isolada, mas faz parte de um grupo de outras expressões em que idéias são faladas em termos de comida (Lakoff & Johnson, 1980:46):

e.g. Tudo o que ele disse me deixou com um gosto ruim na boca.

O que temos nesse papel não passa de fatos crus, idéias meio cozidas e teorias sub-aquecidas.

Não dá pra engolir nenhuma dessas idéias.

Ele devorou o livro.

Sweetser (1990) mostrou que mesmo termos que parecem ser exemplos clássicos de metáforas mortas têm raízes metafóricas bastante vivas. Por exemplo, as palavras que significam *ver*, nas línguas indo-européias, têm adquirido sempre e de forma recorrente ao longo da história o significado de *saber*. Segundo a autora, as palavras para *ver* passam a estender seus significados para *saber*, porque existe uma metáfora nos sistemas conceituais dos falantes indo-europeus que as motiva. A visão objetivista não consegue explicar nem essa mudança semântica diacrônica, nem a forma sistemática como as metáforas ocorrem na língua.

Para entender melhor como acontece o fenômeno da metaforização proposto pela Lingüística Cognitiva serão apresentados, a seguir, vários aspectos que dizem respeito (1) à

---

<sup>9</sup> Ramo da Lingüística e das Ciências Cognitivas que se originou, dentre outros, dos estudos da metáfora conceitual de Lakoff & Johnson (1980), cujo objetivo é a busca dos princípios que governam a consistência da língua com o conhecimento geral cognitivo (Lakoff, 1990:45).

<sup>10</sup> Para entender melhor a noção de literal assumida pela Lingüística Cognitiva, ver Lakoff, 1986.

própria definição de metáfora, (2) à sua natureza conceitual, (3) ao princípio que pode impedir o uso de certos elementos de um domínio em outro domínio (Princípio de Invariância), (4) à direcionalidade do processo metafórico e (5) à estrutura do sistema conceitual metafórico.

### 1.1. Definição de Metáfora

Segundo Lakoff & Johnson, alguns conceitos centrais em termos dos quais o corpo humano funciona são mais bem delineados que outros. As experiências emocionais, por exemplo, são tão básicas quanto as experiências espaciais e perceptuais, mas as emocionais são muito menos delineadas. Além disso, uma estrutura conceitual bem delineada para espaço, por exemplo, emerge do funcionamento perceptual-motor do homem, mas nenhuma estrutura conceitual bem definida para emoção emerge apenas do seu funcionamento emocional. Assim, um conceito abstrato, complexo e pouco estruturado como *amor* precisa ser discutido em termos de um outro, concreto, mais simples e mais bem estruturado, como *viagem*, em que os *amantes* são entendidos como *viajantes* e seu *relacionamento* como o *veículo* em que viajam com um destino comum:

e.g. Veja só onde chegamos.

Não dá mais para continuar, é melhor você seguir o seu caminho e eu o meu.

Percorremos uma longa estrada juntos.

Nosso relacionamento não vai chegar em lugar nenhum.

Metáfora, portanto, é *compreender e experienciar um tipo de coisa no lugar de outro* (Lakoff & Johnson, 1980:5). E isso acontece normalmente quando se sai da experiência física concreta e começa-se a falar sobre abstrações ou emoções.

Grande parte das metáforas conceituais está relacionada à orientação espacial do homem – noções como em cima-embaixo, dentro-fora, frente-atrás, centro-periferia – que emerge do fato de ele ter um corpo como o que tem e interagir como interage com o ambiente físico (Lakoff & Johnson, 1980:57-58). Por exemplo, a noção EM CIMA nasce do fato de que quase todo movimento que o homem faz (e.g. ficar de pé, deitar-se para dormir) envolve constantemente um programa motor que muda, mantém ou pressupõe a orientação EM CIMA-EMBAIXO.

De acordo com a teoria, experiências físicas diretas como essas não são, entretanto, inerentes ao tipo de corpo que o homem tem, mas envolvem certos pressupostos culturais. No exemplo dado, a noção EM CIMA-EMBAIXO envolve o fato de vivermos em um campo gravitacional como o que vivemos. Alguém que vivesse em condições diferentes, no espaço sideral, por exemplo, sem conhecimento ou imaginação de outro tipo de experiência, não teria a mesma noção espacial (ibid:57). Entretanto, apesar de toda experiência ter uma base cultural, ainda se pode falar em experiências mais físicas (como levantar) e em experiências mais culturais (como participar de uma cerimônia de casamento).

Da mesma forma que a experiência do homem com o seu próprio corpo fornece rico subsídio para compreender conceitos em termos orientacionais, a experiência com objetos e substâncias físicas dá origem a metáforas ontológicas, que ajudam a entender outros conceitos envolvendo mais que mera orientação (e.g. eventos, emoções, idéias). O homem identifica suas experiências como entidades ou substâncias que, como tais, podem ser categorizadas, agrupadas e quantificadas, permitindo, assim, raciocinar-se sobre elas. Por exemplo, o corpo é experienciado como um recipiente, que tem limites (a pele) e orientação dentro-e-fora (o resto do mundo está fora). A partir dessa experiência, a noção dentro-e-fora é projetada para outros objetos físicos que têm limites (bem ou mal delineados), como salas (e.g. *entrei na sala*), uma clareira na floresta (e.g. *ficaram a noite inteira numa clareira da floresta*), e uma série de outras coisas, como campos visuais (e.g. *ele saiu do meu campo de visão*), eventos (e.g. *ele está fora da competição*), e atividades (e.g. *entrei neste ramo há 10 anos*), que passam então a ser vistos também como recipientes com partes internas, externas e limites<sup>11</sup>.

## 1.2. Natureza da Metáfora

As metáforas são mapeamentos entre domínios conceituais: do domínio-fonte no domínio-alvo. A estrutura *DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE*, em caixa alta, é usada como forma mnemônica de nomear esses mapeamentos metafóricos. O nome do mapeamento não deve ser confundido com o próprio. *Mapeamento* é o conjunto de correspondências conceituais. Por

---

<sup>11</sup> Para uma contestação de que termos como *entrar*, *sair*, *em* tenham o mesmo sentido nas várias situações lingüísticas que ocorrem, ver Wierzbicka (1986).

exemplo, a forma mnemônica RAIVA É FOGO se refere ao conjunto de correspondências conceituais entre os domínios RAIVA e FOGO.

Enquanto fenômeno, a metáfora envolve tanto os mapeamentos conceituais quanto as expressões lingüísticas. Entretanto, da perspectiva da teoria da metáfora conceitual, a língua é secundária, no sentido em que é o mapeamento que sanciona o uso da linguagem e dos padrões de inferência do domínio-fonte para o domínio-alvo (Lakoff, 1993:209). Porque o foco de interesse é o mapeamento, o termo *metáfora* refere-se, normalmente, ao mapeamento e não às expressões lingüísticas metafóricas<sup>12</sup>. De forma que quando os teóricos falam na *metáfora RAIVA É FOGO*, eles se referem ao mapeamento conceitual e não à sua realização verbal; quando falam em *expressões metafóricas*, estão fazendo referência às expressões lingüísticas licenciadas pelo mapeamento:

e.g. Ele saiu cuspiendo fogo.

Ela está sendo consumida pela sua raiva.

Ele estava muito inflamado.

É melhor a gente não ficar por perto para não sair chamuscado.

Os mapeamentos metafóricos não são proposicionais, nem processos ou algoritmos que usam os *inputs* do domínio-fonte e produzem os *outputs* do domínio-alvo, como se poderia pensar, mas padrões fixos de correspondências ontológicas (i.e., de esquemas de imagem) entre domínios, gerados a partir de interações perceptuais humanas, ações do corpo e manipulações de objetos.

Esquemas de imagem são estruturas que organizam as representações mentais num nível mais geral e abstrato que aquele em que determinadas imagens mentais são formadas (Johnson, 1987:23-24). Essas estruturas não são imagens ricas e concretas ou gravuras mentais, mas características comuns a muitos objetos, eventos, atividades e movimentos do corpo diferentes. Ou seja, um esquema de imagem consiste de pequeno número de partes e relações, através das quais podem ser estruturadas infinitas percepções, imagens, eventos etc.

---

<sup>12</sup> As expressões lingüísticas, por sua vez, não são menos importantes na teoria. A língua, principalmente o léxico, é vista como um reflexo do sistema conceitual humano, e é através de um estudo detalhado da maioria das expressões lexicais relacionadas a determinados conceitos que os lingüistas cognitivos têm identificado grande parte desse sistema (Kövecses, 1990:41).

As correspondências entre os domínios fonte e alvo são de natureza ontológica e epistêmica (Kövecses, 1989:56). As correspondências ontológicas ocorrem entre as entidades do domínio-fonte e as entidades correspondentes do domínio-alvo. As epistêmicas, entre o conhecimento sobre o domínio-fonte e o conhecimento correspondente sobre o domínio-alvo.

Um exemplo de Kövecses (1990:56), com a metáfora RAIVA É FOGO, ilustra bem o que exatamente significam essas expressões.

Fonte: FOGO

Alvo: RAIVA

#### Correspondências ontológicas:

- O fogo é raiva
- A coisa que está queimando é a pessoa com raiva
- A causa do fogo é a causa da raiva
- A intensidade do fogo é a intensidade da raiva
- O prejuízo físico da coisa que está queimando é o prejuízo mental da pessoa com raiva
- A capacidade de a coisa que está queimando servir para sua função normal é a capacidade da pessoa com raiva funcionar normalmente
- Um objeto no ponto de ser consumido pelo fogo corresponde a uma pessoa cuja raiva está no limite
- O perigo do fogo para coisas que estão por perto é o perigo da raiva para outras pessoas

#### Correspondências epistêmicas:

*Fonte:* as coisas podem queimar com baixa intensidade por um longo período e de repente irromper em chamas.

*Alvo:* as pessoas podem ter raiva com baixa intensidade por um longo período e de repente essa raiva chegar ao extremo.

*Fonte:* o fogo é perigoso para as coisas que estão por perto.

*Alvo:* pessoas com raiva são perigosas para as outras pessoas.

*Fonte:* as coisas consumidas pelo fogo não servem mais para suas funções normais.

*Alvo:* no limite da raiva, as pessoas não funcionam normalmente.

### 1.3. Princípio da Invariância

Os mapeamentos preservam a topologia cognitiva (i.e., a estrutura de esquema de imagem) do domínio-fonte de forma consistente com a estrutura inerente do domínio-alvo. Ou seja, a estrutura inerente do domínio-alvo limita as possibilidades de mapeamentos automáticos, através do mecanismo *anular no domínio-alvo*. Isso é chamado de Princípio da Invariância. Ele garante que para esquemas de recipiente, por exemplo, interiores sejam mapeados em interiores, exteriores em exteriores, limites em limites (Lakoff 1993:215). Casos em que a estrutura esquemática de imagem do domínio-alvo é violada (por exemplo, em que o interior de um domínio-fonte é mapeado no exterior de um domínio-alvo) não são encontrados (id *ibid*).

Lakoff (*ibid*:216) cita o verbo *to give* (dar) como um caso interessante para exemplificar esse Princípio da Invariância. Quando se dá alguma coisa concreta a alguém, a pessoa a quem a coisa foi dada passa a possuí-la, enquanto a pessoa que deu a coisa deixa de possuí-la. No entanto, quando se dá um chute em alguém, depois de ele ser dado, ninguém mais o tem. Isso pode ser explicado a partir da metáfora AÇÕES SÃO TRANSFERÊNCIAS, em que ações são conceitualizadas como objetos transferidos de um agente para um paciente. Parte do nosso conhecimento sobre ações diz que elas não continuam a existir depois que acontecem. Logo, apesar de o paciente passar a possuir o objeto dado no domínio-fonte, a estrutura inerente do domínio-alvo restringe automaticamente esse mapeamento porque tal objeto não existe após a ação terminar. É também o Princípio de Invariância que explica porque quando damos uma idéia a alguém, não deixamos de possuir essa idéia, e a pessoa a quem a idéia foi dada também passa a possuí-la.

Novamente, essa idéia de *dar* é difícil de ser compreendida dentro de uma visão objetivista. Na perspectiva experiencialista, no entanto, as palavras não adquirem novos sentidos aleatoriamente, mas são mudanças resultantes de mapeamentos metafóricos ocorridos ao longo do tempo (Sweetzer, 1990:9). Essas mudanças semânticas geralmente ocorrem do sentido concreto para o abstrato (*ibid*:25). De forma que *dar* em *dar um chute*, *dar uma idéia*, *dar uma informação*, *dar amor* são todas extensões metafóricas da forma *dar*, cujo complemento é concreto, como em *dar um livro*, por exemplo.

#### **1.4. Direcionalidade**

Os mapeamentos do domínio-fonte no domínio-alvo tendem a ser assimétricos. São unidirecionais, ocorrendo, como dito anteriormente, de um domínio mais concreto, mais bem delineado em um domínio mais abstrato, menos delineado.

A questão da direcionalidade é importante por mostrar que a metáfora não é simplesmente uma questão de *similaridade* (Grady, 1997b:9). Se o processo fosse simplesmente de similaridade, ele seria bidirecional. Nesse caso, o vocabulário, a imagem, as inferências etc. seriam transferidos de um domínio para outro e vice versa. Existiria, por exemplo, além da metáfora IMPORTANTE É GRANDE (e.g. *aqui está a grande questão que quero colocar para você*) uma outra, GRANDE É IMPORTANTE, com exemplos estranhos do tipo *não consigo mover aquele sofá sozinho porque ele é importante demais*, com o sentido de um sofá grande demais (id.ibid.:171).

Isso não é exatamente o caso de domínios que parecem servir tanto de fonte como de alvo, como MÁQUINAS e PESSOAS. As metáforas MÁQUINAS SÃO PESSOAS e PESSOAS SÃO MÁQUINAS envolvem mapeamentos distintos, no sentido em que as qualidades mapeadas são diferentes. Enquanto as máquinas são descritas como tendo personalidades humanas no primeiro caso, as pessoas o são em termos de operações físicas da máquina no segundo (Grady, no prelo).

A unidirecionalidade é uma característica importante na teoria da metáfora conceitual e é, entre outras, um elemento básico que a distingue das teorias interacionais, que pressupõem uma relação simétrica entre fonte e alvo (Pires de Oliveira, 1995:64).

#### **1.5. Sistema Metafórico**

Os mapeamentos metafóricos não ocorrem isolados uns dos outros. Um sistema conceitual contém diversos mapeamentos metafóricos convencionais que formam um subsistema altamente estruturado. Assim como o sistema lingüístico do homem e o resto do seu sistema conceitual, o sistema da metáfora conceitual convencional é em grande parte inconsciente, automático e usado sem esforço perceptível.

Esse sistema conceitual metafórico parece constar de vários mapeamentos interrelacionados, como uma rede de correspondência entre vários domínios com diversos

outros (Grady, 1997a:272-273). Por exemplo, o domínio TEORIA está relacionado com o domínio EDIFÍCIO e com o domínio TECIDO; o domínio SOCIEDADE também está relacionado com os domínios EDIFÍCIO e TECIDO; e, da mesma forma, o domínio ECOSISTEMA está relacionado com os domínios EDIFÍCIO e TECIDO. Inúmeros domínios fonte podem estruturar um único domínio-alvo, focalizando aspectos relevantes da nossa experiência; ou um único domínio-fonte pode estruturar diversos domínios alvo.

Assim é que TEORIAS podem ser entendidas em termos de EDIFÍCIOS, quando se quer enfatizar a sua estrutura:

e.g. *Construiu uma teoria com alicerces sólidos.*

*Esses argumentos derrubam qualquer teoria..*

*Os fatos são sólidos, mas os argumentos são muito frágeis e não sustentam nenhuma das hipóteses.*

ou em termos de TECIDOS, quando se quer enfatizar a relação entre os elementos na sua organização interna:

e.g. *Essas idéias não estão bem costuradas.*

*A teoria ainda está mal-alinhavada, mas parece interessante.*

*Quero tecer algumas considerações a esse respeito.*

Por outro lado, os termos usados para falar de TEORIAS também são usados para falar de outros domínios:

e.g. *A confiança é a base do casamento.*

*O Banco Central é a pedra angular do sistema bancário nacional.*

Algumas vezes, os mapeamentos metafóricos são organizados de forma hierárquica, com os mapeamentos mais baixos herdando as estruturas dos mais altos. Lakoff (1993:222-223) cita o seguinte exemplo:

Nível 1: a metáfora de estrutura de evento

Nível 2: UMA VIDA COM PROPÓSITO É UMA VIAGEM

em que o domínio-alvo da metáfora de estrutura de evento – nível 1 - é *eventos* e o domínio-fonte, *espaço*. Sua ontologia é a seguinte:

- estados são localizações (regiões limites no espaço)
- mudanças são movimentos (dentro ou fora das regiões limites)
- ações são locomoções auto-impelidas
- propósitos são destinos
- meios são caminhos para os destinos
- dificuldades são impedimentos à locomoção
- progresso esperado é um cronograma de viagem; um cronograma é um viajante virtual, que chega aos destinos programados nos tempos programados
- atividades a longo prazo e com objetivos são viagens

E assim explica Lakoff\*(id ibid):

Na nossa cultura, espera-se que as pessoas tenham objetivos na vida. Na metáfora da estrutura de eventos, os propósitos são destinos e a ação com propósito é uma locomoção auto-impelida em direção a um destino. Uma vida com propósitos é uma atividade a longo prazo, com objetivos; portanto, uma viagem. Os objetivos da vida são destinos na viagem. As ações que se tomam na vida são locomoções auto-impelidas, e a totalidade dessas ações forma um caminho no qual esse alguém se move. Escolher um meio para atingir um objetivo é escolher o caminho para chegar a um destino. As dificuldades da vida são impedimentos a essa locomoção. Os eventos externos são objetos enormes que se movem impedindo a locomoção de alguém para atingir seus objetivos. O progresso que se espera na vida é visto em termos de um plano de vida, que é conceitualizado como um viajante virtual que espera conseguir cumpri-lo.

O que Lakoff mostra com isso é que a metáfora do nível 2 (UMA VIDA COM PROPÓSITO É UMA VIAGEM) usa toda a estrutura da metáfora de estrutura de evento, uma vez que os eventos da vida, conceitualizados como propósitos, são subcasos dos eventos em geral. Análise semelhante, ele faz com metáforas em um nível hierárquico 3, AMOR É UMA VIAGEM e UMA CARREIRA É UMA VIAGEM.

Em resumo. A metáfora conceitual é um recurso cognitivo usado para entender domínios pouco estruturados, cuja natureza da experiência humana não permite uma representação direta, através de domínios melhor estruturados, mais próximos da experiência do homem com o seu próprio corpo e o mundo. Embora muito do sistema conceitual humano seja metafórico, uma parte significativa não o é, e o entendimento metafórico é baseado no

entendimento não metafórico. Isto é, os domínios-fonte de muitas metáforas são entendidos em termos da experiência corpórea do homem em relação a coisas consideradas físicas (como árvore, bola, perna, braço), conceitualizadas não metaforicamente (Lakoff & Turner, 1989:59).

A metáfora é um mapeamento, unidirecional, que obedece a certos princípios, e por isso nem todos os aspectos do domínio-fonte são obrigatoriamente mapeados no domínio-alvo. Os diversos mapeamentos que formam o sistema metafórico do homem não ocorrem isoladamente, mas fazem parte de uma rede de conceitos interrelacionados. Por exemplo, um único domínio abstrato, pouco delineado, pode ser estruturado em termos de diferentes domínios concretos, e, de forma semelhante, um único domínio concreto pode estruturar diferentes domínios abstratos. Além disso, alguns mapeamentos podem ser estruturados hierarquicamente, herdando as estruturas das categorias mais altas.

Vários estudos psicolinguísticos experimentais apontam evidências da metáfora conceitual. Destacam-se, entre eles, os trabalhos de Gibbs e colaboradores, cuja motivação principal tem sido investigar a possibilidade de as metáforas terem os sentidos que têm exatamente por serem motivadas pelo conhecimento conceitual, que é metafórico (Gibbs, 1993a:67). Os resultados mais relevantes dos seus estudos estão resumidos a seguir.

### **1.6. Evidências Psicolinguísticas da Metáfora Conceitual**

Na visão tradicional, as expressões idiomáticas são consideradas metáforas mortas ou congeladas, por não despertarem mais, segundo essa visão, qualquer relação com a metáfora subjacente, uma vez que a ligação arbitrária com os seus significados figurados é altamente convencional. Entretanto, os estudos empíricos de Gibbs e seus colaboradores têm mostrado que as expressões idiomáticas não são metáforas mortas com significados que não podem ser decompostos, nem que seus significados figurados são arbitrariamente estipulados e listados como paráfrases literais simples no léxico mental.

Uma série de experimentos mostrou que várias expressões idiomáticas não perdem sua idiomaticidade ao sofrerem alterações na sua estrutura sintática, por exemplo, a frase *John laid down the law* pode ser mudada para a passiva, *the law was laid down by John*, sem prejuízo de seu significado figurado (Gibbs & Nayak, 1989). Fenômeno semelhante pode ocorrer também quando um dos elementos da expressão é substituído por outro dentro do mesmo campo

semântico, por exemplo, usar *eat one's word* por *swallow one's word* (Gibbs et al, 1989). Nayak & Gibbs (1990) mostraram que apesar de certas expressões idiomáticas terem significados convencionais semelhantes (e.g. *blow your stack* e *bite your head off* expressam raiva em grau extremo), os sujeitos deram preferência a expressões como *blow your stack* para contextos favoráveis à metáfora A RAIVA É UM FLUIDO AQUECIDO SOB PRESSÃO e *bite your head off* para os favoráveis à A RAIVA É UM COMPORTAMENTO ANIMALESCO. Além disso, consideraram fatores temporais internos às expressões, compatíveis com os mapeamentos dessas metáforas conceituais. Por exemplo, em histórias favorecendo à metáfora A RAIVA É UM FLUIDO AQUECIDO SOB PRESSÃO, os sujeitos usaram a seguinte ordem *very tense, making her fume, getting hotter, the pressure was really building up e reaching its limits*.

Esses resultados experimentais contribuem para a idéia de que os significados figurados das expressões idiomáticas podem estar relacionados a várias metáforas conceituais que existem independentemente como parte do nosso sistema conceitual. Gibbs sugere que *as pessoas compreendem as expressões idiomáticas porque taticamente reconhecem o mapeamento metafórico entre dois domínios conceituais de informação que explicam parcialmente porque elas significam o que significam* (Gibbs, 1993b:272).

Para investigar a influência das metáforas conceituais nos significados figurados de expressões idiomáticas, Gibbs & O'Brien (1990) desenvolveram uma pesquisa para examinar as imagens mentais de grupos de expressões idiomáticas com significados figurados semelhantes relacionados a revelação de segredos (e.g. *spill the beans*), raiva (e.g. *hit the ceiling*), insanidade (e.g. *go off your rocker*), mistério (e.g. *keep it under your hat*) e exercício de controle (e.g. *lay down the law*). Após solicitarem aos sujeitos que formassem uma imagem mental da expressão idiomática, e.g. *spill the beans* (espalhar os feijões [ao pé da letra] = revelar um segredo), foram feitas várias perguntas do tipo: *Onde estavam os feijões antes de serem espalhados? Qual o tamanho do recipiente? Os feijões estão crus ou cozidos? Foram espalhados de propósito ou acidentalmente? Onde estão agora os feijões espalhados? Estão espalhados num monte bem arrumado? Onde era para estarem? Depois que foram espalhados, estão fáceis de serem recolhidos?*

Os resultados mostraram alta consistência nas descrições das imagens mentais feitas pelos sujeitos para as diferentes expressões idiomáticas com significados figurados semelhantes. As respostas às perguntas sobre causas e conseqüências das ações descritas nas

imagens também foram bastante consistentes. Por exemplo, ao imaginarem a expressão *spill the beans*, os sujeitos relataram que os feijões estão em alguma panela mais ou menos do tamanho da cabeça de uma pessoa, estão crus, foram espalhados acidentalmente pelo chão e estão difíceis de serem recolhidos.

Ao contrário do que aconteceu com as expressões idiomáticas, testes subseqüentes mostraram que houve muito pouca consistência entre as imagens mentais formadas pelos sujeitos para paráfrases das expressões acima (e.g. *revelar um segredo*) ou para expressões literais relacionadas a elas (e.g. *spill the peas* para *spill the beans*), assim como entre as respostas das perguntas sobre causalidade, intencionalidade, modo e conseqüência sobre as ações dessas imagens. Portanto, apenas conhecer o significado figurado de uma expressão idiomática não explica por que as pessoas têm um conhecimento sistemático de suas imagens. Os resultados de Gibbs & O'Brien são compatíveis com a idéia de que existem metáforas conceituais subjacentes às expressões idiomáticas, motivando-as pelo menos parcialmente.

Estudos mais recentes mostram como acarretamentos específicos das expressões idiomáticas refletem os mapeamentos do domínio-fonte no domínio-alvo que preservam a topologia cognitiva dos domínios-fonte, i.e., suas estruturas de esquema de imagem. Gibbs (1992) analisou a possibilidade de prever, pelo menos parcialmente, os significados de certas expressões idiomáticas com base na compreensão não-lingüística de seus domínios-fonte. Por exemplo, para o domínio-fonte da metáfora A RAIVA É UM FLUIDO AQUECIDO EM UM RECIPIENTE, foi solicitado aos sujeitos que imaginassem um recipiente hermeticamente fechado, cheio de fluido, e, em seguida, que respondessem perguntas relativas às imagens formadas sobre causalidade (e.g. *o que pode fazer o recipiente explodir?*), intencionalidade (e.g. *o recipiente explode de propósito ou independente de sua própria vontade?*) e modo (e.g. *a explosão ocorre de forma suave ou violenta?*). Não foi feita qualquer alusão a uso ou significado de expressões idiomáticas. Os resultados mostraram alta consistência entre as respostas dos vários sujeitos. Assim, para o exemplo acima, as pessoas responderam que a causa de um recipiente fechado explodir é a pressão interna causada pelo aumento da temperatura do fluido que está dentro dele; que a explosão não é intencional, porque recipientes e fluidos não têm atos intencionais; e que a explosão ocorre de forma violenta.

Estudos controles mostraram que os significados das palavras individualmente nas expressões idiomáticas não são suficientes para explicar as inferências complexas que as

peças fazem sobre os seus significados. As peças não traçam as mesmas inferências de causalidade, intencionalidade e modo quando compreendem paráfrases literais de expressões idiomáticas, do tipo *get very angry* (ficar com muita raiva). Experimentos adicionais mostraram que as peças acham que as expressões idiomáticas são mais apropriadas e mais fáceis de entender quando são vistas em contextos discursivos consistentes com os vários acarretamentos dessas expressões, que, novamente, foram previstas antes, a partir da análise não lingüística dos conceitos do domínio-fonte.

Fenômenos semelhantes foram observados com outras formas metafóricas. Gibbs, Strom & Spivey (1993) usaram procedimentos semelhantes para investigar se os significados figurados de provérbios eram motivados por mapeamentos metafóricos subjacentes. As imagens mentais formadas pelas peças e as respostas sobre causalidade, intencionalidade, reversibilidade e o modo das ações descritas em suas imagens também foram altamente consistentes. Por exemplo, a experiência de mundo do homem mostra que as pedras podem rolar morro abaixo ou ficar cheias de musgo de várias formas diferentes, mas os participantes da pesquisa não relataram grande variedade de imagens mentais para o provérbio *A rolling stone gathers no moss*. Pelo contrário, de modo geral, relataram que a pedra era redonda e lisa, que rolou por uma vertente coberta de grama, e que teve que passar por muitos solavancos até chegar ao final da rampa. Como também foi para o caso das expressões idiomáticas, o elo entre os significados literal e figurado do provérbio não foi simplesmente a correlação entre os significados das palavras. Um outro estudo mostrou que houve uma variabilidade nas imagens mentais das peças ao combinarem expressões literais como *A decaying fish pollutes the entire tank* (em vez do provérbio *One rotten apple spoils the barrel*). As teorias tradicionais não têm explicação para tamanha regularidade nas imagens mentais que as peças formam de expressões idiomáticas e provérbios, mas essa consistência pode ser explicada pela influência restringida pelas metáforas conceituais que fornecem parte da ligação entre uma expressão idiomática ou um provérbio e seu significado figurado.

Recentemente Gibbs et al (1997) examinaram, através do método de *priming*<sup>13</sup>, o papel da metáfora conceitual na compreensão imediata das expressões idiomáticas. Os resultados

---

<sup>13</sup> Métodos de *priming* pressupõem que um determinado termo, tendo feito contato com sua representação na memória, ativa-a e espalha essa ativação para outros conceitos a ele relacionados na representação, tornando, a partir de então, o acesso a esses outros conceitos mais rápidos (Haberlandt, 1994:15).

mostraram que as pessoas acessam metáforas conceituais quando entendem expressões idiomáticas, e que fazem isso de forma bastante específica. Por exemplo, em expressões como *blow your stack*, acessam a metáfora conceitual RAIVA É AQUECIMENTO, enquanto em expressões como *jump down your throat* acessam RAIVA É UM COMPORTAMENTO ANIMALESKO.

Os dados de Gibbs e colaboradores têm sido apontados como evidências de que os mapeamentos metafóricos entre os domínios fonte e alvo na memória a longo prazo preservam aspectos críticos de seus domínios-fonte (i.e. sua topologia cognitiva) – mapeamentos que influenciam diretamente a compreensão que as pessoas têm de expressões idiomáticas, provérbios ou outros tropos. Por exemplo, segundo a Linguística Cognitiva, as pessoas entendem expressões idiomáticas como *blow your stack*, *flip your lid* e *hit the ceiling* porque conceitualizam metaforicamente a raiva em termos de um fluido aquecido em um recipiente (Kövecses, 1986; Lakoff, 1987). Mesmo não sendo possível prever as expressões idiomáticas ou expressões convencionais que devem aparecer na língua, a existência das metáforas conceituais sugere uma motivação parcial para o uso de expressões específicas, como *blow your stack*, *get pissed off*, para se referir a certos eventos, como *ficar com muita raiva* (Gibbs, 1996).

Entretanto, a teoria da metáfora conceitual ainda deixa várias questões em aberto, como, por exemplo, se as pessoas precisam computar ou acessar uma metáfora conceitual na compreensão imediata (on-line) de uma expressão idiomática, ou de que forma ela é utilizada para interpretar os diversos significados de metáforas mais criativas ou poéticas (Gibbs et al., 1997:150). Além disso, vários aspectos da teoria têm sido questionados por outros estudiosos, cujas críticas principais estão apresentadas na seção que se segue.

### **1.7. Críticas à Teoria**

Para muitos estudiosos, a identificação dos sistemas lingüísticos subjacentes às metáforas conceituais apenas dá uma explicação motivada do comportamento lingüístico, e não revela necessariamente que as pessoas pensam sobre vários conceitos em termos de metáforas (Murphy, 1996; Glucksberg & Keysar, 1993). Os psicólogos cognitivos, por exemplo, esperam evidências de que o pensamento metafórico tem algum papel na forma como as pessoas aprendem as metáforas verbais ou as produzem e compreendem no discurso

cotidiano, pois seus interesses estão na arquitetura da mente e nas computações mentais que operam dentro do sistema representacional. Não aceitam, entretanto, hipóteses baseadas em especulações intuitivas dos pesquisadores, mesmo que essas especulações sejam resultados de uma análise sistemática da estrutura e do comportamento lingüísticos, como os estudos realizados pelos lingüistas cognitivos de modo geral. O que desejam é poder prever esse comportamento de acordo com um método hipotético-dedutivo de inferência científica (Gibbs, 1998:93).

Entretanto, a Lingüística Cognitiva não tem se preocupado com questões dessa natureza (ibid:92). Uma vez que o conhecimento é visto como algo que nasce da interação do corpo do homem com o mundo, as pesquisas nessa área têm se dedicado a identificar as crenças e conceitos específicos que o homem tem e a entender como ele vem a saber o que sabe sobre si mesmo e o mundo. É com base na análise de padrões sistemáticos de estruturas lingüísticas que tenta inferir algo sobre o conhecimento conceitual.

Essa metodologia, no entanto, tem apresentado alguns problemas. Vários estudiosos têm encontrado dificuldade em conciliar a emergência experiencialista da metáfora com determinados casos que têm aparecido em análises de certos sistemas lingüísticos metafóricos. As questões controversas estão basicamente relacionadas à pobreza de alguns mapeamentos, à falta de base experiencial clara entre os domínios fonte e alvo, e à falta de consistência entre mapeamentos relacionados (Grady et al, 1996; Grady, 1997a, 1997b, no prelo).

O mecanismo *anular no domínio-alvo*, através do Princípio de Invariância, como visto no início deste capítulo, só é invocado nos casos onde existe uma clara contradição entre os domínios fonte e alvo. É o que ocorre com *dar*, quando continuamos a *ter* o amor que *damos para uma outra pessoa*. Existem várias metáforas conceituais que não apresentam essa contradição e, no entanto, apenas alguns poucos itens de seu domínio-fonte estão mapeados no domínio-alvo. Por exemplo, na metáfora TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS, normalmente não se fala em *corredores*, *esgotos* ou *janelas das teorias*. Embora, através de uma metáfora nova tais elementos possam ser lexicalizados<sup>14</sup>, a teoria não tem um mecanismo rigoroso e consistente para explicar esse tipo de lacuna. Entretanto, uma teoria comprometida com explicações e

---

<sup>14</sup> Por exemplo: *Você passou pelos corredores da teoria, mas não entrou de fato em nenhuma sala; Para uma teoria de categorização, ela está muito cheia de janelas.*

análises baseadas em experiências plausíveis ou corpóreas deveria explicar os princípios que fazem com que algumas metáforas possam estar no repertório conceitual e outras não.

Várias das metáforas conceituais propostas e discutidas pela teoria da metáfora conceitual não sugerem correlações diretas com uma base experiencial com o corpo. No caso da metáfora TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS, não parece haver uma correlação experiencial relevante entre edifícios e teorias como acontece com a metáfora MAIS É PARA CIMA, em que a experiência mostra claramente que à medida que mais objetos são acrescentados a uma pilha ou mais líquido a uma jarra, o nível dessa pilha ou desse líquido sobe. É essa experiência de ocorrência frequente que gera uma metáfora correlacionando MAIS e PARA CIMA. Em TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS, não estão claras quais são as bases experienciais que geram essa metáfora, restringindo-a de tal forma que elementos em evidência, como as janelas do edifício, não sejam mapeados. Além disso, não há uma compreensão clara e consistente sobre o que é considerado como base experiencial, nem do que poderia ser a tipologia dessas bases experienciais (Grady et al, 1996:179).

A teoria da metáfora conceitual não especifica adequadamente a relação entre as metáforas que parecem estar estreitamente relacionadas, as chamadas metáforas múltiplas, que compartilham domínios comuns. Às vezes fica difícil determinar se elas são versões da mesma metáfora, em níveis hierárquicos diferentes, ou se são metáforas não relacionadas, que compartilham grande parte de sua estrutura e conteúdo. A explicação da base experiencial de algumas expressões metafóricas exige a análise de grandes complexos metafóricos. Por exemplo, *sobrecarregados*, na sentença *Os alunos estão sobrecarregados de provas*, é explicado como tendo o sentido que tem por ser um exemplo do mapeamento DIFICULDADES SÃO FARDOS, que por sua vez é um caso especial de DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS À LOCOMOÇÃO, que é um submapeamento de AÇÃO É UMA LOCOMOÇÃO AUTO-IMPELIDA, que é um dos ramos da metáfora de estrutura de evento. Segundo alguns estudiosos, esse procedimento, além de ser muito complexo e de relacionar expressões de mapeamentos pouco relacionados um ao outro, como, no caso, *locomoção* e *fardo*, encobre o *status* cognitivo e a motivação dos correspondentes mais básicos (ibid:179). O domínio AMOR, por exemplo, tem sido considerado problemático, entre outras coisas porque alguns de seus diversos

mapeamentos metafóricos<sup>15</sup> apresentam aparente contradição (Murphy, 1996). Por exemplo, os amantes, na metáfora O AMOR É UMA VIAGEM, são vistos como indivíduos com interesses comuns (são viajantes no mesmo veículo, cujo objetivo é chegar ao mesmo destino), enquanto, na metáfora O AMOR É UMA MERCADORIA VALIOSA, são vistos como indivíduos com interesses opostos (são negociantes, cujos objetivos são os lucros individuais).

Como solução para as questões colocadas acima, Grady e colaboradores propõem um refinamento na teoria da metáfora conceitual. Na nova visão, as metáforas conceituais ou são primárias ou compostas de primárias. As primárias, por definição, têm base experiencial independente, e suas instanciações partem de evidências lingüísticas independentes de qualquer metáfora composta. As metáforas coerentes podem ser combinadas, resultando nas compostas.

A vantagem da decomposição da metáfora, segundo esses autores (Grady, 1997), é que ela permite (1) explicar ou prever quais elementos de um cenário complexo são mapeados num conceito-alvo e quais não são, de uma forma específica e através de regras; (2) fazer afirmativas de mapeamentos metafóricos mais de acordo com o mapeamento em si; (3) estabelecer de forma clara e eficiente as relações entre metáforas complexas que compartilham claramente alguns elementos e diferem em outros; e (4) mudar o foco para aquelas correspondências metafóricas que nascem diretamente da experiência.

### **1.8. A Metáfora Primária**

Na teoria tradicional da metáfora conceitual, como apresentado no início deste capítulo, a metáfora é vista como um recurso para entender domínios mais complexos, abstratos, pouco estruturados, cuja natureza da experiência humana não permite uma representação direta, através de domínios mais simples, mais concretos, melhor estruturados. Na visão de Grady e colaboradores, ela é gerada através de correlações entre dimensões distintas da experiência. Segundo eles, os conceitos-alvo, sendo elementos tão fundamentais e

---

<sup>15</sup> Jennifer Hamblin, aluna de Gibbs, listou 27 mapeamentos do domínio AMOR, encontrados na literatura (comunicação pessoal). Parte desses mapeamentos pode ser encontrada em Murphy (1996).

familiares da experiência cognitiva do homem<sup>16</sup>, não podem ser mais complexos que os seus conceitos-fonte correspondentes.

Considerar a emergência da metáfora como resultado de correlações entre experiências externas e estados emocionais e cognitivos internos pode constituir-se em um problema, uma vez que a correlação em si é bidirecional (Sweetzer, 1990:30). E a unidirecionalidade é uma característica importante da metáfora conceitual (Pires de Oliveira, 1995:64). Grady e colaboradores não apresentam uma explicação satisfatória sobre a questão da direcionalidade, mas fazem algumas sugestões, baseadas em seus pressupostos teóricos, expostos a seguir.

Para os conceitos fonte e alvo se unirem cognitivamente, eles devem compartilhar estruturas esquemáticas em algum nível. Diferentemente das idéias sobre a metáfora conceitual, essas estruturas não podem ser de esquema de imagem, pois, para Grady, apenas os conceitos diretamente relacionados à experiência sensorial humana (de qualquer tipo) têm conteúdo de imagem. Enquanto os conceitos-fonte se correlacionam mais especificamente com *inputs* sensoriais do mundo físico, os conceitos-alvo se relacionam a vários tipos de respostas a esses *inputs*, como julgamentos e análises de estímulos individuais e de relações entre eles. Portanto, apenas os conceitos-fonte têm conteúdo de imagem. Os conceitos-alvo são mais subjetivos, mais ligados a estados internos, por isso não têm conteúdo de imagem. Em outras palavras, os conceitos-alvo correspondem a operações sobre conceitos que têm estrutura esquemática de imagem (e.g. julgamos que certas cores são semelhantes, notamos que uma configuração espacial segue ou causa outra), e operações em si mesmas não têm conteúdo na forma de imagens (Grady, 1997b:188). Ao contrário de construtos mais altos, os conceitos-alvo parecem estar no nível mais baixo de processamento cognitivo acessível conscientemente, ou pelo menos num nível distinto daquele do esquema de imagem.

Uma das hipóteses de Grady (ibid:165) é que a natureza do sistema conceitual humano manipula imagens, de qualquer modalidade e em qualquer nível de complexidade, com mais facilidade que os tipos de conceitos que servem de domínio-alvo<sup>17</sup>. Logo, se não há acesso

---

<sup>16</sup> Como visto anteriormente, Lakoff & Johnson (1980) já diziam que as experiências emocionais humanas são tão básicas quanto suas experiências espaciais e perceptuais.

<sup>17</sup> Várias pesquisas sugerem que o homem é melhor equipado para manipular conceitos e proposições que têm conteúdo de imagem do que os que não têm (Grady, 1997b:174).

consciente direto aos mecanismos cognitivos relacionados a esses conceitos, são usadas as imagens associadas a eles para colocá-los em um nível consciente (ibid:174).

A base da metáfora é a *cena primária* – uma representação cognitiva de um tipo de experiência recorrente (que pode ser caracterizado a um nível local sem muitos detalhes), que envolve uma estreita correlação entre duas dimensões de experiência (Grady, 1997b:86; no prelo). Os domínios fonte e alvo estão relacionados porque têm estreita correlação em suas cenas primárias (Grady, 1997b:162). Não envolvem características compartilhadas, mas somente co-ocorrência. Por exemplo, freqüentemente, o homem tem fome. Essa experiência – ter fome – é entendida de alguma forma e uma delas diz respeito ao desejo por comida que é experienciado sempre que tem fome. Logo, o mapeamento entre desejo e fome nasce de cenas recorrentes nas quais são experienciados a sensação física de fome e o desejo simultâneo de comida que vai satisfazê-la. Ou seja, experienciar a sensação física da fome implica experienciar também o desejo de comer.

Em resumo, os domínios-fonte das metáforas conceituais podem ser caracterizados da seguinte forma (ibid:139-151):

1. têm conteúdo de imagem, pois são definidos por sensações ou *input* sensoriais.
2. esse conteúdo de imagem está num determinado nível esquemático de especificidade – é um elemento esquemático de várias imagens e não de imagens ricas ou de imagens específicas<sup>18</sup>.
3. referem-se a experiências simples, num sentido fenomenológico – não envolvem muitos detalhes nem muitas cenas, que poderiam ser usadas como conceitos-fonte.
4. as experiências se relacionam a metas ou ações dirigidas a realizações de metas de forma previsível: nem todo domínio experiencial simples serve como conceito-fonte, ele precisa estar fortemente correlacionado com algum outro domínio experiencial. Cor é um conceito simples, mas não está correlacionado a nenhum outro domínio experiencial. Por exemplo, em inglês, o azul está associado à tristeza, mas as pessoas não se sentem tristes sempre que vêem a cor azul.
5. as experiências são auto-contidas o suficiente para serem componentes distintos e salientes de cenas dirigidas a realizações de metas: devem ser rotinas completas o suficiente para estarem associadas com a realização de objetivos. Por exemplo, *dobrar os dedos* não faz

---

<sup>18</sup> Para uma melhor distinção entre esquemas de imagem e imagens ricas, ver Johnson, 1987:24-28.

parte de nenhuma cena específica de nossas experiências, mas *agarrar* ocorre sempre que se quer controlar, movimentar e manter a posse de objetos.

6. devem se referir a elementos universais da experiência do homem: precisam estar estreitamente correlacionados com alguma cena que relacione seus objetivos e propósitos.
7. têm que ser inerente à experiência humana, no sentido em que não é aprendido (é um subproduto dos outros fatores).
8. são relacionais: parece que se referem a propriedades de objetos, relações entre objetos ou ações envolvendo objetos, mas não a objetos propriamente ditos. Assim não incluem *coisas* (como cachorros ou árvores). São conceitos relacionais e não nominais.

E os domínios-alvo, que são elementos das mesmas experiências que dão aos conceitos-fonte suas significâncias, apresentam as seguintes características (ibid, 1997b:152):

1. não têm conteúdo de imagem: podem ser detectados em vários domínios, incluindo os não físicos.
2. referem-se a unidades ou parâmetros básicos da função cognitiva, nos níveis em que o homem tem acesso consciente direto (ou imediatamente abaixo deles).

Todos esses conceitos que dizem respeito à emergência das metáforas correlacionais aplicam-se diretamente apenas às metáforas primárias, pois as metáforas compostas são complexos de metáforas primárias, e, portanto, geradas através de outro processo.

Parece estranho Grady e colaboradores não considerarem uma certa influência cultural nas experiências básicas, uma vez que elas envolvem aspectos perceptuais<sup>19</sup>. Nesse sentido, as experiências corpóreas, mesmo as mais diretas (aquelas consideradas universais), podem não ser percebidas da mesma forma nas diversas culturas, fazendo com que a correlação entre as mesmas experiências recorrentes e co-ocorrentes gere, em cada língua, tanto metáforas primárias semelhantes, quanto ligeiramente diferentes, ou até mesmo completamente diferentes.

Lakoff (1993:241) afirma que as bases experienciais motivam as metáforas mas não as predizem, porque a experiência humana com o corpo também envolve aspectos culturais.

---

<sup>19</sup> Isso lembra a questão do relativismo lingüístico. Para uma discussão da diferença entre o relativismo de Whorf e a posição da Lingüística Cognitiva, ver capítulo 10 de Gibbs (1994). Ver também resenha sobre o relativismo lingüístico em Katz (1998:13-19).

Assim, uma metáfora como MAIS É EM CIMA poderia não acontecer em todas as línguas (por algum tipo de restrição cultural), apesar de todos os seres humanos terem a experiência da correlação entre MAIS e EM CIMA. O que a base experiencial pode prever é que a metáfora inversa, EM CIMA É MAIS, não existe em nenhuma língua. Além disso, pode prever também que os falantes de línguas que não tenham a metáfora MAIS É EM CIMA são capazes de aprendê-la com mais facilidade que a metáfora inversa, EM CIMA É MAIS. Provavelmente, Lakoff (ibid.) não tem dados empíricos que ilustrem línguas sem a metáfora MAIS É EM CIMA, uma vez que não os usou, mas admite a possibilidade por uma questão teórica.

Entretanto, é possível que esses aspectos culturais envolvidos nas bases experienciais defendidos por Lakoff digam respeito somente ao fato de os homens terem corpos como os que têm num mundo como o que vivem, de forma universal, i.e., por serem seres humanos vivendo num planeta com as características da Terra, em que noções de verticalidade, por exemplo, são determinadas pela gravidade, entre outras coisas. Como são aspectos culturais comuns a todo ser humano, não parece haver sentido em discuti-los. Parece que Grady e colaboradores assumem esse pressuposto, quando falam de uma experiência humana universal sem particularidades culturais.

Aspecto cultural, para Grady e colaboradores, parece envolver alguma forma de aprendizagem, como fazer torradas ou subir escadas<sup>20</sup>, com nenhum aspecto inerente ou universal da experiência humana. Coisas como cachorro ou árvore também são aprendidas e não co-ocorrem com nenhuma experiência do homem especificamente; pelo contrário, estão envolvidas em muitas e diferentes atividades e cenários experienciados. Diferentemente, ter fome, deglutir e erguer objetos são experiências universais inerentes a qualquer um (Grady, 1997b:149-150), e, caso envolvam algum tipo de aprendizagem, esta é parte da herança biológica do ser humano. É esse tipo de experiência que serve de base para as metáforas primárias. Uma análise de várias delas, em diversas línguas, poderia mostrar se as experiências inerentes a todo homem são, de fato, conceitualizadas de formas semelhantes, sem influências culturais.

---

<sup>20</sup> Subir escadas envolve conhecer uma escada.

### 1.9. *Metáfora Composta*

A metáfora composta é um complexo formado de duas ou mais metáforas primárias. O processo da composição metafórica é o de unificação de metáforas coerentes, que ocorre de forma análoga aos processos nas gramáticas baseadas em unificação (Grady, 1997b:48). Ou seja, duas metáforas podem combinar-se, produzindo uma imagem metafórica que é mais específica do que as originais. A metáfora resultante da unificação inclui todas as informações das metáforas componentes, i.e., a lista de todas as correspondências e proposições das metáforas componentes. Nesse sentido, a unificação de metáforas é um processo monotônico.

A metáfora TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS, por exemplo, é composta das seguintes metáforas primárias, segundo Grady e colaboradores: ORGANIZAÇÃO É UMA ESTRUTURA FÍSICA e MANTER-SE INTACTO É MANTER-SE ERETO. Através do processo de unificação resultam na metáfora composta, ORGANIZAÇÃO SÃO ESTRUTURAS FÍSICAS ERETAS, subjacente a TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS. A lista de correspondências dessa unificação é:

entidade abstrata complexa	objeto físico complexo
constituintes abstratos de entidade	partes físicas
relações lógicas (etc.) entre constituintes	combinação física das partes
persistência	manter-se ereto/verticalidade

Além das correspondências, existem outras informações acarretadas por essa unificação. É parte do conhecimento humano sobre os objetos estruturados eretos que existe uma dependência assimétrica entre suas partes, resultante dos efeitos assimétricos da gravidade: algumas partes devem servir de suporte para outras. Essa proposição é mapeada no domínio das teorias e é capturada pela seguinte correspondência: A DEPENDÊNCIA ASSIMÉTRICA DE ALGUMAS PARTES A OUTRAS É SUSTENTAÇÃO FÍSICA (Grady, 1997:49). As correspondências resultantes da unificação são:

entidade abstrata complexa	objeto físico complexo
constituintes abstratos de entidade	partes físicas
relações lógicas (etc.) entre constituintes	combinação física das partes
persistência	manter-se ereto/verticalidade

dependência assimétrica de alguns  
elementos em outros

sustentação

Essa forma de análise resolve os vários problemas levantados com a teoria tradicional da metáfora conceitual. As lacunas desaparecem, pois a metáfora só trabalha com a parte estrutural de edifício. Isso explica, por exemplo, por que convencionalmente não se fala em *janelas ou corredores de teorias*, mas em *estrutura, suporte, fundação*, etc. da teoria. Elimina-se também a falta de base experiencial. Por exemplo, na metáfora primária ORGANIZAÇÃO É UMA ESTRUTURA FÍSICA, a percepção de objetos cujas formas sugerem partes distintas (e.g. as pernas de uma mesa) é correlacionada com entendimentos das relações lógicas/causais (e.g. inferências sobre gravidade etc. – as pernas sustentam a mesa).

Além disso, explica-se a relação entre as metáforas complexas. Elas estão relacionadas por causa, e em termos, das metáforas primárias que compartilham, e não estão relacionadas quando não compartilham metáforas primárias. As metáforas primárias podem se combinar de diversas formas. Por exemplo, ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA não tem que ocorrer sempre com MANTER-SE INTACTO É MANTER-SE ERETO. Ela pode ocorrer em combinação com INTERRELACIONADO É SER TECIDO, o que explicaria a metáfora TEORIAS SÃO TECIDOS e sua relação com TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS. Isso explicaria também a questão das metáforas múltiplas.

Quanto às metáforas novas que usam partes não convencionais de metáforas conceituais (por exemplo, *janelas de teorias*), elas não são entendidas como instanciações dessas metáforas, mas formas licenciadas e interpretadas por estruturas metafóricas adicionais, que não estão convencionalmente associadas às metáforas conceituais, mas que existem independentemente e podem, portanto, unificar-se com elas.

Nem toda metáfora pode ser combinada através de unificação. As restrições na construção das metáforas compostas nascem da disputa de compatibilidade lógica dos mapeamentos primários. Não dá para unificar TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO com TEMPO É UMA PAISAGEM SOBRE A QUAL NOS MOVEMOS, pois os momentos no tempo não podem ser simultaneamente associados com objetos em movimento e estáticos no domínio-fonte de espaço físico. Essa restrição pode ser entendida como o Princípio da Invariância.

Entretanto, a incompatibilidade entre os domínios explica porque determinadas metáforas não se combinam, mas não o que as unifica. Grady afirma que *tudo o que é necessário é que seja permitido que os mapeamentos metafóricos compatíveis se unifiquem* (1997b:217), mas não explicita qual é o mecanismo que *permite* a unificação. Em uma proposta como a de Grady, voltada para a base experiencial, a unificação não pode ser arbitrária, mas motivada por algum mecanismo cognitivo.

Grady e colaboradores não negam mas também não falam em influências culturais no processo de unificação das metáforas. Entretanto, é possível que enquanto a motivação subjacente à metáfora primária seja mais física que cultural (como as metáforas físicas de Lakoff & Johnson), estando presente nas diversas línguas e de forma semelhante em todas elas, a motivação subjacente à formação de metáforas compostas envolva aspectos culturais, i.e., a combinação das metáforas primárias ocorra devido a certos aspectos culturais, e, por isso, pode gerar metáforas compostas diferentes em cada língua.

### **1.10. Síntese**

A teoria da metáfora conceitual tem sido alvo constante de críticas relacionadas à própria natureza da metáfora conceitual. Os problemas são em vários níveis, de correspondências que não mapeiam e falta de base experiencial em certos mapeamentos até relações mal explicadas entre mapeamentos e dados lingüísticos pouco relacionados à sua proposição mnemônica hierárquica.

Grady e colaboradores, na busca de solução para esses problemas, propõem uma nova motivação para a emergência da metáfora conceitual. Na visão deles, as metáforas não envolvem domínios pouco delineados expressos em termos de domínios mais bem delineados, mas correlações entre dimensões de experiências distintas. Existem metáforas primárias e metáforas compostas de primárias. As primárias, por definição, têm base experiencial independente e direta, ou seja, são motivadas por experiências sensório-motoras, emocionais e cognitivas básicas, que não dependem de particularidades culturais, e são instanciadas por evidências lingüísticas independentes de qualquer composto. As metáforas coerentes entre si podem ser unificadas, resultando em metáforas compostas.

Essa decomposição da metáfora, segundo eles, resolve o problema das lacunas nos mapeamentos, permite estabelecer proposições mnemônicas mais de acordo com a metáfora que representa, explica de forma clara e eficiente o estabelecimento das relações entre metáforas complexas que compartilham alguns elementos e diferem em outros, e, principalmente, muda o foco para as correspondências que nascem diretamente da experiência do homem com o seu corpo e o mundo.

A noção de cenas primárias parece explicar melhor a emergência de metáforas conceituais a partir de experiências humanas universais, tendo em vista os dados lingüísticos. Entretanto, Grady e colaboradores não deixam muito claro que mecanismo faz certas metáforas se combinarem e formarem metáforas compostas, pois a incompatibilidade entre os domínios explica por que determinadas metáforas não se combinam, mas não o que as unifica. É possível que aspectos culturais estejam envolvidos nesse processo.

Entretanto, a composição de metáforas não faz exatamente parte do escopo deste trabalho, cujo objetivo se detém na análise da metáfora primária DESEJAR É TER FOME sob a perspectiva da proposta de Grady e colaboradores. Sua natureza será discutida, no próximo capítulo, através da análise de sua realização lingüística em inglês e em português. Em seguida, serão estabelecidas as hipóteses e a metodologia que deram rumo à investigação mais empírica, a ser apresentada nos capítulos subseqüentes.

## Capítulo 2 – DESEJAR É TER FOME

O interesse deste trabalho é estudar a base experiencial direta e independente da metáfora primária, segundo os termos de Grady e colaboradores. O aspecto mais interessante no refinamento da teoria da metáfora conceitual, proposto por esses autores, é a tentativa de buscar explicações para a emergência de todas as metáforas nas experiências corpóreas mais diretas, a partir de uma análise mais detalhada dos dados lingüísticos. Essas bases experienciais da metáfora, elementos fundamentais<sup>21</sup> mas pouco explícitos na teoria, têm uma tipologia clara na nova proposta: são experiências em dimensões distintas recorrentes e co-ocorrentes que motivam as metáforas. Assim, fala-se de desejo em termos de fome, porque sempre que se tem fome, experiencia-se também desejo de comer; fala-se de dificuldade em termos de peso, porque sempre que alguma coisa é erguida, a facilidade ou dificuldade dessa ação é experienciada. Essas bases experienciais, segundo Grady e colaboradores, são elementos da experiência humana universal, i.e., experiências sensório-motoras, emocionais e cognitivas básicas que não dependem de particularidades culturais. Portanto, as metáforas primárias, que têm base experiencial direta, devem ser as mais comuns translingüisticamente (Grady *et al.*, 1996:186).

A análise proposta por Grady e colaboradores estabelece uma certa previsibilidade, inclusive dos dados lingüísticos. Na teoria tradicional, as metáforas conceituais são identificadas a partir da análise das expressões lingüísticas: primeiro, observa-se alguma sistematização nas expressões lingüísticas; depois, identifica-se a metáfora conceitual subjacente a essa sistematização, e, finalmente, mais e mais expressões lingüísticas são usadas para confirmar a existência da metáfora. Ou seja, o elemento que serve para identificação da metáfora é o mesmo usado para sua confirmação. A proposta de Grady e colaboradores quer evitar essa circularidade. Segundo eles, é através da análise das cenas primárias geradas pela correlação entre os domínios fonte e alvo que uma metáfora conceitual pode ser confirmada.

---

<sup>21</sup> Lakoff & Johnson (1980:19) afirmam que nenhuma metáfora pode ser compreendida ou representada adequadamente independente de sua base experiencial.

Portanto, nossa análise começa pela identificação do mapeamento metafórico, a partir dos elementos envolvidos nos conceitos de *fome* e *desejo* e, em um segundo momento, é realizada a análise das expressões lingüísticas relacionadas à metáfora para confirmação do mapeamento. Nenhum dado lingüístico foi considerado no primeiro momento, apenas os critérios estabelecidos por aqueles autores para a identificação de domínios fonte e alvo de metáforas primárias.

### **2.1. O mapeamento**

Tanto a fome quanto o desejo são vontades físicas muito básicas e satisfazer cada uma delas é uma fonte de prazer, como diz Deignan (1997). Mas é preciso distingui-las. Enquanto a fome é uma experiência física direta, o desejo é uma experiência emocional. De acordo com Lakoff & Johnson (1980), embora as experiências emocionais sejam tão básicas quanto as físicas, elas (as emocionais) não são muito bem delineadas em termos do que se faz com o corpo – de forma que o menos claramente delineado é conceitualizado em termos do mais claramente delineado. Por isso fala-se de desejo em termos de fome. Grady e colaboradores, no entanto, defendem que a metáfora primária envolve uma correlação entre dimensões de experiências distintas (e.g. peso e dificuldade, quantidade e elevação vertical, semelhança e proximidade). Os conceitos fontes das metáforas primárias tendem a envolver conteúdo sensorial e os alvos, respostas ao input sensorial (e.g. “peso” é experienciado diretamente através dos sentidos, “dificuldade” é uma experiência decorrente da recorrência de eventos de levantamento de peso). Desse modo, *a metáfora DESEJAR É TER FOME nasce de cenas nas quais experienciamos a sensação física de fome e o desejo simultâneo de comida que sabemos vai nos satisfazer* (Grady 1997b:138).

Como o mapeamento metafórico se dá entre correspondências de cenas primárias, o primeiro aspecto importante para a análise de uma metáfora primária é a identificação das cenas primárias dos domínios fonte e alvo envolvidos. Semelhantemente ao mapeamento entre esquemas de imagem (da teoria da metáfora conceitual), as cenas primárias ocorrem no nível superordenado. Cenas detalhadas não servem como domínio-alvo, ou seja, no caso de DESEJAR É TER FOME, a propriedade da fome em si é insignificante, exceto como um elemento da cena em que ela é experienciada (Grady, 1997:138).

Para o estabelecimento das cenas primárias, partimos das definições dos domínios fonte e alvo:

**Fome<sup>22</sup>:**

- the uneasy or painful sensation caused by want of food; craving appetite. Also, the exhausted condition caused by want of food. (OED)
- a strong desire for food; the discomfort, weakness, or pain caused by a lack of food. (AHD)
- the feeling of pain, weakness, or discomfort that you get when you need something to eat. (CCD)
- the wish or need for food. Lack of food, esp. for a long period. (LDELIC)
- grande apetite de comer. Urgência de alimento. (NDLP, GNDLP)
- necessidade de nutrição, manifestada pela vontade de comer. (DLP)

**Faminto/ Esfomeado/Esfaimado:**

- to feel or suffer hunger. (OED)
- experiencing hunger. (AHD)
- when you are hungry, you want to eat because you have not eaten for some time and have an uncomfortable or painful feeling in your stomach. (CCD)
- feeling or showing hunger. (LDELIC)
- que tem fome. (NDLP)

As definições dos dicionários acima correspondem à primeira entrada e ao primeiro significado apresentado para fome e seus adjetivos<sup>23</sup>. Todos se referem à experiência física da fome, com alguma descrição de seus efeitos no corpo – *desconforto, fraqueza, dor, desejo por comida*. Não há exatamente diferença entre as duas línguas, a não ser o laconismo dos dicionários em português. É interessante, no entanto, contrastar a definição do dicionário com aquela encontrada em livros médicos, para uma definição mais específica sobre a fisiologia da fome, uma vez que é preciso estabelecer as cenas básicas envolvidas na sua experiência:

---

<sup>22</sup> Os termos em negrito correspondem ao conceito em si, abrangendo os termos em português e em inglês. Por exemplo, **Fome** corresponde a *fome e hunger*. As siglas que se seguem após cada definição correspondem às abreviaturas dos dicionários de referência; para identificá-los, consultar a Lista dos Dicionários Utilizados nas páginas iniciais desta tese.

<sup>23</sup> O primeiro significado em dicionários tradicionais se refere ao significado mais primário da palavra, i.e., aquele julgado central, o primeiro registrado. Os demais significados, de modo geral, são considerados extensões do primeiro (Costa Lima, 1995:23). Alguns dicionários mais modernos, baseados em bancos de dados, como o Collins Cobuild Dictionary, consideram frequência de uso, entre outras coisas, abolindo o caráter histórico da maioria dos dicionários tradicionais (CCD, 1987:xix).

O termo *fome* aplica-se ao desejo de alimento, e está ligado a um número de sensações objetivas. Por exemplo, [...] em uma pessoa que não come por muitas horas o estômago apresenta intensas contrações rítmicas denominadas contrações de fome. Além das dores provocadas pela fome, a pessoa faminta fica também mais tensa e cansada do que no estado normal, e em geral tem uma sensação estranha por todo o corpo que poderia ser descrita pela expressão não fisiológica de “tremor ou arrepio de fome”.

Alguns fisiologistas descrevem a fome como contrações tônicas do estômago. Entretanto, mesmo após a retirada total do estômago as sensações psíquicas da fome persistem, e a ânsia por alimento faz com que a pessoa procure suprir-se adequadamente de comida.

(Guyton, 1973:811-812)

A definição fisiológica não difere das definições dos dicionários, exceto quanto aos detalhes e linguagem técnica. Apesar de sua ênfase estar nos efeitos gerais e localizados da fome no corpo provocados pela falta de alimento, a expressão *ânsia por alimento* sugere desejo. Pelas definições todas, pode-se observar que três coisas estão envolvidas na sensação de fome: a necessidade, o desejo e o desconforto<sup>24</sup>. A necessidade do organismo de ser nutrido provoca o desejo de comer, em sua forma mais branda, e o desconforto, em sua forma mais aguda (The Encyclopaedia Britannica).

O desejo pela comida é descrito, de modo geral, pelo termo *apetite*, como se pode ver pelas definições a seguir:

**Appetite:**

- a desire for food or drink. (AHD)
- your appetite is your desire to eat and your feeling about how much you want to eat. (CCD)
- a desire or wish to have something, esp. food. (LDELC)
- vontade de comer; apetência. (NDLP)
- vontade de comer, muitas vezes até sem fome. (DLP)

**Definição fisiológica:**

- O termo “apetite” é utilizado amiúde como sinônimo de fome, só que em geral indica um desejo por tipos específicos de alimento em vez de uma comida qualquer. Portanto, o appetite contribui para que a pessoa escolha a qualidade do alimento. (Guyton, 1973)

O desejo parece ser inerente à fome, i.e., ter fome implica ter desejo por comida. Não é de se estranhar que todos os dicionários consultados definam fome também como desejo e que falar de desejo em termos de fome seja algo tão antigo – existem registros para o inglês

anteriores ao séc. XI (OED). Além disso, os dicionários etimológicos e *thesaurus*<sup>25</sup> relacionam fome com apetite/desejo. Portanto, entre os elementos importantes a serem mapeados no domínio-alvo está *apetite*. *A priori* não interessa se o termo *apetite* é aplicado num sentido amplo, como sinônimo de fome, ou se refere-se apenas ao desejo por determinados alimentos.

O desconforto presente na fome pode ser localizado ou generalizado (The Encyclopaedia Britannica). A dor de estômago, provocada pelas contrações, e a dor de cabeça, comuns quando se está há algum tempo sem comer, são sintomas localizados. A fraqueza, a sonolência, a vertigem são sintomas que afetam o corpo como um todo. A tensão também é um sintoma generalizado, mas que afeta o comportamento, provocando principalmente irritação e inquietação.

Um aspecto ainda não considerado é a estreita relação entre sede e fome. Na Enciclopédia Britânica, a entrada para *fome* começa da seguinte forma: ***Hunger and Thirst*** *are highly unpleasant sensations which arise when there is bodily need for food and water...* E continua: *... Appetite may be regarded as a primary and hunger and thirst as a secondary defence against the dangers of a serious reduction of the food and water supplies in the body.* O fato de a Enciclopédia Britânica colocar fome e sede como elementos de uma mesma experiência não é por acaso. Fisiologicamente, fome é depleção de açúcar e sede é depleção de água, dois elementos básicos para manutenção da vida. A falta desses elementos provoca a fome e a sede, respectivamente. Assim como a fome pode passar com a ingestão de líquidos (inclusive água), a sede também pode passar com a ingestão de alimentos sólidos. Fenomenologicamente, fome e sede são parte da mesma experiência. Dessa forma, ambos são considerados, neste trabalho, como elementos do mesmo domínio – o domínio fome.

Desejo, por sua vez, não está associado somente à fome, embora o termo *apetite* apareça com frequência nos verbetes dos vários dicionários, principalmente relacionado ao desejo sexual. As definições encontradas poderiam ser sintetizadas em *desejo é o sentimento ou emoção que está dirigido para a aquisição ou posse de algum objeto a partir do qual espera-se prazer ou satisfação; é um querer profundo*. O objeto do desejo pode estar relacionado à fome física (e.g. desejo por comida) ou a qualquer coisa concreta (e.g. desejo

---

<sup>24</sup> Usado aqui como um termo geral que abrange os sintomas de fraqueza, dor, irritação, inquietação etc. peculiares à fome.

<sup>25</sup> DENF, RNT, MT, RAZ

por um carro ou por um anel). Mas não só, esse objeto também pode ser uma pessoa (nesse caso, é descrito como apetite físico ou sensual; luxúria), ou coisas abstratas (e.g. paz) e eventos (e.g. uma viagem).

Nenhuma das definições faz menção sobre o desconforto causado pelo desejo, como acontece com fome. No entanto, experiências de ansiedade, irrequietação e irritação, por exemplo, são manifestações do desejo, tanto quanto experiências de dor de estômago e fraqueza são manifestações de fome.

A motivação para a conceitualização de desejo como fome parece ser direta e natural, nos termos de Grady e colaboradores, pois envolve dois atos de dimensões distintas – um físico e o outro emocional – que co-ocorrem regularmente e de forma previsível.

Fome e desejo também se enquadram nos parâmetros estabelecidos por Grady para domínios geradores de metáforas primárias. Fome é sentida diretamente pelo corpo, definida como uma sensação causada pela falta de comida – um *input* sensorial – portanto, tem conteúdo de imagem. Entretanto, está num nível esquemático que suporta várias imagens, pois não especifica nenhuma em particular, em qualquer nível de detalhamento (e.g. não está ligada a nenhum tipo de coisa especificamente, como certos tipos de comida)<sup>26</sup>. Numa perspectiva fenomenológica, fome é uma experiência simples, pois não envolve muitos detalhes nem muitas cenas, e é um conceito relacional, que envolve a falta de alimento e não o alimento em si (a propriedade do alimento não está relacionada à fome em si, a não ser como parte de suas cenas). Por sua vez, desejo é um estado afetivo que surge como resposta à sensação da fome, e não tem conteúdo de imagem. Ambos, fome e desejo, são experiências naturais, inerentes ao homem, que não precisam ser aprendidas. São recorrentes e co-ocorrentes – sempre que se sente fome, sente-se desejo por comida.

Veja-se, então, o mapeamento entre esses domínios na formação da metáfora DESEJAR É TER FOME.

---

<sup>26</sup> Fome é uma sensação genérica, diferentemente de coceira, por exemplo, que pode dar origem a várias imagens em níveis de especificidade diferentes (coceira no braço, na perna etc.).

### 2.1.1. Cenas primárias

Os elementos da fome ressaltados anteriormente, i.e. necessidade, desejo e desconforto, que estão num nível esquemático compatível com o descrito por Grady, determinam as correpondências no mapeamento das cenas primárias. Entendendo que necessidade de alimento corresponde a fome e sede, e que desejo corresponde a apetite, o mapeamento ocorre da seguinte forma:

- ter fome é desejar
- ter sede é desejar
- ter apetite por comida é ter apetite por alguma coisa ou por alguém
- desconforto da fome é o desconforto do desejo

Além disso, são levados em consideração também os seguintes conhecimentos sobre os dois domínios:

- *Fonte*: quem tem fome, tem desejo de comer.  
*Alvo*: quem tem desejo, deseja algo, alguém ou deseja fazer alguma coisa.
- *Fonte*: a fome causa desconforto.  
*Alvo*: o desejo causa desconforto.
- *Fonte*: quem tem fome busca saciar a fome.  
*Alvo*: quem tem desejo busca realizar o desejo.

Segundo o apresentado até este ponto, é previsível que a metáfora DESEJAR É TER FOME exista tanto em inglês quanto em português, uma vez que é gerada a partir de experiências universais. A realização dessa metáfora deve se dar através da linguagem licenciada pelo mapeamento. Deve ser possível, então, dizer que *se tem fome/sede/apetite* ou *sente-se desconforto* (no sentido de sentir dor, sonolência, fraqueza etc.) por alguma coisa ou por alguém que se deseja. Outros termos que expressem fome ou apetite (ou mais especificamente o desconforto pertinente à fome) podem aparecer nas expressões lingüísticas também.

## 2.2. Análise lingüística

As expressões metafóricas utilizadas nesta análise foram retiradas de várias e diferentes fontes: exemplos registrados na coletânea dos sistemas metafóricos identificados

pelo grupo de Berkeley (disponível também no site *cogsci.berkeley.edu*), em livros e artigos sobre metáfora (Lakoff & Johnson, 1980; Lakoff, 1987; Lakoff & Turner, 1989; Kövecses, 1990; Emanatian, 1995; Deignan, 1997; Grady, 1997a, 1997b, entre outros), em dicionários monolíngües (inglês e português) e bilíngües (inglês-português), em bancos de dados como o *Bank of English* (cujos exemplos em inglês foram retirados do demo disponível no site *titania.cobuild.collins.co.uk/form.html*), o Banco da Folha do LAFAPE (Laboratório de Fonética Acústica e Psicolinguística Experimental, Unicamp) e os inquéritos do PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza, disponível no site *www.geocities.com/Paris/Cathedral/1036*). Alguns exemplos foram retirados da mídia e várias expressões encontradas em uma língua e não na outra (o que ocorreu principalmente em português) foram discutidas com falantes nativos, para verificar sua aceitabilidade. Alguns exemplos encontrados estão listados no Apêndice 5. A listagem, naturalmente, não esgota as possibilidades de realização da metáfora em estudo em quaisquer das línguas, porém parece suficiente para o propósito desta análise.

Inicialmente, serão discutidos os exemplos com as formas lexicalizadas previstas (e.g. *fome, sede*). Em seguida, serão analisadas outras lexicalizações encontradas nas fontes derivadas dessas formas. De modo geral, as expressões de cada língua serão apresentadas separadamente, não se constituindo exatamente em formas correspondentes, embora às vezes possam sê-lo (e.g. *hunger for revenge – fome de vingança*).

A correspondência que interessa, nesta análise, diz respeito à natureza do tipo de coisa que pode ser o objeto do desejo em cada língua. Em outras palavras, se, em uma das línguas, coisas abstratas podem ser o objeto do desejo (e.g. conhecimento, como em *thirst for knowledge*), interessa saber se, na outra língua, o objeto do desejo também pode ser algo abstrato (e.g. dinheiro, como em *sede de dinheiro*), independente da coisa em si. Se existe uma forma correspondente a essas expressões na outra língua (e.g. *thirst for money* ou *sede de conhecimento*), isso está em um nível de detalhamento desnecessário para os objetivos da análise. Além do mais, a convencionalidade das estruturas lexicalizadas está fora do escopo deste trabalho, portanto, não serão abordadas aqui tentativas de explicar por que, por exemplo, expressões do tipo *sex-starved*, *love-starved* ou *man-starved* são facilmente aceitáveis, enquanto *power-starved* não é, embora seja possível dizer que alguém *is starved for power*.

O objeto do desejo expresso em termos da fome pode ser alguma coisa – concreta ou abstrata – ou uma pessoa. Entre as coisas abstratas estão aquelas relacionadas aos sentimentos emocionais, como *amor*, *carinho*, etc., e entre esses sentimentos está também *o desejar alguém*. Assim optou-se em analisar o objeto do desejo sob três perspectivas bem genéricas: quando ele é concreto, quando é abstrato e quando está relacionado a um sentimento emocional. Na categoria concreta estão *coisas*, incluindo tipos de alimento<sup>27</sup>. Na categoria abstratos, foram considerados desde coisas como vitória e história, até eventos e ações<sup>28</sup>. Entre os sentimentos emocionais, foram incluídos o desejo pelo outro e desejos sexuais<sup>29</sup>. Apesar de não ter sido feita uma análise quantitativa, observa-se que a produtividade lingüística, em ambas as línguas, é maior com objetos abstratos e menor com objetos concretos. Entre as expressões relacionadas a sentimentos emocionais, há predominância do desejo sexual.

### 2.2.1. Fome

As expressões *hunger for*, em inglês, e *ter fome de*, em português, e suas variações (*hungry*, *hungrily*, *faminto*, *fominha*, *esfaimado*, *esfomeado* etc.) são amplamente utilizadas em cada língua:

- 1a. *He is hungry for recognition.*
- 2a. *The journalists fell hungrily on the story.*
- 3a. *Her body hungered for him.*
- 4a. *The orphan child was hungry for affection.*
- 5a. *I hunger for a new car.*
- 6a. *Fran has a constant hunger for sweets.*
  
- 1b. *Os amantes do futebol, sempre com fome de bola.*
- 2b. *Faminto de riqueza e glória.*
- 3b. *Fome de amor.*
- 4b. *Estou com fome de mulher.*
- 5b. *Há uma fome de importados.*
- 6b. *Ele disse que estava faminto por uma feijoada.*

<sup>27</sup> e.g. *a casa da Rachel me deixa com água na boca; não tenho apetite para doces.*

<sup>28</sup> e.g. *our team is hungry for a victory; the story is so gripping; it makes you thirst for the next episode; tal viagem não me desperta o apetite; estou sedento para começar um novo emprego.*

<sup>29</sup> e.g. *João está se babando pela Maria; I just never expected him to be so virile, so hungry for sex.*

Aparentemente não há limitação quanto à natureza do objeto desejado, apesar de os exemplos encontrados serem em maior número em alguns casos. Por exemplo, *hunger* parece estar muito mais associado a coisas abstratas (1a, 2a) e a sentimentos emocionais (3a, 4a) que a coisas concretas (5a, 6a). Semelhantemente, *fome* também parece estar mais associado a coisas abstratas (1b, 2b) e a sentimentos emocionais (3b, 4b) que a coisas concretas (5b, 6b). No exemplo 1b, *bola* não se refere ao objeto concreto, mas é uma metonímia para *jogar bola*.

A algumas formas parece ser possível acrescentar intensificadores (e.g. *ele tem muita fome pelo poder; ele morre de fome por dinheiro; he was very hungry for her touch; he's starved for love*). Em inglês, além de *hunger*, está lexicalizada a forma *starve for*, que também está mais associada a coisas abstratas (1c) e sentimentos emocionais (2c, 3c)<sup>30</sup> que a coisas concretas (4c).

1c. *They were starved for conversation.*

2c. *She's starved for affection.*

3c. *She's man-starved.*

4c. *East Germans starved for quality consumer goods.*

### 2.2.2. Sede

Semelhantemente às expressões com *hunger* e *fome*, expressões com *thirst for/after e ter sede de* e suas variações (*thirsty, sedento, seco* etc.) são altamente produtivas nas duas línguas.

1d. *She was thirsty for power.*

2d. *She has a mind thirsty after knowledge.*

3d. *I thirst for your kisses.*

4d. *In her unquenchable thirst for lovers.*

5d. *My thirst for daylilies.*

6d. *I'm kinda thirsty for a cup of hot coffee.*

1e. *Tem sede de sangue.*

2e. *Parece ter uma sede insaciável de dinheiro.*

---

<sup>30</sup> Expressões com *starve of* são relacionadas à falta de alguma coisa e não ao desejo (e.g. *The teachers said the schools were being starved of resources; neglected children who are starved of affection; they seem to be starved of attention from adults*).

- 3e. *Estou sedento por aquela mulher.*  
 4e. *Sedento de prazer.*  
 5e. *Ele está sedento por um carro novo.*  
 6e. *Estou sedento por uma feijoada.*

Assim como foi observado em *hunger/fome*, as expressões utilizadas com *thirst/sede* não se limitam ao tipo de objeto desejado. Parece haver uma preferência de associação com coisas abstratas (1d, 2d, 1e, 2e), mas há certa produtividade na associação a sentimentos emocionais, principalmente ao desejo sexual (3d, 4d, 3e, 4e), e alguma associação a coisas concretas (5d, 6d, 5e, 6e).

Aparentemente *hunger/fome* e *thirst/sede* podem ser usados um pelo outro:

- e.g. *Hungry for recognition – Thirsty for recognition*  
*Hunger for adventure – Thirst for adventure*  
*Hunger for power – Thirst for power*  
*Hunger for revenge – Thirst for Revenge*

- Fome de riqueza – Sede de riqueza*  
*Fome de saber – Sede de saber*  
*Fome de poder – Sede de poder*  
*Fome de vingança – Sede de vingança*

### 2.2.3. Appetite

As formas em inglês – *appetite* – e em português – *apetite* – também se aplicam para os três tipos de objetos:

- 1f. *He had no appetite for hard work.*  
 2f. *Nora has an insatiable appetite for learning.*  
 3f. *She has an amazing sexual appetite.*  
 4f. *He never lost his appetite for women.*  
 5f. *Our insatiable appetite for, mainly Japanese, imports.*  
 6f. *It's impossible to satisfy George's appetite for pasta.*

- 1g. *Um grande appetite por férias.*  
 2g. *O que perdeu foi o appetite das riquezas.*

3g. *Insônia crônica, enxaqueca e falta de apetite sexual.*

4g. *Quer satisfazer seus apetites sensuais.*

5g. *Tenho pouco apetite para móveis velhos.*

6g. *Não tenho apetite para doces.*

Aparentemente há maior associação com coisas abstratas (1f, 2f, 1g, 2g) e menor associação com coisas concretas (5f, 6f, 5g, 6g). Na categoria dos sentimentos emocionais, estão fortemente associadas ao desejo sexual (3f, 4f, 3g, 4g), principalmente através das coligações *apetite sexual*, em português, e *sexual appetite*, em inglês.

Foram encontradas, nas duas línguas, expressões relativas ao aumento da secreção salivar, efeito normalmente provocado pelo apetite diante da comida ou da idéia de comida desejada: *drool*, *mouth-watering*, *babar(-se)* e *dar água na boca*. Em português, foi encontrado também o verbo relativo a *apetite* – *apetecer*.

1h. *They'll appreciate the poems of Betjeman or drool over the theory of relativity.*

2h. *You go around in that bikini and Gaskell's drooling over you all the time.*

3h. *He's drooling over a new car.*

4h. *The job is a mouth-watering opportunity.*

5h. *Pentax Z-20 isn't the most mouth-watering bargain around.*

1i. *Com críticos em todo mundo babando sobre as glórias de Hollywood.*

2i. *Ela o deixou se babando.*

3i. *Ele estava se babando pelo carro novo.*

4i. *Ganhou na loteria e deixou todo mundo com água na boca.*

5i. *Meu bem, você me dá água na boca.*

6i. *Os Uzi israelenses são de deixar qualquer ministro do exército de água na boca.*

7i. *As riquezas pouco lhe apeteceram.*

8i. *Mulheres magras não lhe apetecem.*

9i. *Um vestido como esse não me apetece.*

Todos apresentam associação a coisas abstratas (1h, 4h, 1i, 4i, 7i), coisas concretas (3h, 5h, 3i, 6i, 9i) e sentimentos emocionais, relacionados principalmente a desejo sexual (2h, 2i, 5i, 8i).

#### 2.2.4. Desconforto

Existem algumas expressões, tanto em inglês quanto em português, falando sobre desejo através de termos relacionados às sensações de desconforto, dor, fraqueza ou outros sintomas. Deignan (1997), por exemplo, analisando as metáforas do desejo presentes no Bank of English, lista expressões que evidenciam a metáfora que chamou de A SENSACÃO DE DESEJO É FRAQUEZA FÍSICA, e que ela subdivide em DESEJO É DOR (exemplos j), DESEJO É DOENÇA (exemplos k) e DESEJO É LOUCURA (exemplos ℓ):

*1j. I had felt a twinge of desire.*

*2j. A stab of pleasure, or its anticipation, pierced her. She felt weak with desire.*

*1k. ... a fever of desire.*

*2k. I am sick with love.*

*1ℓ. I got slapped very hard. I was four years old and already I had been branded a sex maniac.*

*2ℓ. ... a disruptive love which is perfect, a blissful insanity without guilt, explanations or neat Freudian logic.*

Outros exemplos, em estruturas diferentes mostram mais aspectos dessas metáforas. Tanto a metáfora da dor, quanto da doença e da loucura estão associadas com coisas concretas (5j, 5k, 5ℓ), abstratas (1j, 2j, 3j, 3k, 3ℓ) e sentimentos emocionais (2j, 1k, 2k, 4k, 1ℓ, 2ℓ, 4ℓ):

*3j. I was aching to tell you all my news.*

*4j. I felt a brief intense ache of happiness.*

*5j. She was aching for a cigarette.*

*3k. I'm sick for home.*

*4k. I'm sick for him.*

*5k. I have a weakness for Swiss chocolate.*

*3ℓ. They are crazy about football.*

*4ℓ. He's mad about my sister, but is too shy to tell her.*

*5ℓ. I'm crazy about wild strawberries.*

Apesar de *fraqueza física* também ser parte da experiência de fome, não se pode garantir que as expressões acima sobre desejo tenham suas origens na experiência da fome e não sejam descrições metonímicas dos efeitos fisiológicos da emoção pela própria emoção. Existe, no entanto, a possibilidade de que as submetáforas acima apresentadas por Deignan sejam instanciações metonímicas de DESEJAR É TER FOME, conforme será discutido mais adiante.

Em português, também não é possível saber se a dor, a doença ou a loucura do desejo são parte da experiência da fome.

*1m. Senti uma pontada de desejo.*

*1n. Ele está doente por uma pescaria.*

*2n. A febre de poupança fez diversas pessoas adiarem antigos sonhos de consumo.*

*3n. Ele está doente pela Maria.*

*4n. Ele está doente por um radinho de pilha.*

*5n. Tenho um fraco por chocolate suíço.*

*1o. Está louco por música antiga.*

*2o. Está doido por literatura..*

*3o. João está louco pela Joana.*

*4o. Está doido por um carro antigo.*

Também estão associadas com coisas concretas (4n, 5n, 4o), abstratas (1n, 2n, 1o, 2o) e sentimentos emocionais (3n, 3o). Alguns termos são mais produtivos que outros. Por exemplo, não foram encontradas outras expressões referindo dor como desejo, mas a expressão (1m) pode ser usada em associação com qualquer um desses três aspectos. A metáfora da loucura, por sua vez, é muito produtiva tanto em inglês quanto em português. As metáforas da doença e da loucura assemelham-se. Dizer que uma pessoa *está doente por* outra ou por alguma coisa é semelhante a dizer que ela *está louca por* outra e por alguma coisa<sup>31</sup>.

O problema com essas metáforas é que não se pode garantir que elas sejam instanciações metonímicas da fome, embora também não se possa garantir que não sejam. Se, por um lado, pode-se considerar que tais expressões são a lexicalização do *desconforto* da

fome, pelo outro, há um certo número de itens que foram previstos e não se realizaram em nenhuma das línguas, como a tontura, o roncar do estômago, a sonolência. Apesar de as cenas primárias não estarem em um nível de detalhamento que especifique o tipo de dor ou de qualquer outro desses sintomas, o fato de as expressões não estarem explicitamente relacionadas à fome leva-nos a considerar a possibilidade de que essa cena primária não esteja lexicalizada<sup>32</sup>.

Colocaram-se, então, as seguintes questões: será que a falta de lexicalização de *desconforto* se configura como uma lacuna no mapeamento ou será que ele não se lexicaliza porque é um acarretamento do próprio termo **fome**<sup>33</sup>, aplicado ao desejo também? Se for uma lacuna, tem-se o problema de explicar o motivo dessa lacuna e por que ela ocorre tanto em inglês quanto em português. Se o desconforto for um acarretamento de **fome**, é provável que este elemento esteja em um nível de detalhamento não compatível com as cenas primárias.

Outra possibilidade seria considerar que houve uma restrição do domínio-alvo por não apresentar um elemento ao qual o mapeamento pudesse corresponder. Isso seria eliminar a inferência de que existe desconforto na experiência do desejo. Tal possibilidade, no entanto, pareceu remota, não só pelo fato de o desconforto ser citado nas definições sobre fome como por ser especificado em outras formas literárias, conforme pode ser verificado no trecho de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector:

Ela sabia o que era o desejo – embora não soubesse que sabia. Era assim: ficava faminta mas não de comida, era um gosto meio doloroso que subia do baixo-ventre e arrepiava o bico dos seios e os braços vazios sem abraço. Tornava-se toda dramática e viver doía. Ficava então meio nervosa e Glória lhe dava água com açúcar.

É possível que a investigação empírica, a partir da intuição de falantes nativos dessas duas línguas, possa trazer esclarecimentos sobre essas questões.

---

<sup>31</sup> É interessante notar que, em português, o aspecto verbal nas expressões licenciadas por essas duas metáforas é vital nas suas realizações com o sentido de desejo: somente o aspecto transitório (e.g., com o verbo *estar*) traz o sentido de desejo; o aspecto permanente (e.g. com o verbo *ser*) equivale a *gostar muito*.

<sup>32</sup> As submetáforas acima serão discutidas mais adiante enquanto metáforas separadas, mas como possíveis instanciações metonímicas de DESEJAR É TER FOME.

<sup>33</sup> *Fome* aqui corresponde a *fome, sede, hunger e thirst*, e suas variações.

### 2.3. Discussão

A partir dessa análise, foi possível concluir que a metáfora DESEJAR É TER FOME é uma metáfora conceitual tanto em inglês quanto em português, cuja realização é bastante semelhante nas duas línguas. Embora alguns termos possam estar mais ligados convencionalmente a certo tipo de objeto em uma língua do que na outra, de modo geral, todos os termos presentes nas duas línguas aceitam objetos abstratos, concretos ou sentimentos emocionais. Termos abstratos são os mais produtivos para todas as expressões licenciadas pela metáfora nas duas línguas, seguidos de sentimentos emocionais. O mapeamento do desconforto provocado pela fome não tem realização lingüística clara nem em uma língua nem na outra.

As idéias de Grady e colaboradores parecem se confirmar no que diz respeito à emergência dessa metáfora. Conforme os dados lingüísticos, o processo gerador da metáfora em inglês parece ser o mesmo em português, como mostram as evidências acima. O exercício para determinação das cenas primárias, partindo da experiência da fome e do desejo, aponta no sentido de que esse processo gerador é de fato a correlação entre a sensação da fome e o desejo simultâneo por comida.

Entretanto, toda essa interpretação pode estar enviesada pela própria determinação da metáfora em si. Partiu-se de uma metáfora determinada *a priori* pelos parâmetros normalmente utilizados pela Lingüística Cognitiva. Esses parâmetros têm recebido críticas por se caracterizarem como circulares, pois uma metáfora conceitual é identificada com base em expressões metafóricas presentes na língua, a partir das quais a representação metafórica é proposta, e as predições ou conseqüências derivadas dessa representação são mais expressões metafóricas (Murphy, 1996; Wierzbicka, 1986). Alguns teóricos têm argumentado que essas metáforas conceituais podem não ser representações subjacentes das metáforas verbais apresentadas como evidências, mas conseqüência de uma análise *a posteriori*, prontamente aceita devido ao conhecimento que se tem dos significados dos termos utilizados (Murphy, *ibid*).

Por outro lado, as definições discutidas anteriormente também podem não determinar a forma como fome e desejo são conceitualizados, embora tenham trazido pistas coerentes com nossas intuições. Os vários aspectos fisiológicos representam sintomas físicos, concretos de

determinadas sensações, mas é comum essas sensações serem conceitualizadas a partir de seus efeitos. No passado, o estômago, o intestino, o fígado e o baço já foram considerados a sede do ciúme e da depressão por causa das perturbações digestivas e abdominais durante crises emocionais (Dirckx, 1992:100), e o coração e/ou outras víceras já foram considerados como sede da razão e da emoção (Dumesnil, 1935:22). Algumas dessas crenças estabeleceram-se no léxico, como as palavras *esquizofrenia* e *frenético*, originadas da palavra grega para diafragma, *phren*, parte do corpo considerada como a sede da mente no passado. Outras, no entanto, permaneceram no sistema conceitual metafórico ocidental, como é o caso de o coração ainda hoje ser considerado a sede da emoção (e.g. *estou com o coração partido; ele não tem coração*).

Como visto, tanto os dados lingüísticos podem não ser um reflexo de representações metafóricas subjacentes, quanto as definições de fome e desejo podem não corresponder à forma como esses conceitos são entendidos metaforicamente. Portanto, uma investigação de ordem experimental pode trazer evidências mais claras sobre o processo envolvido na emergência da metáfora em estudo.

Antes de abordar o estudo experimental, no entanto, serão feitas algumas considerações sobre possíveis relações de DESEJAR É TER FOME com outras metáforas.

#### **2.4. Relação com outras metáforas**

Um elemento que não faz exatamente parte da metáfora DESEJAR É TER FOME, mas que está presente no conhecimento que se tem sobre os domínios fonte e alvo, é o objeto da saciedade. Se fome e desejo são experiências estreitamente correlacionadas, é provável que o objeto da saciedade da fome (a comida) seja o objeto da saciedade do desejo, i.e., deve-se falar do objeto do desejo em termos de comida.

A saciedade não faz exatamente parte da metáfora estudada aqui, pois uma vez havendo saciedade, o desejo por comida não mais existe<sup>34</sup>, mas está estreitamente associada a ela, através de uma outra metáfora – O OBJETO DO DESEJO É COMIDA (e.g. *she's quite a dish; You look luscious!; What a piece of meat!; Que pedaço de mulher!; Ele é um pão*). Embora

seja considerada como uma metáfora separada, sua evidência lingüística tem sido apresentada, na literatura, sempre em conjunto com os dados referentes a DESEJAR É TER FOME, e, de forma indireta, tem servido de suporte à sua representação metafórica.

Entretanto, a realização de O OBJETO DO DESEJO É COMIDA, nas duas línguas, mostra que nem todo objeto do desejo é exatamente comida, embora possam compartilhar de uma de suas propriedades – seu gosto bom. Entretanto, esse é elemento de uma outra metáfora – O ATRAENTE É GOSTOSO – presente também nas duas línguas e associada a coisas abstratas, concretas e sentimentos emocionais:

*1p. What a delicious suggestion.*

*2p. I think he is really tasty.*

*3p. She just didn't have any very good taste in clothes.*

*1q. Foi um passeio delicioso.*

*2q. Que mulher gostosa!*

*3q. É um vestido de muito bom gosto.*

Parece que somente *pessoas* entram no escopo dessa metáfora, pois, geralmente, termos relativos a comida usados com *coisas* não envolvem desejo. Por exemplo, tanto em inglês quanto em português, histórias e filmes podem ser *água com açúcar* (*sweet water*) ou *picante* (*spicy*), sons podem ser *doces* (*sweet*), certa experiência pode ser descrita como um *osso duro de roer* (*a hard bone to chew*); em português, relacionamentos podem ser *insossos*, preços altos são preços *salgados* e problemas são *abacaxis* e *pepinos*; em inglês, relacionamentos podem ser doce-amargos (*bittersweet*) e negócios podem ser azedos (*sour deal*). Essas expressões, no entanto, não estão relacionadas com desejo.

A metáfora parece, então, estar restrita ao desejo sexual e deveria assumir a forma O OBJETO DO DESEJO SEXUAL É COMIDA. Mas, então, como explicar a emergência dessa metáfora, com tal restrição? Será que os desejos por *coisas* e por *pessoas* são conceitualmente diferentes? De acordo com os dados lingüísticos analisados, não parece haver diferenças no

---

<sup>34</sup> "Saciedade é o oposto de fome. É a repleção completa de alimento, que destrói a fome. A saciedade geralmente ocorre quando, após a alimentação, os depósitos nutricionais da pessoa, o tecido adiposo e a reserva de glicogênio, já estão repletos." (Guyton, 1973:812)

tipo de desejo, a não ser o fato de algumas formas serem mais produtivas convencionalmente que outras. O desejo sexual é um dos elementos salientes na metáfora, em ambas as línguas. No entanto, a proximidade das metáforas parece evidente. Dentro da perspectiva de análise proposta por Grady e colaboradores, O OBJETO DO DESEJO SEXUAL É COMIDA deve ser uma metáfora composta, sendo DESEJAR É TER FOME uma de suas primitivas. A restrição pode ser o resultado da unificação com as metáforas O ATRAENTE É GOSTOSO, cuja motivação é a correlação entre nossa avaliação de sabor e nosso estado de desejo, e FAZER SEXO É COMER, que nasce da correlação entre a satisfação da fome obtida quando se come e a satisfação do desejo sexual.

É possível que a unificação de metáforas envolva aspectos culturais, como já levantamos em outra parte deste trabalho. Emanatian (1995), por exemplo, estudando expressões metafóricas relacionadas a O OBJETO DO DESEJO SEXUAL É COMIDA em Chagga, uma língua da Tanzânia, verificou que as formas básicas das experiências de sentir fome e comer são usadas para expressar o desejo sexual, a satisfação sexual ou para avaliar o potencial de um parceiro sexual. Nessa cultura, a comida é conceitualizada como algo comestível, que pode ser consumido pelas pessoas, e não como algo que é plantado, cozido ou compartilhado em uma festa. O sexo é uma necessidade básica, exatamente como a comida. Na metáfora, a mulher é a comida e o homem é aquele que come, portanto, procurar comida é procurar uma parceira sexual. Uma vez que a mulher é vista como comida, seus atributos podem ser aplicados a ela: por exemplo, a comida pode fazer alguém ficar com água na boca, a mulher também pode fazer um homem ficar de água na boca; alguém pode comer quantidades diferentes de comida em diferentes graus de satisfação, os homens podem apenas provar uma mulher ou banquetear-se; a comida pode ser saborosa e ter sabores específicos, uma mulher pode ser gostosa e ter sabores específicos; etc. Mas existem restrições: e.g., uma mulher pode ter gosto *bom* ou *doce*, mas não *salgado* ou *apimentado*; um homem pode *comer* ou *provar* uma mulher, mas não pode *mastigá-la* ou *engoli-la*.

O exemplo de Chagga não está muito distante de outras línguas, como o inglês e o português, mas mostra uma série de restrições culturais na forma como seu povo conceitualiza a mulher, o homem, a comida, o ato de comer etc., que não se apresentam exatamente da mesma forma em outras línguas. Por exemplo, na língua indígena brasileira Mehinaku, parece haver uma personificação dos órgãos genitais (entre os parceiros, os órgãos genitais de um é

que são comida para os órgãos genitais do outro) e muito mais extensões metafóricas que em Chagga ou inglês e português (fala-se do desejo sexual também em termos da preparação da comida). Em português e inglês, não só a mulher é comida, mas também o homem, embora esse aspecto ainda tenha forte raízes machistas.

A metáfora composta O OBJETO DO DESEJO SEXUAL É COMIDA, tendo DESEJAR É TER FOME como uma de suas primárias, é interessante porque pode mostrar influência cultural na sua emergência. Como visto anteriormente, os aspectos culturais envolvidos na emergência dessa metáfora são vários, mas apenas aqueles envolvidos com a comida enquanto o objeto da saciedade está diretamente relacionado a este trabalho. A investigação partirá, portanto, da seguinte pergunta: Será que a forma como as várias culturas conceitualizam o objeto do desejo sexual tem a ver com a forma como conceitualizam a comida?

Um outro aspecto interessante já levantado na discussão sobre a lexicalização do *desconforto* que surge tanto do trabalho de Deignan (1997) quanto de Emanation (1995) é a possibilidade de algumas metáforas serem instanciações metonímicas de DESEJAR É TER FOME.

Por exemplo, *esquentar*, da metáfora AMAR É ESQUENTAR, pode estar relacionado a fome no sentido em que fome implica a necessidade de comida, que pode ser quente ou fria. Em Chagga, Emanation observou que o desejo sexual por si só não é quente. Apenas as mulheres, que são consideradas comida, podem ser *quentes, assadas, queimadas e fumegantes*. Essa metáfora pode não ser exatamente o mapeamento da metonímia geral na qual os efeitos fisiológicos da emoção se referem à própria emoção, pois, embora um homem cheio de desejo possa se sentir quente, como não é considerado comida em Chagga, não há razão para se dizer que ele é quente.

Quando o parceiro sexual é conceitualizado como um animal, nas metáforas de CAÇA, ele está sendo conceitualizado como uma comida em perspectiva. Logo, pode existir uma estreita relação entre fome e comer aqui também. Em Chagga, é provável que a mulher seja a caça e o homem o caçador.

As metáforas de A SENSAÇÃO DO DESEJO É FRAQUEZA FÍSICA, de Deignan (1997), mais parecem efeitos do que metáforas separadas e poderiam perfeitamente ser efeitos da fome. Se por um lado parecem satisfazer os critérios estabelecidos por Grady para uma metáfora primária, pelo outro, os conhecimentos sobre os domínios fonte e alvo apresentam contradições, como se vê nas análises a seguir.

## (a) DESEJO É DOR:

A dor é uma experiência física direta, definida como um sentimento causado por ferimento ou doença – um input sensorial – portanto, tem conteúdo de imagem. Está em um nível esquemático que pode ter muitas imagens, mas não especifica nenhuma particularmente, em nenhum nível detalhado (e.g. não está relacionada a nenhuma coisa específica, como dor de cabeça, dor de estômago etc.). Fenomenologicamente, a dor é uma experiência física simples; não envolve nem muitos detalhes nem muitas cenas. É inerente à experiência humana e relacional.

Portanto, dor parece satisfazer os critérios para um domínio-fonte primário. O desejo já foi analisado anteriormente e também satisfaz os critérios para um domínio-alvo primário. *Dor e desejo* podem ser considerados como cenas recorrentes e que co-ocorrem – sempre que se sente dor, sente-se o desejo de eliminá-la. Assim, a motivação para uma metáfora DESEJO É DOR poderia ser *a correlação entre o sentimento de dor e o desejo de fazer alguma coisa para eliminá-la*.

A única cena primária identificada foi *o sentimento de dor é o sentimento do desejo*.

Sobre o conhecimento dos domínios envolvidos tem-se:

- *Fonte*: quem sente dor, quer eliminar a dor.  
*Alvo*: quem sente desejo, quer satisfazer o desejo.
- *Fonte*: o sentimento da dor é desagradável.  
*Alvo*: o sentimento do desejo pode ser agradável.

Parece que as experiências não vão na mesma direção. Embora alguém possa dizer que *satisfazer* é um tipo de *eliminar*, esses termos não são equivalentes. Pode-se satisfazer um desejo, mas nem sempre se deseja eliminá-lo, matá-lo; é comum querer sentir mais e mais desejo, porque ele pode ser um sentimento agradável. A dor, ao contrário, é algo que se deseja eliminar de uma vez; ninguém gosta de sentir dor.

A fome é completamente diferente da dor. Fome é o sentimento de desconforto, dor, fraqueza, etc., também um sentimento desagradável, mas o que motiva a metáfora não é a necessidade primária de eliminar esse sentimento, mas a necessidade de comida – o desejo por comida. Por outro lado, a dor do desejo não é a mesma da compaixão ou da angústia, mas

exatamente como a fome (e.g. *She was aching for a cigarette*). Nesse sentido, DESEJO É DOR poderia ser uma das cenas primárias de DESEJAR É TER FOME, o que explicaria o fato de ter cenas primárias pobres e de ser difícil conciliar o conhecimento sobre os dois domínios.

É possível que algumas cenas primárias sejam confundidas com a metáfora através de um processo metonímico. Deignan (1997), por exemplo, classifica expressões com *hunger*, *starve*, entre outros como parte da metáfora DESEJAR É TER APETITE. Como foi visto anteriormente, apetite é uma das cenas primárias de DESEJAR É TER FOME. Além disso, não fica claro no trabalho de Grady e colaboradores se uma única cena primária é suficiente para caracterizar uma metáfora.

(b) DESEJO É UMA DOENÇA:

Aqui também tem-se uma avaliação diferente para desejo e doença: *no caso de desejo, não se avalia negativamente a doença metafórica* (Deignan, 1997:29).

A fome não parece ser avaliada de forma negativa. Pelo menos, não nos mesmos termos de dor e doença, que sendo sentimentos indesejáveis deseja-se eliminar completamente. Sentir fome é estar vivo, e nesse sentido a fome é bastante positiva. É saciada em um momento, mas retorna após algum tempo – faz parte do ciclo da vida cotidiana – e satisfazê-la é um prazer.

A motivação de DESEJO É UMA DOENÇA poderia ser a correlação entre estar doente e o desejo de ficar bom. A cena primária também é pobre nessa metáfora: sentir-se doente é sentir desejo. O conhecimento sobre seus domínios fonte e alvo, assim como em dor, apresentam contradições:

- *Fonte*: quem está doente, está para baixo.  
*Alvo*: quem está com desejo, está para cima.
- *Fonte*: quem está doente, quer ficar bom, i.e., quer eliminar a doença.  
*Alvo*: quem está com desejo, quer satisfazer o desejo.
- *Fonte*: quem está doente, fica quieto.  
*Alvo*: quem está com desejo, fica agitado.
- *Fonte*: quem está doente, sente desconforto.  
*Alvo*: quem está com desejo, sente desconforto.

Essa metáfora também parece se adequar bem como uma cena primária de DESEJAR É TER FOME. Enquanto parte da mesma experiência da fome não há contradições, porque fome e desejo seguem na mesma direção.

(c) DESEJO É LOUCURA:

Essa metáfora é difícil de ser analisada como uma metáfora primária. Loucura não é exatamente parte da experiência física do homem – nem emocional – mas alguma coisa mental, com repercussão no comportamento. É um distúrbio mental, e como tal assemelha-se à doença e poderia, portanto, ser incluída nas metáforas de doenças. Entretanto, como a doença mental é geralmente considerada como uma doença separada das demais, aqui também ela será um item diferenciado: enquanto DESEJO É UMA DOENÇA é o efeito da fome em termos de distúrbios internos, DESEJO É LOUCURA é o efeito da fome em termos de distúrbios externos, i.e., comportamentais.

Sendo considerada uma metáfora primária, sua motivação poderia ser a *correlação entre o comportamento de uma pessoa louca e o de uma pessoa com desejo*. Diferentemente das metáforas de dor e doença, não foram encontradas contradições no conhecimento sobre os seus domínios:

- *Fonte*: a mente das pessoas loucas não funciona normalmente.  
*Alvo*: a mente das pessoas com desejo não funciona normalmente.
- *Fonte*: a pessoa louca não se comporta normalmente.  
*Alvo*: a pessoa com desejo não se comporta normalmente.
- *Fonte*: a pessoa louca diz ou faz coisas tolas.  
*Alvo*: a pessoa com desejo pode dizer ou fazer coisas tolas.
- *Fonte*: a pessoa louca faz coisas sem raciocinar sobre elas; segue seus instintos.  
*Alvo*: a pessoa com desejo muitas vezes faz coisas sem raciocinar sobre elas; segue seus instintos.
- *Fonte*: a pessoa louca pode ser perigosa para outras pessoas.  
*Alvo*: a pessoa com desejo pode ser perigosa para outras pessoas.

Entretanto, existem problemas em se considerar a loucura como uma metáfora primária separada. Quais seriam as cenas recorrentes e que co-ocorrem entre desejo e loucura?

Considerar essa metáfora como uma cena primária de DESEJAR É TER FOME parece razoável. Uma outra alternativa é que ela poderia ser uma composta com DESEJAR É TER FOME como uma de suas primárias.

Essas questões estão incluídas na investigação empírica sobre a conceitualização de *fome e desejo*, cujas hipóteses gerais são apresentadas a seguir.

## **2.5. Estudo experimental**

Em busca de evidências não lingüísticas que possam esclarecer se o processo envolvido na emergência da metáfora DESEJAR É TER FOME é a correlação entre a fome e o desejo por comida que ocorre na fome, foram realizados quatro experimentos com falantes nativos de inglês e de português. Na verdade, são dois experimentos básicos, com versões em inglês e em português, cujos resultados são considerados separadamente. O primeiro experimento básico diz respeito à conceitualização de fome e o segundo, à conceitualização de desejo, mas a partir da forma como fome foi conceitualizada. Os resultados obtidos em cada versão são comparados posteriormente.

Elementos de outras metáforas estão incluídos entre os elementos de fome e desejo para tentar identificar se essas metáforas podem ser instanciações metonímicas de DESEJAR É TER FOME. É investigada também a relação entre a conceitualização de comida enquanto objeto da fome, e de comida enquanto objeto do desejo sexual.

### **2.5.1. Hipóteses gerais**

Servirão de suporte para a proposta de Grady e colaboradores de que DESEJAR É TER FOME é uma metáfora primária, com base experiencial direta e universal, as seguintes hipóteses:

1. Se a fome for conceitualizada como a sensação desconfortável ou dolorosa causada pela necessidade de comida, conforme as definições apresentadas neste capítulo, os mesmos elementos das cenas primárias – *necessidade, desejo e desconforto* – estarão associados com a fome.

2. Se falamos de desejo em termos de fome por causa da estreita correlação que existe entre essas duas experiências, sintomas da fome deverão estar presentes também na conceitualização do desejo.
3. Se não há influência cultural envolvida na emergência dessa metáfora, os resultados nas duas línguas devem ser semelhantes.

É importante observar que *haver uma correlação entre fome e desejo e desejo ser conceitualizado em termos de fome* não significa dizer que exatamente todos os sintomas da fome devem estar presentes no desejo, nem que os efeitos provocados no corpo sejam necessariamente tão fortes em um quanto no outro, afinal fome e desejo são experiências diferentes. Da mesma forma, duas línguas poder ser *semelhantes* sem apresentarem resultados absolutamente iguais.

Além das hipóteses gerais, outros aspectos serão analisados neste trabalho. A proposta de Grady e colaboradores pressupõe que as metáforas primárias não apresentam lacunas. A falta de realização lingüística clara de uma das cenas primárias da metáfora – desconforto – pode ser ou não uma lacuna. Três hipóteses são levantadas:

4. Se o desconforto da fome não é realizado lingüisticamente porque não está mapeado no domínio-alvo, não serão encontradas correspondências entre sintomas relativos à fome e ao desejo. Nesse caso, existe uma lacuna, e parte da proposta de Grady deve ser reavaliada.
5. Se o desconforto da fome não é realizado lingüisticamente porque parte de seu conceito está implícito nos termos *fome e sede*, os sintomas relativos à fome estarão associados também ao desejo. Nesse caso, não existe lacuna.
6. Se desconforto não faz parte da experiência de desejo, nenhum de seus sintomas estará associado ao desejo. Nesse caso, houve erro de inferência.

Outros processos, no entanto, podem estar presentes na emergência de metáforas. Algumas podem ser instanciações metonímicas, em que cenas primárias são tomadas pela metáfora. Algumas dessas relações serão testadas:

7. Se outras metáforas forem instanciações metonímicas de DESEJAR É TER FOME, os itens relacionados a elas estarão associados tanto com fome quanto com desejo. Nesse caso, vale a pena fazer uma análise mais aprofundada, para confirmar se existe, de fato, uma relação entre DESEJAR É TER FOME e as outras metáforas.

Grady e colaboradores não fazem referências explícitas a fatores culturais envolvidos na formação de metáforas complexas. No entanto, a metáfora O OBJETO DO DESEJO SEXUAL É COMIDA, que parece ser composta, tendo DESEJAR É TER FOME como uma de suas primárias subjacentes, pode sofrer influência cultural em vários aspectos, inclusive na forma como comida é conceitualizada. A relação entre a conceitualização da comida e o objeto do desejo sexual será testada e são levantadas as seguintes hipóteses:

8. Se o objeto do desejo sexual é conceitualizado como o é comida, os elementos fortemente associados a fome estarão fortemente associados a desejo sexual.
9. Se essa metáfora pressupõe influências culturais, como sugerido, pode haver diferença entre os resultados dos experimentos em cada língua.

### Capítulo 3 – Domínio-Fonte: *Hunger*

A metáfora DESEJAR É TER FOME foi analisada, no capítulo anterior, a partir dos parâmetros estabelecidos por Grady (1997b) para uma metáfora primária. Foram identificadas quatro cenas primárias, mapeadas de um domínio no outro – *ter fome é desejar, ter sede é desejar, ter apetite por comida é ter apetite por alguma coisa ou por alguém, o desconforto da fome é o desconforto do desejo*. Aparentemente, a proposta de Grady se confirma, exceto quanto à presença de lacunas, o que não invalida a proposta como um todo, mas pode indicar que outros elementos devem ser levados em consideração. A realização lingüística desses mapeamentos aconteceu de forma semelhante em inglês e em português brasileiro. Não foram encontradas expressões lingüísticas metafóricas explícitas para a cena primária desconforto, em nenhuma das duas línguas. Isso pode indicar que essa cena ou não foi mapeada, i.e., há uma lacuna a ser explicada, ou é um acarretamento dos termos *fome* e *sede*.

Foi visto que os resultados da análise realizada no capítulo anterior podem estar enviesados, uma vez que tanto as definições, das quais partiu-se para fazer a análise, podem não corresponder à forma como os conceitos fome e desejo são entendidos metaforicamente, quanto os dados lingüísticos podem não ser um reflexo de representações metafóricas subjacentes.

Em busca de outras evidências, não apenas lingüísticas, sobre o processo envolvido na emergência da metáfora em estudo, foram realizados dois experimentos, um sobre a conceitualização da fome e outro sobre a conceitualização do desejo a partir da forma como a fome é concebida. Cada experimento foi feito em duas versões: uma em língua inglesa, para falantes nativos de inglês, e outra em língua portuguesa, para falantes nativos de português brasileiro. Os questionários não foram gerados em nenhuma das duas línguas especificamente, mas nas duas sucessivamente, de tal forma que uma versão sofreu influência da outra. Entretanto, é possível que tenha havido maior influência do inglês a partir de um determinado ponto, principalmente no questionário sobre desejo, uma vez que as versões finais foram concluídas primeiramente em inglês.

As hipóteses subjacentes à estrutura desses experimentos são as seguintes:

1. A fome é provavelmente entendida a partir dos efeitos que provoca no corpo. Se essa é uma experiência universal, a percepção desses efeitos deve ser semelhante em todas as culturas, apesar de alguns serem mais definidos que outros (por exemplo, sentir dor de estômago é mais definido que sentir fraqueza ou irritação). Se essa experiência sofre alguma influência cultural é possível que a diferença maior se dê entre os sintomas mais gerais. Em outras palavras, se a emergência da metáfora DESEJAR É TER FOME é gerada a partir de experiências universais, os resultados obtidos com sujeitos de língua inglesa não devem diferir dos de língua portuguesa. Caso contrário, é possível que essas diferenças sejam mais evidentes nos itens menos definidos.
2. Se fome é percebida através dos efeitos que provoca no corpo e desejo está estreitamente correlacionado a fome, a ponto de um ser falado em termos do outro, é porque sintomas de fome são também sintomas de desejo. Isso não significa dizer que todos os sintomas da fome devam necessariamente ser também sintomas do desejo, uma vez que essas são experiências distintas.

O primeiro passo, então, é identificar os sintomas de fome para, em seguida, verificar se eles são também os sintomas de desejo. Neste capítulo, serão discutidos apenas os aspectos relativos ao Experimento 1, realizado com falantes nativos de inglês, que investiga a conceitualização de fome.

### **3.1. Experimento 1**

O objetivo específico do experimento 1 é o de investigar a intuição do sujeito, enquanto falante nativo da língua inglesa, sobre os efeitos da fome no corpo. Foi elaborado e aplicado um questionário em que os sujeitos julgam, usando uma escala de 1 a 7, os vários itens relacionados aos efeitos físicos e psicológicos provocados no corpo pela fome (ver Apêndice 1). Cada questão consta de alguns itens claramente relacionados a fome e outros não tão relacionados<sup>35</sup>. A previsão era de que haveria dois grupos distintos, estatisticamente significativos (que serviriam de base para o experimento 2): um muito relacionado à fome e outro pouco relacionado à fome.

---

<sup>35</sup> Essa primeira classificação foi feita de acordo com a intuição de 2 brasileiros, 1 israelense e 3 americanos.

Foram incluídos também, neste questionário, itens relacionados ao tipo e característica da comida desejada para verificar se a forma de esses sujeitos conceitualizarem a comida tem relação com a forma em que a pessoa desejada também é conceitualizada.

### **3.2. Método**

#### **3.2.1. Sujeitos**

Vinte alunos de graduação da Universidade da Califórnia de Santa Cruz, todos falantes nativos do inglês, participaram deste estudo, para obtenção de créditos.

#### **3.2.2. Procedimentos**

Os sujeitos receberam um questionário para avaliar diversos itens sobre o conceito fome, de acordo com a intuição deles enquanto falantes nativos do inglês. Foi solicitado que julgassem cada item de acordo com suas primeiras impressões, sem pensar muito sobre eles. Nenhuma informação foi dada sobre a relação dessa pesquisa com a metáfora DESEJAR É TER FOME ou qualquer expressão lingüística.

Os sujeitos compareceram ao Laboratório do Prof. Gibbs, de seis em seis, em horário previamente agendado, para executar a tarefa, que teve duração de 20 minutos em média.

#### **3.2.3. Material**

Foi preparado um questionário sobre o conceito fome a partir dos resultados da análise realizada no capítulo anterior, da intuição da pesquisadora, e sugestões de alguns falantes nativos de inglês. O questionário consta de duas partes: uma sobre os efeitos da fome no corpo, composta de um grupo (Grupo I) com três questões, e outra sobre a conceitualização de comida, composta de três grupos (Grupo II, Grupo III e Grupo IV) com duas questões cada.

Os efeitos da fome no corpo podem aparecer em termos de efeitos físicos e de efeitos psicológicos. Em termos de efeitos físicos, pode-se falar em coisas bem específicas, como sentir dor de estômago ou dor de cabeça, ou coisas mais genéricas, como sentir fraqueza ou desconforto. Em termos de efeitos psicológicos, a fome leva as pessoas a terem comportamentos peculiares, como ficarem angustiadas ou emocionalmente frágeis. Verificar

como cada uma dessas formas está conceitualizada, pode dar uma melhor compreensão do conceito fome e assim facilitar a análise do mapeamento entre este domínio e o domínio do desejo. Mais interessante que essa tripartição é analisar os efeitos da fome no corpo como um todo, pois é o conjunto de sintomas que a determina. No entanto, sem perder essa visão holística da fome, foi através das especificações que se pode ter uma compreensão maior do mapeamento desse domínio no domínio do desejo.

O Grupo I consiste de questões sobre os efeitos da fome no corpo, contemplando os três aspectos acima, i.e., os sintomas localizados, os sintomas gerais e os sintomas de comportamento. Pediu-se aos sujeitos que avaliassem cada sintoma numa escala de 1 a 7 de acordo com a frequência em que eles acontecem, onde 1 representa o menos frequente (*nunca acontece*) e 7, o mais frequente (*sempre acontece*). Além de explicitada, a escala aparece também em forma de quadro antes das questões, para deixar clara e evidente a tarefa proposta.

A questão 1 investiga os efeitos da fome em partes específicas do corpo, i.e., os sintomas localizados. São 15 itens, seis dos quais considerados *efeitos da fome*, sete, *não efeitos da fome* e dois que poderiam ou não ser efeitos da fome (Quadro 3.1). Dentre essa possibilidade está *one becomes temporarily blind* que é parte da metáfora O AMOR É CEGO, que poderia ser uma instanciação metonímica de DESEJAR É TER FOME. Esses itens foram dispostos de forma aleatória.

A expectativa, tanto nesta quanto nas demais questões, é poder retirar dois grupos distintos, com significância estatística: um com itens mais relacionados à fome e outro com itens menos relacionados.

**Quadro 3.1 - Relação dos itens referentes a sintomas localizados, no Questionário de *hunger***

<i>efeitos da fome</i>	<i>efeitos possíveis da fome</i>	<i>não efeitos da fome</i>
one has a headache. one has a stomachache. the stomach grumbles. the mouth becomes dry. the very idea of food makes one's mouth water. the whole body aches.	one becomes temporarily blind. one is covered by cold sweat.	the hands itch. the nails become breakable. the fingers snap. one has a heart ache. the feet hurt. the knees swell. the eyes become red.

A questão 2 investiga os efeitos da fome no funcionamento geral do corpo, i.e., os sintomas gerais da fome. São também 15 itens, seis dos quais considerados *efeitos da fome*,

quatro, *não efeitos da fome* e cinco que poderiam ou não ser efeitos da fome (Quadro 3.2). Os cinco *efeitos-possíveis* fazem parte de outras metáforas que poderiam estar relacionadas com DESEJAR É TER FOME, como foi discutido no capítulo anterior. Assim é que *become sick* e *get a fever*, que fazem parte da metáfora O AMOR É UMA DOENÇA (*I'm sick for him; ele está doente pela Mariana*), poderiam ser uma instanciação metonímica de DESEJAR É TER FOME, no sentido em que a pessoa pode ficar doente em consequência da fome. De forma semelhante, *become crazy about food* e *do not think clearly*, e *can die – if they don't eat*, parte das metáforas AMOR É INSANIDADE e AMAR É MORRER, respectivamente, poderiam também ser partes de DESEJAR É TER FOME. Os itens foram dispostos de forma aleatória. A expectativa, aqui também, é obter dois grupos distintos: um dos *efeitos da fome* e outro dos *não efeitos*. Se os possíveis efeitos da fome se confirmarem como tal, é possível que sejam parte também da metáfora em estudo.

**Quadro 3. 2 - Relação dos itens referentes a sintomas gerais, no Questionário de *hunger***

<i>efeitos da fome</i>	<i>efeitos possíveis da fome</i>	<i>não efeitos da fome</i>
one becomes thirsty. one becomes dizzy. one becomes weak. one feels discomfort. one has an appetite. one becomes sleepy.	one becomes crazy about food. one becomes sick. one gets a fever. one can die – if they don't eat. one does not think clearly.	one wants to run. one gets annoyed. one becomes talkative. one does not want to see anybody.

A questão 3 investiga os efeitos da fome no comportamento. São 13 itens, três dos quais considerados *efeitos da fome*, seis, *não efeitos da fome* e quatro que poderiam ou não ser efeitos da fome (Quadro 3.3). Os quatro *efeitos-possíveis* fazem parte de outras metáforas que poderiam estar relacionadas com DESEJAR É TER FOME, como foi discutido na questão anterior. Assim é que duas outras metáforas estão sendo analisadas aqui: AMOR/LUXÚRIA É INSANIDADE e UMA PESSOA COM LUXÚRIA É UM ANIMAL. Os itens foram dispostos de forma aleatória. A expectativa, mais uma vez, é obter dois grupos distintos: um com os itens mais relacionados à fome e outro com os menos relacionados. Se os possíveis efeitos da fome se confirmarem como tal, é possível que sejam parte também da metáfora em estudo.

A investigação sobre a forma como os sujeitos concebem comida foi dividida em três grupos (Grupo II, Grupo III e Grupo IV), com perguntas sobre (a) que tipo de coisa se deseja comer quando se está com fome, (b) quais são as características da comida deliciosa, (c) quais

são os exemplos típicos de comida que satisfazem à fome e (d) que atos relacionados à ingestão de alimento evoca a comida deliciosa.

**Quadro 3. 3 - Relação dos itens referentes a comportamento, no Questionário de *hunger***

<i>efeitos da fome</i>	<i>efeitos possíveis da fome</i>	<i>não efeitos da fome</i>
one becomes depressed. one becomes very anxious. one becomes emotionally fragile.	one behaves madly as if he/she would do anything to get food. the smell of food drives one out of his/her mind. one is out of balance. one behaves like an animal chasing its pray.	one behaves normally. one keeps his/her feet on the ground. one can work well. one is able to maintain a high-level intellectual discussion. one drowns in sorrow. one acts down on others.

Parte dos itens lingüísticos, utilizados para compor as questões dos três grupos, foi retirada das expressões metafóricas relacionadas à metáfora O OBJETO DO DESEJO SEXUAL É COMIDA, coletadas em dicionários e livros e artigos sobre metáfora. Foram acrescentados à lista outros itens dentro das mesmas categorias. Por exemplo, se *sweet/doce* e *spice/picante* são termos freqüentemente utilizados em inglês e português para se referir à pessoa desejada, foram acrescentados a esse grupo itens como *sour/azedo*, *salty/salgado* e *bitter/amargo*. O Quadro 3.4 apresenta as categorias e subcategorias que foram utilizadas para formar os itens dos Grupos II e III.

**Quadro 3. 4 - Categorias utilizadas no Grupo II e III, do Questionário de *hunger***

<i>tipo de comida</i>	<i>propriedades</i>		
	<i>tipo de prato</i>	<i>forma de preparo</i>	<i>sabor</i>
meats	cold	stewed	sweet
desserts	hot	fried	salty
fruits	frozen	roasted	sour
drinks		grilled	bitter
dairy products		baked	spicy
vegetables		cooked	luscious
cereals			
sweets			
pastas			
pastries			
sea food			

O Grupo II é composto de duas questões, em que os sujeitos devem julgar os itens numa escala de freqüência variando de 1 a 7, onde 1 corresponde ao menos freqüente (*nunca*) e 7, ao mais freqüente (*sempre*). A questão 1 trata da freqüência com que se deseja comer

determinada comida quando se está com fome. Foram incluídos aqui itens variados: alguns relacionados ao sabor (e.g. *salty, sweet, spicy*), tipo de prato (e.g. frio e/ou quente), tipos de comida (e.g. *pastas, meat, sea food*) e alguns exemplos de comida (e.g. *sandwiches, cakes, pies, tarts, sweets*). São 18 itens no total. O interesse nessa questão é verificar que característica da comida leva a pessoa a ter maior ou menor desejo quando está com fome, para depois verificar se isso tem importância no mapeamento do domínio-fonte (comida) no domínio-alvo (o objeto do desejo).

A questão 2 indaga sobre a frequência com que o sujeito considera as 15 propriedades, apresentadas no Quadro 3.4, como características positivas de uma comida deliciosa. Pretende-se com essa questão investigar se o OBJETO DO AMOR/DESEJO SEXUAL é conceitualizado como uma COMIDA APETITOSA, como sugere Kövecses (1990). De fato as expressões linguísticas vão na direção das idéias de Kövecses. A propriedade *doce* aparece com muita frequência para referir-se ou dirigir-se à pessoa desejada. Características como *azedo* ou *amargo* não aparecem relacionadas ao desejo pelo outro, mas poderiam ser vistas como anti-características da pessoa desejada uma vez que são empregadas com sentidos altamente negativos.

O Grupo III trabalha com a prototipicidade da comida. Pede-se aos sujeitos que julguem os itens numa escala de tipicidade da comida variando de 1 a 7, onde 1 corresponde à comida menos típica (*não típica*) e 7, à mais típica ( *muito típica*). As questões se apresentaram de duas formas. Na primeira, pede-se um julgamento dos tipos de comida (Quadro 3.4) enquanto itens típicos da categoria geral de comida. Na segunda, pede-se um julgamento de exemplos dos tipos de comida (Quadro 3.5) enquanto exemplos típicos de comida para satisfazer a fome. Na verdade essas duas questões são uma só, colocadas de forma separada, mais com o intuito de testar a coerência das respostas. Podem mostrar se a forma de categorizar a comida pode estar relacionada ao mapeamento da comida como o objeto do desejo.

**Quadro 3. 5 - Exemplos de tipos de comida usados no Questionário de *hunger***

<i>carne</i>	<i>fruto do mar</i>	<i>massa</i>	<i>laticínio</i>	<i>sobremesa</i>	<i>doce</i>	<i>fruta</i>	<i>vegetais</i>	<i>outros</i>
bird duck pork beef chicken	caviar tuna fish fish lobster salmon	tarts pies cookies rice bread	cream milk yogurt cheese	meringue jelly mousse cakes ice cream	caramel honey sweetie sugar jam sweets chocolate	mango grape strawberry pineapple banana orange peach apple avocado	onion lettuce green pepper tomato carrot potato corn salad	cashew nut nut egg omelet

Um outro aspecto relacionado à metáfora O OBJETO DO DESEJO É COMIDA diz respeito ao uso de verbos que envolvem o ato de comer relacionado ao desejo pelo outro, como no exemplo de Emanatian apresentado no capítulo anterior. Esse aspecto é trabalhado no Grupo IV do questionário, em que se pede ao sujeito para julgar exemplos de ações humanas que envolvem comida, na questão 1, e ações humanas que envolvem bebida, na questão 2, numa escala de 1 a 7 em relação ao sabor da comida que suas ações refletem. Nessa escala, 1 corresponde à ação que reflete uma comida não saborosa e 7, uma comida muito saborosa. No Quadro 3.6, estão os verbos utilizados para cada questão. O objetivo dessas questões é tentar identificar se existe alguma relação entre o tipo de verbo que usamos para identificar uma comida saborosa e o mapeamento desses verbos no domínio do desejo pelo outro.

**Quadro 3. 6 – Verbos relacionados à ingestão de comida usados no Questionário de *hunger***

<i>verbos que envolvem comida</i>			<i>verbos que envolvem bebida</i>
to chew	to snap up	to lap up	to drink
to crunch	to bolt	to eat	to take
to grind	to wolf	to devour	to swallow
to gnaw	to gorge	to savour	to sip
to bite	to suck	to revel	to suck
to swallow	to gobble	to nibble	to gulp
to lick	to digest		

### **3.3. Resultados e discussão**

O questionário sobre o domínio-fonte da metáfora DESEJAR É TER FOME foi estruturado em duas partes. Uma parte para investigar diretamente o domínio-fonte da metáfora em estudo e a outra para investigar o domínio-fonte de uma outra metáfora, O OBJETO DO DESEJO É COMIDA, estreitamente relacionada a DESEJAR É TER FOME. A primeira parte refere-se aos

efeitos da fome no corpo e investiga esses efeitos através de três tipos de sintoma: os localizados, os gerais e os de comportamento.

A segunda parte investiga a conceitualização da comida através de quatro aspectos: o tipo de coisa que uma pessoa faminta deseja comer, as características positivas de uma comida deliciosa, os exemplos típicos de comida para satisfazer a fome, e os tipos de ação humana envolvendo comida que evocam comida saborosa.

A análise estatística foi feita através do programa de estatística e análise de dados para saúde pública, Epi Info 6, versão 6.02, de outubro de 1994, de domínio público, distribuído pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) americano, e Organização Mundial de Saúde. Foram aplicados testes de variância ANOVA. Os resultados serão apresentados, seguindo a ordem do questionário.

### 3.3.1. Os efeitos da fome no corpo

De modo geral, os resultados confirmaram as hipóteses iniciais, i.e., a maioria dos itens previstos como *efeito da fome* ou *não efeito da fome* no corpo foram considerados como tais (Quadro 3.7). Para cada questão, foi possível separar dois grupos com notas médias estatisticamente diferentes ( $F_{(1,198)}=284,10$ ,  $p<0,000001$ ;  $F_{(1,198)}=174,32$ ,  $p<0,000001$  e  $F_{(1,158)}=81,93$ ,  $p<0,000001$ , para sintomas localizados, gerais e de comportamento, respectivamente): o grupo *top*, que constitui os itens que receberam maior pontuação, i.e., os itens mais relacionados com a fome; e o grupo *bottom*, que constitui os itens que receberam menor pontuação, i.e., os itens menos relacionados com a fome. Essa separação foi feita de forma proporcional ao número de itens de cada questão. Por exemplo, em uma questão com 15 itens, os cinco itens com pontuação mais alta foram incluídos no grupo *top* e os cinco itens com pontuação mais baixa, no grupo *bottom*. Uma análise discriminante<sup>36</sup> posterior confirmou essa distribuição.

Os cinco itens do grupo *top* referentes aos sintomas localizados foram previstos como efeitos da fome, e quatro dos cinco itens do grupo *bottom* foram previstos como não-efeitos. *One becomes temporarily blind*, que poderia ser uma instanciação metonímica da metáfora em estudo, entrou no grupo *bottom*, mostrando pouca relação com a fome. Os itens do grupo

intermediário, com exceção de *the mouth becomes dry*, apresentaram baixa pontuação, mostrando que eles estão pouco relacionados com a fome para esse grupo de sujeitos.

**Quadro 3. 7 - Resultados sobre os efeitos da fome no corpo, de acordo com a intuição dos falantes de inglês**

grupo	sintomas localizados	sintomas gerais	sintomas de comportamento
top	the stomach grumbles. the very idea of food makes one's mouth water. one has a stomachache. one has a headache. the whole body aches.	one feels discomfort. one becomes weak. one becomes dizzy. one gets annoyed. one has an appetite.	one is out of balance. one becomes emotionally fragile. one becomes very anxious. one becomes depressed.
média	5,39	6,03	4,74
bottom	one becomes temporarily blind. the knees swell. the feet hurt. the fingers snap. the hands itch.	one becomes crazy about food. one does not want to see anybody. one becomes talkative. one gets a fever. one wants to run.	one drowns in sorrow. one behaves like an animal chasing its pray. one behaves normally. one can work well.
média	2,02	3,27	2,63
ANOVA	$F_{(1,198)}=284,10$ ; $p<0,000001$	$F_{(1,198)}=174,32$ ; $p<0,000001$	$F_{(1,158)}=81,93$ ; $p<0,000001$
Resultado	T>B	T>B	T>B

Quanto aos sintomas gerais, com exceção de *become sick*, os demais itens previstos como efeitos e possíveis efeitos da fome receberam pontuação alta, i.e., acima de 4. Entretanto, *become crazy about food*, apesar da pontuação alta (4,80), foi incluído no grupo *bottom*. Um dos itens previstos como não-efeito da fome, *get annoyed*, ficou entre os cinco itens do grupo *top*, e outro item, *do not want to see anybody*, apesar de permanecer no grupo *bottom*, também recebeu pontuação alta (4,25). Os demais itens do grupo *bottom* receberam pontuação abaixo de 3, confirmando a previsão de não serem relacionados à fome.

Os grupos de *top* e *bottom* relacionados aos efeitos da fome no comportamento ficaram com 4 itens cada. Os três itens previstos como efeitos da fome e um dos itens possíveis, *the person is out of balance*, relacionado à metáfora AMOR/LUXÚRIA É INSANIDADE, compõe o grupo *top*. Três dos seis itens previstos como não-efeitos da fome permaneceram no grupo *bottom*. Um dos itens considerados como possível efeito da fome, *the person behaves like an animal chasing its pray*, relacionado à metáfora UMA PESSOA COM LUXÚRIA É UM ANIMAL, faz parte do grupo *bottom*, mostrando pouca relação entre esta metáfora e DESEJAR É TER FOME.

<sup>36</sup> Realizada através do programa estatístico SAS 6.12.

A investigação sobre o domínio-alvo da metáfora em estudo (desejo) será feita com base nos dados obtidos nos grupos *top* e *bottom* de cada questão. Se a motivação para a metáfora em estudo é a correlação entre a sensação física da fome e o desejo por comida que a acompanha, espera-se encontrar também diferenças estatisticamente significativas entre esses dois grupos no estudo sobre os efeitos do desejo no corpo.

Alguns problemas com o *design* do questionário, que provavelmente vão impedir uma compreensão clara de alguns dos fenômenos que se deseja analisar, já podem ser apontados. O pequeno número de itens em cada questão fez com que os grupos de *top* e *bottom* também tivessem poucos itens. O número de itens previstos como efeitos e não-efeitos, de modo geral, foi maior que o número de itens nos grupos, que foi preenchido, como visto acima, na sua maioria, pelos itens previstos. A consequência disso é que não foi possível visualizar muito bem a relação entre outras metáforas e a metáfora em estudo, isto é, os itens classificados como possíveis efeitos não puderam ser visualizados enquanto efeitos ou não-efeitos.

Um outro problema é que foram incluídas quantidades diferentes de itens relacionados a essas outras metáforas, como pode ser visto no Quadro 3.8. Enquanto as metáforas O AMOR É CEGO e UMA PESSOA COM LUXÚRIA É UM ANIMAL tiveram suas únicas instanciações lingüísticas nos grupos pouco relacionados à fome, AMOR/LUXÚRIA É INSANIDADE, com quatro instanciações, teve uma no grupo *top* (*is out of balance*) e outra no grupo *bottom* (*become crazy about food*). Em outras palavras, não se tem dados suficientes para garantir que essas metáforas estão ou não, ou mesmo pareçam estar ou não, relacionadas à fome, pois não há número suficiente dessas instanciações para serem testadas com o domínio-alvo (desejo).

**Quadro 3. 8 - Outras metáforas incluídas no Questionário de *hunger* como prováveis instanciações metonímicas da metáfora DESEJAR É TER FOME**

<i>UMA PESSOA COM LUXÚRIA É UM ANIMAL</i>	<i>AMOR/LUXÚRIA É INSANIDADE</i>	<i>O AMOR É UMA DOENÇA</i>	<i>O AMOR É CEGO</i>
one behaves like an animal chasing its pray.	one becomes crazy about food. one behaves madly as if he/she would do anything to get food. the smell of food drives one out of his/her mind. one is out of balance.	one becomes sick. one gets a fever. one can die – if they don't eat.	one becomes temporarily blind.

Além dessas, posteriormente foi identificada uma outra metáfora altamente relacionada com o desejo entre os itens não relacionados à fome, a saber, COMPULSÃO PARA AGIR É UMA COCEIRA (*hands itch*).

### 3.3.2. A conceitualização de comida

A metáfora O OBJETO DO DESEJO É COMIDA é apenas complementar a este estudo, não sendo, portanto, analisada em detalhes. Somente aqueles pontos julgados interessantes e relevantes para analisar influências culturais no objeto da saciedade da fome serão considerados.

É importante ressaltar mais uma vez que os resultados desta análise não têm implicação direta sobre a metáfora DESEJAR É TER FOME. Por exemplo, visualizar o objeto do desejo como um biscoito ou uma maçã não muda nada na relação que se quer estabelecer entre desejo e fome. A questão aqui é verificar se a forma como a comida é conceitualizada tem alguma relação com a forma como o objeto do desejo é conceitualizado.

A conceitualização da comida foi investigada através de quatro aspectos: o tipo de coisa que se deseja comer quando se está com fome, as propriedades positivas de uma comida deliciosa, os exemplos típicos de comida para satisfazer a fome e o tipo de ação humana envolvendo comida que evoca a comida saborosa.

Aqui também foi possível separar dois grupos com notas médias estatisticamente diferentes (ver resultados do teste de variância no Quadro 3.9): o grupo *top*, entendido como aqueles itens mais relacionados com a conceitualização da comida, e o grupo *bottom*, que contém os itens menos relacionados. Essa separação foi feita usando o mesmo procedimento anterior para os efeitos da fome no corpo, i.e., de forma proporcional ao número de itens de cada questão. Logo *top* contém os itens com pontuação mais alta e *bottom*, aqueles com pontuação mais baixa.

Parece haver uma distinção clara entre comida para satisfazer a fome e comida para satisfazer o paladar. Tanto os pratos *quentes* quanto os *frios* receberam alta pontuação com relação ao tipo de coisa que uma pessoa faminta deseja comer. Entretanto, apenas *quente* recebeu alta pontuação como uma propriedade positiva de comida deliciosa. *Doce* também recebeu alta pontuação enquanto uma propriedade positiva de comida deliciosa, mas não

enquanto propriedade de uma comida desejável por uma pessoa com fome. Os exemplares contendo essa propriedade (doce) receberam pontuação baixa enquanto exemplos típicos de comida para satisfazer a fome, estando a sua maioria no grupo *bottom*. Entretanto, as expressões lingüísticas usadas com ou para a pessoa desejada em inglês são ricas dessa propriedade (*Hi, sugar!*; *Hey, honey, how are you today?*; *She's a bit of jam*; *Her touch was so sweet*).

**Quadro 3. 9 - Resultado geral sobre a conceitualização de comida, por grupos *top* e *bottom*, de acordo com a intuição dos falantes de inglês**

<i>grupo</i>	<i>tipo de coisa que se deseja quando faminto</i>	<i>característica da comida deliciosa</i>	<i>Exemplos típicos de comida para satisfazer a fome</i>	<i>verbos que evocam a comida saborosa</i>
T O P	anything, either hot or cold a hot dish pastas a cold dish something salty sandwiches	sweet luscious cooked baked hot	Bread rice potato salad cheese omelet chicken avocado apple orange peach corn banana carrot yogurt	to savour to revel to eat to chew to lick to devour to drink to sip to
<i>média</i>	5,05	5,25	4,07	5,57
B O T T O M	pies meat tarts sea food something sour something bitter	fried frozen sour stewed bitter	jam duck sugar pies mousse cream onion sweetie tarts honey bird jelly caramel meringue caviar	to lap up to snap up to grind to gnaw to bolt to digest to swallow to take
<i>média</i>	2,91	1,27	1,80	2,76
ANOVA	$F_{(1, 238)} = 86,90$ $p < 0,000001$	$F_{(1, 197)} = 117,43$ $p < 0,000001$	$F_{(1, 597)} = 322,61$ $p < 0,000001$	$F_{(1, 313)} = 235,12$ $p < 0,000001$
Resultado	T>B	T>B	T>B	T>B

É possível que coisas doces não sejam exatamente para matar a fome. Sobremesa, por exemplo, é algo para se saborear, deleitar-se, não para matar a fome. Os itens *savour* e *revel* estão no grupo *top* dos verbos que evocam uma comida saborosa, mostrando que o prazer é também parte da satisfação da fome. É possível que A PESSOA DESEJADA É COMIDA esteja mais relacionada com a característica deliciosa da comida do que com aquelas para matar a fome. O que poderia explicar também as expressões lingüísticas com *hot* e *cold*. Como *hot*, e não *cold*, está entre as características positivas de uma comida deliciosa, uma pessoa *hot* seria considerada desejável, enquanto que uma pessoa *cold*, não.

Da mesma forma, *bitter* e *sour* não foram consideradas como características positivas de uma comida deliciosa, nem de alguma coisa desejável. Nas expressões lingüísticas, esses termos aparecem com sentidos negativos, i.e., uma pessoa *bitter* ou *sour* está longe de ser desejável.

Naturalmente que podem existir outras explicações para este fato. *Hot* pode ser parte de uma metáfora resultante dos efeitos da emoção no corpo – DESEJO SEXUAL É CALOR, como tem sido sugerido. Em outras palavras, *hot* seria uma característica daquele que *come* e não da *comida*. Mas, então, como se explicaria que, em algumas línguas (e.g. em Chagga), o homem, que é o que come, não pode ser *hot*, apesar de sentir desejo, e a mulher, que é a comida, a quem não é dado o direito de desejar, pode ser *hot*?

Se o fato de Grady e colaboradores não falarem em influências culturais na emergência da metáfora significa que eles não consideram a cultura como um fator envolvido nesse processo, como explicar tais diferenças culturais?

Levantou-se inicialmente a hipótese de que essa metáfora seria uma composta (tendo como uma de suas primárias DESEJAR É TER FOME), com grande influência cultural. É provável, então, que os itens encontrados em inglês sejam diferentes daqueles que serão encontrados em português. Em inglês, um terço dos exemplos mais típicos de comida para satisfazer a fome é de *frutas* (Quadro 3.10). *Doces* representam um terço dos exemplos menos típicos. Mas a falta de proporção no número de itens que foram utilizados para cada tipo de comida, pode ser um fator de confusão, pois alguns exemplares da categoria podem ser melhores exemplos que outros. Enquanto *frutas* teve nove exemplos, *laticínios* teve apenas quatro, em que dois fazem parte do grupo *top* e um do grupo *bottom*. De qualquer forma, quatro tipos de comida podem ser destacados: *frutas*, em que cinco exemplares estão no grupo *top* e nenhum no grupo

*bottom*; vegetais, em que metade de seus exemplares está em *top* e apenas um em *bottom*; e *sobremesas* e *doces*, em que 60% e 71%, respectivamente, de seus exemplares estão no grupo *bottom* e nenhum em *top*.

**Quadro 3. 10 - Distribuição do tipo de comida nos grupos *top* e *bottom*, de acordo com a intuição dos falantes de inglês**

<i>tipo de comida</i>	<i>total</i>	<i>top</i>	<i>bottom</i>
carnes	5	1	2
frutos do mar	5	-	1
massas	5	3	2
laticínios	4	2	1
sobremesas	5	-	3
doces	7	-	5
frutas	9	5	-
vegetais	8	4	1
outros	4	1	-

Além dos problemas com o questionário já citados, foram observados mais alguns outros que podem afetar os resultados da análise como um todo. Entre os verbos investigados, alguns não têm uso comum relacionado ao ato de comer (*lap up, snap up, bolt, grind*). Esses verbos receberam baixa pontuação e estão no grupo *bottom*. *Swallow* e *take*, que estão entre os verbos pouco relacionados a uma bebida deliciosa, também podem ser usados envolvendo o ato de comer. O verbo *take*, enquanto uma ação envolvendo o ato de comer, não foi testado, e *swallow*, que também foi testado enquanto um verbo de comer, ficou no grupo intermediário, i.e., não ficou entre os verbos do grupo *top* mas também não ficou entre aqueles menos relacionados ao bom sabor da comida.

### 3.4. Síntese

Neste capítulo, foram apresentados os resultados do Experimento 1, realizado com falantes nativos de inglês, sobre a conceitualização de fome e de comida. Fome, para esses falantes, parece estar conceitualizada de forma semelhante aos conceitos trabalhados no Capítulo 2, ou seja, expressa-se através de sintomas específicos como dor de estômago e água na boca, e de sintomas mais gerais como fraqueza e apetite. É clara a relação entre a fome e a presença de sintomas provocados pela **necessidade** de comida, como o **desejo** e o **desconforto**, que induzem o faminto a suprir a falta de alimento no corpo.

Comida, por outro lado, parece ser concebida de duas formas diferentes: existe a comida para satisfazer a fome e a comida para agradar o paladar. A comida para satisfazer a fome não é a mesma para agradar o paladar. As expressões lingüísticas ligadas a desejo estão muito relacionadas a esse segundo conceito de comida. É provável que uma outra metáfora subjacente a O OBJETO DO DESEJO É COMIDA seja O AGRADÁVEL É GOSTOSO, que nasce da correlação entre nossa avaliação de sabor e nosso estado de desejo (e.g. *What a delicious suggestion; este vestido é de muito bom gosto*).

Cada aspecto analisado com relação à fome neste experimento será analisado também com relação ao desejo no Experimento 2. Para isso, serão utilizados os resultados obtidos neste experimento, que se constituem de itens muito relacionados aos conceitos estudados (fome e comida) e itens pouco relacionados aos mesmos conceitos. Esses itens serão utilizados para a elaboração do material do Experimento 2, que será realizado também com falantes nativos de inglês.

## Capítulo 4 – Domínio Alvo: *Desire*

No capítulo anterior, foram descritos e discutidos os resultados do Experimento 1, cujo objetivo foi identificar os elementos mais e menos relacionados ao domínio fonte da metáfora DESEJAR É TER FOME. Através de um questionário, 20 sujeitos, falantes nativos de inglês, julgaram, numa escala de 1 a 7, três aspectos da fome: um relacionado aos efeitos físicos da fome em partes específicas no corpo, outro sobre os efeitos gerais da fome no corpo e o último sobre os efeitos da fome no comportamento. Além da fome, foram investigados alguns aspectos relacionados ao domínio fonte da metáfora O OBJETO DO DESEJO É COMIDA. Para cada questão, foram estabelecidos dois grupos, com notas médias estatisticamente diferentes, *top* e *bottom*.

Neste capítulo, será descrito e discutido o Experimento 2. O objetivo deste experimento é verificar se os elementos básicos do domínio fonte (fome) levantados no Experimento 1 estão mapeados no domínio alvo (desejo). Partiu-se da hipótese de que se DESEJAR É TER FOME é uma metáfora primária, no sentido em que ela nasce da correlação entre fome e desejo, também deve haver diferenças significativas entre os grupos *top* e *bottom* dos itens relacionados aos efeitos da fome no corpo quando o desejo for considerado.

Com relação à conceitualização da comida, o objetivo é verificar se a forma como se fala da pessoa desejada está relacionada à forma como a comida é conceitualizada e se isso tem alguma relação com a fome. Se o desejo pelo outro é conceitualizado como a comida, também devem ser encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos *top* e *bottom* do Experimento 1 relacionados à comida.

No Capítulo 2 levantou-se a hipótese de que o desejo por coisas ou por pessoas poderia estar metaforicamente conceitualizado de formas diferentes. Por exemplo, na metáfora O OBJETO DO DESEJO É COMIDA, esse objeto parece se referir apenas a pessoas, e pode envolver tanto o desejo presente na luxúria quanto no amor romântico (Kövecses, 1990). Como visto na análise lingüística da metáfora DESEJAR É TER FOME, de modo geral, os termos usados para falar do desejo por coisas abstratas ou concretas também são usados para falar do desejo por alguém, mas isso não implica que o desejo por *coisas* ou *pessoas* seja conceitualizado da

mesma forma. Se assim fora, por que o objeto do desejo como comida também não se aplica a coisas? Uma análise separando o desejo por *coisas* do desejo por *pessoas* pode mostrar se o que está restringindo a metáfora O OBJETO DO DESEJO É COMIDA é uma distinção no termo *desejo* ou uma outra metáfora subjacente.

Como homens e mulheres têm inerentemente preferências diferentes no que se refere ao desejo por alguém (Buss, 1994)<sup>37</sup>, essa distinção também deve ser investigada separadamente, uma vez que pode trazer informações sobre possíveis influências culturais no mapeamento.

#### 4.1. Experimento 2

O experimento 2 consta de dois questionários, baseados no questionário de *hunger*. O desejo foi analisado sob três perspectivas: o desejo presente no amor romântico (daqui em diante tratado por *love*), na luxúria (daqui em diante tratado por *lust*) e o desejo por alguma coisa ou de fazer alguma coisa (daqui em diante tratado por *others*). *Love* e *lust* foram investigados juntos, no mesmo questionário, com o mesmo grupo de sujeitos. *Others* foi investigado em um outro questionário, mas igualmente estruturado, com um grupo diferente de sujeitos.

---

<sup>37</sup> Buss (1994) desenvolveu uma grande pesquisa sobre a sexualidade humana, envolvendo 10.047 pessoas de 37 culturas diferentes (espalhadas em seis continentes e cinco ilhas da Austrália à Zâmbia), representando todos os principais grupos raciais, religiosos e étnicos mundiais, e vivendo sob os vários sistemas políticos. A pesquisa abrangeu habitantes rurais e de grandes cidades, pessoas com alto e baixo nível de educação, de todas as idades entre 14 e 70 anos. Foram pesquisadas todas as esferas do relacionamento sexual humano: paqueras, namoros nos vários estágios, casamentos entre o primeiro e quinto ano, relacionamentos extraconjugais, divórcios, além de outros aspectos sociais importantes, como estupro, assédio e abuso sexual, pornografia. Os resultados de Buss (ibid.:211) mostram que, psicologicamente, homens e mulheres são diferentes e que essas diferenças são universais (i.e. produtos de nossa história de evolução). Por exemplo, enquanto os homens preferem parceiras jovens e fisicamente atraentes, as mulheres optam por parceiros com *status*, maturidade e potencial para obtenção de recursos econômicos.

## 4.2. Método

### 4.2.1. Sujeitos

Cinquenta alunos de graduação da Universidade da Califórnia de Santa Cruz, falantes nativos do inglês, participaram do Experimento 2. Nenhum deles participou do Experimento 1. Vinte e cinco responderam o questionário *love-lust* e 25 o questionário *others*.

### 4.2.2. Procedimentos

Metade dos sujeitos recebeu um questionário para avaliar a aceitabilidade de diversos itens relacionados ao desejo de amor e de atração sexual, de acordo com a intuição deles enquanto falantes nativos do inglês. Os demais sujeitos receberam um questionário para avaliar a aceitabilidade de diversos itens relacionados ao desejo por alguma coisa ou de fazer alguma coisa. Foi solicitado que julgassem cada item de acordo com suas primeiras impressões, sem pensar muito sobre eles. Nenhuma informação foi dada sobre a relação dessa pesquisa com fome ou com a metáfora DESEJAR É TER FOME.

Os sujeitos compareceram ao Laboratório do Prof. Gibbs, de seis em seis, em horário previamente agendado, para executar a tarefa, que teve duração de aproximadamente 30 min para o questionário de *love-lust* e 15 min para o questionário de *others*.

### 4.2.3. Material

Foram preparados dois questionários, utilizando os itens dos grupos *top* e *bottom* do Experimento 1 (ver Apêndice 2). Esses itens foram apresentados de duas formas: (1) através de perguntas diretas sobre o sentimento e o comportamento de pessoas cheias de desejo tanto por alguém quanto por alguma coisa, e.g. *How do you imagine that somebody who is deeply in love or has a strong desire feels?* Esses itens serão tratados como **itens do corpo**, porque representam os efeitos do desejo no corpo, e são exatamente as mesmas perguntas feitas para a **fome**; (2) Através de sentenças, usando os itens em um contexto curto, em que os sujeitos julgam a aceitabilidade delas enquanto forma de falar sobre o desejo por alguém ou por alguma coisa. As frases foram construídas em primeira e segunda pessoas do singular, de

forma a provocar certa identificação com o sujeito, e.g. *My stomach was aching for you*. Esses são tratados como *itens lingüísticos*. Esses dois tipos itens estão resumidos no Quadro 4.1. A maioria das sentenças com os *itens lingüísticos* soa estranha, pois está longe da forma convencional usada para falar do desejo. No entanto, se os itens relacionados à fome também estão relacionados ao desejo, isso pode ser verificado também a partir da aceitabilidade de expressões lingüísticas novas, que sejam licenciadas pela metáfora subjacente. É possível que o desconforto, que não está claramente convencionalizado na língua, esteja implícito nos termos *fome* e *sede*, e apareça nessa forma não convencional. Na teoria da metáfora conceitual, mas não na proposta de Grady e colaboradores, muitas metáforas lingüísticas novas são baseadas em aspectos de metáforas conceituais não usados convencionalmente. Se esses itens são aceitos, isso pode significar que eles estão mapeados, apesar de não fazerem parte da forma convencional de expressão lingüística da metáfora em estudo.

Sabe-se, no entanto, que a aceitação de expressões lingüísticas pode ser arbitrária e ocasional. Por que a forma *sex-starved* é aceita facilmente por falantes de língua inglesa, mas *power-starved* não tem o mesmo grau de aceitação? Por que alguns usam com naturalidade a expressão *fome de bola* e outros dizem que essa não é uma expressão do português? Resultados baseados em *itens lingüísticos* podem não traduzir exatamente a rejeição dos itens analisados, por isso devem ser considerados com cautela.

Quadro 4.1 – Definição dos tipos de itens usados nos questionários

Tipos	Definição
<i>Itens do corpo</i>	Itens em perguntas diretas sobre os efeitos do desejo no corpo, i.e., o que sente e como se comporta a pessoa com desejo.
<i>Itens lingüísticos</i>	itens em contextos lingüísticos para julgamento de aceitabilidade de uso como forma de se dirigir à pessoa desejada.

No questionário *love-lust*, pede-se aos sujeitos que julguem cada item na perspectiva do desejo de amor romântico (*love*) e de luxúria (*lust*). O questionário consta de duas partes, análogas ao questionário de *hunger*. A primeira, sobre os efeitos do desejo (de *love* e *lust*) no corpo, e a segunda, sobre o uso de termos de comida para se referir ou dirigir à pessoa desejada (por *love* e *lust*).

A parte relacionada aos efeitos do desejo no corpo contém dois grupos. No grupo I, pede-se aos sujeitos que avaliem várias sentenças (Quadro 4.2), formadas com os itens de *top*

e *bottom* do questionário de *hunger*, como formas potenciais de falar sobre o desejo pelo outro, através de uma escala de aceitabilidade variando de 1 a 7, em que 1 representa *não aceitável* e 7, *plenamente aceitável*. Os itens de *bottom* da questão sobre os efeitos da fome no comportamento não foram incluídos aqui, porque não se conseguiu estruturar frases com esses itens com significados diferentes dos sentidos convencionais acarretados, que, por sua vez, não são relacionados ao desejo de interesse desse questionário, mas que poderiam ser confundidos. Por exemplo, *I can work well for you* pode ser entendido como o desejo de fazer alguma coisa bem para satisfazer o outro e, por isso, ter boa aceitação. Nesse sentido, *can work well* não é um efeito do desejo no corpo, i.e., um tipo de sentimento de comportamento impulsionado pelo desejo, mas um tipo de decisão tomada para satisfação do outro.

**Quadro 4.2 - Grupo I: Expressões linguísticas julgadas através de uma escala de aceitabilidade - Questionário de *love-lust***

<i>Sintomas</i>	<i>Expressões com itens top</i>	<i>Expressões com itens bottom</i>
Localizados	I have a strong headache for you. My stomach was aching for you. You really make my mouth water. My stomach grumbles for you. My whole body aches for you.	At that time, I was completely blind for you. It was only one month ago that I realized how my feet hurt for you. You're the only one who thinks my fingers snap for you. Everybody knows now that my knees swell for you. My hands were itching for you.
Gerais	I got very annoyed for you. You're very attractive. I'm completely dizzy for my wife/husband. I have a great appetite for my boss. I know I'm becoming weak for you. I left my wife/husband because I was feeling discomfort for my neighbor.	I wanted to run for you. I became talkative for you. I've got a fever for you. I don't want to see anybody for you. I'm crazy for you.
de Comportamento	I am very anxious for my friend. I was out of balance for my science teacher. I'm completely emotionally fragile about you. We are very depressed for each other.	- - - -

No Grupo II, foram repetidas exatamente as mesmas questões sobre os sintomas gerais e de comportamento do questionário de *hunger*, só que agora relacionado ao desejo<sup>38</sup>. Pede-se aos sujeitos que avaliem numa escala de frequência variando de 1 a 7, onde 1 representa *nunca*

<sup>38</sup> Infelizmente, por erro, não foi incluída uma questão de *itens do corpo* sobre os sintomas localizados, o que provavelmente vai trazer problemas com a análise dos resultados.

e 7, *sempre*, como alguém muito apaixonado ou com grande desejo se sente e se comporta. Isto, naturalmente, sob a perspectiva tanto do desejo de amor romântico quanto de luxúria.

O Grupo III é estruturado de forma semelhante ao I, mas aqui com termos relacionados à comida para falar da pessoa desejada. Os itens *top* e *bottom* dos grupos II e III do questionário *hunger* estão colocados em pequenos contextos lingüísticos e pede-se aos sujeitos que avaliem a aceitabilidade das sentenças, em uma escala de 1 a 7, onde 1 correspondente a *não aceitável* e 7, a *plenamente aceitável*, enquanto formas em potencial de se dirigir à pessoa desejada pelo amor romântico ou por luxúria. Como algumas dessas expressões poderiam ser bem aceitas quando a pessoa desejada é um homem e rejeitadas quando é mulher, ou vice-versa, ou poderiam ser aceitas ou rejeitadas tanto quando dirigidas a um homem quanto a uma mulher, pede-se que cada item seja julgado também com essa perspectiva. São, portanto, quatro aspectos para serem avaliados em cada item: se ele é aceito enquanto uma forma de se dirigir a um homem que é desejado por amor, ou por luxúria, e enquanto uma forma de se dirigir a uma mulher que é desejada por amor, ou por luxúria.

Das 48 sentenças que compõem o Grupo III, 26 contêm itens do grupo *top*, e.g. *When I was young, I used to be a real avocado*, e 22, do grupo *bottom*, e.g. *Since I saw that pie I am with my head going round*.

O Grupo IV explora a aceitabilidade de verbos que envolvem o ato de comer e de beber relacionados ao desejo pelo homem ou pela mulher, tanto através do amor quanto da luxúria. Ou seja, nesse grupo também são julgados os quatro aspectos avaliados no Grupo III e utilizada a mesma escala de aceitabilidade de 1 a 7. Os verbos não estão separados quanto ao ato que envolvem. Esse grupo consta de uma questão única com 16 itens, sendo 8 do grupo *top* e 8 do grupo *bottom* do questionário *hunger*.

O questionário *others* é semelhante ao questionário *love-lust*, contendo, no entanto, apenas a parte referente aos efeitos do desejo por alguma coisa ou de fazer alguma coisa. Como visto anteriormente, coisas desejadas não são tratadas como comida, por isso não foi incluída aqui a parte referente à conceitualização da comida.

Como no questionário *love-lust*, os efeitos do desejo se apresentam de duas formas (Quadro 4.3). No grupo I, pede-se aos sujeitos que avaliem várias sentenças, formadas com os itens *top* e *bottom* do questionário *hunger*, como formas potenciais de falar sobre o desejo por alguma coisa ou de fazer alguma coisa, através da escala de aceitabilidade variando de 1 a 7

(onde 1 = *não aceitável* e 7 = *plenamente aceitável*). Aqui também os itens *bottom* da questão sobre os efeitos da fome no comportamento não foram incluídos, pelas mesmas razões expostas acima.

No Grupo II, repetiram-se exatamente as mesmas questões sobre os sintomas gerais e de comportamento do questionário *hunger*, só que agora relacionado ao desejo por alguma coisa ou de fazer alguma coisa. Pediu-se aos sujeitos que avaliem numa escala de frequência variando de 1 a 7 (onde 1 = *nunca* e 7 = *sempre*), como alguém com grande desejo por alguma coisa ou de fazer alguma coisa se sente e se comporta.

**Quadro 4.3 - Grupo I: Expressões lingüísticas julgadas através de uma escala de aceitabilidade - Questionário de *others***

<i>Sintomas</i>	<i>Expressões com itens do top</i>	<i>Expressões com itens do bottom</i>
Localizados	In my strong headache for knowledge I was in the habit of studying every sect. The story is so gripping; it makes my stomach ache for the next episode. All that injustice made my mouth water for blood. Reduced to poverty, my stomach grumbles for my old life. After reading the whole story about the crime, my whole body aches for justice.	At that time, our team was completely blind for victory. I heard how our people's feet hurt for independence. The truth is that my fingers snap for the opportunity of going to the Moon. My knees swell for more information about my ancestry. My hands were itching for an ice cream.
Gerais	I got very annoyed about long dresses, which are beautiful and elegant. I'm completely dizzy for a new car. I have a great appetite for money. This is the meeting place for people like me that are weak for chess. I was consumed by this strong feeling of discomfort for recognition.	I wish I could understand what gives me this fever for power. I'm crazy for a new job. I became talkative for adventure. I don't want to see anybody for a football match. I wanted to run for the absolute, which is inherent in human nature.
de Comportamento	I am very anxious for revenge. I'm completely out of balance for that song . I'm emotionally fragile after truth. We became really depressed for that wonderful house.	- - - -

### 4.3. Resultados e discussão

Investigou-se, neste experimento, o mapeamento do domínio fome no domínio desejo. A partir dos dados obtidos no Experimento 1, sobre a fome, foram elaborados dois questionários, semelhantes, para investigar a relação dos efeitos da fome no corpo com os

efeitos tanto do desejo presente no amor romântico e na luxúria quanto no desejo que se tem por alguma coisa ou de fazer alguma coisa.

A hipótese inicial foi de que, se existe uma correlação entre fome e desejo, os itens dos grupos *top* e *bottom* de fome também se manterão, quando relacionados ao desejo, como dois grupos distintos, estatisticamente significativos, com as notas médias dos grupos *top* mais altas que as dos grupos *bottom*. Coisa semelhante deve acontecer com os itens referentes à metáfora secundária que está sendo estudada, O OBJETO DO DESEJO É COMIDA. A análise estatística foi realizada através do Programa de Estatística e Análise de Dados para Saúde Pública, Epi Info 6, versão 6.02 (CDC & OMS, 1994). Foram aplicados testes de variância ANOVA.

Os questionários foram aplicados a pessoas do sexo masculino e feminino; no entanto, como as correlações entre esses dois grupos nos diversos itens investigados foram altas (acima de 70%), o fator gênero não será considerado na análise.

#### 4.3.1. Os efeitos do desejo no corpo

Ao analisar todos os sintomas conjuntamente, i.e., os sintomas localizados, os sintomas gerais e os sintomas de comportamento, não foram encontrados exatamente os mesmos resultados obtidos em fome para todos os tipos de desejo (Quadro 4.4). Os resultados de *love* são inconclusivos ( $p=0,79$ ) e os de *others* são diferentes, mas somente em um nível de significância de 10% ( $F_{(1,1048)}=2,92$ ;  $p=0,08$ )<sup>39</sup>. *Lust* é o único a apresentar os itens do grupo *top* estatisticamente diferentes dos itens do grupo *bottom* ( $F_{(1,1048)}=7,37$ ;  $p=0,006$ ), mostrando que os sintomas de fome também são sintomas da luxúria.

**Quadro 4. 4 - Médias gerais de todos os sintomas por tipos de desejo e grupo, de acordo com a intuição dos falantes de inglês**

Grupo	<i>Love</i>	<i>Lust</i>	<i>Others</i>
<i>top</i>	3,59	4,24	3,94
<i>bottom</i>	3,55	3,88	3,74
ANOVA	$p=0,79$	$F_{(1,1048)} = 7,37$ $p=0,006$	$F_{(1,1048)} = 2,92$ $p=0,08$
Resultado	I	T>B	T>B*

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

<sup>39</sup> Para haver significância estatística em um nível de 10%, nas condições dos testes realizados aqui, F precisa ser igual ou superior a 2,71.

Analisando cada tipo de sintoma separadamente, os resultados em *love* (Quadro 4.5) indicam que os sintomas localizados e de comportamento da fome são também sintomas do amor romântico ( $F_{(1,248)}=7,04$ ;  $p=0,008$ ;  $F_{(1,298)}=3,82$ ;  $p=0,04$ , respectivamente), mas os sintomas gerais, ao contrário, são pouco relacionados, com as médias de *bottom* significativamente maiores que as de *top* ( $F_{(1,498)}=8,01$ ;  $p=0,005$ ).

**Quadro 4. 5 - Médias gerais dos sintomas de *love* por grupo**

Grupo	Sintomas Localizados	Sintomas Gerais	Sintomas de Comportamento
<i>top</i>	3,58	3,50	3,71
<i>bottom</i>	2,90	4,02	3,19
ANOVA	$F_{(1,248)} = 7,04$ $p=0,008$	$F_{(1,498)} = 8,01$ $p=0,005$	$F_{(1,298)} = 3,82$ $p=0,04$
Resultado	T>B	B>T	T>B

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

Os resultados de *others* (Quadro 4.6) mostram que os sintomas localizados são os únicos estatisticamente significativos ( $F_{(1,248)}=19,85$ ;  $p=0,0008$ ), apresentando-se altamente relacionados ao desejo por alguma coisa; os sintomas gerais e de comportamento são inconclusivos ( $p=0,16$ ,  $p=0,11$ , respectivamente).

**Quadro 4. 6 - Médias gerais dos sintomas de *others* por grupo**

Grupo	Sintomas Localizados	Sintomas Gerais	Sintomas de Comportamento
<i>top</i>	4,58	3,73	3,80
<i>bottom</i>	3,51	3,96	3,46
ANOVA	$F_{(1,248)} = 19,85$ ; $p=0,0008$	$p=0,16$	$p=0,11$
Resultado	T>B	I	I

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

Apesar de *Lust* ter sido o único tipo de desejo com significância estatística dentro dos padrões de 5%, esse fato não se repete quando examinado sintoma por sintoma (Quadro 4.7). Como nos demais desejos, os sintomas localizados da fome são também sintomas do desejo por atração sexual ( $F_{(1,248)} = 26,75$   $p=0,00001$ ), mas os resultados são inconclusivos quanto aos demais ( $p=0,19$  e  $p=0,78$  para sintomas gerais e de comportamento, respectivamente).

**Quadro 4. 7 - Médias gerais dos sintomas de *lust* por grupo**

Grupo	Sintomas Localizados	Sintomas Gerais	Sintomas de Comportamento
<i>top</i>	4,76	4,44	3,67
<i>bottom</i>	3,36	4,20	3,74
ANOVA	$F_{(1,248)} = 26,75$ $p=0,00001$	$p=0,19$	$p=0,78$
Resultado	T>B	I	I

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

Separando os itens por categorias, i.e., *itens do corpo* e *itens lingüísticos*<sup>40</sup>, verifica-se que, de modo geral, os resultados sofreram forte influência da rejeição dos *itens lingüísticos*, conforme mostram os vários Quadros que se seguem. Nenhum tipo de desejo mostrou diferenças com significância estatística ( $p=0,13$ ,  $p=0,66$ ,  $p=0,18$ ) quando apenas os *itens lingüísticos* foram considerados (Quadro 4.8).

**Quadro 4.8 - Média geral dos *itens lingüísticos* por tipo de desejo e grupo, de acordo com a intuição dos falantes de inglês**

Grupo	<i>Love</i>	<i>Lust</i>	<i>Others</i>
<i>Top</i>	3,28	4,10	3,95
<i>Bottom</i>	3,54	3,93	3,74
ANOVA	$p=0,13$	$p=0,66$	$p=0,18$
Resultado	I	I	I

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

Entretanto, a análise de sintoma por sintoma mostra que houve diferença nos sintomas localizados, com *top* maior que *bottom*, em qualquer dos desejos. Exceto os sintomas gerais de *love*, em que as médias dos itens *bottom* foram significativamente maiores que as de *top*, todos os demais resultados foram inconclusivos (Quadro 4.9). Os dados dos sintomas de comportamento não puderam ser avaliados, porque não foi possível construir sentenças com os itens do grupo *bottom* desse tipo de sintoma, conforme explicado anteriormente.

**Quadro 4.9 - Média geral dos *itens lingüísticos* por tipo de sintoma e grupo para cada desejo, de acordo com a intuição dos falantes de inglês**

<i>Love</i>				
Sintomas	<i>Top</i>	<i>Bottom</i>	ANOVA	Resultado
Localizados	3,58	2,90	$F_{(1,248)}=7,05$ ; $p=0,008$	T>B
Gerais	3,02	4,18	$F_{(1,248)}= 18,33$ ; $p=0,0001$	B>T
Comportamentais	3,22	-	-	-
<i>Lust</i>				
Sintomas	<i>Top</i>	<i>Bottom</i>	ANOVA	Resultado
Localizados	4,76	3,36	$F_{(1,248)}= 26,75$ ; $p=0,00001$	T>B
Gerais	4,30	4,50	$p=0,54$	I
Comportamentais	3,04	-	-	-
<i>Others</i>				
Sintomas	<i>Top</i>	<i>Bottom</i>	ANOVA	Resultado
Localizados	4,58	3,51	$F_{(1,248)}= 19,86$ ; $p=0,00008$	T>B
Gerais	3,83	3,97	$p=0,58$	I
Comportamentais	3,33	-	-	-

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

<sup>40</sup> Para relembrar a definição desses termos, ver Quadro 4.1.

A análise com apenas os *itens do corpo* indica que os efeitos da fome são também efeitos do desejo presente no amor romântico e na atração sexual (Quadro 4.10), mas nada se pode afirmar quanto a esses efeitos no desejo por alguma coisa, uma vez que os resultados foram inconclusivos ( $p=0,29$ ). A rejeição aos *itens lingüísticos* parece ser um ponto importante a ser considerado nos resultados gerais dos desejos, mas não o único, pois alguns dados ainda são inconclusivos, conforme pode ser visto no Quadro 4.11.

**Quadro 4. 10 - Média geral dos *itens do corpo* por tipo de desejo e grupo, de acordo com a intuição dos falantes de inglês**

Grupo	<i>Love</i>	<i>Lust</i>	<i>Others</i>
<i>Top</i>	4,06	4,46	3,91
<i>Bottom</i>	3,56	3,83	3,74
ANOVA	$F_{(1,448)}=7,03; p=0,008$	$F_{(1,448)}=10,42; p=0,001$	$p=0,29$
Resultado	T>B	T>B	I

T=média dos itens de *top*, B=média dos itens de *bottom*.I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

Como não foi feita uma pergunta direta, com *itens do corpo*, sobre os sintomas localizados, não há informação sobre eles. Nos sintomas de comportamento, as médias dos grupos *top*, nos três desejos, foram maiores que as dos grupos *bottom*, mostrando que a baixa aceitabilidade dos *itens lingüísticos* interferiu negativamente nos resultados (Quadro 4.11). O mesmo fato pode ser observado no resultado dos sintomas gerais de *lust*, que relativo aos *itens lingüísticos* foi inconclusivo (Quadro 4.9) e aos *itens do corpo* apresenta a média de *top* mais alta que a de *bottom* ( $F_{(1,248)}=6,79; p=0,009$ ). Entretanto, nota-se que não foram apenas os *itens lingüísticos* que geraram os resultados relativos aos sintomas gerais, apesar de ser clara a sua influência. Em *love*, os dados lingüísticos apresentam os itens de *bottom* com médias maiores que os de *top*, mas o resultado entre *itens do corpo* é inconclusivo ( $p=0,88$ ), mostrando que os *itens lingüísticos* tiveram alguma influência nos resultados dos sintomas gerais de *love*, mas não foram o único fator. Observa-se fenômeno semelhante no resultado dos sintomas de comportamento de *lust*, que junto com os *itens lingüísticos* foi inconclusivo (Quadro 4.7), e que passou a ter significância estatística, mas apenas a 10%<sup>41</sup> ( $F_{(1,198)}=3,70; p=0,05$ ). Em *others*, os resultados não mostram interferência dos dados lingüísticos, pois os testes estatísticos tanto deles quanto dos *itens do corpo* foram inconclusivos.

<sup>41</sup> Para haver significância estatística em um nível de 5%, nas condições dos testes realizados aqui, F precisa ser igual ou superior a 3,84.

Quadro 4. 11 - Média geral dos *itens do corpo* por tipo de sintoma e grupo para cada desejo, de acordo com a intuição dos falantes de inglês

<i>Love</i>				
Sintomas	<i>Top</i>	<i>Bottom</i>	ANOVA	Resultado
Localizados	-	-	-	-
Gerais	3,97	4,58	p=0,88	I
Comportamentais	4,18	3,19	$F_{(1,248)}= 12,37$ ; p=0,0008	T>B
<i>Lust</i>				
Sintomas	<i>Top</i>	<i>Bottom</i>	ANOVA	Resultado
Localizados	-	-	-	-
Gerais	4,58	3,90	$F_{(1,248)}= 6,79$ ; p=0,009	T>B
Comportamentais	4,30	3,74	$F_{(1,198)}= 3,70$ ; p=0,05	T>B*
<i>Others</i>				
Sintomas	<i>Top</i>	<i>Bottom</i>	ANOVA	Resultado
Localizados	-	-	-	-
Gerais	3,63	3,96	p=0,15	I
Comportamentais	4,26	3,46	$F_{(1,198)}= 12,33$ ; p=0,0008	T>B

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

Uma análise mais detalhada pode mostrar se essas inconclusões são devidas a influências de outras metáforas que podem estar relacionadas a desejo mas não a fome. De fato, em *love*, dois itens do grupo *bottom* de *hunger* receberam pontuação acima de 4,00. *Become crazy about somebody* foi o item com maior pontuação não apenas em *love*, mas também em *lust* e *others*, mostrando uma grande associação entre a metáfora AMOR/LUXÚRIA É INSANIDADE e qualquer tipo de desejo. *The person behaves like an animal chasing its prey*, que é parte da metáfora UMA PESSOA COM DESEJO É UM ANIMAL, recebeu a mais alta pontuação em *lust* e a segunda maior em *others* (embora em *love* tenha ficado com pontuação mais baixa), semelhantemente a fome. Da mesma forma, *one becomes temporarily blind*, parte da metáfora O AMOR É CEGO, recebeu a terceira maior pontuação para *love* e *lust*, e ainda ficou com pontuação relativamente alta em *others*.

Para verificar se são as outras metáforas que estão interferindo nos resultados, foram eliminados os itens de AMOR/LUXÚRIA É INSANIDADE, UMA PESSOA COM DESEJO É UM ANIMAL, O AMOR É CEGO, O AMOR É UMA DOENÇA<sup>42</sup>, e realizada uma nova análise. Os resultados gerais de todos os sintomas mostram uma mudança radical (Quadro 4.12): *love* passou a apresentar um resultado com diferenças estatisticamente significativas, com os itens de *top* com pontuação maiores que os de *bottom* ( $F_{(1,848)}=5,58$ ; p=0,01); *others* deixou de ter um resultado

<sup>42</sup> Para relembrar os itens referentes a essas metáforas, ver Quadro 3.8, no capítulo anterior.

com diferença de significância marginal e passou a apresentar um efeito mais robusto ( $F_{(1,848)}=13,38$ ;  $p=0,0005$ ); e *lust*, que já tinha um efeito significativo, teve seus resultados com efeitos muito mais fortes ( $F_{(1,848)}=39,25$ ;  $p=0,000002$ ).

**Quadro 4. 12 - Médias gerais dos sintomas, sem itens referentes a outras metáforas, por tipo de desejo e grupo, de acordo com a intuição dos falantes de inglês**

Grupo	<i>Love</i>	<i>Lust</i>	<i>Others</i>
<i>top</i>	3,66	4,22	3,94
<i>bottom</i>	3,31	3,30	3,45
ANOVA	$F_{(1,848)} = 5,58$ $p=0,01$	$F_{(1,848)} = 39,25$ $p=0,000002$	$F_{(1,848)} = 13,38$ $p=0,0005$
Resultado	T>B	T>B	T>B

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

Comparando esses resultados com os obtidos anteriormente, i.e., sem a retirada das outras metáforas, observa-se que alguns resultados passaram a ser mais robustos, outros se definiram, mas alguns ainda se mantiveram inconclusivos. Em *love* (Quadro 4.13), os resultados estatísticos dos sintomas localizados passaram a ser mais fortes, com as médias dos itens do grupo *top* maiores ( $F_{(1,223)}=17,18$ ;  $p=0,0001$ ), enquanto que, nos sintomas de comportamento, passaram a ser mais fracos, com diferenças significativas em um nível de 10% ( $F_{(1,223)}=3,46$ ;  $p=0,06$ ). Os sintomas gerais continuaram a ser inconclusivos, mostrando pouca influência das outras metáforas.

**Quadro 4. 13 - Médias gerais dos sintomas, sem itens referentes a outras metáforas, de *Love* por grupo**

Grupo	Sintomas Localizados	Sintomas Gerais	Sintomas de Comportamento
<i>top</i>	3,58	3,50	3,99
<i>bottom</i>	2,50	3,79	3,41
ANOVA	$F_{(1,223)} = 17,18$ $p=0,0001$	$p=0,15$	$F_{(1,223)} = 3,46$ $p=0,06$
Resultado	T>B	I	T>B*

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

Em *lust* (Quadro 4.14), o resultado final dos sintomas localizados não se alterou, embora possa ser observado um efeito mais robusto ( $F_{(1,223)}=45,70$ ;  $p=0,000001$ ). Nos sintomas gerais, o resultado deixou de ser inconclusivo, com os itens do grupo *top* tendo pontuação maior que os itens do grupo *bottom* ( $F_{(1,398)}=14,61$ ;  $p=0,0003$ ), mostrando que as outras metáforas influenciaram negativamente nos dados anteriores. O resultado nos sintomas de comportamento, entretanto, continuou inconclusivo ( $p=0,61$ ).

**Quadro 4. 14 - Médias gerais dos sintomas, sem itens referentes a outras metáforas, de *Lust* por grupo**

Grupo	Sintomas Localizados	Sintomas Gerais	Sintomas de Comportamento
<i>top</i>	4,76	4,44	3,39
<i>bottom</i>	2,90	3,63	3,15
ANOVA	$F_{(1,223)} = 45,70$ $p=0,000001$	$F_{(1,398)} = 14,61$ $p=0,0003$	$p=0,61$
Resultado	T>B	T>B	I

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

Em *others* (Quadro 4.15), os resultados não sofreram grandes modificações: os sintomas localizados da fome continuaram a ser altamente relacionados ao desejo por alguma coisa ( $F_{(1,223)}=17,92$ ;  $p=0,0001$ ); os sintomas gerais continuaram inconclusivos ( $p=0,28$ ); e apenas os sintomas de comportamento mostraram alguma influência das outras metáforas – passaram a apresentar significância estatística, embora em um nível de 10%, com médias mais altas para os itens do grupo *top* ( $F_{(1,223)}=3,68$ ;  $p=0,05$ ).

**Quadro 4. 15 - Médias gerais dos sintomas, sem itens referentes a outras metáforas, de *Others* por grupo**

Grupo	Sintomas Localizados	Sintomas Gerais	Sintomas de Comportamento
<i>top</i>	4,58	3,73	3,74
<i>bottom</i>	3,49	3,53	3,25
ANOVA	$F_{(1,223)} = 17,92$ $p=0,0001$	$p=0,28$	$F_{(1,223)} = 3,68$ $p=0,05$
Resultado	T>B	I	T>B*

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

Apesar de ter havido definições em várias situações quando as outras metáforas foram excluídas da análise, ainda apareceram resultados inconclusivos, principalmente para *love* e *others*. Os *itens lingüísticos* parecem ter grande influência nesses resultados. Eles são problemáticos no sentido em que alguns podem ser altamente aceitos e outros completamente rejeitados sem que se possa encontrar uma explicação razoável. Por exemplo, como um *item de corpo*, *to feel discomfort* recebeu alta pontuação para *love* e *lust* (4,32 e 4,16, respectivamente), mas como *item lingüístico* sua pontuação foi muito baixa (1,56 nos dois). Coisa semelhante ocorreu com *to have an appetite* no contexto de *love* e *lust* (de 4,16 para 1,96 e de 5,68 para 1,96, respectivamente), mas que, em *others*, o efeito foi contrário, embora não nas mesmas proporções (de 4,72 como *item do corpo*, para 5,44 como *item lingüístico*).

A análise dos *itens lingüísticos* separadamente (Quadro 4.16) mostra mais uma vez que eles tornaram os resultados gerais de *love* inconclusivos ( $F_{(1,498)}=2,57$ ;  $p=0,10$ )<sup>43</sup>, e que isso se

<sup>43</sup> Em um nível de 10%, F precisaria ser igual ou superior a 2,71.

deve principalmente ao fato de os sintomas gerais do grupo *bottom* terem recebido pontuação maior que os de *top* ( $F_{(1,198)}=7,24$ ;  $p=0,007$ ), como já havia sido observado na análise anterior (ver Quadro 4.9), não mostrando, portanto, um grande efeito das outras metáforas.

Os resultados finais dos sintomas gerais, no entanto, apesar de não haver diferença em *love*, mostraram influência das outras metáforas tanto em *lust* quanto em *others*, que passaram a apresentar as médias de *top* mais altas que as de *bottom* ( $F_{(1,198)}=3,50$ ;  $p=0,05$ , com significância em um nível de 10%, e  $F_{(1,198)}=4,59$ ;  $p=0,03$ , respectivamente), em comparação com os dados apresentados no Quadro 4.9.

**Quadro 4. 16 - Média geral dos itens lingüísticos, sem itens referentes a outras metáforas, por tipo de sintoma e grupo para cada desejo, de acordo com a intuição dos falantes de inglês**

<i>Love</i>				
Sintomas \ Grupo	<i>Top</i>	<i>Bottom</i>	ANOVA	Resultado
Localizados	3,58	2,50	$F_{(1,223)}=17,18$ ; $p=0,0001$	T>B
Gerais	3,02	3,85	$F_{(1,198)}=7,24$ ; $p=0,007$	B>T
Comportamentais	3,22	-	-	-
Todos	3,40	3,08	$F_{(1,498)}=2,57$ ; $p=0,10$	T>B
<i>Lust</i>				
Sintomas \ Grupo	<i>Top</i>	<i>Bottom</i>	ANOVA	Resultado
Localizados	4,76	2,90	$F_{(1,223)}=45,70$ ; $p=0,000001$	T>B
Gerais	4,30	3,73	$F_{(1,198)}=3,50$ ; $p=0,05$	T>B*
Comportamentais	2,75	-	-	-
Todos	4,12	3,26	$F_{(1,498)}=18,33$ ; $p=0,0001$	T>B
<i>Others</i>				
Sintomas \ Grupo	<i>Top</i>	<i>Bottom</i>	ANOVA	Resultado
Localizados	4,58	3,49	$F_{(1,223)}=17,92$ ; $p=0,0001$	T>B
Gerais	3,83	3,24	$F_{(1,198)}=4,59$ ; $p=0,03$	T>B
Comportamentais	3,33	-	-	-
Todos	4,00	3,38	$F_{(1,498)}=11,46$ ; $p=0,001$	T>B

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

Embora não tenha havido alteração nos resultados gerais dos *itens do corpo* considerando cada tipo de sintoma separadamente (Quadro 4.17), os dados mostram que houve influência das outras metáforas.

A eliminação dos itens referentes a outras metáforas apresentou resultados mais bem definidos e, apesar de alguns ainda se manterem inconclusivos, mostrou que os sintomas da fome também são os sintomas do desejo, qualquer que seja ele, embora não na mesma intensidade.

**Quadro 4. 17 - Média geral dos *itens do corpo*, sem itens referentes a outras metáforas, por tipo de sintoma e grupo para cada desejo, de acordo com a intuição dos falantes de inglês**

<i>Love</i>				
Sintomas \ Grupo	<i>Top</i>	<i>Bottom</i>	ANOVA	Resultado
Localizados	-	-	-	-
Gerais	3,97	3,73	p=0,58	I
Comportamentais	4,25	3,41	$F_{(1,148)}=6,19$ ; p=0,01	T>B
Todos	4,08	3,57	$F_{(1,348)}=5,39$ ; p=0,007	T>B
<i>Lust</i>				
Sintomas \ Grupo	<i>Top</i>	<i>Bottom</i>	ANOVA	Resultado
Localizados	-	-	-	-
Gerais	4,58	3,53	$F_{(1,148)}=12,54$ ; p=0,0008	T>B
Comportamentais	4,04	3,15	$F_{(1,148)}=7,99$ ; p=0,005	T>B
Todos	4,38	3,34	$F_{(1,348)}=23,20$ ; p=0,00003	T>B
<i>Others</i>				
Sintomas \ Grupo	<i>Top</i>	<i>Bottom</i>	ANOVA	Resultado
Localizados	-	-	-	-
Gerais	3,63	3,81	p=0,50	I
Comportamentais	4,15	3,25	$F_{(1,148)}=11,20$ ; p=0,001	T>B
Todos	3,86	3,53	p=0,11	I

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

Uma análise de cada sintoma separadamente e sua relação com cada tipo de desejo e fome, mostra que 64%, 50% e 50% dos itens mais associados a *lust*, *others* e *love*, respectivamente, também foram os itens mais associados a *hunger*. Sem considerar os *itens lingüísticos* dos sintomas gerais e de comportamento, o número de itens coincidentes aumentou entre *love* e *hunger* (64%) e entre *others* e *hunger* (64%). Nesses resultados, porém, estão incluídos os dados referentes às outras metáforas, que se eliminados passam a coincidir em 69%, 62% e 62% dos itens com maior pontuação entre *lust*, *love* e *others*, respectivamente, e *hunger*. Sem considerar os *itens lingüísticos* dos sintomas gerais e de comportamento, a coincidência entre *love* e *hunger* ou *lust* e *hunger* passa a ser de 77% e entre *others* e *hunger*, de 69%.

Os itens coincidiram mais nos sintomas localizados - 80% entre *hunger* e qualquer tipo de desejo. Curiosamente os sintomas localizados, apesar de estarem na forma de *itens lingüísticos*, obtiveram alto índice de aceitabilidade nos três tipos de desejo. Infelizmente, esses sintomas não foram testados como *itens do corpo*, mas é provável que também estivessem altamente associados com *fome*, uma vez que houve uma tendência de *itens lingüísticos* com pontuação alta terem *itens de corpo* também com pontuação alta.

Nos sintomas gerais, *love* apresentou o menor índice de coincidência, 40%, mas eliminando os *itens lingüísticos* esse índice subiu para 80%, mostrando uma forte influência negativa da não aceitabilidade das expressões nos resultados. Essa influência negativa é percebida também em *lust*, que passou de 60% para 80% de itens coincidentes com *hunger*, quando considerados apenas os *itens do corpo*. Entretanto, em *others*, os mesmos 60% de coincidência com *hunger* se mantiveram nas duas situações, embora os mesmos sintomas não se tenham mantido (*dizzy* foi substituído por *weak*). Tal fato não foi observado nos outros casos.

Nos sintomas de comportamento, considerando-se todos os itens, *lust* e *love* coincidiram com *hunger* em 67% dos itens, independente da situação, mas *others* passou de 33% para 67% de coincidência com *hunger* quando os *itens lingüísticos* não foram considerados.

Entretanto, poucos sintomas estão associados aos três tipos de desejo e *hunger* ao mesmo tempo, mesmo quando eliminados os itens relacionados às outras metáforas. Apenas cinco dos 13 sintomas mais associados a *hunger*, sem os itens relacionados às outras metáforas, se repetiram em *love*, *lust* e *others*, mas, eliminando os *itens lingüísticos* dos sintomas gerais e de comportamento, esse número subiu para sete.

Alguns itens pouco associados com *hunger*, como *crazy* e *talkative*, apresentaram-se altamente associados com *love*, *lust* e *others*. Por outro lado, *annoyed* e *depressed*, altamente associados com *hunger*, apresentaram-se pouco associados com qualquer dos três tipos de desejo, em qualquer situação. Alguns desses resultados podem ser explicados. *Crazy*, por exemplo, foi o item com pontuação mais alta em *love* e *lust* e o segundo em *others*. Como *item lingüístico* também recebeu as pontuações mais altas em todos os tipos de desejo. Isso é coerente com a metáfora AMOR/LUXÚRIA É INSANIDADE (que pode ser mais genérica – DESEJO É INSANIDADE), altamente associada com *love*, *lust* e *others*, mas que está entre os itens do grupo *bottom* de *hunger*. Embora esse item tenha sido classificado como parte do grupo *bottom* de *hunger*, sua pontuação foi alta (4,80). A maioria dos itens do grupo *bottom* de *hunger* recebeu notas-médias abaixo de 3,00. Outros sintomas não parecem mesmo estar associados com desejo. É o caso de *annoyed* e *depressed*, que consistentemente estiveram entre os itens com as mais baixas pontuações nos três desejos.

Observa-se que cada desejo está associado com *hunger* através de sintomas diferentes, mas todos como parte do mesmo elemento – o **desconforto**. A manifestação do sintoma no corpo, ou pelo menos a percepção da manifestação, parece ser diferente em cada tipo de desejo. Significaria isso que os três tipos de desejo são intrinsecamente diferentes, com alguns poucos itens em comum?

Uma análise dos sintomas mais associados a cada desejo mostrou que (a) aqueles que receberam pontuações mais altas em *love* também foram, em 64% das vezes, os de pontuações mais altas em *lust*. Sem os itens referentes às outras metáforas, essa coincidência passou para 77%, subindo para 85% quando os *itens lingüísticos* não foram considerados; (b) os sintomas mais associados a *love* só coincidiram em 43% das vezes com os mais associados a *others*, entretanto, sem os itens referentes às outras metáforas, esse índice passou para 62%, aumentando para 69% quando apenas os *itens do corpo* foram considerados; e (c) os itens mais associados a *lust* e *others* foram os mesmos em 64% das vezes, que passaram para 77% sem os itens referentes às outras metáforas, com ou sem os *itens lingüísticos*.

De forma semelhante ao que foi observado com as associações entre *hunger* e os três tipos de desejo, cada desejo está associado com o outro através de alguns sintomas que são parcialmente diferentes daqueles que os associam ao terceiro tipo de desejo. Assim, *love* está mais associado a *lust* que a *others*, enquanto *lust* está muito associado tanto a um quanto ao outro, mas através de sintomas diferentes.

A influência de outras metáforas também pode ser observada. Além da metáfora DESEJO É INSANIDADE, que, como já foi visto, apresentou-se altamente associada com os três tipos de desejo, estão presentes em *love* e *lust*, mas não em *others*, O AMOR É CEGO (*temporarily blind*); e em *lust* e *others*, mas não em *love*, UMA PESSOA COM LUXÚRIA É UM ANIMAL (*behave like an animal*) e uma outra metáfora, que não havia sido percebida anteriormente, COMPULSÃO PARA AGIR É UMA COCEIRA (*hands itch*). O objeto do desejo cego parece ser uma pessoa, por isso essa metáfora está ligada somente a *love* e a *lust*. Por outro lado, a compulsão parece estar mais ligada a um desejo intenso, pouco controlado, e por isso as outras duas metáforas estão associadas apenas a *lust* e a *others*, mas não a *love*. Isso também é coerente com o fato de *work well* estar associado a *love* e não a *lust* e *others*.

Na base, no entanto, esses desejos parecem ser semelhantes. Enquanto falados pela fome, contêm seus elementos – a **necessidade**, cujos efeitos se manifestam no corpo através do **desejo** (e.g. *mouth waters, appetite*) e do **desconforto** (e.g. *anxious, headache*).

#### 4.3.2. A conceitualização da pessoa desejada

Os dados sobre a conceitualização da pessoa desejada foram analisados inicialmente considerando-se os resultados para a pessoa desejada como homem e como mulher, separadamente, para *love* e *lust*. Como a correlação entre esses resultados em cada tipo de desejo foi de 100%, para a análise geral, esse dado foi desconsiderado.

Dos 24 itens mais relacionados aos desejos, 17 coincidiram nos dois tipos de desejo para qualquer gênero, mostrando uma grande semelhança entre eles, mas apenas oito desses itens estão relacionados à comida também. No quadro 4.18, estão apresentados os resultados sobre a conceitualização da pessoa desejada de acordo com cada aspecto da comida investigado. Nada pode ser dito sobre a aceitabilidade de as pessoas desejadas por amor ou atração sexual serem tratadas pelo tipo de comida desejada quando se está faminto, pois os resultados foram inconclusivos ( $p=0,14$  e  $F_{(1,798)}=2,60$  com  $p=0,10$ , respectivamente). Entretanto, tratar as pessoas pelos tipos e propriedades da comida deliciosa são formas bem aceitas, quer quando elas são desejadas por *love* quer por *lust* ( $F_{(1,897)}=59,01$ ;  $p<0,000001$  e  $F_{(1,897)}=96,65$ ;  $p<0,000001$ , respectivamente). A comida típica para matar a fome não é uma forma aceitável para a pessoa desejada, qualquer que seja o desejo, mas o contrário sim; aqueles itens não considerados típicos como comida para matar a fome estão mais relacionados à pessoa desejada. Isto é, os itens de *bottom* obtiveram médias mais altas que os itens de *top*, com significância estatística ( $F_{(1,1597)}=46,60$ ;  $p<0,000001$ , em *love*, e  $F_{(1,1598)}=49,95$ ;  $p<0,000001$ , em *lust*). Os verbos de comer relacionados ao sabor da comida deliciosa são formas aceitáveis de falar da pessoa desejada por *amor* ou *luxúria* ( $F_{(1,572)}=92,74$ ;  $p<0,000001$  e  $F_{(1,572)}=56,61$ ;  $p<0,000001$ , respectivamente). No entanto, os verbos de beber apresentaram resultados inconclusivos para *love* ( $p=0,73$ ) e itens de *bottom* mais aceitáveis que os de *top* para *lust* ( $F_{(1,190)}=5,49$ ;  $p<0,000001$ ). Quando avaliados em conjunto com os demais verbos, apenas um deles foi rejeitado como uma forma de falar sobre

a pessoa desejada nos dois desejos, mas enquanto em *love* esse item era do grupo *bottom*, em *lust* ele era de *top*.

**Quadro 4. 18 - Média geral de cada item relativo à comida para *love* e *lust* por grupo**

itens	desejo	<i>top</i>	<i>bottom</i>	ANOVA	Resultado
Comida desejada quando se está com fome	<i>love</i>	2,17	2,00	p=0,14	I
	<i>lust</i>	2,97	2,71	$F_{(1,798)}=2,60$ ; p=0,10	I
Comida deliciosa	<i>love</i>	3,61	2,43	$F_{(1,897)}=59,01$ ; p<0,000001	T>B
	<i>lust</i>	4,45	2,79	$F_{(1,897)}=96,65$ ; p<0,000001	T>B
Comida típica para matar a fome	<i>love</i>	1,99	2,61	$F_{(1,1597)}=46,60$ ; p<0,000001	B>T
	<i>lust</i>	2,31	3,06	$F_{(1,1598)}=49,95$ ; p<0,000001	B>T
Verbos de comer relacionado ao sabor da comida deliciosa	<i>love</i>	3,76	2,19	$F_{(1,572)}=92,74$ ; p<0,000001	T>B
	<i>lust</i>	4,64	3,24	$F_{(1,572)}=56,61$ ; p<0,000001	T>B
Verbos de beber relacionado ao sabor da comida deliciosa	<i>love</i>	3,74	3,64	p=0,73	I
	<i>lust</i>	3,89	4,59	$F_{(1,190)}=5,49$ ; p=0,02	B>T

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

Esses resultados mostram que a pessoa desejada é conceitualizada em termos da comida deliciosa e não em termos da comida desejada pelo faminto. Observe-se que os itens de *bottom* da comida desejada pelo faminto contém alguns elementos com características da comida deliciosa e outros que, além de rejeitados nesse aspecto, também o foram para a comida que agrada o paladar. É provável que os resultados inconclusivos tenham ocorrido devido a esse fato. A aceitação do uso da comida deliciosa como forma de falar da pessoa desejada está clara nos resultados para qualquer tipo de desejo e é reforçada pelos resultados dos verbos de comer. Está claro também que a comida tipicamente desejada pelo faminto não é aquela usada para se referir à pessoa desejada, e que grande parte dela está relacionada com a característica da comida deliciosa.

Tais dados são coerentes com a idéia de O OBJETO DO DESEJO É COMIDA ser uma metáfora composta, tendo entre suas primárias tanto DESEJAR É TER FOME quanto O ATRAENTE É GOSTOSO, que nasce da correlação entre a avaliação que se faz do sabor e o estado do desejo. Entretanto, de que forma essas metáforas se unificam não será analisado aqui, uma vez que a formação de metáforas compostas está fora do escopo deste trabalho.

De modo geral, *lust* recebeu pontuações mais altas que *love*, principalmente para os homens. Por exemplo, as expressões com *luscious* e *hot* apresentam mais de 2 pontos de diferença entre as notas médias de *love* e *lust*, e as expressões com *hot dish* e *meat* estão

altamente associadas com *lust* mas não com *love*. Considerando apenas os itens com médias acima de 3,00, *love* tem 7/8 itens enquanto *lust* tem 11/14, semelhantemente distribuídos nos dois grupos *top* e *bottom* para *lust* feminino e *love*, mas com maior número no grupo *bottom* de *lust* masculino (Quadro 4.19). Entretanto, alguns itens estão mais fortemente associados com *love*, em qualquer gênero. É o caso de *sweet* e *sweetie*.

**Quadro 4. 19 - Itens de comida em *love* e *lust* que receberam pontuação acima de 3,00**

grupo	item	pessoa desejada é homem		pessoa desejada é mulher	
		<i>love</i>	<i>lust</i>	<i>love</i>	<i>lust</i>
T O P	sweet	5,50	4,75	5,68	4,84
	luscious	3,56	5,68	3,44	5,60
	hot	4,68	6,32	4,84	6,48
	hot dish	2,36	4,56	2,56	4,96
	apple	3,56	2,52	3,88	2,56
	peach	2,72	4,44	3,40	5,20
total		4	5	5	5
B O T T O M	tart	1,72	2,88	2,00	3,48
	meat	2,44	5,04	2,28	4,44
	sugar	3,60	4,24	4,08	5,04
	cream	2,56	3,36	2,72	3,60
	sweetie	5,72	4,72	5,96	4,88
	honey	3,64	4,24	4,04	4,56
	caramel	2,20	3,48	2,20	3,80
	tarts	1,75	2,88	2,04	3,48
	meringue	1,88	2,64	2,38	3,00
	total		3	6	3

Obs.: Os itens em itálico não foram computados no total, por serem abaixo de 3,00.

A maioria desses itens é usada convencionalmente e parte da pontuação recebida pode ser explicada através disso. Por exemplo, *sweet* é mais associado ao amor que à luxúria; *luscious* e *hot*, mais à luxúria que ao amor; todos usados para ambos os sexos. O termo *hot dish* é muito associado ao desejo sexual, e é usado convencionalmente para se referir a uma mulher que é sexualmente atraente, isso pode explicar a baixíssima pontuação que recebeu para *love*. O fato de o homem também ter recebido pontuação alta pode ser uma mera associação do termo com o desejo sexual, uma vez que se trata de expressões em potencial. Coisa semelhante pode ter acontecido com *meat*, que faz parte da expressão *a hunk of meat*, usada para falar de um homem sexualmente atraente. O termo *tart* tem conotação pejorativa, portanto, *lust* seria a única forma aceitável, e faz sentido só aparecer quando relacionado à mulher porque assim é a forma convencional. *Cream* também tem conotação pejorativa e geralmente está relacionado ao homem; apesar disso recebeu pontuação para mulher também.

*Peach* é mais associado ao desejo sexual e usado para a mulher e, de fato, recebeu pontuação alta para *lust* mas não para *love*.

Entretanto, a tentativa de explicar esses resultados através da convencionalidade não resolve todas as questões. Por exemplo, era de se esperar que *sugar* e *honey* tivessem pontuação mais alta para *love* do que para *lust*, como aconteceu com *sweetie*. Não foi identificada nenhuma expressão com *caramel* que pudesse justificar a pontuação desse termo. Outros itens, como *pie*, *cheese*, *jam*, que fazem parte de expressões convencionais, receberam pontuação baixíssima. A expressão linguística em que esses itens foram apresentados pode ter provocado efeitos diferentes.

#### 4.4. Síntese

A partir dos dados obtidos no questionário *hunger*, o domínio do desejo foi investigado em três categorias – amor romântico (*love*), luxúria (*lust*) e desejo por alguma outra coisa (*others*), para verificar, se há, de fato, um mapeamento de um domínio sobre o outro, como sugerido na análise linguística apresentada no Capítulo 2.

Levantou-se a hipótese de que, se a metáfora DESEJAR É TER FOME nasce da correlação entre a fome e o desejo que ocorre simultaneamente a ela, os grupos *top* e *bottom* nos três tipos de desejo devem manter-se também como grupos distintos, com significância estatística, de forma semelhante ao que ocorreu com *hunger*.

Uma análise dos resultados gerais não apresentou o mesmo resultado de *hunger* para todos os tipos de desejo (Quadro 4.20). Apenas *lust* teve as médias dos itens de *top* maiores que os de *bottom*, com significância estatística. Entretanto, a inclusão de itens relativos a outras metáforas mostrou-se como um fator de confundimento, pois, embora suas associações com a fome fossem fracas, estavam altamente associadas com desejo. Uma nova análise retirando as outras metáforas, tornaram os resultados definidos, em que os itens de *top* receberam maior pontuação que os de *bottom* nos três desejos.

Quadro 4. 20 - Resultados gerais, de acordo com a intuição dos falantes de inglês

	<i>love</i>	<i>lust</i>	<i>others</i>
Todos os itens	I	T>B	I
Sem os itens relativos a outras metáforas	T>B	T>B	T>B

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos

Outro fator de confundimento foram os *itens lingüísticos*, que podem ser bem aceitos ou recusados por razões de difícil determinação. Uma análise da coincidência dos itens mais associados aos desejos e à fome mostrou claramente a influência negativa desses fatores de confundimento (Quadro 4.21). A coincidência de 50% entre os sintomas de *love* e *hunger*, quando todos os dados foram considerados, passou para 77%, quando foram retirados os itens relativos às outras metáforas e os *itens lingüísticos*. O mesmo fenômeno foi observado com *lust* e *others*.

**Quadro 4. 21 - Coincidências dos sintomas de *hunger* e desejos, de acordo com a intuição dos falantes de inglês**

	<i>love</i>	<i>lust</i>	<i>others</i>
Todos os itens	50%	64%	50%
Sem os itens relativos a outras metáforas	62%	69%	62%
Sem os itens relativos a outras metáforas e sem <i>itens lingüísticos</i>	77%	77%	69%

Os desejos são semelhantes, em termos do que os relaciona à emergência da metáfora, mas parece que a conceitualização da intensidade dos efeitos da fome no corpo e a percepção desses efeitos são diferentes. Assim, *love* e *lust* estão altamente relacionados através de alguns elementos e *lust* e *others*, através de outros. A relação com outras metáforas também foi um fator de confundimento entre os desejos, e todos sofreram influências negativas dos *itens lingüísticos*, como apresentado no Quadro 4.22.

Os resultados obtidos corroboram a idéia de o processo gerador da metáfora DESEJAR É TER FOME ser a correlação entre a sensação de fome e o desejo simultâneo de comida, em que a **necessidade**, cujos efeitos se manifestam no corpo através do **desejo** (e.g. *mouth waters*, *appetite*) e do **desconforto** (e.g. *anxious*, *headache*), está presente tanto no amor romântico, quanto na luxúria ou no desejo por alguma outra coisa. Portanto, não haver expressões metafóricas claramente relacionadas à realização lingüística do **desconforto** não é devido à falta de mapeamento.

**Quadro 4. 22 - Coincidências dos sintomas entre desejos, de acordo com a intuição dos falantes de inglês**

	<i>love x lust</i>	<i>love x others</i>	<i>lust x others</i>
Todos os itens	64%	43%	64%
Sem os itens relativos a outras metáforas	77%	62%	77%
Sem os itens relativos a outras metáforas e sem <i>itens lingüísticos</i>	85%	69%	77%

Quanto à metáfora secundária a este estudo, O OBJETO DO DESEJO É COMIDA, os resultados obtidos com a investigação empírica mostraram que, enquanto a comida é conceitualizada de duas formas diferentes (existe a comida para satisfazer a fome e a comida para agradar o paladar, sendo que aquela que satisfaz a fome não é a mesma que agrada o paladar) a pessoa desejada parece ser conceitualizada apenas em termos da comida para agradar o paladar. Tal resultado é coerente com a idéia de esta metáfora ser uma composta tendo entre suas primárias DESEJAR É TER FOME e O ATRAENTE É GOSTOSO.

Apesar de os resultados obtidos com as análises realizadas neste capítulo corroborarem a hipótese de Grady e colaboradores, somente a comparação com os resultados dos dados em português podem comprovar os aspectos relacionados à universalidade da metáfora. Os experimentos realizados com falantes do português brasileiro serão apresentados nos próximos capítulos.

## Capítulo 5 – Domínio-fonte: *Fome*

Neste capítulo, será descrito e discutido o Experimento 3, realizado com falantes nativos do português brasileiro. Como mencionado anteriormente, os experimentos aplicados com falantes do inglês são semelhantes aos aplicados com falantes do português brasileiro, para permitir uma comparação entre eles. Não há exatamente uma predominância de um grupo sobre o outro, mas como cronologicamente os experimentos 1 e 2 foram os primeiros a serem aplicados e analisados, a referência a eles é inevitável em cada passo a ser descrito. Além disso, a comparação constante deixa claro o que se mantém e o que foi necessário ser modificado em um e outro grupo.

Certas justificativas sobre a estruturação do material utilizado na pesquisa não serão retomadas aqui, uma vez que já foram amplamente discutidas no capítulo 3, na descrição do Experimento 1.

### **5.1. Experimento 3**

O objetivo específico do Experimento 3 é o mesmo do Experimento 1, i.e. , investigar a intuição do sujeito sobre os efeitos da fome no corpo, mas agora de sujeitos falantes nativos do português brasileiro. Assim como no Experimento 1, o teste consta de um questionário em que os sujeitos julgam, usando uma escala de 1 a 7, os vários itens relacionados aos efeitos físicos e psicológicos provocados pela fome no corpo. Cada questão consta de itens relacionados a fome e outros não tão relacionados, exatamente os mesmos usados na investigação com falantes do inglês. Espera-se também que haverá dois grupos distintos, estatisticamente significativos, que servirão de base para o experimento 4: um relacionado à fome e o outro não relacionado à fome.

Foram incluídos também, neste questionário, itens relacionados ao tipo e característica da comida desejada pelo faminto para verificar se a forma de os sujeitos conceitualizarem a comida tem relação com a forma como conceitualizam também a pessoa desejada.

## 5.2. Método

### 5.2.1. Sujeitos

Vinte e três alunos do primeiro ano de graduação em Letras da Universidade Estadual de Campinas participaram voluntariamente deste estudo. Todos eram falantes nativos do português brasileiro.

### 5.2.2. Procedimentos

Os sujeitos receberam um questionário para avaliar diversos itens sobre o conceito fome, de acordo com a intuição deles enquanto falantes nativos do português brasileiro. Foi solicitado que julgassem cada item de acordo com suas primeiras impressões, sem pensar muito sobre eles. Nenhuma informação foi dada sobre a relação dessa pesquisa com a metáfora DESEJAR É TER FOME ou qualquer expressão lingüística.

A tarefa durou em média 20 minutos e foi aplicada em sala de aula, com autorização prévia do professor. Após explicado o objetivo do questionário, esse foi entregue aos indivíduos que voluntariamente aceitaram participar da pesquisa.

### 5.2.3. Material

Foi feita uma adaptação do questionário sobre o conceito fome aplicado no Experimento 1 (ver Apêndice 3). O questionário consta de duas partes: uma sobre os efeitos da fome no corpo, composta de um grupo (Grupo I) e outra sobre a conceitualização de comida, composta de três grupos (Grupo II, Grupo III e Grupo IV).

O Grupo I consiste de questões sobre os efeitos da fome no corpo, onde são investigados os sintomas localizados, os sintomas gerais e os sintomas de comportamento relacionados ou não à fome. Pediu-se aos sujeitos que avaliassem cada sintoma numa escala de 1 a 7 de acordo com a frequência em que eles acontecem, onde 1 representa o menos freqüente (*nunca acontece*) e 7, o mais freqüente (*sempre acontece*). Além de explicitada, a escala aparece também em forma de quadro antes das questões, para deixar clara e evidente a tarefa proposta.

A questão 1 investiga os efeitos da fome em partes específicas do corpo, i.e., os sintomas localizados. São 15 itens, seis dos quais considerados *efeitos da fome*, sete, *não efeitos da fome* e dois que poderiam ou não ser efeitos da fome (Quadro 5.1). Dentre essa possibilidade está *ficar cego temporariamente* que é parte da metáfora O AMOR É CEGO, que, como já foi discutido anteriormente, poderia ser uma instânciação metonímica de DESEJAR É TER FOME. Esses itens foram dispostos de forma aleatória.

**Quadro 5.1 - Relação dos itens referentes a sintomas localizados, no Questionário de fome**

<i>efeitos da fome</i>	<i>efeitos possíveis da fome</i>	<i>não efeitos da fome</i>
dor de cabeça dor de estômago estômago roncar boca seca a idéia de comida, dar água na boca corpo inteiro doer	ficar temporariamente cego suar frio	mãos coçarem unhas quebradiças dedos estalarem dor no coração pés doerem joelhos incharem olhos vermelhos

Não era intenção incluir entre os itens considerados não efeito da fome qualquer item relacionado ao desejo, para não trazer confundimento. Infelizmente, somente após a análise dos dados do experimento 2, foi detectada a presença da metáfora COMPULSÃO PARA AGIR É UMA COCEIRA. Apesar de esse item poder trazer confundimento, como ocorreu nos resultados do inglês, para não atrapalhar a análise comparativa, o item *as mãos coçarem* foi mantido no questionário em português.

A expectativa, tanto nesta quanto nas demais questões, é poder retirar dois grupos distintos, com significância estatística: um com itens mais relacionados à fome e outro com itens menos relacionados.

A questão 2 investiga os efeitos da fome no funcionamento geral do corpo, i.e., os sintomas gerais da fome. São também 15 itens, seis dos quais considerados *efeitos da fome*, quatro, *não efeitos da fome* e quatro que poderiam ou não ser efeitos da fome (Quadro 5.2). Os cinco *efeitos-possíveis* fazem parte de outras metáforas que poderiam estar relacionadas com DESEJAR É TER FOME, como já discutido anteriormente. Assim estão incluídas as metáforas O AMOR É UMA DOENÇA, com os itens *ficam doentes e têm febre*, AMOR É INSANIDADE, com *ficam loucas por comida e não pensam direito*, e AMAR É MORRER, com *podem morrer – se não comer*. Os itens foram dispostos de forma aleatória. A expectativa, aqui também, é obter dois

grupos distintos: um dos *efeitos da fome* e outro dos *não efeitos*. Se os possíveis efeitos da fome se confirmarem como tal, é possível que sejam parte também da metáfora em estudo.

**Quadro 5. 2 - Relação dos itens referentes a sintomas gerais, no Questionário de fome**

<i>efeitos da fome</i>	<i>efeitos possíveis da fome</i>	<i>não efeitos da fome</i>
sede tontura fraqueza desconforto apetite sonolência	adoecer febre ficar louco por comida morrer – se não comer não pensar direito	vontade de correr irritação tagarelice não querer ver ninguém

A questão 3 investiga os efeitos da fome no comportamento. São 13 itens, três dos quais considerados *efeitos da fome*, seis, *não efeitos da fome* e quatro que poderiam ou não ser efeitos da fome (Quadro 5.3). Os quatro *efeitos-possíveis* fazem parte das metáforas AMOR/LUXÚRIA É INSANIDADE e UMA PESSOA COM LUXÚRIA É UM ANIMAL. Os itens foram dispostos de forma aleatória. A expectativa, mais uma vez, é obter dois grupos distintos: um com os itens mais relacionados à fome e outro com os menos relacionados. Se os possíveis efeitos da fome se confirmarem como tal, é possível que sejam parte também da metáfora em estudo.

**Quadro 5. 3 - Relação dos itens referentes a comportamento, no Questionário de fome**

<i>efeitos da fome</i>	<i>efeitos possíveis da fome</i>	<i>não efeitos da fome</i>
depressão angústia fragilidade emocional	desequilíbrio o cheiro de comida deixar a pessoa fora de si comportamento de um animal atrás de sua presa comportamento de louco, fazendo qualquer coisa para conseguir comida	comportamento normal, educado manter os pés no chão conseguir trabalhar normalmente afogar-se em mágoas descontar a raiva nos outros capacidade de manter uma discussão de alto nível.

A investigação sobre a forma como os sujeitos concebem comida foi dividida em três grupos (Grupo II, Grupo III e Grupo IV), com perguntas sobre (a) que tipo de coisa se deseja comer quando se está com fome, (b) quais são as características da comida saborosa, (c) quais são os exemplos típicos de comida que satisfazem a fome e (d) que atos relacionados à ingestão de alimento evocam a comida saborosa. O Quadro 5.4 apresenta as categorias e subcategorias que foram utilizadas para formar os itens dos Grupos II e III.

O Grupo II é composto de duas questões, em que os sujeitos devem julgar os itens numa escala de frequência variando de 1 a 7, onde 1 corresponde ao menos frequente (*nunca*) e 7, ao mais frequente (*sempre*). A questão 1 trata da frequência com que se deseja comer determinada comida quando se está com fome. São 17 itens, que incluem tipo de sabor (e.g. *doce, salgado, azedo*), tipo de prato (e.g. *frio* e/ou *quente*), tipos de comida (*massas, carnes, frutos do mar, frutas*) e alguns exemplos de tipo de comida (e.g. *bolos, tortas, sanduíches*). A questão 2 indaga sobre a frequência com que o sujeito considera as 14 propriedades, apresentadas no Quadro 5.4, como características positivas de uma comida saborosa.

Quadro 5. 4 - Categorias utilizadas no Grupo II e III, do Questionário de fome

tipo de comida	Propriedades		
	tipo de prato	forma de preparo	sabor
carne	frio	assado	doce
sobremesa	quente	grelhado	salgado
frutas	congelado	ensopado	azedo
laticínios		cozido	amargo
legumes		frito	apimentado
cereais			suculento
doces			
massas			
bebidas			
frutos do mar			

O Grupo III trabalha com a prototipicidade da comida. Pedese aos sujeitos que julguem os itens numa escala de tipicidade da comida variando de 1 a 7, onde 1 corresponde à comida menos típica (*não típica*) e 7, à mais típica (*muito típica*). As questões se apresentaram de duas formas. Na primeira, pede-se um julgamento dos tipos de comida (Quadro 5.4) enquanto itens típicos da categoria geral de comida. Na segunda, pede-se um julgamento de exemplos dos tipos de comida (Quadro 5.5) enquanto exemplos típicos de comida para satisfazer a fome.

**Quadro 5. 5 - Exemplos de tipos de comida usados no Questionário de fome**

<i>Carne</i>	<i>Fruto do mar</i>	<i>Massa</i>	<i>Laticínio</i>	<i>Sobremesa</i>	<i>Doce</i>	<i>Fruta</i>	<i>Vegetais</i>	<i>Outros</i>
Ave	Caviar	Tortas	Creme	Merengue	Caramelo	Manga	Ceboia	Castanha de caju
Pato	Atum	Biscoito	Leite	Gelatina	Mel	Uva	Alface	Castanha
Porco	Peixe	Arroz	Iogurte	Mousse	Docinho de coco	Morango	Pimentão	Ovo
Carne	Lagosta	Pão	Queijo	Bolos	Açúcar	Abacaxi	Tomate	Omelete
Frango	Salmão			Sorvete	Geléia	Banana	Cenoura	
					Doces	Laranja	Milho	
					Chocolate	Pêssego	Salada	
						Maçã	Batata	
						Abacate		

O outro aspecto relacionado à metáfora O OBJETO DO DESEJO É COMIDA, já discutido no Experimento 1, diz respeito ao uso de verbos que envolvem o ato de comer relacionado ao desejo pelo outro. Esse aspecto é trabalhado no Grupo IV do questionário, em que se pede ao sujeito para julgar exemplos de ações humanas que envolvem comida, na questão 1, e ações humanas que envolvem bebida, na questão 2, numa escala de 1 a 7 em relação ao sabor da comida que suas ações refletem. Nessa escala, 1 corresponde à ação que reflete uma comida não saborosa e 7, uma comida muito saborosa. No Quadro 5.6 abaixo, estão os verbos utilizados para cada questão.

**Quadro 5. 6 - Verbos relacionados à ingestão de comida usados no Questionário de fome**

<i>verbos que envolvem comida</i>			<i>Verbos que envolvem bebida</i>
mastigar	lambiscar	embuchar	beber
moer	ingerir	empanturrar-se	tomar
triturar	comer	fartar-se	engolir
roer	devorar	digerir	sorver
dilacerar	petiscar	saborear	chupar
engolir	tragar	mordiscar, beliscar	tragar
deleitar-se	sugar		

### 5.3. Resultados e discussão

O questionário sobre o domínio-fonte da metáfora DESEJAR É TER FOME foi estruturado em duas partes: uma diz respeito ao domínio-fonte da metáfora em estudo e a outra ao domínio-fonte de O OBJETO DO DESEJO É COMIDA, que, como já foi visto, está estreitamente relacionada à metáfora DESEJAR É TER FOME. A primeira parte refere-se aos efeitos da fome no

corpo e investiga esses efeitos através de três tipos de sintoma: os localizados, os gerais e os de comportamento. A segunda investiga a conceitualização da comida através de quatro aspectos: o tipo de coisa que uma pessoa faminta deseja comer, as características positivas de uma comida saborosa, os exemplos típicos de comida para satisfazer a fome, e os tipos de ação humana envolvendo comida que evocam comida saborosa.

Assim como nos experimentos anteriores, a análise estatística foi realizada através do programa de estatística e análise de dados para saúde pública, Epi Info 6, versão 6.02. Foram usados testes de variância ANOVA. Os resultados serão apresentados seguindo a ordem do questionário.

### 5.3.1. Os efeitos da fome no corpo

A maioria dos itens previstos como *efeito da fome* ou *não efeito da fome* no corpo foram considerados pelos sujeitos como tais (Quadro 5.7). Para cada questão, foi possível separar dois grupos com notas médias estatisticamente diferentes ( $F_{(1,458)}=1040,39$  com  $p<0,000001$ ;  $F_{(1,458)}=562,13$  com  $p<0,000001$ ; e  $F_{(1,274)}=210,68$  com  $p<0,000001$ , para sintomas localizados, gerais e de comportamento, respectivamente): o grupo *top*, que constitui os itens que receberam maior pontuação, i.e., os itens mais relacionados com a fome; e o grupo *bottom*, que constitui os itens que receberam menor pontuação, i.e., os itens menos relacionados com a fome. Conforme já explicado no Capítulo 3, essa separação foi feita de forma proporcional ao número de itens de cada questão. Em uma questão com 15 itens, por exemplo, os cinco itens com pontuação mais alta foram incluídos no grupo *top* e os cinco itens com pontuação mais baixa, no grupo *bottom*.

Os cinco itens dos grupos *top* e *bottom*, referentes aos sintomas localizados, foram previstos como efeitos e não-efeitos da fome, respectivamente. Nenhum item dos efeitos possíveis entrou em qualquer dos grupos.

Quanto aos sintomas gerais, quatro dos seis itens previstos como efeitos da fome e um dos quatro itens entre os possíveis receberam pontuação alta, i.e., acima de 5,70. Entretanto, *sonolência*, um dos itens previstos como parte da experiência da fome, foi incluído no grupo *bottom*, apesar da pontuação alta (4,35). Um dos itens previstos como efeito possível da fome,

*febre*, ficou entre os cinco itens do grupo *bottom*. Os demais itens do grupo *bottom* receberam pontuação abaixo de 3,00, confirmando a previsão de não serem relacionados à fome.

**Quadro 5. 7 - Resultados sobre os efeitos da fome no corpo, de acordo com a intuição dos falantes de portugueses**

grupo	sintomas localizados	sintomas gerais	sintomas de comportamento
<i>top</i>	estômago roncar dor de cabeça dor de estômago a idéia de comida, dar água na boca boca seca	fraqueza apetite tontura desconforto ficar louco por comida	comportamento de louco, fazendo qualquer coisa para conseguir comida angústica fragilidade emocional desequilíbrio
média	5,78	6,12	5,09
<i>Bottom</i>	coração doer joelhos incharem dedos estalarem pés doerem mãos coçarem	sonolência febre não querer ver ninguém tagarelice vontade de correr	manter os pés no chão comportamento normal, educado conseguir trabalhar normalmente capacidade de manter uma discussão de alto nível
Média	1,87	2,84	2,26
ANOVA	$F_{(1,458)}=1040,39; p<0,000001$	$F_{(1,458)}=562,13; p<0,000001$	$F_{(1,274)}=210,68; p<0,000001$
Resultado	T>B	T>B	T>B

Os grupos de *top* e *bottom* relacionados aos efeitos da fome no comportamento ficaram com 4 itens cada. Compõem o grupo *top*, dois itens previstos como efeitos da fome (*angústia*; *fragilidade* emocional) e dois como itens possíveis (*comportamento de louco, fazendo qualquer coisa para conseguir comida*; *desequilíbrio*). Quatro dos seis itens previstos como não-efeitos da fome permaneceram no grupo *bottom*.

Assim como no grupo com falantes de inglês, a investigação sobre o domínio-alvo da metáfora DESEJAR É TER FOME (desejo) será feita com base nos dados obtidos nos grupos *top* e *bottom* de cada questão. E de forma semelhante, se a motivação para a metáfora em estudo é a correlação entre a sensação física da fome e o desejo por comida que a acompanha, espera-se encontrar também diferenças estatisticamente significativas entre esses dois grupos no estudo sobre os efeitos do desejo no corpo.

Naturalmente que os problemas com o *design* do questionário, já levantados no Experimento 1, continuam aqui, uma vez que este é uma reprodução do outro. Ou seja, o pequeno número de itens em cada questão fez com que os grupos de *top* e *bottom* também tivessem poucos itens. O número de itens previstos como efeitos e não-efeitos, de modo geral, foi maior que o número de itens nos grupos, que foi preenchido, como visto acima, na sua

maioria, pelos itens previstos. A consequência disso é que não foi possível visualizar muito bem a relação entre outras metáforas e a metáfora em estudo. Além disso, a falta de um balanceamento entre os exemplos das prováveis metáforas relacionadas (Quadro 5.8) pode impedir uma análise mais conclusiva sobre a relação entre elas e a fome.

**Quadro 5.8 - Outras metáforas incluídas no Questionário de fome como prováveis instanciações da metáfora DESEJAR É TER FOME**

<i>UMA PESSOA COM LUXÚRIA É UM ANIMAL</i>	<i>AMOR/LUXÚRIA É INSANIDADE</i>	<i>O AMOR É UMA DOENÇA</i>	<i>O AMOR É CEGO</i>
comportamento de um animal atrás de sua presa	desequilíbrio ficar louco por comida comportamento de louco, fazendo qualquer coisa para conseguir comida o cheiro de comida deixar a pessoa fora de si	adoecer febre morrer – se não comer	ficar temporariamente cego

Entretanto, pode-se observar que, dos quatro itens da metáfora AMOR/LUXÚRIA É INSANIDADE, três estão no grupo *top* e nenhum em *bottom*. Esse parece um dado significativo para o português. Nenhuma outra metáfora faz parte do grupo *top* ou *bottom* de qualquer sintoma, exceto O AMOR É UMA DOENÇA, em que *febre* está entre os itens do grupo *bottom* dos sintomas gerais da fome.

### 5.3.2. A conceitualização de comida

Como esclarecido no Capítulo 3, a metáfora O OBJETO DO DESEJO É COMIDA é apenas complementar a este estudo, e, portanto, não é realizada em detalhe. Somente aqueles pontos julgados interessantes e relevantes para analisar influências culturais no objeto da saciedade da fome serão considerados.

A conceitualização da comida foi investigada através de quatro aspectos: o tipo de comida para satisfazer a fome, as propriedades positivas da comida para agradar o paladar, os exemplos típicos de comida para satisfazer a fome e o tipo de verbo que evoca a comida saborosa.

Aqui também foi possível separar dois grupos com notas médias estatisticamente diferentes (ver os resultados do teste de variância no Quadro 5.9): o grupo *top*, entendido

como aqueles itens mais relacionados com a conceitualização da comida, e o grupo *bottom*, que contém os itens menos relacionados. Essa separação foi feita usando o mesmo procedimento anterior para os efeitos da fome no corpo, i.e., de forma proporcional ao número de itens de cada questão. Logo *top* contém os itens com pontuação mais alta e *bottom*, aqueles com pontuação mais baixa.

**Quadro 5. 9 - Resultado geral sobre a conceitualização de comida, por grupos *top* e *bottom*, de acordo com a intuição dos falantes de português**

grupo	tipos de comida para satisfazer a fome	Características da comida saborosa	exemplos típicos de comida para satisfazer a fome	verbos que evocam a comida saborosa
T O P	um prato quente alguma coisa salgada carne alguma coisa quente ou fria massas sanduíches	Suculenta Grelhada assada salgada quente	carne arroz frango batata pão ave leite ovo peixe porco omelete torta salada queijo milho	saborear deleitar-se comer mastigar fartar-se mordiscar, beliscar beber tomar
média	5,57	5,94	5,43	5,90
B O T O M	doces alguma coisa doce frutos do mar alguma coisa apimentada alguma coisa azeda alguma coisa amarga	apimentada ensepada congelada azeda amarga	castanha mousse sorvete uva mel castanha de caju creme geléia açúcar docinho de coco merengue gelatina caviar cebola caramelo	moer sugar triturar roer dilacerar embuchar engolir tragar
média	2,86	2,90	2,86	3,73
ANOVA	$F_{(1, 274)} = 220,76$ $p < 0,000001$	$F_{(1, 228)} = 276,41$ $p < 0,000001$	$F_{(1, 688)} = 490,04$ $p < 0,000001$	$F_{(1, 366)} = 177,22$ $p < 0,000001$
Resultado	T>B	T>B	T>B	T>B

Os dados indicam que aquilo que o faminto deseja comer é também o que ele considera saboroso: as características da comida saborosa estão muito ligadas ao tipo de coisa que o faminto deseja comer, assim como aos exemplos típicos de comida para satisfazer a fome. Por exemplo, um elemento forte nos dados é *carne*, que tanto está presente entre as coisas que se deseja comer quando se está com fome como tem todas as características da comida saborosa, ou seja, ela pode ser *suculenta, grelhada, assada, salgada e quente*. Além disso, seus diversos tipos (*carne, frango, ave, porco*), incluindo substitutos (*ovo, omelete, peixe*) representam metade dos bons exemplos de comida para satisfazer a fome. Em menor proporção, mas ainda bastante coerentes são *prato quente, massas, sanduíches e coisas salgadas*.

Houve também coerência em outros aspectos. *Doces e coisas doces*, que estão entre os tipos de comida que não se deseja quando faminto, têm também um grande número de seus exemplares entre os exemplos não típicos da comida para satisfazer a fome. Enquanto pouco mais da metade dos exemplos mais típicos de comida para satisfazer a fome é de *carnes e massas* (Quadro 5.10), *doces e sobremesas* representam 60% dos exemplos menos típicos. Nenhum exemplar desses itens apareceu no grupo oposto. A falta de proporção no número de itens que foram utilizados para cada tipo de comida, apontada no Capítulo 3, não parece ter influenciado nos resultados aqui. *Frutas*, por exemplo, apesar de ter nove exemplares no teste, nenhum foi considerado comida típica para satisfazer a fome, e apenas um entrou no grupo *bottom*.

Quadro 5. 10 - Distribuição do tipo de comida nos grupos *top* e *bottom*, de acordo com a intuição dos falantes de português

<i>tipo de comida</i>	<i>total</i>	<i>top</i>	<i>bottom</i>
carnes	5	4	-
frutos do mar	5	1	1
massas	4	3	-
laticínios	4	2	1
sobremesas	5	-	4
doces	7	-	5
frutas	9	-	1
vegetais	8	3	1
outros	4	2	2

Entre os itens não desejados para satisfazer a fome, há claramente tipos de comidas diferentes: alguns não são nem desejados pela pessoa faminta nem têm características da

comida saborosa, como *coisas azedas* ou *amargas*. É interessante observar que, convencionalmente, essas características não são consideradas positivas quando aplicadas a pessoas. Outros itens não são rejeitados enquanto contendo características da comida saborosa, apesar de não estarem entre os itens do grupo *top*. O fato de alguma coisa não ser desejada pelo faminto não significa que não seja saborosa, além do mais, outros fatores podem ter atrapalhado uma melhor visualização desses elementos, como o pequeno número de itens em algumas categorias, como já observado na investigação sobre a fome. É o caso de *doces*. Apesar de ter recebido alta pontuação como contendo características positivas da comida saborosa (5,26), ficou fora do grupo *top*. Muitas expressões convencionais usam termos de comida envolvendo essa característica.

#### **5.4. Síntese**

Neste capítulo, foram apresentados os resultados do Experimento 3, realizado com falantes nativos do português brasileiro, sobre a conceitualização de fome e de comida. Fome, para esses falantes, parece estar conceitualizada de forma semelhante aos conceitos trabalhados no Capítulo 1, ou seja, expressa-se através de sintomas objetivos como dor de estômago e sintomas mais subjetivos como fraqueza e irritação, bem como através do apetite. Comida, por outro lado, parece reunir duas características: o que satisfaz a fome, agrada também o paladar.

Cada aspecto analisado com relação à fome, neste experimento, como já mencionado anteriormente, será analisado também com relação ao desejo no Experimento 4. Portanto, os resultados obtidos, que se constituem de itens muito relacionados aos conceitos estudados (fome e comida) e itens pouco relacionados a esses mesmos conceitos, serão utilizados para a elaboração do material do Experimento 4, que será realizado também com falantes nativos do português brasileiro.

## Capítulo 6 – Domínio-alvo: *Desejo*

No capítulo anterior, foram descritos e discutidos os resultados do Experimento 3, cujo objetivo foi identificar os elementos mais e menos relacionados ao domínio-fonte da metáfora DESEJAR É TER FOME. Foram investigados também alguns aspectos relacionados ao domínio-fonte da metáfora O OBJETO DO DESEJO É COMIDA. Para cada questão, foram estabelecidos dois grupos, com notas médias estatisticamente diferentes, *top* e *bottom*.

Neste capítulo, será descrito e discutido o Experimento 4. O objetivo deste experimento, de forma semelhante ao Experimento 2, é verificar se os elementos básicos do domínio-fonte (fome) levantados no Experimento 3 estão mapeados no domínio-alvo (desejo). Partiu-se da hipótese de que se DESEJAR É TER FOME é uma metáfora primária, no sentido em que ela nasce da correlação entre fome e desejo, de modo que também deve haver diferenças significativas entre os grupos *top* e *bottom* dos itens relacionados aos efeitos da fome no corpo quando o desejo for considerado.

Com relação à conceitualização da comida, o objetivo é verificar se a forma como se fala da pessoa desejada está relacionada à forma como a comida é conceitualizada e se isso tem alguma relação com a fome. Se o desejo pelo outro é conceitualizado como a comida, também devem ser encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos *top* e *bottom* do Experimento 3 relacionados à comida.

### 6.1. Experimento 4

O experimento 4 consta de dois questionários, baseados no questionário de *fome*. Como já discutido no Capítulo 4, o desejo foi analisado sob três perspectivas: o desejo presente no amor romântico (daqui em diante tratado por *amor*), na atração sexual (daqui em diante tratado por *luxúria*<sup>44</sup>) e o desejo por alguma coisa ou de fazer alguma coisa (daqui em diante tratado por *outros*). *Amor* e *luxúria* foram investigados juntos, no mesmo questionário,

---

<sup>44</sup> Em português, o termo *luxúria* tem uma conotação depreciativa forte, o que não ocorre com o termo *lust* em inglês. Na descrição e análise dos dados, esse termo foi utilizado por mera questão prática. Em nenhum

com o mesmo grupo de sujeitos. *Outros* foi investigado em um outro questionário, mas igualmente estruturado, com um grupo diferente de sujeitos.

## 6.2. Método

### 6.2.1. Sujeitos

Cinquenta e um alunos do primeiro ano de graduação em Letras da Universidade Estadual de Campinas participaram voluntariamente deste estudo. Todos eram falantes nativos do português brasileiro e nenhum havia participado do Experimento 3. Vinte e cinco responderam o questionário *amor-luxúria* e 26 o questionário *outros*.

### 6.2.2. Procedimentos

Metade dos sujeitos recebeu um questionário para avaliar a aceitabilidade de diversos itens relacionados ao desejo de amor e de atração sexual, de acordo com a intuição deles enquanto falantes nativos do português brasileiro. Os demais sujeitos receberam um questionário para avaliar a aceitabilidade de diversos itens relacionados ao desejo por alguma coisa ou de fazer alguma coisa. Foi solicitado que julgassem cada item de acordo com suas primeiras impressões, sem pensar muito sobre eles. Nenhuma informação foi dada sobre a relação dessa pesquisa com fome ou com a metáfora DESEJAR É TER FOME.

A tarefa, que teve duração de aproximadamente 30 min para o questionário de *love-lust* e 15 min para o questionário de *others*, foi aplicada em sala de aula, com autorização prévia do professor. Após explicado o objetivo do questionário, esse foi entregue àqueles indivíduos que voluntariamente aceitaram participar da pesquisa.

### 6.2.3. Material

Assim como no Experimento 2, foram preparados dois questionários, utilizando os itens dos grupos *top* e *bottom* do Experimento 3 (ver Apêndice 4). Esses itens foram apresentados de duas formas: (1) através de perguntas diretas sobre o sentimento e o

---

momento, *luxúria* foi utilizado nos questionários. A expressão *atração sexual* traduz melhor a idéia que está

comportamento de pessoas cheias de desejo tanto por alguém quanto por alguma coisa. Por exemplo, *Como você imagina que se sente uma pessoa que deseja muito alguém/alguma coisa?* Como visto no Experimento 2 (Quadro 4.1), esses itens são tratados como *itens do corpo*, porque representam os efeitos do desejo no corpo, e são exatamente as mesmas perguntas feitas para a fome. (2) Através de sentenças, usando os itens em um contexto curto, em que os sujeitos julgam a aceitabilidade delas enquanto forma de falar sobre o desejo por alguém ou por alguma coisa. Por exemplo, *Tenho dor de estômago por você*. Esses são tratados como *itens linguísticos*. Assim como no experimento em inglês, a maioria das sentenças soa estranha, pois está longe da forma convencional usada para falar do desejo. No entanto, se os itens relacionados à fome também estão relacionados ao desejo, isso pode ser verificado também a partir da aceitabilidade de expressões linguísticas novas, que sejam licenciadas pela metáfora subjacente. É possível que o desconforto, que não está claramente convencionalizado na língua, esteja implícito nos termos *fome* e *sede*, e apareça nessa forma não convencional, conforme já discutido. Na teoria da metáfora conceitual, mas não na proposta de Grady e colaboradores, muitas metáforas linguísticas novas são baseadas em aspectos de metáforas conceituais não usados convencionalmente. Se esses itens são aceitos, isso pode significar que eles estão mapeados, apesar de não fazerem parte da forma convencional de expressão linguística da metáfora em estudo.

Da mesma forma que no questionário em inglês, as frases foram construídas em primeira e segunda pessoas do singular, de forma a provocar certa identificação com o sujeito. Além disso, devido à flexão de gênero do português, foi apresentada uma versão para os sujeitos do sexo feminino (e.g. *sou louca por você*) e outra para os do sexo masculino (e.g. *sou louco por você*).

No questionário *amor-luxúria*, pede-se aos sujeitos que julguem cada item na perspectiva do desejo de amor romântico e de atração sexual. O questionário consta de duas partes, análogas ao questionário de *fome*. A primeira, sobre os efeitos do desejo (de amor e atração sexual) no corpo, e a segunda, sobre o uso de termos de comida para se referir ou dirigir à pessoa desejada (por amor e atração sexual).

A parte relacionada aos efeitos do desejo no corpo contém dois grupos. No grupo I, pede-se aos sujeitos que avaliem várias sentenças (Quadro 6.1), formadas com os itens de *top* e *bottom* do questionário de *fome*, como formas potenciais de falar sobre o desejo pelo outro, através de uma escala de aceitabilidade variando de 1 a 7, em que 1 representa *não aceitável* e 7, *plenamente aceitável*. Como no questionário de *love-lust*, aqui também não foram incluídos os itens de *bottom* da questão sobre os efeitos da fome no comportamento, porque não se conseguiu estruturar frases com esses itens com significados diferentes dos sentidos convencionais acarretados. Por exemplo, *consigo trabalhar normalmente por você* pode ser entendido como o desejo de fazer alguma coisa bem para satisfazer o outro e, por isso, ter boa aceitação. Nesse sentido, *conseguir trabalhar normalmente* não é um efeito do desejo no corpo, i.e., um tipo de sentimento de comportamento impulsionado pelo desejo, mas um tipo de decisão tomada para satisfação do outro.

**Quadro 6. 1 - Grupo I: Expressões lingüísticas julgadas através de uma escala de aceitabilidade - Questionário de amor-luxúria**

<i>Sintomas</i>	<i>Expressões com itens top</i>	<i>Expressões com itens bottom</i>
Localizados	Tenho uma forte dor de cabeça por você. Tenho dor de estômago por você. Você realmente me dá água na boca. Meu estômago ronca por você. Só agora percebi que minha boca fica seca por você.	Você realmente faz o meu coração doer. Descobri que meus pés doem por você. Estou com as mãos coçando por você. Você é a única pessoa que acha que os meus dedos estalam por você. Todo mundo agora sabe que meus joelhos incham por você.
Gerais	Sou louco(a) por você. Eu sei que estou ficando fraco(a) por você. Eu sei que você também ficou tonta(o) por mim. Tenho grande apetite pela minha chefe/meu chefe. Deixei minha mulher/meu marido porque estava sentindo desconforto pela minha vizinha/meu vizinho.	Sinto vontade de correr por você. Fiquei tagarela por você. Tenho febre por você. Não quero ver ninguém por você. É verdade, todo mundo sabe que sinto muito sono por você.
de Comportamento	É verdade, estou mesmo angustiado(a) por você. Fiquei emocionalmente frágil por você. Notei que você se comporta como uma louca/um louco: faz qualquer coisa por mim! Eu estava desequilibrado(a) pela minha professora/meu professor de ciências.	- - - -

No Grupo II, foram repetidas exatamente as mesmas questões sobre os sintomas localizados, gerais e de comportamento do questionário de *fome*, só que agora relacionado ao

desejo<sup>45</sup>. Pede-se aos sujeitos que avaliem numa escala de frequência variando de 1 a 7, onde 1 representa *nunca* e 7, *sempre*, como alguém muito apaixonado ou com grande desejo se sente e se comporta. Isto, naturalmente, sob a perspectiva tanto do desejo de amor romântico quanto de atração sexual.

O Grupo III é estruturado de forma semelhante ao I, mas aqui com termos relacionados à comida para falar da pessoa desejada. Os itens *top* e *bottom* dos grupos II e III do questionário *fome* estão colocados em pequenos contextos lingüísticos e pede-se aos sujeitos que avaliem a aceitabilidade das sentenças, numa escala de 1 a 7, onde 1 correspondente a *não aceitável* e 7, a *plenamente aceitável*, enquanto formas em potencial de se dirigir à pessoa desejada pelo amor romântico ou por atração sexual. Como algumas dessas expressões poderiam ser bem aceitas quando a pessoa desejada é um homem e rejeitadas quando é mulher, ou vice-versa, ou poderiam ser aceitas ou rejeitadas tanto quando dirigidas a um homem quanto a uma mulher, pede-se que cada item seja julgado também com essa perspectiva. São, portanto, quatro aspectos para serem avaliados em cada item: se ele é aceito enquanto uma forma de se dirigir a um homem que é desejado por amor, ou por atração sexual, e enquanto uma forma de se dirigir a uma mulher que é desejada por amor, ou por atração sexual.

Das 42 sentenças que compõe o Grupo III, 24 contêm itens do grupo *top*, e.g. *Só agora me dei conta que você é a batata da minha vida*, e 18, do grupo *bottom*, e.g. *Eu quase perdi a cabeça quando vi aquele caramelo*.

O Grupo IV explora a aceitabilidade de verbos que envolvem o ato de comer e de beber relacionados ao desejo pelo homem ou pela mulher, tanto através do amor quanto da luxúria. Ou seja, nesse grupo também são julgados os quatro aspectos avaliados no Grupo III e utilizada a mesma escala de aceitabilidade de 1 a 7. Os verbos não estão separados quanto ao ato que envolvem. Esse grupo consta de uma questão única com 16 itens, sendo 8 do grupo *top* e 8 do grupo *bottom* do questionário *fome*.

O questionário *outros* é semelhante ao questionário *amor-luxúria*, contendo, no entanto, apenas a parte referente aos efeitos do desejo por alguma coisa ou de fazer alguma

---

<sup>45</sup> Diferentemente do questionário para os falantes do inglês, em que os sintomas localizados não foram incluídos por erro.

coisa. Como discutido em capítulos anteriores, coisas desejadas não são tratadas como comida, por isso aqui também não foi incluída a parte referente à conceitualização da comida.

Como no questionário *amor-luxúria*, os efeitos do desejo se apresentam de duas formas. No grupo I, pede-se aos sujeitos que avaliem várias sentenças (Quadro 6.2), formadas com os itens *top* e *bottom* do questionário *fome*, como formas potenciais de falar sobre o desejo por alguma coisa ou de fazer alguma coisa, através da escala de aceitabilidade variando de 1 a 7 (onde 1 = *não aceitável* e 7 = *plenamente aceitável*). Aqui também os itens *bottom* da questão sobre os efeitos da fome no comportamento não foram incluídos, pelas mesmas razões acima.

**Quadro 6. 2 - Grupo I: Expressões linguísticas julgadas através de uma escala de aceitabilidade - Questionário de *outros***

<i>Sintomas</i>	<i>Expressões com itens do top</i>	<i>Expressões com itens do bottom</i>
Localizados	Com essa minha forte dor de cabeça por conhecimento, passei a ler tudo sobre religião. A história é tão emocionante; faz o meu estômago doer pelo próximo episódio. Toda aquela injustiça me deixou com água na boca por sangue. Reduzido à pobreza, o meu estômago ronca pelos velhos tempos. Estou com a boca seca por um sapato preto.	Agora que consegui um emprego melhor, meu coração dói por umas férias no Caribe. Vi que os pés do nosso povo doíam por independência. A verdade é que os meus dedos estalam por uma oportunidade de ir à lua. Meus joelhos incham por mais informações sobre os povos antigos. Minhas mãos estavam coçando por um sorvete.
Gerais	Estou completamente tonto (a) por um carro novo. Tenho grande apetite por dinheiro. Este é o lugar de encontro para as pessoas como eu que são fracas por xadrez. Fui consumido(a) por este forte sentimento de desconforto por reconhecimento profissional. Estou louco(a) por um emprego novo.	Eu gostaria de entender o que me dá essa febre pelo poder. A cada novo ano, sinto muito sono por novos empreendimentos. Fiquei tagarela por me aventurar na Floresta Amazônica. Adoro futebol. Não quero ver ninguém por um jogo. Tenho vontade de correr por uma casa nova.
de Comportamento	Estou muito angustiado(a) por revanche. Sou completamente desequilibrado(a) por esta música. Sou emocionalmente frágil pela verdade. Sou jornalista. Por isso me comporto como um(a) louco(a), fazendo qualquer coisa por uma boa notícia.	- - - -

No Grupo II, repetiram-se exatamente as mesmas questões sobre os sintomas localizados<sup>46</sup>, gerais e de comportamento do questionário *fome*, só que agora relacionado ao desejo por alguma coisa ou de fazer alguma coisa. Pede-se aos sujeitos que avaliem numa escala de frequência variando de 1 a 7 (onde 1 = *nunca* e 7 = *sempre*), o que e como alguém com grande desejo por alguma coisa ou de fazer alguma coisa se sente e se comporta.

### 6.3. Resultados e discussão

Neste experimento, foi investigado o mapeamento do domínio fome no domínio desejo. A partir dos dados obtidos no Experimento 3, sobre a fome, foram elaborados dois questionários, semelhantes, para investigar a relação dos efeitos da fome no corpo com os efeitos tanto do desejo presente no amor romântico e na luxúria quanto no desejo que se tem por alguma coisa ou de fazer alguma coisa.

A hipótese inicial foi de que, se existe uma correlação entre fome e desejo, os itens dos grupos *top* e *bottom* de fome também se manterão, quando relacionados ao desejo, como dois grupos distintos, estatisticamente significativos, com as notas médias dos grupos *top* mais altas que as dos grupos *bottom*. Coisa semelhante deve acontecer com os itens referentes à metáfora secundária que está sendo estudada, O OBJETO DO DESEJO É COMIDA. A análise estatística foi realizada através do Programa de Estatística e Análise de Dados para Saúde Pública, Epi Info 6, versão 6.02 (CDC & OMS, 1994). Foram aplicados testes de variância ANOVA.

Os questionários foram aplicados a pessoas do sexo masculino e feminino; no entanto, como ocorreu com os dados em inglês, as correlações entre esses dois grupos nos diversos itens investigados foram altas (acima de 70%), e por isso esse fator não será considerado na análise.

A análise dos efeitos do desejo no corpo será feita em duas etapas. Inicialmente serão considerados todos os itens investigados no questionário, tratados daqui em diante de Situação 1. Para que os resultados possam ser comparáveis com os obtidos no Experimento 2, de falantes do inglês, na segunda etapa, serão eliminados os *itens do corpo*<sup>47</sup> dos sintomas

---

<sup>46</sup> Assim como no questionário *amor-luxúria*, este item não apareceu na versão em inglês.

<sup>47</sup> Para relembrar o conceito de *item do corpo* e *item lingüístico*, ver Quadro 4.1.

localizados, porque esses itens não foram investigados naquele experimento. Tal análise será tratada como Situação 2.

### 6.3.1. Os efeitos do desejo no corpo

A análise da Situação 1, i.e. de todos os sintomas juntos (localizados, gerais e de comportamento), incluindo todos os *itens do corpo* e *lingüísticos*, mostra que as notas médias dos itens de *top* de qualquer dos desejos (*amor*, *luxúria* ou *outros*) foram significativamente mais altas que as dos itens de *bottom* (Quadro 6.3).

**Quadro 6.3 - Médias gerais de todos os sintomas por tipos de desejo e grupo, Situação 1, de acordo com a intuição dos falantes de português**

Grupo	<i>Amor</i>	<i>Luxúria</i>	<i>Outros</i>
<i>top</i>	3,66	3,87	3,99
<i>bottom</i>	2,96	2,69	3,04
ANOVA	$F_{(1,1293)} = 31,89; p=0,000005$	$F_{(1,1292)} = 94,28; p<0,000001$	$F_{(1,1349)} = 70,72; p<0,000001$
Resultado	T>B	T>B	T>B

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

No geral, os *itens lingüísticos* não parecem interferir nos resultados, como pode ser verificado no Quadro 6.4, em que a relação médias dos itens de *top* mais altas que as de *bottom*, com significância estatística, se mantém quer considerados apenas os *itens do corpo* quer apenas os *itens lingüísticos*. Tais resultados mostram que os efeitos da fome são também efeitos do desejo, e que houve grande aceitação das expressões lingüísticas contendo esses efeitos como forma de se referir à pessoa amada ou desejada sexualmente, bem como ao objeto desejado.

**Quadro 6.4 - Médias gerais dos sintomas por desejo e grupo para cada tipo de item, Situação 1, de acordo com a intuição dos falantes de português**

<i>Itens do Corpo</i>				
Sintomas	<i>Top</i>	<i>Bottom</i>	ANOVA	Resultado
<i>Amor</i>	3,91	3,07	$F_{(1,697)}=25,31; p=0,00001$	T>B
<i>Luxúria</i>	3,83	2,80	$F_{(1,697)}=39,48; p=0,000002$	T>B
<i>Outros</i>	4,09	2,98	$F_{(1,725)}=55,66; p<0,000001$	T>B
<i>Itens Linguísticos</i>				
Sintomas	<i>Top</i>	<i>Bottom</i>	ANOVA	
<i>Amor</i>	4,36	3,53	$F_{(1,447)}=16,04; p=0,0002$	T>B
<i>Luxúria</i>	4,43	3,28	$F_{(1,447)}=33,04; p=0,000005$	T>B
<i>Outros</i>	4,18	3,23	$F_{(1,465)}=26,75; p=0,00001$	T>B

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

Os mesmos resultados finais se repetem para todos os tipos de sintoma em *amor* e em *luxúria*, mostrando uma grande relação entre a fome e o amor romântico e a atração sexual (Quadro 6.5). Em *outros*, as médias dos itens de *top* são mais altas nos sintomas localizados e gerais ( $F_{(1,518)}=16,89$ ;  $p=0,0001$  e  $F_{(1,518)}=49,50$ ;  $p<0,000001$ , respectivamente), mas a diferença entre os grupos só é estatisticamente significativa, nos sintomas de comportamento, em um nível de 10% ( $F_{(1,309)}=3,49$ ;  $p=0,05$ )<sup>48</sup>. Os *itens lingüísticos* parece terem contribuído negativamente para tal resultado, pois uma vez eliminados dos dados, as médias dos itens de *top* dos sintomas de comportamento passaram a ser mais altas que as de *bottom*, com significância estatística ( $top=4,46$ ;  $bottom=3,72$ ;  $F_{(1,258)}=19,74$ ;  $p=0,00008$ ). Embora as diferenças entre as médias de *top* e *bottom*, considerando-se apenas os *itens lingüísticos*, tenham sido inconclusivas nos sintomas localizados de *amor* e *outras* e nos sintomas gerais de *amor*, tais itens não influíram nos resultados finais devido ao forte efeito observado nos *itens do corpo*, que consistentemente tiveram as médias de *top* mais altas em qualquer situação e desejo.

Quadro 6.5 - Médias gerais dos sintomas de *amor*, *luxúria* e *outros* por grupo, Situação 1, de acordo com a intuição dos falantes de portugueses

<i>A m o r</i>				
Sintomas	<i>Top</i>	<i>Bottom</i>	ANOVA	Resultado
Localizados	2,94	2,43	$F_{(1,498)}=7,61$ ; $p=0,006$	T>B
Gerais	3,70	3,18	$F_{(1,498)}=6,56$ ; $p=0,01$	T>B
de Comportamento	4,53	3,74	$F_{(1,293)}=9,24$ ; $p=0,002$	T>B
<i>L u x ú r i a</i>				
Sintomas	<i>Top</i>	<i>Bottom</i>	ANOVA	Resultado
Localizados	2,90	2,14	$F_{(1,498)}=17,48$ ; $p=0,0001$	T>B
Gerais	4,51	2,83	$F_{(1,497)}=76,84$ ; $p<0,000001$	T>B
de Comportamento	4,28	3,73	$F_{(1,293)}=4,97$ ; $p=0,02$	T>B
<i>O u t r o s</i>				
Sintomas	<i>Top</i>	<i>Bottom</i>	ANOVA	Resultado
Localizados	3,56	2,82	$F_{(1,518)}=16,89$ ; $p=0,0001$	T>B
Gerais	4,28	2,99	$F_{(1,518)}=49,50$ ; $p<0,000001$	T>B
de Comportamento	4,16	3,72	$F_{(1,309)}=3,49$ ; $p=0,05$	T>B*

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

Nos dados do Experimento 2, sobre as intuições de falantes do inglês, foram observadas também influências de itens relacionados ao desejo, mas não à fome, através de

<sup>48</sup> Lembrando que para haver significância estatística em um nível de 5%, nas condições dos testes realizados

outras metáforas. Como visto no capítulo anterior, duas metáforas estão incluídas neste experimento: AMOR/LUXÚRIA É INSANIDADE, com um item no grupo *top* dos sintomas gerais e dois no grupo *top* dos sintomas de comportamento, portanto muito relacionada com a **fome**; e O AMOR É UMA DOENÇA, pouco relacionada, com um item no grupo *bottom* dos sintomas gerais<sup>49</sup>. Para verificar se esses itens tiveram forte influência nos resultados, e poder compará-los com os dados obtidos no inglês, foram realizadas novas análises, em que tais itens foram eliminados.

Os resultados gerais não foram afetados pela retirada das outras metáforas (Quadro 6.6), mostrando que outros sintomas também estão altamente relacionados aos desejos e à fome. Uma outra análise desses dados mostrou que as médias de *top* foram sempre maiores que as de *bottom* quando considerados apenas os *itens lingüísticos* ou apenas os *itens do corpo*, para qualquer tipo de desejo. Entre os sintomas, assim como foi observado na análise anterior, alguns tiveram resultados inconclusivos quando apenas os *itens lingüísticos* foram considerados, à exceção de *amor*, que apresentou inconclusão nos sintomas gerais nos dois tipos de item.

Quadro 6. 6 - Médias gerais de todos os sintomas por tipos de desejo e grupo, sem os itens relacionados às outras metáforas, Situação 1, de acordo com a intuição dos falantes de português

Grupo	<i>Amor</i>	<i>Luxúria</i>	<i>Outros</i>
<i>top</i>	3,42	3,56	3,82
<i>bottom</i>	2,87	2,63	2,95
ANOVA	$F_{(1,1293)} = 17,24$ $p=0,0001$	$F_{(1,1292)} = 51,381$ $p<0,000001$	$F_{(1,1141)} = 52,41$ $p<0,000001$
Resultado	T>B	T>B	T>B

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

Para tornar os resultados comparáveis com os obtidos no Experimento 2, foram realizadas novas análises, eliminando os *itens do corpo* dos sintomas localizados (Situação 2). Os resultados finais, como pode ser visto no Quadro 6.7, são semelhantes aos obtidos na Situação 1<sup>50</sup>, com as médias dos itens do grupo *top* mais altas que as dos itens de *bottom*, nos três tipos de desejo ( $F_{(1,1043)}=20,51$ ;  $p=0,00006$ ;  $F_{(1,1042)}=81,87$ ;  $p<0,000001$ ;  $F_{(1,1089)}=43,07$ ;  $p<0,000001$ , respectivamente para *amor*, *luxúria* e *outros*).

aqui, F precisa ser igual ou superior a 3,84.

<sup>49</sup> Para conferir os itens, ver Quadros 5.7 e 5.8.

<sup>50</sup> Os dados da Situação 1 estão no Quadro 6.3.

**Quadro 6. 7 - Médias gerais de todos os sintomas por tipos de desejo e grupo, Situação 2, de acordo com a intuição dos falantes de português**

Grupo	<i>Amor</i>	<i>Luxúria</i>	<i>Outros</i>
<i>top</i>	3,78	4,11	4,00
<i>bottom</i>	3,15	2,89	3,18
ANOVA	$F_{(1,1043)} = 20,51$ $p=0,00006$	$F_{(1,1042)} = 81,87$ $p<0,000001$	$F_{(1,1089)} = 43,07$ $p<0,000001$
Resultado	T>B	T>B	T>B

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

A retirada dos itens referentes às outras metáforas incluídas no estudo também não alterou os resultados gerais (Quadro 6.8). Todos os desejos mantiveram notas médias de *top* mais altas, embora menos robustas. Naturalmente que a retirada de três dos quatro itens relacionados a outras metáforas que tinham grande associação com cada desejo (e.g. *ser louco* e *comportar-se como louco, fazendo qualquer coisa para conseguir a pessoa ou coisa desejada* foram os itens com as maiores pontuações em qualquer desejo) teria que provocar algum efeito, mas os dados de modo geral estão tão fortes que não houve interferência nos resultados gerais.

**Quadro 6. 8 - Médias gerais de todos os sintomas por tipos de desejo e grupo, sem itens referentes a outras metáforas, Situação 2, de acordo com a intuição dos falantes de português**

Grupo	<i>Amor</i>	<i>Luxúria</i>	<i>Outros</i>
<i>top</i>	3,51	3,80	3,79
<i>bottom</i>	3,05	2,83	3,08
ANOVA	$F_{(1,843)} = 8,96$ ; $p=0,003$	$F_{(1,842)} = 42,07$ ; $p=0,000001$	$F_{(1,881)} = 27,23$ ; $p<0,00001$
Resultado	T>B	T>B	T>B

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

A análise de cada sintoma separadamente e sua relação com cada tipo de desejo e fome, mostra que 71% dos itens mais associados a *luxúria* e 64% a *amor* e a *outros*, também foram os itens mais associados a *fome*. A eliminação dos *itens lingüísticos* não alterou esses resultados, mostrando que os efeitos da fome estão fortemente relacionados também aos desejos.

Com a eliminação das outras metáforas, *fome* e *outros* continuaram com 64% dos itens mais associados a eles coincidentes, enquanto *fome* e *amor* ou *fome* e *luxúria* tiveram uma coincidência de 73% nos itens mais associados a cada um deles. Considerando apenas os *itens do corpo*, a coincidência entre *fome* e *luxúria* passou para 64% e entre *fome* e *outros* subiu

para 73%. De modo geral, houve pouca alternância de itens, mesmo entre a análise com todos os itens e sem as outras metáforas.

Entretanto, poucos sintomas estão associados aos três tipos de desejo e *fome* ao mesmo tempo, em qualquer situação. Na Situação 1, com todos os itens ou apenas com os itens do corpo, apenas cinco dos 14 sintomas de *fome* se repetiram em *amor*, *luxúria* e *outros*; e, na Situação 2, sem itens de outras metáforas, quatro dos 11 sintomas de *fome* apresentaram-se também como sintomas de *amor*, *luxúria* e *outros*, aumentando para seis quando os *itens lingüísticos* foram eliminados.

Alguns sintomas pouco associados com *fome*, como *o coração doer* e *ter febre*, apresentaram-se altamente associados com *amor*, *luxúria* e *outros*, em qualquer situação, com ou sem os *itens lingüísticos*. *Ficar tagarela* e *as mãos coçarem* estiveram entre os itens mais associados a *outros* em todas as situações e análises; *tagarela* foi permanentemente muito associado a *amor*, mas a *luxúria*, só quando as outras metáforas e os *itens lingüísticos* foram eliminados; *as mãos coçarem*, que se apresentou constantemente muito associado a *luxúria*, em *amor*, somente como *item lingüístico* apresentou alta associação.

Assim como nos resultados do inglês, observa-se que cada desejo está associado com *fome* através de sintomas diferentes, mas todos como parte do mesmo elemento – o **desconforto**. A manifestação do sintoma no corpo, ou pelo menos a percepção da manifestação, parece ser diferente em cada tipo de desejo.

Uma análise dos sintomas mais associados a cada desejo mostrou que (a) aqueles que receberam pontuações mais altas em *amor* também foram, em 57% das vezes, os de pontuações mais altas em *luxúria*, com ou sem os *itens lingüísticos*. Sem os itens referentes às outras metáforas, a coincidência passou para 64%, subindo para 91% quando os *itens lingüísticos* não foram considerados; (b) os sintomas mais associados a *amor* coincidiram em 71% das vezes com os mais associados a *outros*, com ou sem *itens lingüísticos*, entretanto, sem os itens referentes às outras metáforas, o índice caiu para 55%, aumentando para 73% quando os *itens lingüísticos* não foram considerados; e (c) os itens mais associados a *luxúria* e *outros* foram os mesmos em 71% das vezes, com ou sem *itens lingüísticos*, e passaram para 73% sem os itens referentes às outras metáforas, e 82% quando os *itens lingüísticos* foram eliminados.

De forma semelhante ao que foi observado com as associações entre *fome* e os três tipos de desejo, cada desejo está associado com o outro através de alguns sintomas que são parcialmente diferentes daqueles que os associam ao terceiro tipo de desejo. E dependendo da situação, a associação entre eles também muda: por exemplo, considerando todos os itens, *amor* está mais associado a *outros* que a *luxúria*, enquanto *outros* está muito associado tanto a um quanto ao outro; mas eliminando tanto os itens referentes às outras metáforas quanto os *itens lingüísticos*, *amor* e *luxúria* são os mais associados e *amor* e *outros* são os menos associados.

Na base, no entanto, esses desejos parecem ser semelhantes. Enquanto falados pela fome, contêm seus elementos – a **necessidade** (que pode ser percebida através de itens como *dor de estômago*), o **desejo** (e.g. *água na boca*) e o **desconforto** (e.g. *angústia*).

### 6.3.2. A conceitualização da pessoa desejada

Os dados sobre a conceitualização da pessoa desejada foram analisados inicialmente considerando-se os resultados para a pessoa desejada como homem e como mulher, separadamente, para *amor* e *luxúria*. Como a correlação entre esses resultados em cada tipo de desejo foi alta (acima de 98%), para a análise geral, as diferenças entre gêneros foram desconsideradas.

Dos 21 itens mais relacionados aos desejos, 16 coincidiram em *amor* e *luxúria* para qualquer gênero, mostrando uma grande semelhança entre eles, mas apenas sete desses itens estão relacionados à comida também. No quadro 6.9, estão apresentados os resultados sobre a conceitualização da pessoa desejada de acordo com cada aspecto da comida investigado. Há uma tendência de as pessoas desejadas por *amor* não serem tratadas pelo tipo de comida desejada quando se está faminto (os resultados apresentaram significância estatística apenas em um nível de 10%), mas nada se pode dizer quanto à forma de tratar as pessoas desejadas por atração sexual com esse tipo de comida, uma vez que os resultados foram inconclusivos ( $p=0,67$ ). Entretanto, tratar as pessoas pelos tipos e propriedades da comida saborosa são formas bem aceitas, quer quando elas são desejadas por *amor* quer por *luxúria* ( $F_{(1,498)}=27,38$ ;  $p=0,00001$  e  $F_{(1,498)}=37,30$ ;  $p=0,000002$ , respectivamente). A comida típica para matar a fome não é uma forma aceitável para a pessoa desejada, qualquer que seja o desejo, mas o contrário

sim: aqueles itens não considerados típicos como comida para matar a fome estão mais relacionados à pessoa desejada. Isto é, os itens de *bottom* obtiveram médias mais altas que os itens de *top*, com significância estatística ( $F_{(1,1544)}=24,66$ ;  $p=0,00002$ , em *amor*, e  $F_{(1,1544)}=18,32$ ;  $p=0,0001$ , em *luxúria*). Os verbos de comer relacionados ao sabor da comida saborosa são formas aceitáveis de falar da pessoa desejada por *amor* ou *luxúria* ( $F_{(1,596)}=141,60$ ;  $p<0,000001$  e  $F_{(1,595)}=199,52$ ;  $p<0,000001$ , respectivamente). No entanto, os verbos de beber apresentaram resultados inconclusivos ( $p=0,13$  em *amor* e  $p=0,30$  em *luxúria*), mas, quando avaliados em conjunto com os demais verbos, foram rejeitados enquanto uma forma de falar sobre a pessoa desejada, nos dois tipos de desejo.

**Quadro 6. 9 - Média geral de cada item relativo à comida para *amor* e *luxúria* por grupo**

itens	desejo	<i>Top</i>	<i>bottom</i>	ANOVA	Resultado
Comida desejada quando se está com fome	<i>amor</i>	1,97	2,16	$F_{(1,1244)}=3,52$ ; $p=0,05$	B>T*
	<i>luxúria</i>	2,71	2,77	$p=0,67$	I
Comida saborosa	<i>amor</i>	2,45	1,62	$F_{(1,498)}=27,38$ ; $p=0,00001$	T>B
	<i>luxúria</i>	3,15	1,93	$F_{(1,498)}=37,30$ ; $p=0,000002$	T>B
Comida típica para matar a fome	<i>amor</i>	1,83	2,27	$F_{(1,1544)}=24,66$ ; $p=0,00002$	B>T
	<i>luxúria</i>	2,39	2,85	$F_{(1,1544)}=18,32$ ; $p=0,0001$	T>B
Verbos de comer relacionado ao sabor da comida saborosa	<i>amor</i>	3,54	1,66	$F_{(1,596)}=141,60$ ; $p<0,000001$	T>B
	<i>luxúria</i>	4,95	2,41	$F_{(1,595)}=199,52$ ; $p<0,000001$	T>B
Verbos de beber relacionado ao sabor da comida saborosa	<i>amor</i>	1,77	1,47	$p=0,13$	I
	<i>luxúria</i>	2,31	2,03	$p=0,30$	I

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos; (\*)=significância em um nível de 10%

Esses resultados mostram que a pessoa desejada é conceitualizada em termos da comida saborosa e não em termos da comida desejada pelo faminto. Observe-se que os itens de *bottom* da comida desejada pelo faminto contém alguns elementos com características da comida saborosa e outros que, além de rejeitados nesse aspecto, também o foram para a comida que agrada o paladar. É provável que os resultados inconclusivos tenham ocorrido devido a esse fato. A aceitação do uso da comida saborosa como forma de falar da pessoa desejada está clara nos resultados para qualquer tipo de desejo e é reforçada pelos resultados dos verbos de comer. Está claro também que a comida tipicamente desejada pelo faminto não é aquela usada para se referir à pessoa desejada, mas não se pode afirmar que esses itens sejam aqueles que agradam o paladar, uma vez que isso não está claro em português.

Conforme visto no capítulo anterior, não parece haver uma distinção clara entre a comida para satisfazer a fome e aquela para agradar ao paladar. Como é possível, então, que a pessoa desejada seja conceitualizada em termos da comida saborosa? Já foi discutido que algumas características positivas da comida saborosa podem não ter entrado no grupo *top* apesar de terem sido altamente avaliadas como tal, como *doces*. Isso poderia explicar porque os dados apontam para a conceitualização da pessoa desejada em termos da comida saborosa, quando não existe essa distinção. Entre as propriedades e os tipos de comida mais associados aos desejos, há um grande número de coisas doces: dos nove exemplares de sobremesas e doces, sete estão entre os itens mais associados aos desejos<sup>51</sup>.

O objeto do desejo por atração sexual apresenta-se mais associado à fome que o objeto do *amor*. De modo geral, as médias para *luxúria* são mais altas e, portanto, um maior número de itens têm maior aceitabilidade enquanto uma forma de falar da pessoa desejada. Por exemplo, dos oito verbos mais associados aos desejos, quatro em *amor* e seis/sete em *luxúria* têm médias acima de 3,00, conforme pode ser visto no Quadro 6.10. Dentre eles apenas *sugar* não foi classificado como evocando a comida saborosa em *fome*. Alguns desses itens apresentam diferenças de quase 3,00 em relação ao *amor*, mostrando uma forte associação entre o objeto da fome e o do desejo por atração sexual.

**Quadro 6. 10 - Verbos com notas médias acima de 3,00 para os desejos, de acordo com a classificação em relação à fome e a intuição dos falantes de portugueses**

grupo	item	pessoa desejada é homem		pessoa desejada é mulher	
		<i>amor</i>	<i>luxúria</i>	<i>amor</i>	<i>Luxúria</i>
TOP	saborear	5,09	5,96	5,26	5,74
	deleitar-se	4,17	5,87	4,17	5,57
	comer	3,91	5,61	3,96	5,13
	fartar-se	3,35	5,48	3,35	5,04
	mordiscar, beliscar	2,52	5,39	2,50	4,57
	mastigar	1,70	3,30	1,91	2,70
total de itens		3	7	3	6
BOTTOM	<i>sugar</i>	2,52	5,39	2,50	4,57
total de itens		-	1	-	1

Obs.: Os itens em itálico não foram computados no total, por serem abaixo de 3,00.

<sup>51</sup> O fato de haver um grande número de exemplares relacionados a *doce* não parece ser o fator determinante de tantos itens ligados aos desejos, pois outros tipos de comida também têm um grande número de exemplares e, no entanto, poucos estão associados aos desejos: *frutas*, por exemplo, com nove exemplares, apenas *uva* está presente entre os 21 itens com pontuações mais altas nos desejos.

Várias propriedades e comidas também estão mais fortemente associadas à *luxúria* que ao *amor*. Considerando-se apenas os itens cujas notas médias são acima de 3,00, apenas cinco entram no escopo de *amor*, contra 12 em *luxúria* (Quadro 6.11). Vários deles apresentam diferenças de mais de um ponto: a expressão com *suculento*, por exemplo, apresentou uma diferença de 2,78 a mais para *luxúria*. Esse resultado é coerente com o obtido com os efeitos do desejo do corpo, em que sintomas como *ficar com água na boca* e *apetite* receberam pontuações bem mais altas para *luxúria* (5,06 e 5,76, respectivamente) que para *amor* (3,22 e 3,06, respectivamente). Parece que quanto mais intenso o desejo sexual mais ele está relacionado com a fome, por isso *luxúria* (que só envolve aspectos sexuais) e não *amor* se apresenta mais relacionado à fome.

**Quadro 6. 11 - Itens de comida com notas médias acima de 3,00 para os desejos, de acordo com a classificação em relação à fome e a intuição dos falantes de português**

grupo	item	pessoa desejada é homem		pessoa desejada é mulher	
		<i>Amor</i>	<i>Luxúria</i>	<i>amor</i>	<i>luxúria</i>
T O P	quente	4,65	6,48	4,74	6,48
	pão	4,04	5,57	4,30	5,78
	suculento	2,70	5,48	2,70	5,48
	carne	2,61	4,61	2,35	4,26
	bife	1,91	3,87	1,74	3,65
	peixe	2,17	3,83	2,26	4,13
	prato quente	1,78	3,61	1,78	3,39
total de itens		2	7	2	7
B O T T O M	docinho de coco	3,91	5,13	4,30	5,48
	uva	3,48	4,09	3,52	4,17
	mel	3,00	3,83	3,22	4,35
	caviar	2,13	3,09	2,13	3,04
	caramelo	2,09	3,04	2,09	3,13
total de itens		3	5	3	5

Obs.: Os itens em itálico não foram computados no total, por serem abaixo de 3,00.

Alguns dos itens mais associados ao desejo fazem parte de expressões convencionais para falar da pessoa desejada (e.g. *Que uva é aquela pequena! Era um pão de boa, aquela mulata! Que peixão! Nossa, que homem quente! Ela é muito doce. Meu primo já comeu todas as meninas do quarteirão*). Outros trazem conotações ligadas à sensualidade, concupiscência, etc., direta ou indiretamente (e.g. *carne, suculento e sal*, no primeiro caso, e *prato quente, creme e caviar*, no segundo, quando se referem a iguarias). Entretanto, a tentativa de explicar os resultados obtidos através da convencionalidade não responde todas as questões. Por exemplo, apesar de nem todas as expressões serem usadas convencionalmente para homens e

mulheres (e.g. *uva* e *peixão* são predicados de mulher), ambos receberam pontuações altas em *luxúria*, quando era de se esperar pontuações bem mais altas para as mulheres. Coisas doces, de modo geral, estão muito mais relacionadas ao amor romântico que à atração sexual, e mais às mulheres que aos homens. Os dados mostram a tendência de uma maior associação com as mulheres, mas não de uma maior associação com o amor romântico.

#### 6.4. Síntese

A partir dos dados obtidos no questionário *fome*, e à semelhança da investigação realizada em inglês, o domínio do desejo foi analisado em três categorias – amor romântico (*amor*), atração sexual (*luxúria*) e desejo por alguma outra coisa (*outros*), para verificar se, em português, também há um mapeamento de um domínio sobre o outro, como sugerido na análise lingüística apresentada no Capítulo 2 e comprovado no Capítulo 4.

Levantou-se a hipótese de que, se a metáfora DESEJAR É TER FOME nasce da correlação entre a fome e o desejo que ocorre simultaneamente a ela, os grupos *top* e *bottom* nos três tipos de desejo devem manter-se também como grupos distintos, com significância estatística, de forma semelhante ao que ocorreu com *fome*.

A análise dos resultados gerais mostrou que em qualquer tipo de desejo as médias dos grupos *top* foram mais altas que nos grupos *bottom* (Quadro 6.12). Os efeitos da fome foram tão fortes enquanto efeitos do desejo que não houve alteração nesses resultados quando foram retirados os fatores de confundimento da análise de variância. Como visto no Capítulo 4, foram fatores de confundimento os itens relativos às outras metáforas e os *itens lingüísticos*.

Quadro 6. 12 - Resultados gerais, de acordo com a intuição dos falantes de português

	<i>amor</i>	<i>luxúria</i>	<i>Outros</i>
Todos os itens	T>B	T>B	T>B
Sem os itens relativos a outras metáforas	T>B	T>B	T>B
Sem os itens relativos a outras metáforas e sem <i>itens lingüísticos</i>	T>B	T>B	T>B

T=média dos itens de *top*; B=média dos itens de *bottom*; I=resultados inconclusivos

Os itens relativos às outras metáforas apresentaram-se altamente associados tanto à fome quanto aos desejos, e isso provocou alguns efeitos aparentemente inesperados. Conforme mostra o Quadro 6.13, *luxúria* e *fome* coincidiram em 71% dos sintomas quando todos os

dados foram considerados, passaram para 73% quando foram retirados os itens relativos às outras metáforas e diminuíram para 64% quando os *itens lingüísticos* também foram retirados.

**Quadro 6. 13 - Coincidências dos sintomas de *fome* e desejos, de acordo com a intuição dos falantes de português**

	<i>Amor</i>	<i>luxúria</i>	<i>Outros</i>
Todos os itens	64%	71%	64%
Todos os itens, sem os <i>itens lingüísticos</i>	64%	71%	64%
Sem os itens relativos a outras metáforas	73%	73%	64%
Sem os itens relativos a outras metáforas e sem <i>itens lingüísticos</i>	73%	64%	73%

Os desejos são semelhantes, em termos do que os relaciona à emergência da metáfora DESEJAR É TER FOME, mas parece que a conceitualização da intensidade dos efeitos da fome no corpo e a percepção desses efeitos são diferentes. Assim, cada desejo está altamente relacionado a um outro através de alguns elementos e não de outros. A influência de *itens lingüísticos* e de outras metáforas também pode ser percebida (Quadro 6.14).

**Quadro 6. 14 - Coincidências dos sintomas entre desejos, de acordo com a intuição dos falantes de português**

	<i>amor x luxúria</i>	<i>amor x outros</i>	<i>luxúria x outros</i>
Todos os itens	57%	71%	71%
Sem os itens relativos a outras metáforas	58%	67%	75%
Sem os itens relativos a outras metáforas e sem <i>itens lingüísticos</i>	83%	75%	75%

Os resultados obtidos a partir da intuição dos falantes do português brasileiro corroboram a idéia de que o processo gerador da metáfora DESEJAR É TER FOME é a correlação entre a sensação de fome e o desejo simultâneo de comida, em que a **necessidade**, cujos efeitos se manifestam no corpo através do **desejo** (e.g. *água na boca, appetite*) e do **desconforto** (e.g. *angústia, boca seca*), está presente tanto no amor romântico, quanto na atração sexual ou no desejo por alguma outra coisa. Portanto, não haver expressões metafóricas claramente relacionadas à realização lingüística do **desconforto** não é devido à falta de mapeamento.

Quanto à metáfora secundária a este estudo, O OBJETO DO DESEJO É COMIDA, os resultados obtidos com a investigação empírica em português mostraram que a comida para satisfazer a fome parece ser a mesma que contém as propriedades da comida saborosa. A

pessoa desejada, no entanto, parece ser conceitualizada principalmente em termos da comida para agradar o paladar.

As análises realizadas neste capítulo e no Capítulo 4 serão comparadas, no próximo capítulo, para avaliar se DESEJAR É TER FOME é uma metáfora primária, no sentido em que nasce da correlação entre a fome e o desejo de comer que co-ocorre simultaneamente a ela, sem interferências culturais.

## Capítulo 7 – Comparação dos Resultados

Neste capítulo, serão comparados os resultados dos experimentos realizados em inglês e em português, para verificar a questão da universalidade da metáfora primária, defendida por Grady e colaboradores. Se não há influência cultural envolvida na emergência de DESEJAR É TER FOME, os resultados obtidos em inglês devem ser semelhantes aos obtidos em português.

De forma semelhante, os resultados da metáfora secundária a este estudo, O OBJETO DO DESEJO É COMIDA, nas duas línguas, serão comparados para verificar se existe alguma influência cultural na sua formação.

Portanto, a primeira parte deste capítulo diz respeito à conceitualização dos efeitos da fome e do desejo no corpo, e a segunda, à conceitualização do objeto desejado pela fome e pelo amor romântico e pela atração sexual.

### **7.1. A conceitualização da fome e do desejo**

Na investigação sobre a conceitualização da fome, os sujeitos falantes de inglês e de português avaliaram exatamente os mesmos 43 sintomas, de acordo com a frequência em que eles acontecem com a pessoa faminta. Os itens foram organizados em três categorias: como sintomas localizados, gerais e de comportamento. Dois grupos de sintomas distintos, estatisticamente significativos, foram estabelecidos para cada uma dessas categorias: um com os itens mais associados à *fome*, o grupo *top*, e o outro com aqueles menos associados à fome, o grupo *bottom*, perfazendo um total de 28 itens.

Apesar de fome ser uma experiência física e comum a todo ser humano, a percepção e concepção dessa experiência poderia não ser necessariamente a mesma. No entanto, os falantes de uma língua e da outra praticamente não diferiram quanto ao que representa ou não um sintoma de fome, concordando em 75% dos itens de *top* e *bottom* (Quadro 7.1).

**Quadro 7.1 - Comparação da classificação dos sintomas de fome em *top* e *bottom* de acordo com a intuição dos sujeitos em inglês e em português**

Sintomas	Classificação em	
	inglês	português
<b>Sintomas Localizados</b>		
estômago roncar	<i>top</i>	<i>top</i>
ter água na boca	<i>top</i>	<i>top</i>
ter dor de estômago	<i>top</i>	<i>top</i>
ter dor de cabeça	<i>top</i>	<i>top</i>
corpo inteiro doer	<i>top</i>	-
boca ficar seca	-	<i>top</i>
joelhos incharem	<i>bottom</i>	<i>bottom</i>
pés doerem	<i>bottom</i>	<i>bottom</i>
dedos estalarem	<i>bottom</i>	<i>bottom</i>
mãos coçarem	<i>bottom</i>	<i>bottom</i>
ficar cego temporariamente	<i>bottom</i>	-
ter dor no coração	-	<i>bottom</i>
<b>Sintomas Gerais</b>		
sentir desconforto	<i>top</i>	<i>top</i>
sentir fraqueza	<i>top</i>	<i>top</i>
ficar tonto	<i>top</i>	<i>top</i>
ter apetite	<i>top</i>	<i>top</i>
ficar irritado	<i>top</i>	-
ficar louco por comida	<i>bottom</i>	<i>top</i>
ficar louco por comida	<i>bottom</i>	<i>top</i>
não querer ver ninguém	<i>bottom</i>	<i>bottom</i>
ficar tagarela	<i>bottom</i>	<i>bottom</i>
ter febre	<i>bottom</i>	<i>bottom</i>
ter vontade de correr	<i>bottom</i>	<i>bottom</i>
ficar com sono	-	<i>bottom</i>
<b>Sintomas de Comportamento</b>		
ficar desequilibrado	<i>top</i>	<i>top</i>
ficar frágil emocionalmente	<i>top</i>	<i>top</i>
ficar angustiado	<i>top</i>	<i>top</i>
entrar em depressão	<i>top</i>	-
comportar-se como louco	-	<i>top</i>
comportar-se normalmente, educadamente	<i>bottom</i>	<i>bottom</i>
conseguir trabalhar normalmente	<i>bottom</i>	<i>bottom</i>
comportar-se como um animal atrás de sua presa	<i>bottom</i>	-
afogar-se em mágoas	<i>bottom</i>	-
manter os pés no chão	-	<i>bottom</i>
manter uma discussão de alto nível	-	<i>bottom</i>

A partir dos resultados sobre a conceitualização da fome em cada língua, foram estruturados os questionários para investigar o desejo. A coincidência entre os dados das duas línguas permitiu a construção de instrumentos bastante semelhantes para essa segunda investigação, tornando, portanto, os resultados finais comparáveis.

O desejo foi investigado em três categorias, nas duas línguas: o desejo pela pessoa amada (*amor / love*), o desejo da atração sexual (*luxúria / lust*) e o desejo por alguma coisa ou de fazer alguma coisa (*outros / others*). Os questionários, para verificar se desejo é conceitualizado em termos de fome, foram semelhantes nas duas línguas, exceto quanto ao acréscimo de uma pergunta no material utilizado em português.

Na análise dos dados dos experimentos realizados em inglês, já foram discutidos alguns problemas que dificultaram uma melhor visualização da associação entre desejo e fome, ou mesmo do efeito de itens relacionados a outras metáforas e a aceitabilidade da realização lingüística dos itens da fome mapeados no desejo. Um desses fatores foi a falta de uma questão com *itens do corpo*<sup>52</sup> sobre os sintomas localizados, no questionário sobre os efeitos do desejo no corpo, do Experimento 2. Diferentemente, tal questão foi incluída para os falantes do português, no Experimento 4. De forma que a comparação entre os resultados das duas línguas será feita levando em conta as duas situações do português: uma em que todos os itens foram considerados e a outra em que os *itens do corpo* dos sintomas localizados foram eliminados, tendo-se exatamente as mesmas condições do inglês.

Considerando-se a hipótese:

se DESEJAR É TER FOME é uma metáfora primária, no sentido em que ela nasce da correlação entre fome e desejo, também deve haver diferenças entre os grupos *top* e *bottom* dos itens relacionados aos efeitos da fome no corpo quando o desejo for considerado,

tem-se que ela se confirma para qualquer tipo de desejo em português, quer quando os *itens do corpo* dos sintomas localizados foram considerados ou não, mas, em inglês, aparentemente ela só se confirma para *lust*, e apenas com significância estatística em um nível de 10% para *others* (ver Situação: Todos os itens, no Quadro 7.2).

Entretanto, verificou-se que a falta de resultados mais claros em inglês foi devida, em parte, a influências negativas de outros elementos que foram incluídos na pesquisa: os itens relacionados a outras metáforas e os *itens lingüísticos*. A retirada desses elementos tornou os resultados mais próximos dos encontrados em português. Sem os itens relacionados às outras metáforas, todos os desejos tiveram as médias de *top* mais altas que as de *bottom* (ver Situação: Sem itens de outras metáforas, Quadro 7.2), mas a retirada dos *itens lingüísticos*

---

<sup>52</sup> Para relembrar este conceito e o de *item lingüístico*, ver Quadro 4.1.

tornou o resultado de *others* inconclusivo. É provável que isso tenha sido devido a não existência dos sintomas localizados em tal situação. Em português, como os dados foram mais robustos, com ou sem os *itens do corpo* dos sintomas localizados, a interferência desses elementos não alterou o resultado final.

**Quadro 7.2 - Comparação dos resultados gerais por situação em inglês e em português**

Situação	Inglês			Português (sem <i>itens do corpo</i> dos sintomas localizados)			Português (todos os itens)		
	<i>Love</i>	<i>Lust</i>	<i>Others</i>	<i>Amor</i>	<i>Luxúria</i>	<i>Outros</i>	<i>Amor</i>	<i>Luxúria</i>	<i>Outros</i>
Todos os itens	I	T>B	T>B*	T>B	T>B	T>B	T>B	T>B	T>B
Somente <i>itens do corpo</i>	T>B	T>B	I	T>B	T>B	T>B	T>B	T>B	T>B
Sem itens relativos a outras metáforas	T>B	T>B	T>B	T>B	T>B	T>B	T>B	T>B	T>B
Sem itens relativos a outras metáforas, e sem <i>itens lingüísticos</i>	T>B	T>B	I	T>B	T>B	T>B	T>B	T>B	T>B

T=top; B=bottom; I=inconclusivo; Resultados com (\*) têm significância em um nível de 10%.

A influência desses elementos também é percebida quando considerados apenas os itens mais associados à fome (em *hunger* e *fome*) e os mais associados aos desejos (Quadro 7.3). Os sintomas coincidentes entre *hunger* e qualquer tipo de desejo em inglês aumentaram quando foram retirados os itens relativos às outras metáforas, e mais ainda com a retirada dos *itens lingüísticos*. Em português, houve, ao contrário, diminuição na coincidência quando os *itens lingüísticos* foram retirados. É importante, no entanto, lembrar que os sintomas relativos à metáfora DESEJO É INSANIDADE apresentaram-se altamente associados à fome em português, portanto, nos grupos *top*. Apesar de eliminados, as coincidências permaneceram altas, mesmo no caso em que baixou.

**Quadro 7.3 - Coincidências dos sintomas de *fome/hunger* e desejos em cada língua**

Situação	Inglês			Português		
	<i>Love</i>	<i>Lust</i>	<i>Others</i>	<i>Amor</i>	<i>Luxúria</i>	<i>Outros</i>
Todos os itens	50%	64%	50%	64%	71%	64%
Sem os itens relativos a outras metáforas	62%	69%	62%	73%	73%	64%
Sem os itens relativos a outras metáforas e sem <i>itens lingüísticos</i>	75%	75%	63%	73%	64%	73%

Entre os desejos, o mesmo fenômeno foi observado, com maior ou menor intensidade em cada tipo (Quadro 7.4). Por exemplo, *love* e *lust*, que coincidiram em 64% de seus

sintomas mais associados quando todos os itens foram considerados, passaram para 100%, quando foram retirados os itens relativos às outras metáforas e os *itens lingüísticos*. *Luxúria* e *outros*, ao contrário, tiveram um aumento pequeno, no entanto, a coincidência entre eles já era alta.

**Quadro 7. 4 - Coincidências dos sintomas entre desejos em inglês e em português**

Situação	inglês			português		
	<i>love x lust</i>	<i>love x others</i>	<i>lust x others</i>	<i>amor x luxúria</i>	<i>amor x outros</i>	<i>luxúria x outros</i>
Todos os itens	64%	43%	64%	57%	71%	71%
Sem os itens relativos a outras metáforas	77%	62%	77%	58%	67%	75%
Sem os itens relativos a outras metáforas e sem <i>itens lingüísticos</i>	100%	75%	75%	83%	75%	75%

Comparando os sintomas mais associados a *fome* e *hunger*, i.e., os itens dos grupos *top*, observa-se uma coincidência de 79% quando todos os sintomas foram considerados, e de 82% quando foram retirados aqueles relativos às outras metáforas incluídas no estudo (Quadro7.5). As coincidências entre cada tipo de desejo nas duas línguas variou para mais e para menos em cada situação, mas mantendo sempre índices altos.

**Quadro 7. 5 - Coincidências dos sintomas entre resultados do inglês e do português**

Situação	<i>Fome x Hunger</i>	<i>Amor x Love</i>	<i>Luxúria x Lust</i>	<i>Outros x Others</i>
Todos os itens	79 %	73 %	82 %	73 %
Todos, sem <i>itens do corpo</i> dos sintomas localizados em português	-	idem	idem	idem
Sem <i>itens lingüísticos</i>	-	71 %	71 %	71 %
Sem itens relativos a outras metáforas	82 %	82 %	73 %	64 %
Todos, sem <i>itens do corpo</i> dos sintomas localizados em português	-	73 %	73 %	73 %
Sem itens relativos a outras metáforas, e sem <i>itens lingüísticos</i>	-	71 %	71 %	71 %

Todos esses resultados mostram uma grande semelhança na forma como fome e desejo foram conceitualizados nas duas línguas. A semelhança entre os desejos ocorreu tanto dentro de cada língua separadamente, i.e., *amor-luxúria-outros* e *love-lust-others*, quanto entre as línguas, i.e., *amor-love*, *luxúria-lust*, *outros-others*, mostrando que o desejo, qualquer que seja

ele, é estruturado em termos de fome em qualquer das línguas. Em termos gerais, não parece haver interferência cultural na forma como esses conceitos são concebidos.

Tais fatos corroboram as idéias de Grady e colaboradores de que as metáforas primárias são geradas pela correlação entre dimensões distintas de experiências corpóreas básicas, independentes de influências culturais.

## 7.2. A conceitualização do objeto desejado pela fome e pelo desejo

A comida não foi conceitualizada exatamente da mesma maneira nas duas línguas. Enquanto em inglês parece haver uma distinção clara entre a comida para satisfazer a fome e a comida para satisfazer o paladar, em português, os resultados indicam que aquilo que o faminto deseja comer é também o que ele considera delicioso.

Oitenta e três por cento dos itens mais relacionados à comida para matar a fome foram os mesmos nas duas línguas (Quadro 7.6), mostrando uma grande semelhança na forma como os sujeitos de inglês e português conceitualizam aquilo que é desejado pela pessoa faminta. Apenas um item foi discordante: *carne*, que se apresentou muito associado à comida para satisfazer a fome em português e pouco em inglês.

Houve semelhança também na maneira como conceitualizaram as características muito relacionadas à comida saborosa (60% de itens coincidentes) e mais ainda às pouco relacionadas (80% de coincidência). Da mesma forma, os exemplos muito típicos de comida para satisfazer a fome coincidiram em 53% e os pouco típicos, em 73%. Quanto aos verbos que evocam a comida saborosa, houve coincidência em 63% dos itens, mas apenas 38% daqueles que não evocam a comida saborosa foram os mesmos em inglês e em português.

**Quadro 7.6 - Coincidências entre tipo de comida dos grupos *top* e *bottom* em inglês e em português**

Grupo	<i>comida para satisfazer a fome</i>	<i>comida para satisfazer o paladar</i>	<i>exemplos típicos de comida para satisfazer a fome</i>	<i>verbos que evocam a comida saborosa</i>
<i>top</i>	83 %	60 %	53 %	63 %
<i>bottom</i>	50 %	80 %	73 %	38 %

Um aspecto interessante aqui é que *doce* faz parte tanto dos itens pouco relacionados à comida para matar a fome quanto dos itens muito relacionados à comida deliciosa, mas isso só acontece em inglês, o que contribuiu para os índices de coincidência mais baixos nesses casos.

Entretanto, entre os exemplos pouco típicos de comida para matar a fome, os itens relativos a *doces* e *sobremesas* foram muitos nas duas línguas: oito e nove em um total de 12 itens, em inglês e em português, respectivamente, com nenhum no grupo *top* (Quadro 7.7).

Quadro 7.7 - Comparação da distribuição do tipo de comida nos grupos *top* e *bottom* em inglês e em português

tipo de comida	Inglês			Português		
	total	top	bottom	total	top	bottom
carnes	5	1	2	5	4	-
frutos do mar	5	-	1	5	1	1
massas	5	3	2	4	3	-
laticínios	4	2	1	4	2	1
sobremesas	5	-	3	5	-	4
doces	7	-	5	7	-	5
frutas	9	5	-	9	-	1
vegetais	8	4	1	8	3	1
outros	4	1	-	4	2	2

As grandes diferenças entre os tipos de comida estão em dois itens: *carne*, que, em português, apresentou quatro dos cinco exemplares no grupo *top* e nenhum no grupo *bottom*, enquanto em inglês apenas um está em *top* e dois, em *bottom*; e *frutas*, com cinco dos nove itens em *top* e nenhum em *bottom* em inglês, contra apenas um único item em português, e no grupo *bottom*.

Apesar de comida não ter sido conceitualizada da mesma forma nas duas línguas, o objeto do desejo parece ter sido. Nem em inglês nem em português, ficou clara a relação de aceitabilidade entre o uso de termos muito e pouco associados à comida para satisfazer a fome como forma de tratar a pessoa desejada, uma vez que os resultados foram inconclusivos (Quadro 7.8), exceto em *amor*, onde houve uma tendência de aceitabilidade dos itens pouco relacionados. Entretanto, tratar as pessoas pelos tipos e propriedades da comida saborosa são formas bem aceitas, quer quando elas são desejadas pelo amor romântico quer pela atração sexual, nas duas línguas. A comida típica para matar a fome não é uma forma aceitável para tratar a pessoa desejada, qualquer que seja o desejo, mas o contrário sim: aqueles itens não considerados típicos como comida para matar a fome estão mais relacionados à pessoa desejada, em qualquer língua. Além disso também são formas aceitáveis de falar da pessoa desejada por *amor* ou *luxúria*, os verbos de comer relacionados ao sabor da comida deliciosa.

Esses resultados mostram que, tanto em inglês quanto em português, a pessoa desejada é conceitualizada em termos da comida para agradar o paladar e não em termos da comida desejada pelo faminto. As características da comida saborosa foram altamente aceitas nas duas línguas, e, em nenhuma delas, a comida típica para satisfazer a fome foi a forma escolhida para tratar a pessoa desejada, mas exatamente o contrário. Naturalmente que o não eleito como desejado pelo faminto não é necessariamente desprovido de características da comida deliciosa, nem a comida saborosa é necessariamente aquilo que não se deseja comer quando faminto. Além disso, outros itens podem não ter nenhuma dessas características: *azedo* e *amargo*, por exemplo, não são desejáveis nem para matar a fome nem para satisfazer o paladar, em nenhuma das duas línguas. Entretanto, alguns itens pouco desejáveis pelo faminto podem e foram parte da comida deliciosa, como é o caso de *doces*, em inglês, e que em português não está no grupo *top* da comida deliciosa, apesar de ter recebido pontuação bastante alta. Um outro aspecto que também reforça a idéia de que o objeto do desejo tem as características da comida deliciosa diz respeito aos verbos. Aqueles com maior grau de aceitabilidade como forma de falar sobre a pessoa desejada foram os itens do grupo *top* na avaliação da comida, tanto em uma língua quanto na outra.

**Quadro 7. 8 - Comparação dos resultados gerais de cada aspecto relativo à comida por tipo de desejo e grupo, em inglês e em português**

Aspectos	Desejo	Inglês	Português
Comida para satisfazer a fome	<i>love/amor</i>	I	B>T*
	<i>lust/luxúria</i>	I	I
Comida para satisfazer o paladar	<i>love/amor</i>	T>B	T>B
	<i>lust/luxúria</i>	T>B	T>B
Comida típica para satisfazer a fome	<i>love/amor</i>	B>T	B>T
	<i>lust/luxúria</i>	B>T	B>T
Verbos relacionados à comida saborosa	<i>love/amor</i>	T>B	T>B
	<i>lust/luxúria</i>	T>B	T>B

T=*top*; B=*bottom*; I=*inconclusivo*; Resultados com (\*) têm significância em um nível de 10%.

Os resultados obtidos em inglês são coerentes com a idéia de O OBJETO DO DESEJO É COMIDA ser uma metáfora composta, tendo entre suas primárias tanto DESEJAR É TER FOME quanto O ATRAENTE É GOSTOSO, que nasce da correlação entre a avaliação que se faz do sabor e o estado do desejo. Os resultados em português, foram incoerentes entre si, mas são bastante

semelhantes aos do inglês no que diz respeito à conceitualização da pessoa desejada, que nesta análise tem por base a comida. É provável que o pequeno número de itens tenha impedido uma melhor visualização do fenômeno.

## Considerações Finais

Neste trabalho analisamos uma nova hipótese sobre a emergência e natureza das metáforas conceituais, segundo a qual as metáforas ou são primárias ou compostas de primárias (Grady et al., 1996; Grady, 1997a, 1997b). Nessa visão, as metáforas primárias nascem de correlações entre cenas primárias de dimensões distintas de experiências corpóreas básicas recorrentes e co-ocorrentes, que independem de influências culturais. As metáforas compostas são formadas a partir da unificação de primárias, cujas combinações podem não ocorrer da mesma forma em todas as línguas, e gerar portanto, metáforas compostas diferentes. As primárias, no entanto, por serem baseadas em experiências universais, devem ser mais comuns nas diversas línguas.

A proposta foi analisada através de uma pesquisa empírica, de caráter psicolinguístico experimental, com a metáfora primária DESEJAR É TER FOME, em duas línguas, inglês e português, para verificar sua característica universal. Segundo Grady e colaboradores esta metáfora nasce da correlação entre a sensação de fome e o desejo por comida que ocorre simultaneamente.

A pesquisa constou de uma análise linguística, feita a partir da identificação das cenas primárias da metáfora, e de dois experimentos, com versões em inglês e em português, que investigaram como a fome é conceitualizada e, a partir desses resultados, se o desejo é estruturado em termos da forma como ela é concebida.

Foram identificadas quatro cenas primárias a serem mapeadas de um domínio no outro – *ter fome é desejar, ter sede é desejar, ter apetite por comida é ter apetite por alguma coisa ou por alguém, o desconforto da fome é o desconforto do desejo*. A análise linguística mostrou que, com exceção do desconforto, essas cenas estão claramente mapeadas no domínio do desejo nas duas línguas. A realização linguística desses mapeamentos aconteceu de forma semelhante em inglês e em português. Quanto ao desconforto, não foram encontradas expressões linguísticas metafóricas explicitamente relacionadas à fome em nenhuma das duas línguas, o que poderia indicar que essa cena ou não está mapeada, i.e., haveria uma lacuna a ser explicada, ou é um acarretamento dos próprios termos *fome* e *sede*. A investigação

empírica mostrou que tal cena está mapeada e se realiza lingüisticamente, embora não de forma convencional.

A análise lingüística mostrou também uma estreita relação de outras metáforas com DESEJAR É TER FOME. Essas metáforas foram incluídas na pesquisa psicolingüística de forma secundária. Algumas poderiam ser instanciações metonímicas, e não metáforas separadas, de DESEJAR É TER FOME, como AMOR/LUXÚRIA É INSANIDADE, DESEJO É DOR. Entretanto, problemas com o *design* experimental não permitiram conclusões a esse respeito, principalmente em inglês. Uma outra metáfora, O OBJETO DO DESEJO É COMIDA, poderia ser uma composta com DESEJAR É TER FOME como uma de suas primárias. Essa metáfora foi investigada mais profundamente, embora de forma sucinta, partindo da conceitualização da comida para a forma como a pessoa desejada é estruturada em função da comida.

Os resultados dos experimentos sobre a conceitualização da fome mostraram uma grande semelhança na forma como esse conceito foi concebido em inglês e em português, permitindo assim que o instrumento do experimento seguinte em cada língua fosse semelhante. O desejo foi investigado sob três aspectos: o desejo por alguma coisa (*outros/others*), o desejo por alguém através do amor romântico (*amor/love*) e o desejo por alguém através da atração sexual (*luxúria/lust*). Os resultados mostraram que os desejos também foram conceitualizados de forma semelhante nas duas línguas. Essa semelhança ocorreu tanto entre os desejos em cada língua, i.e., entre *amor*, *luxúria* e *outros* em português, e entre *love*, *lust* e *others* em inglês, quanto entre as línguas, i.e., entre *amor* e *love*, *luxúria* e *lust* ou *outros* e *others*, mostrando que o desejo, qualquer que seja ele, é estruturado em termos de fome em qualquer das línguas.

Em termos gerais, não parece haver interferência cultural na forma como esses conceitos são concebidos, embora em português o fenômeno tenha sido claro e robusto, e em inglês tenha sido necessário retirar os elementos perturbadores para ele ser visualizado em todos os desejos. Um desses elementos foi a inclusão de itens relacionados a outras metáforas, que apesar de altamente associados ao desejo não se mostraram associados à fome. O outro diz respeito à colocação dos itens investigados em contextos lingüísticos curtos para verificar sua aceitabilidade enquanto itens licenciados pelo mapeamento. Além disso, houve também problemas com o *design* do experimento em inglês, que pôde ser corrigido na versão em português.

Todos esses resultados corroboram as idéias de Grady e colaboradores de que DESEJAR É TER FOME é uma metáfora primária, gerada pela correlação entre a sensação da fome e o desejo por comida simultaneamente experienciados, independente de influências culturais. Naturalmente que outras metáforas primárias precisam ser testadas, e em várias línguas diferentes, para que essa hipótese seja confirmada.

Os experimentos sobre a conceitualização da comida, em inglês e em português, mostraram que, enquanto em inglês existe uma comida para saciar a fome e outra para satisfazer o paladar, em português, não parece haver essa distinção: a comida que satisfaz a fome é a mesma que agrada o paladar. Entretanto, é possível que um problema com o *design* experimental tenha provocado um desvio nesses resultados do português, uma vez que os experimentos seguintes, sobre o desejo, mostraram que, nas duas línguas, a pessoa desejada é conceitualizada em termos da comida que agrada o paladar.

Conceitualizar a pessoa desejada em termos da comida saborosa corrobora a idéia de O OBJETO DO DESEJO É COMIDA ser uma metáfora composta, tendo como primárias DESEJAR É TER FOME e O ATRAENTE É GOSTOSO. Uma análise mais completa sobre esses resultados, que está fora do escopo deste trabalho, pode mostrar de que forma essas metáforas se unificam para formar O OBJETO DO DESEJO É COMIDA.

## Referências Bibliográficas

- Aitchison, Jean (1994) *Words in the mind: an introduction to the mental lexicon*. 2.ed., Oxford, UK, Cambridge, USA: Blackwell.
- Bowles, Hein L. (1995) *Metaphors of fire and ice*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Brown, L. (ed.) (1993) *The new shorter Oxford English dictionary on historical principles*. Oxford: Clarendon Press.
- Buss, David M. (1994) *The evolution of desire: strategies of human mating*. New York: BasicBooks.
- Chapman, Robert L. (ed.) (1994) *Roget A to Z*. New York: Harper Collins Publishers.
- Cohen, Ted (1979) Metaphor and the cultivation of intimacy. In S. Sacks (Ed.) *On metaphor* (pp.1-10). Chicago: The University of Chicago Press.
- Collins Cobuild English Language Dictionary* (1987). London, Glasgow: Collins.
- Coracini, Maria José (1991) *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. 1.ed., São Paulo: Educ; Campinas: Pontes.
- Cowan, Joan & Feucht-Haviar, Joyce (1992) Prefácio. In S. Sacks (Org.) *Da metáfora* (pp.7-8). São Paulo: EDUC/Pontes.
- Cunha, Antônio Geraldo da (1982) *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Cutler, Anne (1997) The comparative perspective on spoken-language processing. *Speech Communication* 21, 3-15.
- Davidson, Donald (1992) O que as metáforas significam. In Sacks, Sheldon (org.) *Da metáfora* (pp.35-51). São Paulo: EDUC/Pontes.
- Deignan, Alice (1997) Metaphors of desire. In Harvey, K. & Shalom, C. (eds.), *Language and desire: encoding sex, romance and intimacy* (pp.21-42). London, New York: Routledge.
- Dirckx, John H. (1992) As confusões anatômicas na linguagem cotidiana. In *Ciência e Futuro 1992* (pp.94-109). Livro do Ano. Encyclopaedia Britannica do Brasil.
- Dumesnil, René (1935) *Histoire illustrée de la médecine*. Paris: Librairie Plon.

- Emanatian, Michele (1995) Metaphor and the expression of emotion: the value of cross-cultural perspectives. *Metaphor and Symbolic Activity* 10(3):163-182.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda (1975) *Novo dicionário da língua portuguesa*. Editora Nova Fronteira.
- Freire, L. (1954) *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.
- Garham, Alan (1985) *Psycholinguistics*. London: Routledge
- Gibbs, R.W., Jr. & Nayak, N.P. (1989) Psycholinguistic studies on the syntactic behavior of idioms. *Cognitive Psychology* 21:100-138.
- Gibbs, R.W., Jr. & O'Brien, J. (1990) Idioms and mental imagery: the metaphorical motivation for idiomatic meaning. *Cognition* 36:35-68.
- Gibbs, R.W., Jr. (1992) Why idioms mean what they do. *Journal of Memory and Language* 31:485-506.
- Gibbs, R.W., Jr. (1993) Process and products in making sense of tropes. In Ortony, A. (ed.) *Metaphor and thought* (pp.252-276). 2.ed, Cambridge: Cambridge University Press.
- Gibbs, R.W., Jr. (1993) Why idioms are not dead metaphor. In C. Cacciari & P. Tabossi (eds.) *Idioms: processing, structure and interpretation*. (pp.57-78). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Gibbs, R.W., Jr. (1996) Why many concepts are metaphorical. *Cognition* 61:309-319
- Gibbs, R.W., Jr., Bogdanovich, J.M., Sykes, J.R. & Barr, D.J. (1997) Metaphor in idiom comprehension. *Journal of Memory and Language* 37:141-154.
- Gibbs, R.W., Jr., Nayak, N.P. & Cutting, C. (1989) How to kick the bucket and not decompose: analyzability and idiom processing. *Journal of Memory and Language* 28:576-693.
- Gibbs, R.W., Jr., Strom, L. & Spivey-Knowlton, M. (1993) Conceptual metaphors in mental imagery for proverbs. *Journal of Mental Imagery* 21:83-110.
- Gibbs, Raymond W. Jr. (1994) *The poetics of mind: figurative thought, language, and understanding*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gibbs, Raymond W. Jr. (1998) The fight over metaphor in thought and language. In A. Katz et al, *Figurative language and thought* (pp.88-118). New York, Oxford: Oxford University Press.

- Giora, Rachel (1997) Understanding figurative and literal language: the graded salience hypothesis. *Cognitive Linguistics* 8-3:183-206.
- Glucksberg, Sam & Keysar, Boaz (1993) How metaphors work. In A. Ortony (Ed.), *Metaphor and thought* (pp.401-424). 2.ed., Cambridge: Cambridge University Press.
- Grady, Joseph E. (1997a) THEORIES ARE BUILDINGS revisited. *Cognitive Linguistics* 8(4):267-290.
- Grady, Joseph E. (1997b) *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. PhD dissertation, University of California, Berkeley.
- Grady, Joseph E. (no prelo) A typology of motivation for conceptual metaphor: correlation vs. resemblance.
- Grady, Joseph, Taub, Sarah & Morgan, Pamela (1996) Primitive and compound metaphors. In Goldberg, A.E. (ed.), *Conceptual structure, discourse and language* (pp.177-187). Stanford: CSLI Publications.
- Guyton, A.C. (1973) *Tratado de fisiologia médica*. 4.ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Haberlandt, Karl (1994) Methods in reading research. In Gernsbacher, Morton A. (Ed.) *Handbook of psycholinguistics*. San Diego: Academic Press
- Indurkhia, Bipin (1992) *Metaphor and cognition*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Johnson, Mark (1987) *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago, London: The University of Chicago Press.
- Katz, Albert N. (1998) Figurative language and figurative thought: a review. In A. Katz et al, *Figurative language and thought* (pp.3-43). New York, Oxford: Oxford University Press.
- Katz, Albert, Cacciari, Cristina, Gibbs, Raymond W., Jr. and Turner, Mark. (1998) *Figurative language and thought*. New York, Oxford: Oxford University Press.
- Kittay, Eva F. (1987) *Metaphor: its cognitive force and linguistic structure*. Oxford: Clarendon Press.
- Koogan, Abrahão & Houaiss, Antônio (1994) *Enciclopédia e Dicionário Ilustrado*. Rio de Janeiro: Edições Delta..
- Kövecses, Zoltán (1986) *Metaphors of anger, pride, and love: a lexical approach to the structure of concepts*. Amsterdam: John Benjamins.
- Kövecses, Zoltán (1990) *Emotion concepts*. New York: Springer-Verlag.

- Lakoff, George & Johnson, Mark (1980) *Metaphors we live by*. London: The University of Chicago Press.
- Lakoff, George & Turner, Mark (1989) *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Lakoff, George (1986) The meanings of literal. *The metaphor and Symbolic Activity* 1(4):291-296.
- Lakoff, George (1987) *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago, London: The University of Chicago Press.
- Lakoff, George (1990) The invariance hypothesis: is abstract reason based on image schema? *Cognitive Linguistics* 1:39-74.
- Lakoff, George (1993) The contemporary theory of metaphor. In A. Ortony (Ed.), *Metaphor and thought* (pp.202-251). 2.ed., Cambridge: Cambridge University Press.
- Lakoff, George (1998) Cognitive Semantics: In the heart of language. An Interview with George Lakoff. *Fórum Lingüístico*, 1:83-119.
- Lima, Paula Lenz Costa (1995) *Usando a Cabeça: um estudo da representação do substantivo cabeça no sistema conceitual das línguas inglesa e portuguesa, através de expressões metafóricas convencionais*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.
- Longman Dictionary of English Language and Culture*. (1992) Essex: Longman.
- MacCormac, Earl R. (1985) *A cognitive theory of metaphor*. Cambridge: The MIT Press.
- March's Thesaurus and Dictionary of the English Language*. (1958) New York: Abbeville Press Publishers.
- Michaelis Dicionário Ilustrado*. (1961) Vol. II. Português-Inglês. São Paulo: Melhoramentos.
- Murphy, Gregory L. (1996) On metaphoric representation. *Cognition* 60:173-204.
- Nascentes, A. (1964) *Dicionário da língua portuguesa*. Brasil: Academia Brasileira de Letras.
- Nayak, N.P. & Gibbs, R.W., Jr. (1990) Conceptual knowledge in the interpretation of idioms. *Journal of Experimental Psychology: General* 119(3):315-330.
- Ortony, Andrew (ed.) (1993) *Metaphor and thought*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press.

- Pires de Oliveira, Roberta (1995) *The language-game of metaphor - metaphorhood, its grammar and pragmatics – an exercise of interpretation: estorvo and primeiras estórias*. Doctoral Dissertation, Katholieke Universiteit Leuven.
- Pollio, H., Barlow, J., Fine, H. & Pollio, M. (1977) *Psychology and the poetics of growth: figurative language in psychology, psychotherapy, and education*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Quine, W.V. (1992) Reflexões posteriores sobre a metáfora. In S. Sacks (Org.) *Da metáfora* (pp.161-162). São Paulo: EDUC/Pontes.
- Reddy, Michael (1979) The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In A. Ortony (Ed.), *Metaphor and thought* (pp.284-324). Cambridge: Cambridge University Press.
- Roget's II The New Thesaurus*. The American Heritage Dictionary. (1980) Boston: Houghton Mifflin Company.
- Sacks, Sheldon (ed.) (1979) *On metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Sacks, Sheldon (org.) (1992) *Da metáfora*. São Paulo: EDUC/Pontes.
- Sweetzer, Eve E. (1990) *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge Studies in Linguistics 54. Cambridge: Cambridge University Press.
- The American Heritage Dictionary*. (1991) 2.ed., Boston, New York: Houghton Mifflin Company.
- The Encyclopaedia Britannica*. (1929) 14.ed., New York: Encyclopaedia Britannica, Inc.
- The Oxford English Dictionary*. A new English Dictionary on historical principles. (1961) Oxford: At the Clarendon Press.
- Vallandro, Leonel (1965) *Dicionário Inglês-Português*. Porto Alegre: Editora Globo.
- Wierzbicka, Anna (1986) Metaphors linguists live by. *Papers in Linguistics* 19(2): 287-313.

**Apêndice 1 – Questionário de *Hunger***

In this experiment, we are interested in learning about your intuitions as a native speaker of English concerning the concept of HUNGER. This is not a test. We are interested in finding out how people conceive of hunger. Thank you very much for being cooperative.

You'll be asked to rate some items on a 1-7 scale according to the instructions given inside. You don't have to think long - please, rate the items according to your first impressions.

The following set (I) comprises a number of items. Please rate each item on a 1-7 scale of frequency: from the least (1=it never happens) to the most (7=it always happens). Write down the number reflecting the frequency (1-7) in the parentheses to the left of each item.

**SET I:**

1	-----	2	-----	3	-----	4	-----	5	-----	6	-----	7
it never happens				it sometimes happens				it always happens				

1. To what degree do these things happen to people when they are very hungry?
 

<input type="checkbox"/> one has a headache <input type="checkbox"/> the feet hurt <input type="checkbox"/> the knees swell <input type="checkbox"/> one has a stomachache <input type="checkbox"/> the eyes become red <input type="checkbox"/> the hands itch <input type="checkbox"/> the mouth becomes dry <input type="checkbox"/> the very idea of food makes one's mouth water	<input type="checkbox"/> the nails become breakable <input type="checkbox"/> the whole body aches <input type="checkbox"/> the stomach grumbles <input type="checkbox"/> the fingers snap <input type="checkbox"/> one has a heart ache <input type="checkbox"/> one is covered by cold sweat <input type="checkbox"/> one becomes temporarily blind
--	--
  
2. When they are very hungry, some people:
 

<input type="checkbox"/> become thirsty <input type="checkbox"/> do not want to see anybody <input type="checkbox"/> become dizzy <input type="checkbox"/> become talkative <input type="checkbox"/> become weak <input type="checkbox"/> get annoyed <input type="checkbox"/> feel discomfort <input type="checkbox"/> have an appetite	<input type="checkbox"/> become crazy about food <input type="checkbox"/> become sick <input type="checkbox"/> get a fever <input type="checkbox"/> do not think clearly <input type="checkbox"/> can die - if they don't eat <input type="checkbox"/> become sleepy <input type="checkbox"/> want to run
---	---
  
3. How do you imagine that somebody who is very hungry behaves?
  - the person becomes depressed.
  - the person behaves normally.
  - the person acts down on others.
  - the person behaves madly as if he/she would do anything to get food.
  - the person keeps his/her feet on the ground
  - The smell of food drives his/her out of his/her minds.
  - the person is out of balance
  - the person drowns in sorrow
  - the person behaves like an animal chasing its pray
  - the person is able to maintain a high-level intellectual discussion
  - the person becomes very anxious
  - the person can work well
  - the person becomes emotionally fragile

The following set (II) comprises a different set of items. Please rate each item on a 1-7 scale of frequency: from the least (1=never) to the most (7=always). Write down the number reflecting the frequency (1-7) in the parentheses to the left of each item.

**SET II:**

1	-----	2	-----	3	-----	4	-----	5	-----	6	-----	7
never						sometimes						always

1. When you are very hungry, how often do you desire to eat the following?

- |   |   |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> a hot dish<br><input type="checkbox"/> a cold dish<br><input type="checkbox"/> anything, either hot or cold<br><input type="checkbox"/> something sweet<br><input type="checkbox"/> something salty<br><input type="checkbox"/> something sour<br><input type="checkbox"/> something bitter<br><input type="checkbox"/> something spicy<br><input type="checkbox"/> sandwiches | <input type="checkbox"/> cakes<br><input type="checkbox"/> pastas<br><input type="checkbox"/> pies<br><input type="checkbox"/> tarts<br><input type="checkbox"/> meat<br><input type="checkbox"/> sea food<br><input type="checkbox"/> fruits<br><input type="checkbox"/> dairy products<br><input type="checkbox"/> sweets |
|---|---|

2. How often would you consider the properties below as a positive feature of delicious food?

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> sweet<br><input type="checkbox"/> salty<br><input type="checkbox"/> sour<br><input type="checkbox"/> bitter<br><input type="checkbox"/> spicy<br><input type="checkbox"/> roasted<br><input type="checkbox"/> baked<br><input type="checkbox"/> grilled | <input type="checkbox"/> luscious<br><input type="checkbox"/> hot<br><input type="checkbox"/> cold<br><input type="checkbox"/> frozen<br><input type="checkbox"/> stewed<br><input type="checkbox"/> cooked<br><input type="checkbox"/> fried |
|--|---|

The following set (III) comprises another set of items. Please rate each item on a 1-7 scale of prototypicality of food: from the least (1=not typical) to the most (7=very typical). Write down the number reflecting the prototypicality (1-7) in the parentheses to the left of each item.

**SET III:**

1	2	3	4	5	6	7
not typical						very typical

1. How typical of the general category of food are the following items for you? Rate your judgment on a 1-7 scale of prototypicality of food.

- |   |                                     |
|---|-------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> drinks         | <input type="checkbox"/> vegetables |
| <input type="checkbox"/> desserts       | <input type="checkbox"/> cereals    |
| <input type="checkbox"/> fruits         | <input type="checkbox"/> sweets     |
| <input type="checkbox"/> meats          | <input type="checkbox"/> pastas     |
| <input type="checkbox"/> dairy products | <input type="checkbox"/> pastries   |

2. More specifically, how would you consider the items below as typical examples of food to satisfy hunger? Rate your judgment on a 1-7 scale of prototypicality of food.

- |                                    |                                       |                                     |
|------------------------------------|---------------------------------------|-------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> sweets    | <input type="checkbox"/> bread        | <input type="checkbox"/> jelly      |
| <input type="checkbox"/> beef      | <input type="checkbox"/> milk         | <input type="checkbox"/> tuna fish  |
| <input type="checkbox"/> pork      | <input type="checkbox"/> pineapple    | <input type="checkbox"/> salmon     |
| <input type="checkbox"/> chicken   | <input type="checkbox"/> avocado      | <input type="checkbox"/> lobster    |
| <input type="checkbox"/> cakes     | <input type="checkbox"/> rice         | <input type="checkbox"/> caviar     |
| <input type="checkbox"/> honey     | <input type="checkbox"/> green pepper | <input type="checkbox"/> cream      |
| <input type="checkbox"/> sugar     | <input type="checkbox"/> strawberry   | <input type="checkbox"/> banana     |
| <input type="checkbox"/> fish      | <input type="checkbox"/> potato       | <input type="checkbox"/> nut        |
| <input type="checkbox"/> pies      | <input type="checkbox"/> chocolate    | <input type="checkbox"/> onion      |
| <input type="checkbox"/> tarts     | <input type="checkbox"/> yogurt       | <input type="checkbox"/> grape      |
| <input type="checkbox"/> mousse    | <input type="checkbox"/> meringue     | <input type="checkbox"/> cashew nut |
| <input type="checkbox"/> sweetie   | <input type="checkbox"/> caramel      | <input type="checkbox"/> carrot     |
| <input type="checkbox"/> ice cream | <input type="checkbox"/> salad        | <input type="checkbox"/> lettuce    |
| <input type="checkbox"/> omelet    | <input type="checkbox"/> egg          | <input type="checkbox"/> peach      |
| <input type="checkbox"/> apple     | <input type="checkbox"/> cheese       | <input type="checkbox"/> tomato     |
| <input type="checkbox"/> cookie    | <input type="checkbox"/> jam          | <input type="checkbox"/> duck       |
| <input type="checkbox"/> bird      | <input type="checkbox"/> mango        | <input type="checkbox"/> corn       |
| <input type="checkbox"/> orange    |                                       |                                     |

The following set (IV) comprises another set of items. Please rate each item on a 1-7 scale of tastiness: from the least (1=not tasty) to the most (7=very tasty). Write down the number reflecting the tastiness (1-7) in the parentheses to the left of each item.

**SET IV:**

1	2	3	4	5	6	7
not tasty						very taste

1. The following are examples of human acts involving food. Rate the verbs on a 1-7 scale of tastiness of the food when doing each act.

- |                |                |
|----------------|----------------|
| ( ) to chew    | ( ) to snap up |
| ( ) to crunch  | ( ) to bolt    |
| ( ) to grind   | ( ) to wolf    |
| ( ) to gnaw    | ( ) to gorge   |
| ( ) to bite    | ( ) to suck    |
| ( ) to swallow | ( ) to gobble  |
| ( ) to lick    | ( ) to digest  |
| ( ) to lap up  | ( ) to savour  |
| ( ) to eat     | ( ) to revel   |
| ( ) to devour  | ( ) to nibble  |

2. The following are examples of human acts involving drink. Rate the verbs on a 1-7 scale of tastiness of the drink when doing each act.

- |                |             |
|----------------|-------------|
| ( ) to drink   | ( ) to sip  |
| ( ) to take    | ( ) to suck |
| ( ) to swallow | ( ) to gulp |



## Apêndice 2 – Questionários de *Desire*



When we are in love with somebody we desire this person; but the desire for the other is not always related to romantic love; it can be related to sexual lust too. Sometimes, the same linguistic expression can be used to express both romantic love and lust, and sometimes it cannot. We are interested in your intuitions as a native speaker of English about the acceptability of various expressions in regarding to love and lust.

You'll be asked to rate these expressions on a 1-7 scale according to the instructions given inside. You don't have to think long - please, rate the items according to your first impressions. Feel free to use all of the rating scale.

Thank you very much for being cooperative.

**SET I**

How would you accept the potential expressions below as a way of talking about the desire for the other? Would you accept them differently if they were related to love or lust?

Please rate each item on a 1 to 7 scale of acceptability: from the least (1= not acceptable at all) to the most (7=highly acceptable) acceptable way of talking about love or lust. Please write down the number reflecting the acceptability rate (1-7) in the column related to love and lust.

1	-----	2	-----	3	-----	4	-----	5	-----	6	-----	7
not acceptable at all						highly acceptable						

	LOVE	LUST
<i>I wanted to run for you.</i>		
<i>I became talkative for you.</i>		
<i>I got very annoyed for you. You're very attractive.</i>		
<i>I am very anxious for my friend.</i>		
<i>I have a strong headache for you.</i>		
<i>At that time, I was completely blind for you.</i>		
<i>It was only one month ago that I realized how my feet hurt for you.</i>		
<i>I was out of balance for my science teacher.</i>		
<i>My stomach was aching for you.</i>		
<i>I'm completely dizzy for my wife/husband.</i>		
<i>You're the only one who thinks my fingers snap for you.</i>		
<i>I'm completely emotionally fragile about you.</i>		
<i>You really make my mouth water.</i>		
<i>I have a great appetite for my boss.</i>		
<i>I know I'm becoming weak for you.</i>		
<i>I left my wife/husband because I was feeling discomfort for my neighbor.</i>		
<i>My stomach grumbles for you.</i>		
<i>We are very depressed for each other.</i>		
<i>Everybody knows now that my knees swell for you.</i>		
<i>I've got a fever for you.</i>		
<i>I don't want to see anybody for you.</i>		
<i>My hands were itching for you.</i>		
<i>I'm crazy for you.</i>		
<i>My whole body aches for you.</i>		

**SET II**

Now, we want to know about your intuitions concerning the feeling and behavior of those who are full of desire (either of romantic love or lust).

Please rate each item on a 1 to 7 scale of frequency: from the least (1=never) to the most (7=always) frequent. Write down the number reflecting this frequency (1-7) in the column related to love and lust.

1	-----	2	-----	3	-----	4	-----	5	-----	6	-----	7
never												always

I. How do you imagine that somebody who is deeply in love or has a strong desire feel?

	LOVE	LUST
the person becomes dizzy		
the person becomes crazy about somebody		
the person becomes talkative		
the person gets annoyed		
the person feels discomfort		
the person gets a fever		
the person does not want to see anybody		
the person wants to run		
the person becomes weak		
the person has an appetite for somebody		

II. How do you imagine that somebody who is deeply in love or has a strong desire behaves?

	LOVE	LUST
the person behaves normally:		
the person becomes very anxious		
the person is out of balance		
the person drowns in sorrow:		
the person becomes depressed		
the person behaves like an animal chasing its prey.		
the person becomes emotionally fragile		
the person can work well.		

**SET III**

It's common to use terms related to food when talking about the person we love or desire (e.g. Hi, sweet! Hey, honey, let's see some cheesecake! she's quite a dish). We want to figure out how the use of some food items can be acceptable IN THE CONTEXT OF LOVE AND LUST and also if it can be acceptable for both men and women.

So, please rate each item below on a 1 to 7 scale of acceptability: from the least (1= not acceptable at all) to the most (7=highly acceptable) acceptable way of talking about love or lust addressed to both men and women . Please write down the number reflecting this acceptability (1-7) in the column related to love and lust to both men and women.

1	2	3	4	5	6	7
not acceptable at all						highly acceptable

	MAN		WOMAN	
	LOVE	LUST	LOVE	LUST
When I was young, I used to be a real avocado.				
You look so hot!				
Since I saw that pie I am with my head going round.				
I'm crazy about that cheese!				
Let's talk to those tarts.				
I want you because you're very sour.				
You're the onion of my life				
You're a real banana!				
I think I'm becoming crazy about that honey !!				
I really want that hot dish.				
I'll do anything to have the chance of dancing with that rice.				
Look at that peach !!				
Hi, bitter!				
My whole body aches for that omelet !!				
I'm crazy about that orange !!				
I went out of my head when I saw that bread.				
You're real cream !!				
I'm crazy about you because you're a real jam.				
I'm going out tonight with somebody very stewed.				
Look! That chicken is waiting for you.				
Look at that caviar !!				
What a cold dish!				
I hunger for that mousse!				
I really have to talk to that tart !!				
Believe me, you're a real jelly.				
I want to be the bird of your life.				

	MAN		WOMAN	
	LOVE	LUST	LOVE	LUST
You're really crazy for that sugar.				
You're the yogurt of my life.				
I want that hot rice.				
I'm crazy about that meringue !!				
You're really cooked!				
It was only now that I realized you're the potato of my life.				
I want you because you're very sweet!				
I've never met somebody so baked before!				
I really want that carrot !!				
You're crazy about that duck !!				
I have a real apple in my life now!!				
You look so frozen!				
I almost lost my head when I saw that caramel.				
They look luscious!				
What a hunk of meat!				
Hi, little salt.				
Everybody wants you because you're very fried.				
What a sweetie !!				
Don't look now. The corn is coming !!				
You're crazy about that pasta.				
What a sandwich!!				
I have been in the clouds since I met that salad.				

**SET IV**

Some languages use verbs involving the eating of food related to the desire for a partner. In Portuguese and Chagga, for example, a man (either full of love or full of lust) can EAT a woman, meaning they have sexual intercourse. We want to know how you would accept the following verbs related to eating and drinking in relation to the romantic love and lust desires in English. Moreover, we want to know your intuitions about the directionality of this desire. For instance, if you accept that 'someone savours someone else', would the one who savours be a man or a woman?

Please, rate each item below on a 1 to 7 scale of acceptability: from the least (1= not acceptable at all) to the most (7=highly acceptable) acceptable way of talking about love or lust addressed to both men and women . Please write down the number reflecting this acceptability (1-7) in the column related to love and lust to both men and women.

1	2	3	4	5	6	7
not acceptable at all						very acceptable

	MAN		WOMAN	
	LOVE	LUST	LOVE	LUST
to snap up				
to swallow				
to lap up				
to lick				
to savour				
to sip				
to devour				
to bolt				
to gnaw				
to revel				
to drink				
to grind				
to digest				
to chew				
to eat				
to take				

In this experiment, we are interested in your intuitions as a native speaker of English about the acceptability of various expressions in regarding to the desire for something or for doing something.

You'll be asked to rate these expressions on a 1-7 scale according to the instructions given inside. You don't have to think long - please, rate the items according to your first impressions. Feel free to use all of the rating scale.

Thank you very much for being cooperative.



**SET II**

Now, we want to know about your intuitions concerning the feeling and behavior of those who are full of desire for something or for doing something.

Please rate each item on a 1 to 7 scale of frequency: from the least (1=never) to the most (7=always) frequent. Write down the number reflecting this frequency (1-7) in the column on the right of the sentences.

1	-----	2	-----	3	-----	4	-----	5	-----	6	-----	7
never												always

I. How do you imagine that somebody who is having a strong desire for something or for doing something feel?

the person becomes dizzy	
the person becomes crazy about somebody	
the person becomes talkative	
the person gets annoyed	
the person feels discomfort	
the person gets a fever	
the person does not want to see anybody	
the person wants to run	
the person becomes weak	
the person has an appetite for somebody	

II. How do you imagine that somebody who is having a strong desire for something or for doing something behaves?

the person behaves normally:	
the person becomes very anxious	
the person is out of balance	
the person drowns in sorrow:	
the person becomes depressed	
the person behaves like an animal chasing its prey.	
the person becomes emotionally fragile	
the person can work well.	



### **Apêndice 3 – Questionário de *Fome***



Neste experimento, estamos interessados em entender um pouco a respeito das suas intuições, como falante nativo do português, sobre o conceito FOME. Não se trata de um teste; estamos interessados em descobrir como as pessoas conceitualizam a fome.

Você terá que avaliar alguns itens numa escala de 1 a 7, conforme as instruções especificadas em cada página. Mas não leve muito tempo pensando; marque os itens de acordo com a sua primeira impressão. Sinta-se livre para usar qualquer valor da escala.

Muito obrigada pela sua cooperação.

SEXO: ( ) FEMININO ( ) MASCULINO

Avalie cada item do grupo I a seguir numa escala de 1 a 7, de acordo com a frequência em que eles acontecem: do menos freqüente (1=nunca acontece) ao mais freqüente (7=sempre acontece). Escreva o número que reflete essa frequência (1-7) nos parênteses, à esquerda de cada item.

**GRUPO I:**

1	-----	2	-----	3	-----	4	-----	5	-----	6	-----	7
nunca acontece						às vezes acontece						sempre acontece

1. Em que grau essas coisas acontecem com as pessoas quando elas estão com muita fome?

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> ter dor de cabeça                           | <input type="checkbox"/> as unhas ficarem quebradiças |
| <input type="checkbox"/> os pés doerem                               | <input type="checkbox"/> o corpo inteiro doer         |
| <input type="checkbox"/> os joelhos incharem                         | <input type="checkbox"/> o estômago roncar            |
| <input type="checkbox"/> ter dor de estômago                         | <input type="checkbox"/> os dedos estalarem           |
| <input type="checkbox"/> os olhos ficarem vermelhos                  | <input type="checkbox"/> ter dor no coração           |
| <input type="checkbox"/> as mãos coçarem                             | <input type="checkbox"/> suar frio                    |
| <input type="checkbox"/> a boca ficar seca                           | <input type="checkbox"/> ficar cega temporariamente   |
| <input type="checkbox"/> a simples idéia de comida, dar água na boca |   |

2. Com muita fome, algumas pessoas:

- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> têm sede               | <input type="checkbox"/> ficam loucas por comida     |
| <input type="checkbox"/> não querem ver ninguém | <input type="checkbox"/> ficam doentes               |
| <input type="checkbox"/> ficam tontas           | <input type="checkbox"/> têm febre                   |
| <input type="checkbox"/> ficam tagarelas        | <input type="checkbox"/> não pensam direito          |
| <input type="checkbox"/> sentem fraqueza        | <input type="checkbox"/> podem morrer - se não comer |
| <input type="checkbox"/> ficam irritadas        | <input type="checkbox"/> ficam com sono              |
| <input type="checkbox"/> sentem desconforto     | <input type="checkbox"/> têm vontade de correr       |
| <input type="checkbox"/> têm apetite            |  |

3. Como você imagina que alguém com muita fome age?

- entra em depressão
- se comporta normalmente, educadamente
- desconta sua raiva nos outros
- se comporta como um louco, fazendo qualquer coisa para conseguir comida
- mantém os pés no chão
- o cheiro de comida deixa a pessoa fora de si.
- fica desequilibrado
- se afoga em mágoas
- se comporta como um animal atrás de sua presa
- é capaz de manter uma discussão de alto nível
- fica muito angustiado
- consegue trabalhar normalmente
- fica frágil emocionalmente

Avalie cada item do grupo II a seguir numa escala de 1 a 7, de acordo com a frequência do seu desejo em relação à comida: do menos freqüente (1=nunca) ao mais freqüente (7=sempre). Escreva o número que reflete essa frequência (1-7) nos parênteses, à esquerda de cada item.

**GRUPO II:**

1	-----	2	-----	3	-----	4	-----	5	-----	6	-----	7
nunca						algumas vezes						sempre

1. Quando você está com muita fome, com que frequência você deseja comer o que se segue?

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> um prato quente<br><input type="checkbox"/> um prato frio<br><input type="checkbox"/> qualquer coisa, quente ou fria<br><input type="checkbox"/> alguma coisa doce<br><input type="checkbox"/> alguma coisa salgada<br><input type="checkbox"/> alguma coisa azeda<br><input type="checkbox"/> alguma coisa amarga<br><input type="checkbox"/> alguma coisa apimentada<br><input type="checkbox"/> sanduíches | <input type="checkbox"/> bolos<br><input type="checkbox"/> massas<br><input type="checkbox"/> tortas<br><input type="checkbox"/> carnes<br><input type="checkbox"/> frutos do mar<br><input type="checkbox"/> frutas<br><input type="checkbox"/> laticínios<br><input type="checkbox"/> doces |
|--|---|

2. Com que frequência você considera as propriedades abaixo como características positivas de uma comida deliciosa?

- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> doce<br><input type="checkbox"/> salgada<br><input type="checkbox"/> azeda<br><input type="checkbox"/> amarga<br><input type="checkbox"/> apimentada<br><input type="checkbox"/> assada<br><input type="checkbox"/> grelhada | <input type="checkbox"/> suculenta<br><input type="checkbox"/> quente<br><input type="checkbox"/> fria<br><input type="checkbox"/> congelada<br><input type="checkbox"/> ensopada<br><input type="checkbox"/> cozida<br><input type="checkbox"/> frita |
|---|--|

Avalie cada item do grupo III a seguir numa escala de 1 a 7, de acordo com a prototipicidade da comida: da menos típica (1=não típica) à mais típica (7=muito típica). Escreva o número que reflete essa prototipicidade (1-7) nos parênteses, à esquerda de cada item.

### GRUPO III:

1	-----	2	-----	3	-----	4	-----	5	-----	6	-----	7
não típico												muito típico

1. Para você, quanto típicos da categoria geral de comida são os itens a seguir? Faça seu julgamento conforme a escala de 1 a 7 de prototipicidade.

- |                                     |                                  |
|-------------------------------------|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> bebidas    | <input type="checkbox"/> legumes |
| <input type="checkbox"/> sobremesas | <input type="checkbox"/> cereais |
| <input type="checkbox"/> frutas     | <input type="checkbox"/> doces   |
| <input type="checkbox"/> carnes     | <input type="checkbox"/> massas  |
| <input type="checkbox"/> laticínios |                                  |

2. Mais especificamente, como você consideraria os itens abaixo enquanto exemplos típicos de comida para satisfazer a fome? Faça seu julgamento conforme a escala de 1 a 7 de prototipicidade.

- |  |                                    |   |
|--|------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> doces           | <input type="checkbox"/> pão       | <input type="checkbox"/> gelatina         |
| <input type="checkbox"/> carne           | <input type="checkbox"/> leite     | <input type="checkbox"/> atum             |
| <input type="checkbox"/> porco           | <input type="checkbox"/> abacaxi   | <input type="checkbox"/> salmão           |
| <input type="checkbox"/> frango          | <input type="checkbox"/> abacate   | <input type="checkbox"/> lagosta          |
| <input type="checkbox"/> bolos           | <input type="checkbox"/> arroz     | <input type="checkbox"/> caviar           |
| <input type="checkbox"/> mel             | <input type="checkbox"/> pimentão  | <input type="checkbox"/> creme            |
| <input type="checkbox"/> açúcar          | <input type="checkbox"/> morango   | <input type="checkbox"/> banana           |
| <input type="checkbox"/> peixe           | <input type="checkbox"/> batata    | <input type="checkbox"/> castanha         |
| <input type="checkbox"/> tortas          | <input type="checkbox"/> chocolate | <input type="checkbox"/> cebola           |
| <input type="checkbox"/> mousse          | <input type="checkbox"/> iogurte   | <input type="checkbox"/> uva              |
| <input type="checkbox"/> docinho de coco | <input type="checkbox"/> merengue  | <input type="checkbox"/> castanha de caju |
| <input type="checkbox"/> sorvete         | <input type="checkbox"/> caramelo  | <input type="checkbox"/> cenoura          |
| <input type="checkbox"/> omelete         | <input type="checkbox"/> salada    | <input type="checkbox"/> alface           |
| <input type="checkbox"/> maçã            | <input type="checkbox"/> ovo       | <input type="checkbox"/> pêssego          |
| <input type="checkbox"/> biscoito        | <input type="checkbox"/> queijo    | <input type="checkbox"/> tomate           |
| <input type="checkbox"/> ave             | <input type="checkbox"/> geléia    | <input type="checkbox"/> pato             |
| <input type="checkbox"/> laranja         | <input type="checkbox"/> manga     | <input type="checkbox"/> milho            |

Avalie cada item do grupo IV a seguir numa escala de 1 a 7, em relação ao sabor da comida: da menos saborosa (1=não saborosa) à mais saborosa (7=muito saborosa). Escreva o número que reflete o sabor da comida (1-7) nos parênteses, à esquerda de cada item.

**GRUPO IV:**

1	-----	2	-----	3	-----	4	-----	5	-----	6	-----	7
não												muito
saborosa												saborosa

1. Os itens a seguir são exemplos de ações humanas que envolvem comida. Julgue os verbos, na escala de 1 a 7, de acordo com o sabor da comida que suas ações refletem.

- |                                    |  |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> mastigar  | <input type="checkbox"/> petiscar            |
| <input type="checkbox"/> moer      | <input type="checkbox"/> tragar              |
| <input type="checkbox"/> triturar  | <input type="checkbox"/> embuchar            |
| <input type="checkbox"/> roer      | <input type="checkbox"/> empanturrar-se      |
| <input type="checkbox"/> dilacerar | <input type="checkbox"/> sugar               |
| <input type="checkbox"/> engolir   | <input type="checkbox"/> fartar-se           |
| <input type="checkbox"/> lambiscar | <input type="checkbox"/> digerir             |
| <input type="checkbox"/> ingerir   | <input type="checkbox"/> saborear            |
| <input type="checkbox"/> comer     | <input type="checkbox"/> deleitar-se         |
| <input type="checkbox"/> devorar   | <input type="checkbox"/> mordiscar, beliscar |

2. Os itens a seguir são exemplos de ações humanas que envolvem bebida. Julgue os verbos, na escala de 1 a 7, de acordo com o sabor da bebida que suas ações refletem.

- |                                  |                                 |
|----------------------------------|---------------------------------|
| <input type="checkbox"/> beber   | <input type="checkbox"/> sorver |
| <input type="checkbox"/> tomar   | <input type="checkbox"/> chupar |
| <input type="checkbox"/> engolir | <input type="checkbox"/> tragar |



## Apêndice 4 – Questionário de *Desejo*

OBS: Devido ao gênero das palavras, foi feita uma versão dos questionários para pessoas do sexo masculino e outra para pessoas do sexo feminino. Apresentamos aqui apenas uma versão com a distinção em parênteses, e.g. , estou apaixonado(a).



Quando estamos apaixonados, sentimos desejo pela pessoa por quem estamos apaixonados. Mas o desejo pelo outro não está sempre relacionado ao amor; pode estar associado apenas à atração sexual. Algumas vezes, usamos a mesma expressão lingüística para expressar tanto o nosso desejo de amor quanto o de atração sexual; outras vezes, a expressão é mais aceita em um caso do que no outro. Neste experimento, estamos interessados na sua intuição, enquanto falante nativo do português, sobre a aceitabilidade de várias expressões relacionadas ao amor e à atração sexual.

Sua tarefa consta em avaliar alguns itens numa escala de 1 a 7, conforme as instruções especificadas em cada item. Mas não leve muito tempo pensando; marque os itens de acordo com a sua primeira impressão. Sinta-se livre para usar qualquer valor da escala.

Muito obrigada pela sua cooperação.

SEXO: ( ) FEMININO ( ) MASCULINO

## GRUPO I

Como você aceitaria as expressões linguísticas abaixo enquanto uma forma potencial de falar do desejo pelo outro? As expressões seriam aceitas de forma diferente se relacionadas ao amor ou à atração sexual?

Avalie cada item a seguir numa escala de aceitabilidade de 1 a 7: da forma menos aceitável (1=não aceitável) à mais aceitável (7=plenamente aceitável) de falar sobre o amor ou a atração sexual. Escreva o número que reflete essa aceitabilidade (1-7) no espaço à direita relacionado ao amor e à atração sexual para cada expressão linguística.

1	2	3	4	5	6	7
não aceitável						plenamente aceitável

	AMOR	ATRAÇÃO SEXUAL
<i>Não quero ver ninguém por você.</i>		
<i>Tenho dor de estômago por você.</i>		
<i>Você realmente faz o meu coração doer.</i>		
<i>Tenho febre por você.</i>		
<i>É verdade, estou mesmo angustiada(a) por você.</i>		
<i>Deixei minha mulher (meu marido) porque estava sentindo desconforto pela minha vizinha (pelo meu vizinho).</i>		
<i>Notei que você se comporta como uma louca (um louco): faz qualquer coisa por mim!</i>		
<i>Eu sei que estou ficando fraco(a) por você.</i>		
<i>Eu estava desequilibrado(a) pela minha professora (pelo meu professor) de ciências.</i>		
<i>Estou com as mãos coçando por você.</i>		
<i>Meu estômago ronca por você.</i>		
<i>Tenho uma forte dor de cabeça por você.</i>		
<i>É verdade, todo mundo sabe que sinto muito sono por você.</i>		
<i>Sinto vontade de correr por você.</i>		
<i>Você realmente me dá água na boca.</i>		
<i>Só agora percebi que minha boca fica seca por você.</i>		
<i>Descobri que meus pés doem por você.</i>		
<i>Você é a única pessoa que acha que os meus dedos estalam por você.</i>		
<i>Fiquei tagarela por você.</i>		
<i>Fiquei emocionalmente frágil por você.</i>		
<i>Eu sei que você também ficou tonta(o) por mim.</i>		
<i>Todo mundo agora sabe que meus joelhos incham por você.</i>		
<i>Tenho grande apetite pela minha chefe (pelo meu chefe).</i>		
<i>Sou louco(a) por você.</i>		

## GRUPO II

Agora, queremos saber sobre a sua intuição com relação ao sentimento e comportamento daqueles que estão cheios de desejo, tanto por amor quanto por atração sexual.

Avalie cada item abaixo numa escala de frequência de 1 a 7: do menos freqüente (1=nunca) ao mais freqüente (7=sempre). Escreva o número que reflete essa freqüência (1-7) nas colunas relacionadas a amor e a atração sexual.

1	-----	2	-----	3	-----	4	-----	5	-----	6	-----	7
nunca												sempre

1. Com que freqüência você acha que essas coisas acontecem com as pessoas quando elas desejam muito alguém?

	AMOR	ATRAÇÃO SEXUAL
ficar de água na boca, com a simples idéia da pessoa desejada		
o estômago roncar		
ter dor de cabeça		
a boca ficar seca		
os pés doerem		
as mãos coçarem		
os joelhos incharem		
ter dor no coração		
os dedos estalarem		
ter dor de estômago		

2. Como você imagina que se sente uma pessoa que deseja muito alguém?

	AMOR	ATRAÇÃO SEXUAL
a pessoa fica louca pela outra		
a pessoa tem febre		
a pessoa sente desconforto		
a pessoa fica tagarela		
a pessoa não quer ver ninguém		
a pessoa sente fraqueza		
a pessoa sente tontura		
a pessoa tem apetite pelo outro		
a pessoa tem vontade de correr		
a pessoa fica sonolenta		

3. Como você imagina que se comporta uma pessoa que deseja muito alguém?

	AMOR	ATRAÇÃO SEXUAL
a pessoa fica muito angustiada		
a pessoa se comporta normalmente		
a pessoa consegue manter os pés no chão		
a pessoa consegue manter uma discussão de alto nível		
a pessoa consegue trabalhar normalmente		
a pessoa se comporta como um louco, fazendo qualquer coisa para conseguir a pessoa desejada		
a pessoa fica desequilibrada		
a pessoa fica emocionalmente frágil		

### GRUPO III

É comum o uso de termos relacionados à comida para falar da pessoa que se ama ou se deseja (e.g. Ela é um peixão! Que pão!). Estamos interessados em verificar se o uso de alguns termos relacionados à comida NO CONTEXTO DE AMOR E ATRAÇÃO SEXUAL são considerados aceitáveis. Também estamos interessados em verificar a aceitabilidade desses termos quando dirigidos ao homem e à mulher.

Avalie os itens abaixo numa escala de aceitabilidade de 1 a 7: da menos aceitável (1=não aceitável) à mais aceitável (7=plenamente aceitável) forma de falar sobre o amor ou atração sexual por um homem ou por uma mulher. Escreva os números que refletem essa aceitabilidade (1-7) nas colunas relacionadas a amor e atração sexual tanto para homem quanto para mulher.

1	-----	2	-----	3	-----	4	-----	5	-----	6	-----	7
não aceitável												plenamente aceitável

	HOMEM		MULHER	
	AMOR	ATRAÇÃO SEXUAL	AMOR	ATRAÇÃO SEXUAL
Olha só o milho que vem aí !!				
Só agora me dei conta que você é a batata da minha vida.				
Todo mundo está apaixonado por aquele sorvete.				
Oi, salzinho.				
Eu nunca tinha encontrado alguém tão assado(a) assim!				
Que pedaço de carne!				
Quero ser a ave da sua vida.				
Olha só os frangos que estão esperando por você.				

	HOMEM		MULHER	
	AMOR	ATRAÇÃO SEXUAL	AMOR	ATRAÇÃO SEXUAL
Quero você porque você é muito azedo(a).				
Você parece tão congelado(a)!				
Estou saindo com alguém muito grelhado(a).				
Preciso de você, minha castanha de caju.				
Olha só aquele caviar !!				
Ando nas nuvens desde que encontrei aquela salada.				
Você está realmente louco(a) por aquele açúcar.				
Estou esperando que aquele docinho de coco me dê bola!!				
Estou louco(a) por aquele queijo!				
Você é tão quente!				
Pra mim você é uma verdadeira uva.				
Uau, que castanha!				
Só sei que sonho o tempo inteiro com aquela geléia.				
Eu realmente quero aquele prato quente.				
Quero uma oportunidade de me aproximar daquele leite.				
Eu quase perdi a cabeça quando vi aquele caramelo.				
Ando desesperado(a) por aquela omelete !!				
Que sanduíche!!				
Oi, coisinha amarga!				
Uau, olha só aquele peixe!				
Você é a cebola da minha vida.				
Acho que estou ficando louco(a) por aquele mel !!				
Acredite em mim, você é mesmo uma gelatina.				
Sei que você anda nas nuvens porque aquele ovo lhe deu bola.				
Estou me babando por aquela mousse!				
Você é muito suculento(a)!				
Olha só que bife!				
Eu faria qualquer coisa pra dançar com aquele arroz.				
Estou louco(a) por aquele merengue !!				
Quando era jovem, eu era um verdadeiro macarrão.				
É difícil não querer alguém tão salgado(a) assim.				
Puxa, você é um creme e tanto!!				
Fiquei maluco(a) quando vi aquele pão.				
Preciso dançar com aquele porco!!				

## GRUPO IV

Algumas línguas usam verbos que envolvem o ato de comer relacionado ao desejo do parceiro. Em português e em Chagga (uma língua Bantu), por exemplo, um homem (por amor ou por atração sexual) pode dizer que “comeu” uma mulher, querendo dizer que eles tiveram relações sexuais. Estamos interessados em verificar se você aceitaria os seguintes verbos que envolvem o ato de comer e beber relacionados ao desejo pelo outro, tanto através do amor quanto da atração sexual. Além disso, queremos verificar também a sua intuição quanto à direcionalidade desse desejo. Por exemplo, se você aceita que “alguém saboreia alguém”, a pessoa que saboreia seria um homem ou uma mulher? Em que grau?

Avalie cada item abaixo numa escala de aceitabilidade de 1 a 7: da menos aceitável (1=não aceitável) à mais aceitável (7=plenamente aceitável) forma de falar sobre o amor ou a atração sexual dirigidos tanto ao homem quanto à mulher. Escreva o número que reflete essa aceitabilidade (1-7) na coluna relacionada a amor e atração sexual para o homem e para a mulher.

1	2	3	4	5	6	7	
não aceitável					plenamente aceitável		

	HOMEM		MULHER	
	AMOR	ATRAÇÃO SEXUAL	AMOR	ATRAÇÃO SEXUAL
deleitar-se				
fartar-se				
triturar				
mastigar				
beber				
sugar				
comer				
tragar				
embuchar				
tomar				
engolir				
moer				
roer				
saborear				
dilacerar				
mordiscar, beliscar				

Neste experimento, estamos interessados na sua intuição, enquanto falante nativo do português, sobre a aceitabilidade de várias expressões relacionadas ao desejo por alguma coisa ou ao desejo de fazer alguma coisa.

Sua tarefa consta em avaliar alguns itens numa escala de 1 a 7, conforme as instruções especificadas em cada item. Mas não leve muito tempo pensando; marque os itens de acordo com a sua primeira impressão. Sinta-se livre para usar qualquer valor da escala.

Muito obrigada pela sua cooperação.

SEXO: ( ) FEMININO ( ) MASCULINO

## GRUPO I

Como você aceitaria as expressões lingüísticas abaixo enquanto uma forma potencial de falar do desejo por alguma coisa ou do desejo de fazer alguma coisa?

Avalie cada item a seguir numa escala de aceitabilidade de 1 a 7: da forma menos aceitável (1=não aceitável) à mais aceitável (7=altamente aceitável) de falar sobre o desejo. Escreva o número que reflete essa aceitabilidade (1-7) na coluna à direita das sentenças.

1	-----	2	-----	3	-----	4	-----	5	-----	6	-----	7
não aceitável						plenamente aceitável						

<i>Adoro futebol. Não quero ver ninguém por um jogo.</i>	
<i>A história é tão emocionante; faz o meu estômago doer pelo próximo episódio.</i>	
<i>Agora que consegui um emprego melhor, meu coração dói por umas férias no Caribe.</i>	
<i>Eu gostaria de entender o que me dá essa febre pelo poder.</i>	
<i>Estou muito angustiado(a) por revanche.</i>	
<i>Fui consumido(a) por este forte sentimento de desconforto por reconhecimento profissional.</i>	
<i>Sou jornalista. Por isso me comporto como um(a) louco(a), fazendo qualquer coisa por uma boa notícia.</i>	
<i>Este é o lugar de encontro para as pessoas como eu que são fracas por xadrez.</i>	
<i>Sou completamente desequilibrado(a) por esta música.</i>	
<i>Minhas mãos estavam coçando por um sorvete.</i>	
<i>Reduzido à pobreza, o meu estômago ronca pelos velhos tempos.</i>	
<i>Com essa minha forte dor de cabeça por conhecimento, passei a ler tudo sobre religião.</i>	
<i>A cada novo ano, sinto muito sono por novos empreendimentos.</i>	
<i>Tenho vontade de correr por uma casa nova.</i>	
<i>Toda aquela injustiça me deixou com água na boca por sangue.</i>	
<i>Estou com a boca seca por um sapato preto.</i>	
<i>Vi que os pés do nosso povo doíam por independência.</i>	
<i>A verdade é que os meus dedos estalam por uma oportunidade de ir à lua.</i>	
<i>Fiquei tagarela por me aventurar na Floresta Amazônica.</i>	
<i>Sou emocionalmente frágil pela verdade.</i>	
<i>Estou completamente tonto(a) por um carro novo.</i>	
<i>Meus joelhos incham por mais informações sobre os povos antigos.</i>	
<i>Tenho grande apetite por dinheiro.</i>	
<i>Estou louco(a) por um emprego novo.</i>	

## GRUPO II

Agora, queremos saber sobre a sua intuição com relação ao sentimento e comportamento daqueles que estão desejando muito alguma coisa ou fazer alguma coisa.

Avalie cada item abaixo numa escala de frequência de 1 a 7: do menos freqüente (1=nunca) ao mais freqüente (7=sempre). Escreva o número que reflete essa freqüência (1-7) na coluna à direita das sentenças.

1	-----	2	-----	3	-----	4	-----	5	-----	6	-----	7
nunca												sempre

1. Com que freqüência você acha que essas coisas acontecem com as pessoas quando elas desejam muito alguma coisa ou fazer alguma coisa?

ficar de água na boca, com a simples idéia da coisa desejada	
o estômago roncar	
ter dor de cabeça	
a boca ficar seca	
os pés doerem	
as mãos coçarem	
os joelhos incharem	
ter dor no coração	
os dedos estalarem	
ter dor de estômago	

2. Como você imagine que se sente uma pessoa que deseja muito alguma coisa ou fazer alguma coisa?

a pessoa fica louca pela coisa que deseja	
a pessoa tem febre	
a pessoa sente desconforto	
a pessoa fica tagarela	
a pessoa não quer ver ninguém	
a pessoa sente fraqueza	
a pessoa sente tontura	
a pessoa tem apetite pela coisa que deseja	
a pessoa tem vontade de correr	
a pessoa fica sonolenta	

3. Como você imagine que se comporta uma pessoa que deseja muito alguma coisa ou fazer alguma coisa?

a pessoa fica muito angustiada	
a pessoa se comporta normalmente	
a pessoa consegue manter os pés no chão	
a pessoa consegue manter uma discussão de alto nível	
a pessoa consegue trabalhar normalmente	
a pessoa se comporta como um louco, fazendo qualquer coisa para conseguir o que deseja	
a pessoa fica desequilibrada	
a pessoa fica emocionalmente frágil	

## **Apêndice 5 – Expressões Metafóricas**



### Algumas expressões licenciadas pela metáfora DESEJAR É TER FOME

Infelizmente não foi possível organizar todas as expressões metafóricas encontradas sobre as metáforas discutidas neste trabalho. Entretanto, não podíamos deixar de incluir pelo menos algumas delas. Foi dado um mínimo de organização e tentou-se mencionar a fonte de onde as expressões foram retiradas, embora não tenha sido possível para todas elas. No final deste Apêndice, há um quadro com as referências das fontes.

#### Em inglês:

HUNGER	Fonte
<i>Classes of eager youths hungry for intellectual food.</i>	O
<i>hungry for recognition.</i>	H
<i>Earls that were lured by the hunger of glory.</i>	O
<i>Our team is hungry for a victory.</i>	Grady, in press
<i>We're hungry for a victory.</i>	G
<i>A fit took me of hunger for city life again.</i>	O
<i>Reduced to poverty, he hungered for his old life.</i>	H
<i>a meeting place for Spaniards who hunger for Flamenco music.</i>	CB
<i>The journalists fell hungrily on the story.</i>	CB
<i>Hungry for music?</i>	internet
<i>A hunger for change/adventure.</i>	(LC), HO
<i>We're hungry for news of our brother in Australia.</i>	LC
<i>Hunger for revenge.</i>	
<i>The hunger for riches.</i>	V
<i>The conveyance of prize-money... into Charles's always hungry pocket.</i>	O
<i>He hungered to explain who he was.</i>	B
<i>His hunger for excitement.</i>	HO
<i>He hungered for love.</i>	Kov
<i>Her body hungered for him.</i>	D
<i>I just never expected him to be so virile, so hungry for sex.</i>	D
<i>The orphan child was hungry for affection.</i>	HO
<i>he hungers for her touch.</i>	
<i>I hunger for your touch.</i>	WFDT, K
<i>I hunger for his company.</i>	B
<i>I hunger for a new car.</i>	
<i>This so-called 'land-hunger' might prevail in parts of Ireland where the possession of a small piece of land was absolute necessary.</i>	O
<i>Fran has a constant hunger for sweets.</i>	T
<i>The very thought of Rita made him even hungrier.</i>	E
<i>he was hungry for every detail of her.</i>	B
<i>They were hungry for news.</i>	
<i>this need of love – this hunger of the heart.</i>	O
<i>What gives people the hunger for power?</i>	CB
<i>a hunger for affection.</i>	H
<i>Marsha's hunger for attention causes her to do some strange things</i>	T
<i>hunger for news</i>	

THIRST	Fonte
<i>His thirst for knowledge</i>	CB
<i>She has a mind thirsty after knowledge</i>	O
<i>She thirst for recognition</i>	Ling.Cog
<i>... not in thirst for Revenge</i>	O
<i>Our people thirst for independence</i>	LC
<i>He was thirsty for adventure</i>	CB
<i>Refreshing to the thirsty curiosity of the traveller.</i>	O
<i>The story is so gripping; it makes you thirst for the next episode</i>	CB
<i>it may distinctly traced... either to thirst for money or to thirst for blood</i>	O
<i>She was thirsty for power.</i>	LC
<i>... despite the thirst of gold</i>	O
<i>I thirst for your kisses</i>	K
<i>The thirst for the absolute which is inherent in human nature</i>	CB
<i>satisfy one's thirst for adventure</i>	HO
<i>blood – thirstiness</i>	
<i>a thirst for knowledge</i>	V, HO
<i>Our minds can satisfy her thirst to know</i>	O
<i>It is not necessary to teach men to thirst after power</i>	O
<i>He seeks his keeper's flesh, and thirsts his blood</i>	O
<i>In his thirst for knowledge he was in the habit of studying every sect.</i>	O

APPETITE	Fonte
<i>He had no appetite for hard work</i>	LC
<i>Going to France for the day has whetted her appetite</i>	LC
<i>He had no appetite for the fight.</i>	HO
<i>An appetite for knowledge.</i>	V, H
<i>Nora has an insatiable appetite for learning</i>	T
<i>The tutor at the night classes had whetted her appetite for more work...</i>	CB
<i>Appetites had been whetted for further advances.</i>	CB
<i>I have little appetite for that kind of experience.</i>	G
<i>In all Bodies, there is an appetite of Union.</i>	BACON, B
<i>John Kennedy's sexual appetite is reputed to have been gargantuan</i>	D
<i>She has an amazing sexual appetite</i>	
<i>You have a remarkable sexual appetite</i>	K, WFDT
<i>An unsuspected, long repressed appetite for sensual pleasure.</i>	CB
<i>Suji's sexual appetite is formidable.</i>	B
<i>A man must decide either to curb his appetites or surrender to them</i>	CB
<i>An appetite for learning</i>	H
<i>He has an appetite for learning</i>	Ling Cog
<i>Paula has an amazing sexual appetite.</i>	E
<i>sexual appetite</i>	Ling. Cog., B
<i>It's impossible to satisfy George's appetite for pasta</i>	T

DROOL/MOUTH-WATERING	Fonte
<i>the job is a mouth-watering opportunity.</i>	Ling Cog
<i>Those stacks of records of yours make me drool.</i>	B
<i>she had him drooling</i>	K, WFDT
<i>You go around in that bikini and Gaskell's drooling over you all the time.</i>	CB

<i>When Brando came out with one sweat shirt, the town drooled over him.</i>	B
<i>he's drooling over a new car</i>	Ling Cog
<i>the boys were all drooling over a picture of a girl in a bikini.</i>	LC
<i>The construction crew practically drooled when she walked by.</i>	E
<i>he was drooling over her</i>	Ling. Cog

### Em português:

FOME	Fonte
<i>ele tem fome de bola</i>	
<i>fome de dinheiro</i>	
<i>faminto de glória</i>	KH
<i>faminto de riqueza e glória</i>	A
<i>faminto de glória</i>	KH
<i>Fome de carinho</i>	
<i>Fome de amor</i>	
<i>nossos políticos têm uma insaciável sede pelo poder</i>	ISTOÉ 1527, 6/1/1999, p.12
<i>acho que a fome de poder do senador faz mal à maioria dos brasileiros</i>	ISTOÉ 1527 6/1/1999, p.5
<i>Fome de saber</i>	
<i>a fome do dinheiro</i>	KH

SEDE	Fonte
<i>tenho sede de saber</i>	
<i>estar sedento por conhecimento</i>	
<i>sede por dinheiro</i>	
<i>estar sedento por reconhecimento</i>	
<i>nosso time está sedento por um vitória</i>	
<i>sede de riquezas</i>	KH
<i>sedento de sangue</i>	DBLP
<i>sede de ouro</i>	A
<i>sede de sangue</i>	KH, A, DBLP
<i>sede de vingança</i>	DBLP
<i>sedento por umas férias</i>	
<i>estar sedento para começar um novo emprego</i>	
<i>Sede de carinho</i>	
<i>Sede de amor</i>	
<i>Sedento de prazer</i>	A
<i>Estar sedento por uma feijoada</i>	
<i>Estou sedento por aquela mulher</i>	
<i>Sedento por um carro novo</i>	
<i>No Nordeste há sede de justiça</i>	<i>Informativo do gabinete do deputado federal Sergio Novais-PSB-março/99</i>
<i>sede de poder</i>	ISTOÉ
<i>ir com muita sede ao pote</i>	CS
<i>Sede de alma</i>	DBLP
<i>Sedento de riquezas</i>	KH
<i>o jovem hoje eles também/ tão sedentos por justiça, né?</i>	<i>Inq 5 – Lemos</i>
<i>estou seco por uma mulher</i>	

<b>APETITE</b>	<b>Fonte</b>
<i>apetite sexual</i>	
<i>tenho grande apetite por este tipo de coisa</i>	
<i>esse tipo de trabalho não me dá o menor apetite</i>	
<i>não tenho muito apetite para este tipo de coisa</i>	
<i>tal viagem não me desperta o apetite</i>	A
<i>apetite de posições</i>	A
<i>apetite de glória</i>	A
<i>tem apetite para as ciências exatas</i>	A
<i>satisfazer os apetites sensuais</i>	KH
<i>O que perdeu foi o apetite das riquezas</i>	Nascentes

<b>ÁGUA NA BOCA/BABAR</b>	<b>Fonte</b>
<i>este emprego é uma oportunidade de dar água na boca</i>	
<i>uma viagem/passeio de dar água na boca</i>	
<i>é de dar água na boca (a forma como a. faz a.c./ qq tipo de passeio/ uma casa/ uma roupa/ coisa materiais)</i>	
<i>ganhou na loteria e deixou todo mundo com água na boca</i>	A
<i>ela o deixou se babando</i>	
<i>ele estava se babando pelo carro novo</i>	
<i>ele estava se babando por ela</i>	
<i>Babar-se por uma mulher</i>	M
<i>babar-se por alguém</i>	KH, M, Nascentes
<i>o João baba-se por doce de coco</i>	A

<b>APETECER</b>	<b>Fonte</b>
<i>Apetecia-me passear agora</i>	KH
<i>Rir já não me apetece</i>	KH
<i>Estudava com gosto: apeteceia um diploma de doutor</i>	A
<i>As riquezas nunca lhe apetececeram</i>	A
<i>tarefa pouco apeteceível</i>	KH
<i>prato apeteceível</i>	KH
<i>quando bem lhe apetece</i>	Vall
<i>apeteceia-lhe, às vezes, um instante de repouso</i>	A

Algumas expressões licenciadas pela metáfora O OBJETO DO DESEJO SEXUAL É COMIDA (APETITOSA) [THE OBJECT OF SEXUAL DESIRE IS (APPETIZING) FOOD]:

FOOD	Fonte
<i>Hi, sweetheart</i>	K
<i>She's my sweet and sugar</i>	K
<i>Hi, sugar</i>	WFDT, K
<i>Honey, you look great today!</i>	K
<i>She's the cream in my coffee.</i>	K
<i>Hello, sweetie-pie.</i>	K
<i>You look luscious.</i>	WFDT, K
<i>She's quite a dish.</i>	WFDT, K
<i>She had kisses sweeter than wine.</i>	K
<i>Hey, honey, let's see some cheesecake.</i>	WFDT
<i>Look at those buns!</i>	WFDT, K
<i>What a piece of meat!</i>	WFDT, K
<i>He's a real hunk.</i>	K
<i>Let's see some cheesecake</i>	K
<i>honey</i>	Ling.Cog.
<i>sugar</i>	Ling.Cog.
<i>sweetie</i>	Ling.Cog.
<i>cheesecake</i>	Ling.Cog.
<i>buns</i>	Ling.Cog.
<i>meat</i>	Ling.Cog.
<i>dish</i>	Ling.Cog.
<i>Pablo's a real hunk/piece of meat</i>	E
<i>She's the flavor of the mouth</i>	E
<i>Her touch was so sweet</i>	E
<i>You look absolutely luscious/juicy</i>	E
<i>What a delicious concerto!</i>	G
<i>What a delicious suggestion!</i>	G

COMIDA	Fonte
<i>Que pão!</i>	
<i>Ela é um mingnonzinho.</i>	
<i>Que pedaço de mulher/homem!</i>	
<i>Que mulher gostosa!</i>	
<i>Olha só que peixão!!</i>	
<i>Seus beijos são doces e quentes...</i>	
<i>Oi, doçura!</i>	
<i>Ela é uma uva.</i>	
<i>Olha que fillet!</i>	
<i>Ela é um chuchu.</i>	
<i>Ei, piteuzinho, que tal uma voltinha?</i>	
<i>Meu cajuzinho açúcar.</i>	novela: <i>Meu Bem Quer</i>
<i>deliciosa comédia</i>	ISTOÉ 1530 27/1/1999, P.87
<i>à beira d'água - macroevolução e a transformação de Vida é uma leitura intrigante e deliciosa</i>	Super, Maio/99 p.86
<i>os jogos não têm a qualidade das imagens originais, mas são um belo aperitivo</i>	Super, Maio/99 p.88

<i>a idéia é traduzir teorias e conceitos abstratos em um texto interessante e saboroso.</i>	<i>Super, Maio/99 p.88</i>
<i>a gente, aqui na Super, sabe que tudo é uma questão de encarar o assunto com bom humor, pelo lado saboroso do conhecimento.</i>	<i>Super, Setembro/ 99 p.93</i>
<i>o site Lendas da New Scientist é um prato cheio</i>	<i>Super, Setembro/99 p.94</i>

### Exemplos retirados do demo do *Bank of English*:

#### HUNGER

[p] November 11. [p] [h] How we **hunger** after war;Books [/h] [b] Daniel 6', slim, 42, fair, passive, **hungry** for dark, WE, active, any age, above all else. [p] But I'm still **hungry** for my third Championship medal. ago, was an indication of a growing **hunger** for peace in the Muslim-majority alongside me [p] To Cork, a lack of **hunger** for the fray is incomprehensible. ' America was the result of Europe's **hunger** for bullion. This was his amid complaints about his desire and **hunger** for the game. [p] His subsequent and 2 buffets to appease your **hunger** after a dip in the thermal waters. and faces to the bone; it means **hunger** for the warmth of companionship and and full potential, and satisfy that **hunger** for winning that is part of every and nimble. [p] They all had a real **hunger** for runs and the ability to and will be used in such memory-**hungry** technologies as computer voice and, unless he develops more of a **hunger** for goals to match the 'hunger for are actually mounting and our **hunger** for gratification intensifying. are complementary and he remains **hungry** for growth, insisting on Friday the are independent, their profit-**hungry** managers, they say, will seize by personal ambition, the nagging **hunger** for a crack at the big time, with a by recognizing what it is we really **hunger** for in our lives, we can begin to by two weeks to cope with the **hunger** for seats. The critics, however, can still win any game. In form and **hungry** for victory 9. [p] ALEC STEWART ( cause, together with those genuinely **hungry** for an accurate representation of Co, Worsley. [p] [h] Wolves' **hunger** for success brings Taylor's reign down everything at a big swallow, **hungry** for trophies. [p] Big." 'Manly.' Farmwife he'd bought food from. Now, **hungry** for the sound of voices, he found February 9, 1950, Senator McCarthy, **hungry** for an issue, stood up in Wheeling, flourished under Thorn and is now **hungry** for a bigger slice of American for Sinclair, who showed us all the **hungry** fighter qualities plus explosive had posited in him an unbridled **hunger** for the sensual by branding all hardly be expected to show the same **hunger** for success, so now is surely the have had to accept, people are **hungry** for more true pragmatic he and other men lived. There was a **hunger** for power reaching out of the He's smart and tough and he's **hungry** for the dough. He's also devious I think a lot of people are really **hungry** for an image of Jesus that looks in my attempt to awake in him a **hunger** for knowledge. [p] And I suppose little tart. Yet he was suddenly **hungry** for her; she was woman as body of

manager Jack McGowan awakened a **hunger** for more formal training. This has need for companionship, out of his **hunger** for solace, a promise that he had new operating system was too memory-**hungry** for their PC. SoftRAM claimed to

Now the [f] child [f] comes to **hunger** for something to make [f] him [f] of a hunger for goals to match the 'hunger for involvement" which Peter Grant of a success-starved British public **hungry** for a champion, and the inevitable of my colleagues. Sometimes I get **hungry** for conversation.' How do you learn of Nobody's Children. Megan is **hungry** for affection, Marsha is greedy for of state power it represented. But, **hungry** for protective leadership, they of their own childhood, their **hunger** for revenge will remain insatiable ( on an afternoon when everyone was **hungry** for their dinner, Jill rounded a or get extremely close, his **hunger** for winning would inevitably take p] Nobody starved, nobody even went **hungry** for a day, unless by choice in the Pants [p] Cinema audiences are still **hungry** for more mean-girl movies. And, boy payoff you get from it, one that you **hunger** for, fueled by your own 'dis-ease."

pension schemes by salesmen **hungry** for the large commissions on performers strive to appease the **hunger** of audiences on both sides of the process is intended to satisfy a **hunger** for justice and retribution in a pure and simple; fueled not just by **hunger** for riches but driven by something retirement. [p] Workington, **hungry** for success after earning Super seek to satisfy their insatiable **hunger** for life in ever more seem to satisfy some of her inner **hunger** for drama. Otherwise she is served by his feeding the Party's **hunger** for a martyred hero dead or alive. six years [p] of war, people were **hungry** for colour. We wanted pastels on sneezing, coughing), reduced **hunger** for food or sex. Mind stays active, still has to demonstrate that he is **hungry** for power, that he has the the almost grotesque intensity of my **hunger** notwithstanding-I all but the shops and markets, and most were **hungry** for female companionship. With some the start, Muti keeps him in a rush, **hungry** for the next sexual conquest. He this month. Someone with more **hunger** than skill is stronger than someone to another, and always the gnawing **hunger** for fame and fortune that to lengths to defend the child's **hunger** for continued care and feeding in to them. Politicians are constantly **hungry** for media time. [p] The length of a to yourself? [p] If you're **hungry** for a cosmetic fix, doctors offer a today in Queens, New York, with fans **hungry** for more of the excitement that want to do is set him off. Keep him **hungry** for what we can give him. Don't want to go. And they say this **hunger** for greater freedom is part of a was terminated. [o] You get a bit **hungry** for the woman, you know it's like were a different matter. American **hunger** for empire led President William were growing weary of their duty and **hungry** for news by the time the guard they West, where defense industries were **hungry** for labor. Hundreds of thousands when he was young. [p] [h] Gazza **hungry** for return;Football [h] [p] PAUL with another native. 'She's got a **hunger** for a sugar cake and I ain't got with men who feel overwhelmed by her **hunger** for a relationship, and they with the correct blend of humour and **hunger**. [p] [h] RED HOUSE PAINTERS RED You can't be wild as a--as a **hungry** chicken hawk, you know, on a frosty

## THIRST

a fire, plus the normal raging **thirst** for cold beer. The balcony of the a fruitful year - thanks to Russia's **thirst** for its Vimto brand. [p] The group a net loser. [p] Ever since 1974, **thirsty** tennis stars have swigged from Adam Courtenay [p] [h] Gamble on the **thirst** for profit;Money;Tax-free after; or in other words, that a **thirst** for absolute power is the natural an inquisitive, incisive mind with a **thirst** for high-speed action. He did, and I felt myself consumed with a **thirst** for souls" (Story of a Soul 99). blessedness of those who hunger and **thirst** to see right prevail. Next came Dr by changes in the way we live - our **thirsty** modern conveniences such as by the Department of Transport? This **thirst** for speed can't, after all, be castle whither, in her unquenchable **thirst** for lovers, she lured them for a

Christ's blood, but Christ's **thirst** for souls was satisfied at the same clothes also fuels our insatiable **thirst** for collecting more and more design of the garden suffers but my **thirst** for daylilies is temporarily ends, they tend to be expensive and **thirsty** boxes, don't handle like cars and, Fitzgerald Billericay, Essex [h] Sad **thirst** for killing;Letter [/h] [p] for everyone, but for those with a **thirst** for the wilderness, Namibia has it. foulard hanging like the tongue of a **thirsty** puppy from his vest pocket. People general population at the time. Her **thirst** for power and occasional lapses

Gerard still had an irresistible **thirst** for mischief, but Michel now saw in has long blonde hair and a killer **thirst** for Diamond Blush cider. [p] have been reported). [h] SOVIET **THIRST** FOR HARD CURRENCY by Milada Haigh heat some up for myself. I'm kinda **thirsty** for a cup of hot coffee [f] Lenny her. [p] She had a quite unusual **thirst** for knowledge and lived and slept him. He was filled with a deep and **thirsty** desire which he had never

However iniquitous, the Kuwaiti **thirst** for revenge was not without itself. In Fantis the Old Chief, his **thirst** for vengeance only whetted by Just as the young man had been **thirsty** for water, he **thirsts** for speech. knowledge they do so with a powerful **thirst**. [p] If only all education produced live. Things that will satisfy your **thirst** for knowledge. Things that will lives of others. In an unconscious **thirst** for revenge, they may engage in make him anything but curious. Or **thirsty**." Robbie laughed. 'He does allow of economic strength." The Kremlin's **thirst** for oil dollars has rapidly drained of Los Angeles. [p] Perhaps, the **thirst** for the spiritual really is a of starlings in a wind [p] His **thirst** for fantasy made him unusually of these awards [p] [h] Woman's **thirst** for life;Mae Wardell [/h] [p] AN 83- prospered, for it was from this **thirst** to win the match that the break responsibility is a cancer. The **thirst** for absolute control cannot be romantic melodrama telling of the **thirst** for love and recognition. For an rushed in to slake consumers' **thirst** for the good life. The home builder s eyes next season. [p] He is **thirsty** for work and for games. [p] He's

sail. [p] The Orb have proved the **thirst** for technological head-music. slightly cooler air. [p] Wouldn't be **thirsty** for some groceries, would you?" some because his porters were too **thirsty** (for water) to carry it. But now successive Grand Slam. [p] This **thirst** for a new challenge led the 28-year-suffering, of those who hunger and **thirst** for justice, for human dignity, for than humbly acknowledging your fans' **thirst** for personal glimpses of their that -- far from being the blood-**thirsty** devils of the famous Dracula the next century. Children have a **thirst** for learning and need goals. Let us the past. I haven't got a lifelong **thirst** for revenge, but a little would be The third portrayed Black youths as **thirsty** for crimes that leave their were taken out in 1973, their **thirst** for aviation fuel giving way to which can only define itself by its **thirst** for self-destruction. [p] This is will find Andries's enviable **thirst** for success far from quenched. years? We at GQ, with our insatiable **thirst** for freeze-dried coffee granules,

### APPETITE

[p] Given his age and financial **appetite**, he's also one champion who will a laugh like a donkey an insatiable **appetite** for practical jokes, and a dancer a little boy with a precocious **appetite** for violence and depraved sex who about culture. She has a voracious **appetite** for it. She reads constantly but accessible album, which whets the **appetite** for something stronger and and downers, but never lost his **appetite** for women). In the UK, the Club 11 And Gerhardie's insatiable **appetite** for women from Maharanis to and he had had an unappeasable **appetite** for adventure. [o] He had joined available. So once you cultivate an **appetite** for these goodies, you can afford Betley their doings sharpened his **appetite** for competition. The father, a Books this year have created an **appetite** for the truth [h] It's a knock bun in tum. Quinn had a voracious **appetite** for dangerous liaisons. Can it be but with the East's insatiable **appetite** for consumer goods, industrial damn good. He is still fast, the **appetite** for the strife still strong. But drama. Although there is an **appetite** for drama it is series and serials finding new ways to sate our **appetite** for the boys in blue. Now a live guitar-totin' dudes with an **appetite** for destruction? Erm, not right have developed an insatiable **appetite** for a good bargain [p] [h] homosexual urges may not have much **appetite** for heterosexual activity, even if in favour of those with a proven **appetite** for work-rate and closing down in their children's growing **appetite** for instant information-on-demand is testament to our insatiable **appetite** for, mainly Japanese, imports. Just isolation would curb Serbia's **appetite** for making war against its former LPs again. [p] I have a voracious **appetite** for magazines, even though I know must be that shoppers pick up an **appetite** for the kind of live performances of cashing in on our insatiable **appetite** for debt. But it is tempting, of course, is meant to whet our **appetite** for romance, to diminish that gap of hockey game [p] VERDE: The **appetite** for violence remains strong enough Oxfam catalogue has whetted your **appetite** for beautiful crafts, you should

s overtures simply fuelled his **appetite** for power, writes Lawrence  
 s qualms over his voracious **appetite** for military hardware, the  
 she did so, she evidently kept the **appetite** for the company of the young, and  
 smokers also find it suppresses the **appetite** for food. RISKS Tolerance develops  
 Soul being the spiritual heir to 'Appetite For Destruction Proud as punch, I  
 the idea of Prolog has whetted your **appetite** for AI, why not let Prolog-2  
 the side of her plate, her secret **appetite** for laxatives and thyroid drugs  
 Unfortunately, Booth-Clibborn's **appetite** for work was not matched by having  
 very little actual gardening, her **appetite** for work and her willingness to  
 wear it with? Unless you have an **appetite** for exposure to match Madonna's,  
 who had developed an insatiable **appetite** for Colombian nose-candy gathered  
 would have liked), his own sexual **appetite** began to become less pressing. The

### DROOL

[/h] [p] Photograph THE judges are **drooling** over him. And he's drooling over  
 [p] c) Ask: a) Sophie who while **drooling** over the fabulous Numbers Game in  
 [p] Last week, Hughes had the fans **drooling** as his stocky little figure tore  
 a pimp's not supposed to go round **drooling** over his hooker. It's bad form."  
 Added to this, alongside universal **drooling** over the unique ground-glass,  
 American customers will no doubt **drool** over the newest version of a model  
 appreciate the poems of Betjeman or **drool** over the theory of relativity [p]  
 are drooling over him. And he's **drooling** over them. [p] The competition  
 in boys who, even then, were **drooling** over her. [p] They used to cycle  
 last week [p] Lawyers must be **drooling** over the probability of six-figure  
 male bodies parading in front of **drooling**, cheering women. In reality, as  
 placing price. [h] French foodies **drool** over M&S;City [/h] [b] Liz Dolan  
 rock that would have the critics **drooling** if they were from the North West  
 S a book to make popular music fans **drool** The Virgin Story Of Rock 'n' Roll (  
 shaking hands, twisted feet, and **drooling** mouth gave evidence that the girl  
 Success can rub off [p] Now she's **drooling** over her role as Monica in An  
 tempt the taste-buds, and pictures to **drool** over. 11 times 8¼ 79006 &  
 trip, say, to Scotland, I would **drool** as I drove home with it, crying  
 while my continental friends all **drool** after the `English" look [f] Vive  
 without a contingent of spotty boys **drooling** over her? Will she bother wearing  
 wonder, will people like Armand be **drooling** over Warhol's art in three hundred

### MOUTH WATER

and Cardiff meet in a **mouth-watering** Swalec Cup quarter-final. The two  
 and ginger, was a totally **mouth-watering** experience. [p] Among the 40  
 Chris Pringle with four **mouth-watering** fours in one over. [p] It is  
 Flower Show is going to be a **mouth-watering** display - not only is it sponsored  
 night rubbed his hands at the **mouth watering** prospect of proving that his  
 of your summer with a **mouth-watering** array of appetisers, entrees,  
 Pentax Z-20 isn't the most **mouth-watering** bargain around, although manual

presents a list of such **mouth-watering** goodies as the Aston Martin V8 the summer season off with **mouth-watering** displays of their finest exotic

### STARVE

all the vegetation changed and they **starved** to death for want of accustomed and thus they found themselves **starved** for income. [p] Interurbans, as and we were exultant. We had been **starved** for the sight of open countryside. claimed Princess Anne had been sex-**starved** for years. [p] Confessing his could come to the rescue of action-**starved** jump racing followers. Mark Dancing first went out to a glamour-**starved** post-war Britain in October, 1949, for its higher capital costs. Cash-**starved** vice-chancellors and health gratification in her life. **Starved** for genuine pleasure or just in his campaign had come when he was **starved** for sleep. Running on vapors may makers are the banks, who have **starved** businesses of finance and imposed needed to hear his voice, they were **starved** for conversation and the sharing of the continent, universities are **starved** for funds. The government of particular its effect on sensually **starved** Westerners. her most famous, Heat publicly scoffed, a long line of M&A-**starved** investment-banking firms-including s 'puny" food aid to the cash-**starved** republics. [p] Dr David Clark, stock in Europe and a vision-**starved** Prime Minister pretending to be street. It was no wonder the kid was **starved** for talk Picone thought. He had the British Force in France is being **starved** for ammunition!" In a letter to to think 'we intellectuals are **starved** for outlets not true in my case, year. In addition, East Germans, **starved** for quality consumer goods,

### WHET - APPETITE

[p] [c] PHOTO [/c] There's plenty to **whet** everyone's **appetite**. And now you've and get away with it. If these don't **whet** your **appetite** for action then why another cattle drover, failed to **whet** his interest. He said that the work Chief, his thirst for vengeance only **whetted** by sending assassins alter Abasio, constructivistic terms. [p] Pace **whetted our appetite** for this kind of effect on increasing goals, has only **whetted** Fifa's **appetite** to do what they elder son. Esau's appetite was now **whetted** more for revenge than for pottage. group United Biscuits failed to **whet** City **appetites** yesterday. [p] Ahead her mother. Her **appetite** already **whetted** by the book, she took a trip to his suffering in the end had only **whetted** his **appetite** for more adventure. if my readers' **appetite** has been **whetted** by the above, it is likely that of other countries, these books will **whet** your **appetite** for experimenting in put that million in your account to **whet** your **appetite**. He'd no intention of Spencer supplier Northern Foods **whetted** market **appetites** for the shares The Cup, of course, is meant to **whet** our **appetite** for romance, to The glittering World Cup in America **whetted** the **appetite**. And now new laws to to buy, agents do have bargains to **whet** Francophile **appetites**. [p] Le we have hundreds of special offers to **whet** your **appetite**. Food, drink and

when they did pull it together **whetted appetites** for future, more years. The first experiment has **whetted his appetite**. He suspects now that

Legenda	REFERÊNCIAS
E	Emanatian, Michele (1995) Metaphor and the expression of emotion: the value of cross-cultural perspectives. <i>Metaphor and Symbolic Acitivity</i> 10(3):163-182.
Ling.Cog.	Lista da Linguística Cognitiva - Brown Book – internet
V	Vallandro, L. <i>Dicionário inglês-português, português-inglês</i> . Porto Alegre: Editora Gluco, 1965.
CB	<i>Collins Cobuild English Language Dictionary</i> (1987). London, Glasgow: Collins.
KH	Koogan, Abrahão & Houaiss, Antônio (1994) <i>Enciclopédia e Dicionário Ilustrado</i> . Rio de Janeiro: Edições Delta.
CS	Camargo & Steinberg Dicionário de Expressões Idiomáticas, 1989 1990
M	Michaelis dicionário ilustrado, português-inglês, 1961
B	Brown, L. (ed.) (1993) <i>The new shorter Oxford English dictionary on historical principles</i> . Oxford: Clarendon Press.
H	<i>The American Heritage Dictionary</i> . (1991) 2.ed., Boston, New York: Houghton Mifflin Company.
LC	<i>Longman Dictionary of English Language and Culture</i> . (1992) Essex: Longman.
HO	Hornby
O	<i>The Oxford English Dictionary. A new English Dictionary on historical principles</i> . (1961) Oxford: At the Clarendon Press.
DBLP	Dicionário brasileiro da língua portuguesa. 8 ed., 1986
K	Kövecses, Zoltán (1990) <i>Emotion concepts</i> . New York: Springer-Verlag
D	Deignan, Alice (1997) Metaphors of desire. In Harvey, K. & Shalom, C. (eds.), <i>Language and desire: encoding sex, romance and intimacy</i> (pp.21-42). London, New York: Routledge.
T	Bertram, Anne <i>NTC's thesaurus of everyday American English</i> . Lincolnwood, Ill.: National Textbook Company, 1995.
WFDT	Lakoff, George (1987) <i>Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind</i> . Chicago, London: The University of Chicago Press.
G	Grady, Joseph E. (1997b) <i>Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes</i> . PhD dissertation, University of California, Berkeley.
A	Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda (1975) <i>Novo dicionário da língua portuguesa</i> . Editora Nova Fronteira.
Nascentes	Nascentes, A. (1964) <i>Dicionário da língua portuguesa</i> . Brasil: Academia Brasileira de Letras.
Grady (no prelo)	Grady, Joseph E. (a ser publicado) A typology of motivation for conceptual metaphor: correlation vs. resemblance.
Freire	Freire, L. (1954) <i>Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa</i> . Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

## **Apêndice 6 – Questionário de *Desejo***



**Metáforas conceituais citadas na tese e sua forma correspondente em inglês**

- AÇÃO É UMA LOCOMOÇÃO AUTO-IMPELIDA – ACTION IS SELF-PROPELLED MOVEMENT
- AÇÕES SÃO TRANSFERÊNCIAS – ACTIONS ARE TRANSFERS
- AMAR É ESQUENTAR – LOVE IS HEAT
- O AMOR É CEGO – LOVE IS BLIND
- O AMOR É UMA MERCADORIA VALIOSA – LOVE IS A VALUABLE COMMODITY
- O AMOR É UMA VIAGEM – LOVE IS A JOURNEY
- AMOR/LUXÚRIA É INSANIDADE – LOVE/LUST IS INSANITY
- ATRAENTE É GOSTOSO – APPEALING IS TASTY
- UMA CARREIRA É UMA VIAGEM- A CAREER IS A JOURNAL
- COMPULSÃO PARA AGIR É UMA COCEIRA – COMPULSION TO ACT IS AN ITCH
- A DEPENDÊNCIA ASSIMÉTRICA DE ALGUMAS PARTES A OUTRAS É SUSTENTAÇÃO FÍSICA – THE ASYMMETRICAL DEPENDENCE OF SOME PARTS ON OTHERS IS PHYSICAL SUPPORT
- DESEJAR É TER APETITE – DESIRE IS APPETITE
- DESEJAR É TER FOME – DESIRE IS HUNGER
- DESEJO É DOENÇA – DESIRE IS AN ILLNESS
- DESEJO É DOR – DESIRE IS PAIN
- DESEJO É LOUCURA – DESIRE IS MADNESS
- DIFICULDADES SÃO FARDOS – DIFFICULTIES ARE BURDEN
- DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS À LOCOMOÇÃO – DIFFICULTIES ARE IMPEDIMENTS TO MOTION
- FAZER SEXO É COMER – SEX IS EATING
- IMPORTANTE É GRANDE – IMPORTANT IS BIG
- INTERRELACIONADO É SER TECIDO – INTERRELATED IS INTERWOVEN
- MAIS É PARA CIMA – MORE IS UP
- MANTER-SE INTACTO É MANTER-SE ERETO – PERSISTING IS REMAING ERECT
- MÁQUINAS SÃO PESSOAS – MACHINES ARE PEOPLE
- metáfora de ESTRUTURA DE EVENTO – EVENT STRUCTURE metaphor

- O OBJETO DO AMOR/DESEJO SEXUAL É UMA COMIDA APETITOSA – THE OBJECT OF LOVE/SEXUAL DESIRE IS APPETITIZING FOOD
- OBJETO DO DESEJO É COMIDA – THE OBJECT OF DESIRE IS FOOD
- OBJETO DO DESEJO SEXUAL É COMIDA- THE OBJECT OF SEXUAL DESIRE IS FOOD
- ORGANIZAÇÃO É UMA ESTRUTURA FÍSICA – ORGANIZATION IS PHYSICAL STRUCTURE
- ORGANIZAÇÃO SÃO ESTRUTURAS FÍSICAS ERETAS – ORGANIZATIONS ARE ERECT PHYSICAL STRUCTURES
- UMA PESSOA COM LUXÚRIA É UM ANIMAL – A LUSTFUL PERSON IS AN ANIMAL
- PESSOAS SÃO MÁQUINA – PEOPLES ARE MACHINES
- RAIVA É AQUECIMENTO – ANGER IS HEAT
- A RAIVA É UM COMPORTAMENTO ANIMALESCO – ANGER IS ANIMAL BEHAVIOR
- A RAIVA É UM FLUIDO AQUECIDO SOB PRESSÃO – ANGER IS HEATED FLUID IN A CONTAINER
- RAIVA É FOGO – ANGER IS FIRE
- SENSAÇÃO DE DESEJO É FRAQUEZA FÍSICA – EXPERIENCING DESIRE IS PHYSICAL WEAKNESS
- TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO – TIME IS A MOVING OBJECT
- TEMPO É UMA PAISAGEM SOBRE A QUAL NÓS MOVEMOS – TIME IS A LANDSCAPE OVER WHICH WE MOVE
- TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS – THEORIES ARE BUILDINGS
- UMA VIDA COM PROPÓSITO É UMA VIAGEM – A PURPOSEFUL LIFE IS A JOURNEY